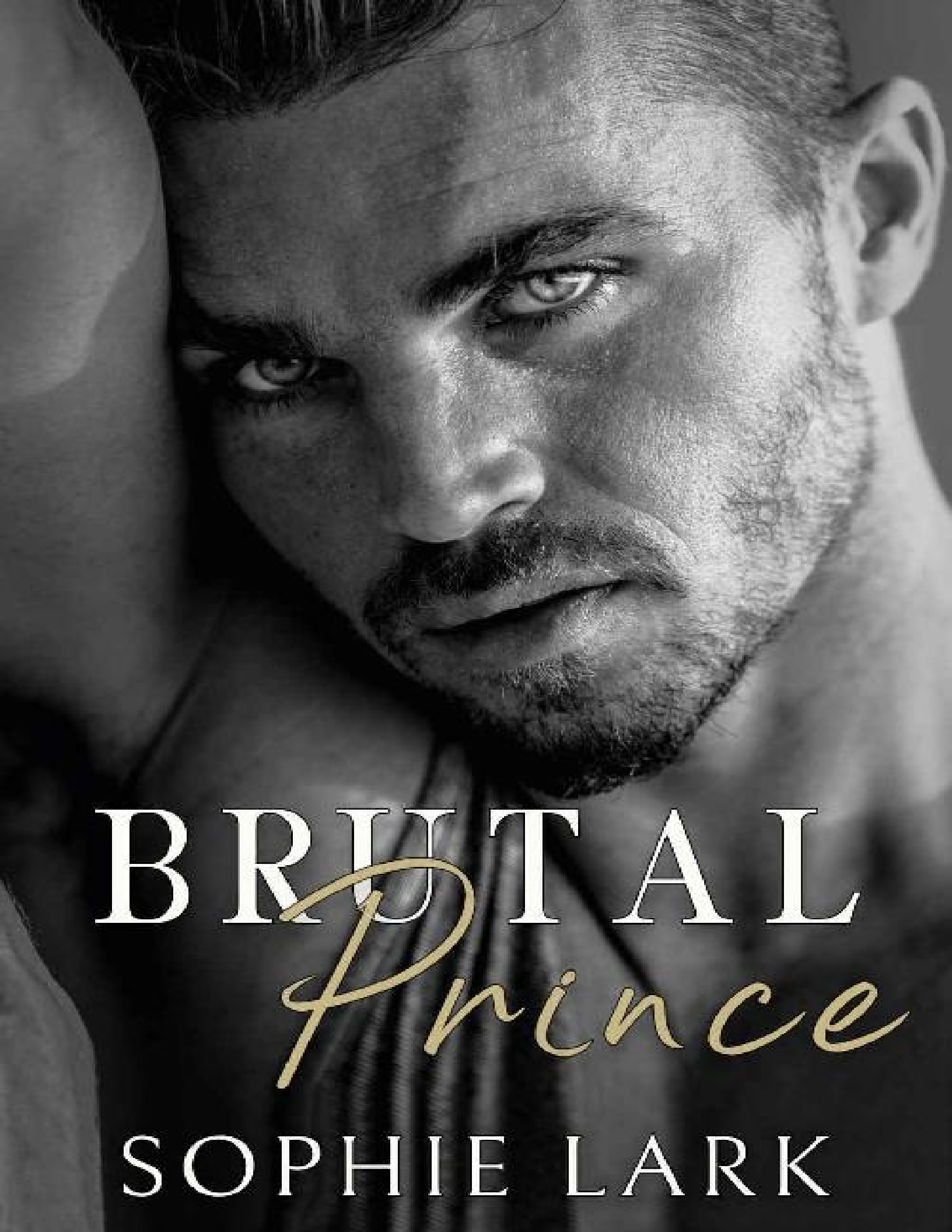

BRUTAL
Prince
SOPHIE LARK


WL

BRUTAL Prince

SOPHIE LARK

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

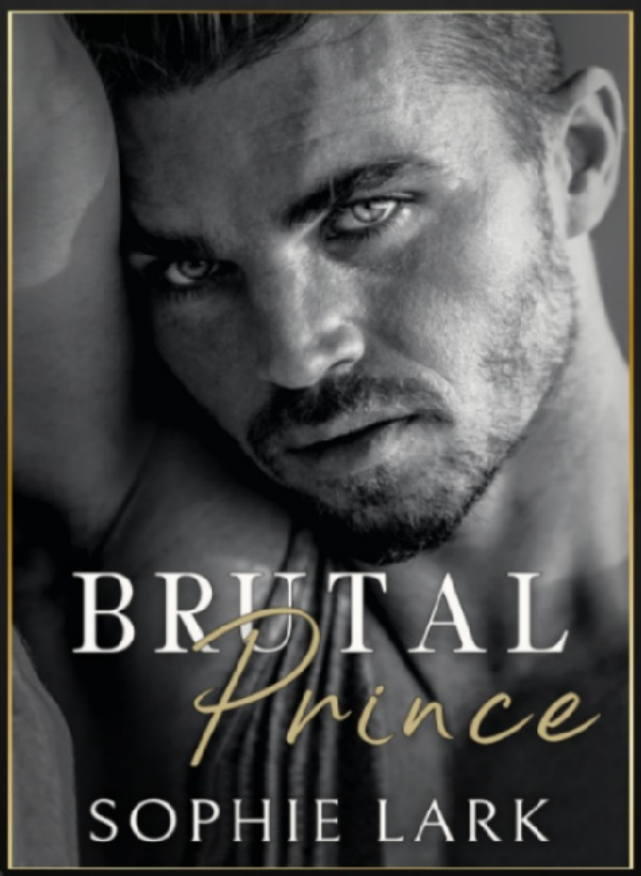
O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WL de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



BRUTAL
Birthright

LANÇAMENTO

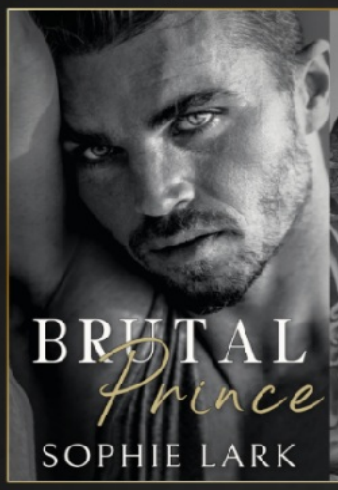


LIVRO UM

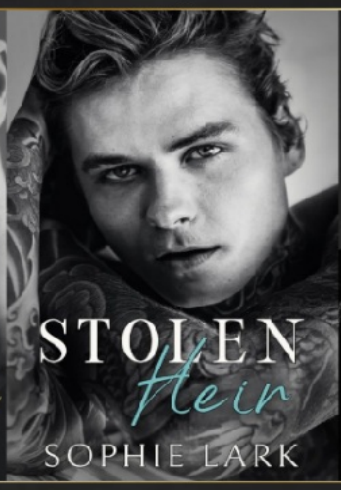
BRUTAL Birthright

Ordem Da Série

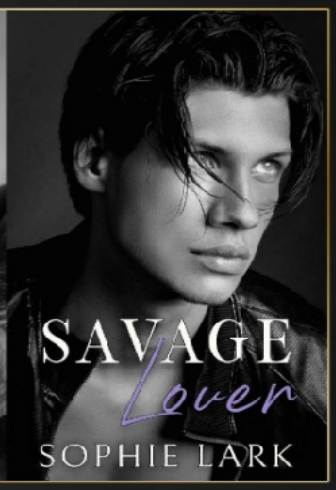
#1



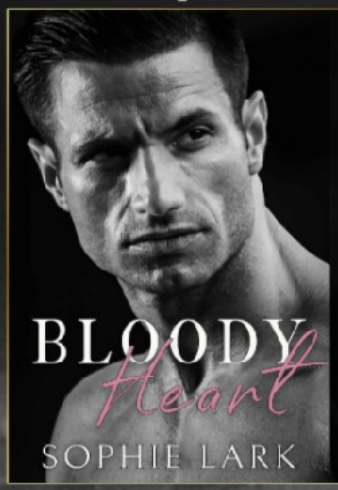
#2



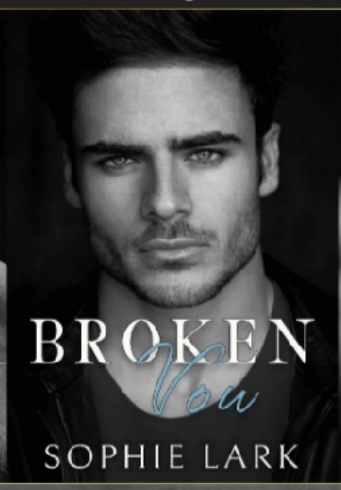
#3



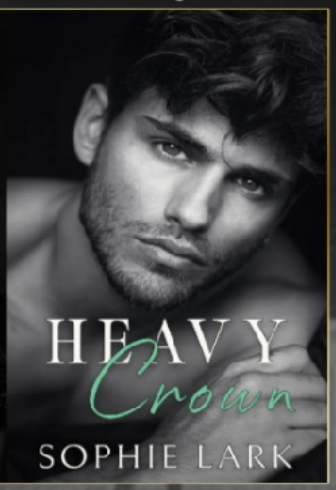
#4



#5



#6



SINOPSE

Ele não é nenhum príncipe encantado...

Callum Griffin é o herdeiro da máfia irlandesa. Ele é implacável, arrogante e quer me matar.

Começamos com o pé errado quando eu iniciei um (muito pequeno) incêndio em sua casa.

Nossas famílias acreditam que um pacto de casamento é a única coisa que impedirá uma guerra total.

Acho que preciso matá-lo enquanto ele dorme.

Tudo isso seria muito mais fácil se Callum não fosse tão bonito.

Mas eu tenho um cadeado lacrando meu coração. Porque mesmo sendo forçada a me casar com ele...

Eu nunca poderia amar um ***Brutal Prince.***

1

Aida Gallo

Fogos de artifício explodiram acima do lago, pairando suspensos no ar claro da noite, e então caindo em nuvens cintilantes que pousam na água.

Meu pai se encolhe com a primeira explosão. Ele não gosta de coisas barulhentas ou inesperadas. É por isso que às vezes o irrito – posso ser as duas coisas, mesmo quando estou tentando me comportar.

Eu vejo sua carranca iluminada pela luz azul e dourada. Sim, definitivamente a mesma expressão que ele tem quando olha para mim.

— Você quer comer dentro de casa? — Dante pergunta a ele.

Como é uma noite quente, estamos todos sentados no deck. Chicago não é como a Sicília – você deve aproveitar a oportunidade para comer ao ar livre sempre que puder. Ainda assim, se não fosse pelo barulho do tráfego abaixo, você poderia pensar que estava em um vinhedo italiano. A mesa está posta com o grés rústico trazido do velho país três gerações atrás, e a pérgula no alto está coberta de fox grapes[1] que Papa plantou para fazer sombra. Você não pode fazer vinho com essas uvas, mas elas são boas, pelo menos, para geleia.

Meu pai balança a cabeça.

— Está tudo bem aqui, — diz ele brevemente.

Dante grunhe e volta a enfiar o frango na boca. Ele é tão grande que seu garfo parece comicamente pequeno em sua mão. Ele sempre come como se

estivesse morrendo de fome, curvado sobre o prato.

Dante é o mais velho, então ele se senta do lado direito de meu pai. Nero está à esquerda, com Sebastian ao lado dele. Estou ao final da mesa, onde minha mãe se sentaria se ainda estivesse viva.

— Qual é o feriado? — Sebastian diz, enquanto outra rodada de fogos de artifício dispara para o céu.

— Não é feriado. É o aniversário de Nessa Griffin, — digo a ele.

A propriedade palaciana dos Griffins fica às margens do lago, no coração da Gold Coast. Eles estão disparando fogos de artifício para garantir que absolutamente todos na cidade saibam que sua princesinha está dando uma festa – como se já não tivesse sido divulgada como as Olimpíadas e o Oscar juntos.

Sebastian não sabe, porque não presta atenção em nada que não seja basquete. Ele é o mais novo dos meus irmãos e o mais alto. Ele ganhou uma bolsa integral na Chicago State e é bom o suficiente que, quando vou visitá-lo no campus, as garotas olham e riem aonde quer que ele vá, e às vezes criam coragem para pedir que ele autografe suas camisetas.

— Por que não fomos convidados? — Nero diz sarcasticamente.

Não fomos convidados porque odiamos os Griffins, e vice-versa.

A lista de convidados será cuidadosamente selecionada, recheada de socialites e políticos e qualquer outra pessoa escolhida por sua utilidade ou seu dinheiro. Duvido que Nessa conheça algum deles.

Não que eu esteja chorando por ela. Ouvi dizer que o pai dela contratou Demi Lovato para se apresentar. Quer dizer, não é Halsey, mas ainda é muito bom.

— Qual é a atualização sobre a Oak Street Tower? — Papa diz a Dante enquanto lenta e meticulosamente corta seu frango à perfeição.

Ele já sabe muito bem como anda a Oak Street Tower, porque rastreia absolutamente tudo feito pela Gallo Construction. Ele só está mudando de assunto porque a ideia dos Griffin bebendo champanhe e negociando acordos com a alta sociedade de Chicago o irrita.

Eu não dou a mínima para o que os Griffins estão fazendo. Exceto que não gosto de ninguém se divertindo sem mim.

Então, enquanto meu pai e Dante estão falando monotonamente sobre a torre, murmuro para Sebastian: — Devíamos ir até lá.

— Onde? — Ele diz distraidamente, engolindo um grande copo de leite. O resto de nós está bebendo vinho. Sebastian está tentando ficar em ótima forma, para dribles e abdominais, ou seja lá o que diabos sua equipe de ogros desengonçados faz para treinar.

— Devíamos ir para a festa, — eu digo, mantendo minha voz baixa.

Nero se anima imediatamente. Ele está sempre interessado em se meter em encrencas.

— Quando? — Ele diz.

— Logo após o jantar.

— Não estamos na lista, — protestou Sebastian.

— Jesus. — Eu reviro meus olhos. — Às vezes me pergunto se você é mesmo um Gallo. Você também tem medo de atravessar fora da faixa?

Meus dois irmãos mais velhos são gangsters verdadeiros. Eles cuidam das partes mais complicadas dos negócios da família. Mas Sebastian acha que vai

para a NBA. Ele vive em uma realidade totalmente diferente do resto de nós. Tentando ser um bom menino, um cidadão respeitador da lei.

Ainda assim, ele é o mais próximo de mim em idade e provavelmente meu melhor amigo, embora eu ame todos os meus irmãos. Então, ele apenas sorri de volta para mim e diz: — Estou indo, não vou?

Dante nos lança um olhar severo. Ele ainda está falando com nosso pai, mas sabe que estamos tramando algo.

Já que terminamos nosso frango, Greta traz a panna cotta. Ela é nossa governanta há cerca de cem anos. Ela é minha segunda pessoa favorita, depois de Sebastian. Ela é robusta e bonita, com mais cabelos grisalhos do que ruivos.

Ela fez minha panna cotta sem framboesas porque sabe que não gosto das sementes e não se importa se eu for uma garota mimada. Eu pego sua cabeça e lhe dou um beijo na bochecha enquanto ela a coloca na minha frente.

— Você vai me fazer derrubar minha bandeja, — ela diz, tentando me soltar.

— Você nunca deixou cair uma bandeja na vida, — digo a ela.

Meu pai leva uma eternidade para comer sua sobremesa. Ele está bebendo seu vinho e falando sem parar sobre o sindicato dos eletricistas. Eu juro que Dante o está atraindo de propósito para enfurecer o resto de nós. Quando temos esses jantares formais, Papa espera que todos nós fiquemos até o amargo fim. Também não são permitidos telefones na mesa, o que é basicamente uma tortura, porque posso sentir meu celular zumbindo repetidamente no bolso, com mensagens de sabe-se lá quem. Esperançosamente não Oliver.

Eu terminei com Oliver Castle três meses atrás, mas ele não entendeu a dica. Ele pode precisar levar um taco na cabeça em vez disso, se ele não parar de

me irritar.

Por fim, Papa acaba de comer e todos nós juntamos tantos pratos e louças quanto podemos carregar para empilhar na pia para Greta.

Em seguida, Papa vai ao escritório para tomar sua segunda bebida, enquanto Sebastian, Nero e eu descemos as escadas.

Podemos sair no sábado à noite. Afinal, somos todos adultos – apenas um pouco, no meu caso. Mesmo assim, não queremos que Papa nos pergunte para onde estamos indo.

Nós nos amontoamos no carro de Nero porque é um *Chevy Bel Air '57*[2] que será mais divertido de circular com a capota abaixada.

Nero liga a ignição e, com o clarão dos faróis, vemos a silhueta volumosa de Dante, parado bem à nossa frente, braços cruzados, parecendo Michael Meyers prestes a nos matar.

Sebastian pula e eu solto um pequeno grito.

— Você está bloqueando o carro, — diz Nero secamente.

— Esta é uma má ideia, — diz Dante.

— Por quê? — Nero diz inocentemente. — Estamos apenas indo dar um passeio.

— Sim? — Dante diz, sem se mover. — À direita na Lake Shore Drive.

Nero muda de tática.

— E daí se nós formos? — Ele diz. — É apenas uma festa Sweet Sixteen[3].

— Nessa tem dezenove anos, — eu o corrijo.

— Dezenove? — Nero balança a cabeça em desgosto. — Por que eles estão – não importa. Provavelmente alguma coisa irlandesa idiota. Ou qualquer desculpa para se exibir.

— Podemos ir? — Sebastian diz. — Eu não quero sair muito tarde.

— Entre ou saia do caminho, — digo a Dante.

Ele nos encara por mais um minuto, depois encolhe os ombros. — Tudo bem, — diz ele, — mas vou na frente.

Eu passo por cima do banco sem discutir, deixando Dante ficar com a frente. Um pequeno preço a pagar para colocar meu irmão mais velho na equipe Penetras.

Nós cruzamos pela LaSalle Drive, apreciando o ar quente do início do verão entrando no carro. Nero tem um coração negro e um temperamento cruel, mas você nunca saberia disso pela maneira como ele dirige. No carro, ele é tão macio quanto a bunda de um bebê – calmo e cuidadoso.

Talvez seja porque ele ama o Chevy e dedicou cerca de mil horas de trabalho nele. Ou, talvez, dirigir seja a única coisa que o relaxa. De qualquer forma, sempre gosto de vê-lo com o braço estendido no volante, o vento soprando em seus cabelos escuros e lustrosos, os olhos semicerrados como os de um gato.

Não é muito longe da *Gold Coast*. Na verdade, somos praticamente vizinhos – vivemos em *Old Town*[4], que fica bem ao norte. Ainda assim, os dois bairros não são muito parecidos. Ambos são sofisticados a seus próprios modos – nossa casa tem vista para o *Lincoln Park*, suas fachadas voltadas para o lago. Mas *Old Town* é, bem, apenas o que o nome indica – velha *pra* caralho. Nossa casa foi construída na era vitoriana. Nossa rua é tranquila, cheia de velhos carvalhos enormes. Estamos perto da Igreja de São Miguel, que meu pai acredita

genuinamente ter sido poupada do Incêndio de Chicago por um ato direto de Deus.

A *Gold Coast* é a nova moda. É tudo compras e jantares chiques e as mansões dos filhos da puta mais ricos de Chicago. Sinto como se tivesse avançado trinta anos apenas dirigindo até aqui.

Sebastian, Nero e eu pensamos que poderíamos nos esgueirar pelos fundos da propriedade Griffin – talvez roubar os uniformes de alguns fornecedores. Dante, é claro, não está participando de nenhuma dessas bobagens. Ele simplesmente desliza para o segurança cinco notas para "encontrar" nosso nome na lista, e o cara acena para que entremos.

Já sei como é a casa dos Griffin antes mesmo de vê-la, porque foi uma grande notícia quando eles a compraram há alguns anos. Na época, era o imóvel residencial mais caro de Chicago. Mil e quinhentos metros quadrados por suaves vinte e oito milhões de dólares.

Meu pai zombou e disse que era típico dos irlandeses exibirem seu dinheiro.

— Um irlandês usará um terno de 1.200 dólares sem dinheiro no bolso para comprar uma cerveja, — disse ele.

Verdadeiro ou não como o geral, os Griffins podem comprar muitos litros se quiserem. Eles têm dinheiro para queimar, e estão literalmente queimando agora, na forma de seu show de fogos de artifício, ainda tentando envergonhar a *Disneyworld*.

Eu não me importo com isso – a primeira coisa que eu quero é um pouco do champanhe caro sendo transportado pelos garçons, seguido por qualquer coisa que tenha sido empilhada em uma torre na mesa do bufê. Eu farei o meu melhor para levar esses cretinos esnobes à falência comendo meu peso em

pernas de caranguejo e caviar antes de deixar este lugar.

A festa é ao ar livre no extenso gramado verde. É a noite perfeita para isso – mais uma prova da sorte dos irlandeses. Todo mundo está rindo e conversando, enchendo a cara e até dançando um pouco, embora não haja Demi Lovato ainda, apenas um DJ normal.

Acho que provavelmente deveria ter trocado de roupa. Não vejo uma única garota sem vestido de festa brilhante e salto alto. Mas isso teria sido irritante como o inferno na grama macia, então estou feliz por estar apenas usando sandálias e shorts.

Eu vejo Nessa Griffin, rodeada de pessoas a parabenizando pela monumental conquista de permanecer viva por dezenove anos. Ela está usando um lindo vestido de verão creme – simples e boêmio. Seu cabelo castanho claro está solto sobre os ombros, e ela ganhou um pouco de bronze e algumas sardas extras no nariz, como se ela tivesse passado a manhã inteira no lago. Ela está corando com toda a atenção e parece doce e feliz.

Honestamente, de todos os Griffin, Nessa é a melhor. Nós fomos para a mesma escola. Não éramos exatamente amigas, já que ela estava um ano atrás de mim e um pouco certinha. Mas ela parecia legal o suficiente.

Sua irmã, por outro lado...

Posso ver Riona agora, gritando com uma garçonete até que a pobre garota começa a chorar. Riona Griffin está usando um daqueles vestidos justos e rígidos que parecem pertencer a uma sala de reuniões, não a uma festa ao ar livre. Seu cabelo está puxado para trás ainda mais apertado do que seu vestido. Nunca ninguém combinou menos com cabelo ruivo flamejante – é como se a genética tentasse torná-la divertida, e Riona respondesse: — *Nunca tenho um maldito momento de diversão na minha vida, muito obrigada.*

Ela está escaneando os convidados como se quisesse embalar e etiquetar os importantes. Eu me viro para encher meu prato antes que ela me veja.

Meus irmãos já se separaram assim que chegamos. Posso ver Nero flertando com uma loira bonita na pista de dança. Dante foi até o bar, porque ele não vai beber champanhe fresco. Sebastian desapareceu completamente – o que não é fácil quando você tem 1,98 m. Suponho que ele viu algumas pessoas que conhece; todo mundo gosta de Sebastian e ele tem amigos em todos os lugares.

Quanto a mim, preciso fazer xixi.

Posso ver que os Griffins instalaram alguns banheiros ao ar livre, discretamente situados no outro lado da propriedade, protegidos por uma cobertura transparente. Mas não vou fazer xixi em um banheiro químico, mesmo que seja um chique. Vou fazer xixi em um banheiro Griffin adequado, bem onde eles colocam seus traseiros brancos como lírio. Além disso, vou me dar a chance de bisbilhotar sua casa.

Agora, isso exige um pouco de manobra. Eles têm muito mais segurança na entrada da casa e estou sem dinheiro para subornos. Mas, assim que jogo um guardanapo de pano por cima do ombro e roubo a bandeja abandonada pela garçonete em prantos, tudo que preciso fazer é encher alguns copos vazios e esgueirar-me direto para a cozinha de serviço.

Jogo a louça na pia como uma boa empregada, depois entro na própria casa.

Jiminy Crickets[5], é uma bela casa do caralho. Quer dizer, eu sei que devemos ser rivais mortais e tudo, mas posso apreciar um lugar decorado melhor do que qualquer coisa que já vi em *House Hunters*[6]. Até em *House Hunters International*.

É mais simples do que eu esperava – todas as paredes creme e lisas,

madeira natural, móveis baixos e modernos, e luminárias que parecem arte industrial.

Também há muita arte real por aí – pinturas que parecem blocos de cores e esculturas feitas de pilhas de formas. Não sou uma filisteu total – sei que a pintura é um *Rothko*,[7] ou deve se parecer com um. Mas também sei que não poderia fazer uma casa parecer tão bonita se tivesse cem anos e um orçamento ilimitado para fazê-lo.

Agora estou definitivamente feliz por ter entrado aqui para fazer xixi.

Encontro o banheiro mais próximo no final do corredor. Com certeza, é um estudo de luxo – adorável sabonete de lavanda, toalhas macias e fofas, água que sai da torneira na temperatura perfeita, nem muito fria nem muito quente. Quem sabe – em um lugar tão grande, eu posso ser a primeira pessoa a pisar aqui. Os Griffin, provavelmente, cada um tem seu próprio banheiro. Na verdade, eles provavelmente ficam embriagados e se perdem neste labirinto.

Assim que termino, sei que devo voltar para fora. Tive minha pequena aventura, e não adianta abusar da sorte.

Em vez disso, encontro-me subindo sorrateiramente a ampla escada curva para o nível superior.

O nível principal era muito formal e antisséptico, como uma casa em exposição. Eu quero ver onde essas pessoas realmente vivem.

À esquerda da escada, encontro um quarto que deve pertencer à Nessa. É leve e feminino, cheio de livros, bichos de pelúcia e materiais de arte. Há um *ukulele*[8] na mesa de cabeceira e vários pares de tênis chutados às pressas para debaixo da cama. As únicas coisas que não estão limpas e novas são as sapatilhas de balé penduradas na maçaneta pela fita. Elas estão muito surradas, com buracos nos dedos do pé de cetim.

Em frente ao quarto de Nessa está um que provavelmente pertence à Riona. É maior e impecavelmente arrumado. Não vejo nenhuma evidência de hobbies aqui, apenas algumas lindas aquarelas asiáticas penduradas nas paredes. Estou desapontada por Riona não ter guardado nas prateleiras troféus e medalhas antigas. Ela definitivamente parece o tipo.

Além dos quartos das meninas fica a suíte máster. Eu não vou entrar lá. Parece errado em um nível diferente. Deve haver algum tipo de linha que eu não deva cruzar quando estou me esgueirando pela casa de alguém.

Então, eu viro na direção oposta e me encontro em uma grande biblioteca.

Agora, este é o tipo de merda misteriosa que vim fazer aqui.

O que os Griffins leem? São todos clássicos com capa de couro ou são fãs secretos de Anne Rice? Só há uma maneira de descobrir ...

Parece que eles preferem biografias, tomos arquitetônicos e, sim, todos os clássicos. Eles até têm uma seção dedicada aos famosos autores irlandeses do passado, como James Joyce, Jonathan Swift, Yeats e George Bernard Shaw. Não Anne Rice, mas eles têm Bram Stoker, pelo menos.

Olha, eles até têm uma cópia autografada de *Dubliners*. Não me importa o que digam, ninguém entende essa porra de livro. Os irlandeses são metidos nisso, fingindo que é uma obra-prima da literatura quando tenho quase certeza de que é puro jargão.

Além das estantes de livros do chão ao teto, a biblioteca está cheia de poltronas de couro estofadas, três das quais foram dispostas em torno de uma grande lareira de pedra. Apesar do clima quente, há um fogo aceso na lareira – apenas um pequeno. Não é um fogo a gás, há verdadeiras toras de bétula queimando, o que cheira bem. Acima da lareira está pendurada uma pintura de

uma mulher bonita, com vários objetos dispostos ao longo do manto abaixo, incluindo um relógio de corda e uma ampulheta. Entre eles, um velho relógio de bolso.

Eu o pego do manto. É surpreendentemente pesado na minha mão, o metal é quente ao toque, em vez de frio. Não sei dizer se é metal ou ouro. Parte da corrente ainda está presa, embora pareça que se quebrou na metade de seu comprimento original. A capa é esculpida e inscrita, tão gasta que não consigo dizer o que a imagem costumava ser. Também não sei como abri-lo.

Estou mexendo no mecanismo quando ouço um barulho no corredor – um leve tilintar. Rapidamente, coloco o relógio no bolso e mergulho atrás de uma das poltronas, a mais próxima do fogo.

Um homem entra na biblioteca. Alto, cabelo castanho, cerca de trinta anos. Ele está vestindo um terno perfeitamente cortado e extremamente bem cuidado. Bonito, mas de uma forma dura – como se ele te empurrasse de um barco salva-vidas se não houvesse assentos suficientes. Ou talvez até se você esqueceu de escovar os dentes.

Na verdade, não conheci esse cara antes, mas tenho quase certeza de que é Callum Griffin, o mais velho dos irmãos Griffin. O que significa que ele é praticamente a pior pessoa a me pegar na biblioteca.

Infelizmente, parece que ele planeja ficar um pouco mais. Ele se senta em uma poltrona quase diretamente na minha frente e começa a ler e-mails em seu telefone. Ele tem um copo de uísque na mão e está bebendo. Esse é o som que ouvi, os cubos de gelo se chocando.

É extremamente apertado e desconfortável atrás da poltrona. O tapete sobre o piso de madeira não é muito confortável e tenho que me encolher como uma bola para que minha cabeça e meus pés não fiquem escondidos. Além disso,

está quente demais perto do fogo.

Como diabos vou sair daqui?

Callum ainda está bebendo e lendo. Beber. Ler. Beber. Ler. O único outro som é o estalo das toras de bétula.

Quanto tempo ele vai ficar sentado aqui?

Eu não posso ficar para sempre. Meus irmãos vão começar a procurar por mim em um minuto.

Eu não gosto de ficar presa. Estou começando a suar, com o calor e o estresse.

O gelo no copo de Callum parece tão frio e refrescante.

Deus, eu quero uma bebida e quero ir embora.

Quantos e-mails ele tem?!

Nervosa e irritada, eu traço um plano. Possivelmente o plano mais estúpido que já inventei.

Eu chego atrás de mim e pego a borla pendurada nas cortinas. É uma grossa borla dourada, presa na cortina de veludo verde.

Puxando-a até o seu comprimento máximo, posso simplesmente enfiá-la ao redor da borda da lareira, diretamente nas brasas.

Meu plano é deixá-la fumegante, o que distrairá Callum, permitindo-me contornar o lado oposto da cadeira e sair pela porta. Esse é o esquema genial.

Mas, porque este não é um romance de Nancy Drew, isso é o que acontece na realidade:

As chamas rasgam a corda como se ela tivesse sido mergulhada em gasolina, atingindo minha mão. Largo o cordão, que volta para a cortina. Então aquela cortina acende como se fosse papel. O fogo líquido ruge para o teto em um instante.

Isso realmente atinge seu propósito de distrair Callum Griffin. Ele grita e pula de pé, derrubando a cadeira. No entanto, minha distração vem com o custo de toda sutileza, porque eu também tenho que abandonar meu esconderijo e correr para fora da sala. Não sei se Callum me viu ou não, e não me importo.

Estou pensando se devo procurar um extintor de incêndio, ou água, ou algo assim. Também estou pensando se devo dar o fora daqui imediatamente.

Essa é a ideia que vence – eu desço correndo as escadas em alta velocidade.

No final da escada, bato em outra pessoa, quase o derrubando. É Nero, com aquela loira bonita logo atrás dele. O cabelo dela está bagunçado e ele tem batom no pescoço.

— Jesus, — eu digo. — É um novo recorde? — Tenho certeza de que ele a conheceu há cerca de oito segundos.

Nero encolhe os ombros, uma sugestão de sorriso em seu rosto bonito.

— Provavelmente, — ele diz.

A fumaça desce sobre o corrimão. Callum Griffin está gritando na biblioteca. Nero olha para o alto da escada, confuso.

— O que está acontecendo...

— Não importa, — eu digo, agarrando seu braço. — Precisamos sair daqui.

Começo a arrastá-lo na direção da cozinha de serviço, mas não consigo seguir meu próprio conselho. Eu lancei um olhar para trás por cima do ombro. E eu vejo Callum Griffin parado no topo da escada, olhando para nós com uma expressão assassina no rosto.

Corremos pela cozinha, derrubando uma bandeja de canapés, então saímos pela porta, de volta ao gramado.

— Você encontra Sebastian, eu pego Dante, — diz Nero. Ele abandona a loira sem dizer uma palavra, correndo pelo quintal.

Corro na direção oposta, procurando a forma alta e esguia de meu irmão mais novo.

Dentro da mansão, um alarme de incêndio começa a soar.

2

Callum Griffin

A festa de Nessa começa em menos de uma hora, mas ainda estou enfurnado com meus pais no escritório do meu pai. Seu escritório é um dos maiores cômodos da casa, maior que a suíte máster ou a biblioteca. O que é apropriado, porque os negócios são o centro de nossa família – o propósito central do clã Griffin. Tenho quase certeza de que meus pais só tiveram filhos para que pudessem nos moldar em nossos vários papéis dentro de seu império.

Eles certamente queriam ter mais de nós. Há quatro anos entre mim e Riona, seis entre Riona e Nessa. Essas lacunas contêm sete gestações malsucedidas, cada uma terminando em aborto espontâneo ou natimorto.

O peso de todas aquelas crianças desaparecidas está sobre meus ombros. Sou o filho mais velho e único. O trabalho dos homens Griffin só pode ser feito por mim. Sou eu que carrego nosso nome e legado.

Riona ficaria irritada em me ouvir dizer isso. Ela fica furiosa com qualquer insinuação de que há uma diferença entre nós porque sou mais velho e homem. Ela jura que nunca vai se casar ou mudar de nome. Ou ter filhos também. Essa parte realmente irrita meus pais.

Nessa é muito mais flexível. Ela agrada as pessoas e não faria nada para irritar os queridos papai e mamãe. Infelizmente, ela vive em um mundo de fantasia do caralho. Ela é tão doce, e de coração tão terno, que não tem a menor ideia do que é preciso para manter esta família no poder. Então ela é praticamente inútil.

Isso não significa que eu não me importo com ela, no entanto. Ela é tão genuinamente boa que é impossível não a amar.

Estou feliz em vê-la tão feliz hoje. Ela está nas nuvens com esta festa, embora quase não tenha nada a ver com ela. Ela está correndo provando todas as sobremesas, admirando as decorações, sem ter ideia de que o único motivo para este evento é garantir apoio para minha campanha para me tornar Vereador do 43º Distrito.

A eleição ocorre em um mês. O 43º Distrito inclui todo o Lago: Lincoln Park, Gold Coast e Old Town. Próximo à prefeitura, é a posição mais poderosa da cidade de Chicago.

Nos últimos doze anos, o assento foi ocupado por Patrick Ryan, até que ele estupidamente foi lançado na prisão. Antes disso, sua mãe Saoirse Ryan serviu por dezesseis anos. Ela era muito melhor em seu trabalho e comprovadamente melhor em não ser pega com a mão no pote de biscoitos.

Em muitos aspectos, ser um vereador é melhor do que ser um prefeito. É como ser o imperador do seu distrito. Graças ao *Privilégio de Vereador*[9], você tem a palavra final sobre zoneamento e desenvolvimento de propriedades, empréstimos e concessões, legislação e infraestrutura. Você pode ganhar dinheiro na parte da frente, na parte de trás e no meio. Tudo passa por você e todos lhe devem favores. É quase impossível ser pego.

E, no entanto, esses idiotas gananciosos são tão evidentes em suas fraudes que ainda conseguem bater o martelo em si mesmos. Três dos últimos quatro vereadores do 20º Distrito vizinho foram para a prisão, incluindo o atual titular.

Mas eu não. Vou garantir a posição. Vou assumir o controle do distrito mais rico e poderoso de Chicago. E então vou transformar isso na prefeitura de toda a maldita cidade.

Porque é isso que Griffins fazem. Nós crescemos e construímos. Nunca paramos. E nunca somos apanhados.

O único problema é que a posição de Vereador não é incontestável. Claro que não – é a joia da coroa do poder nesta cidade.

Os outros dois candidatos principais são Kelly Hopkins e Bobby La Spata.

Hopkins não deve ser um problema. Ela é uma candidata anticorrupção, com um monte de promessas idiotas de limpar a prefeitura. Ela é jovem, idealista e não tem ideia de que está nadando em um tanque de tubarões vestindo um traje de carne. Vou dizimá-la facilmente.

La Spata, por outro lado, é um pouco desafiador.

Ele tem muito apoio, incluindo sindicatos de eletricistas e bombeiros, além dos italianos. Ninguém realmente gosta dele – ele é um fodido gordo, bêbado metade do tempo e sendo pego com uma nova amante na outra metade. Mas ele sabe como untar as palmas certas. E ele está por aí há muito tempo. Muitas pessoas lhe devem favores.

Paradoxalmente, será mais difícil se livrar dele do que de Hopkins. Hopkins está contando com sua imagem completamente limpa – uma vez que eu desenterre um pouco dela (ou invente algo), ela afunda.

Em contraste, todo mundo já conhece as falhas de La Spata. São notícias velhas. Ele é tão depravado que ninguém espera nada melhor dele. Terei que encontrar outro ângulo para derrubá-lo.

Isso é o que estou discutindo com meus pais.

Meu pai está encostado na mesa, os braços cruzados sobre o peito. Ele é alto, em forma, cabelos grisalhos cortados com estilo, óculos de aro de tartaruga dando a ele uma aparência intelectual. Você nunca imaginaria que ele surgiu

como um brutamontes, quebrando os joelhos no Horseshoe[10] quando as pessoas não conseguiam pagar suas dívidas.

Minha mãe é magra e pequena, com um cabelo louro e elegante. Ela está perto da janela, observando os fornecedores instalando-se no gramado. Sei que ela está ansiosa para sair o mais rápido possível, embora não diga nada sobre isso até que nossa reunião termine. Ela pode parecer uma socialite consumada, mas ela está tão profundamente envolvida nas porcas e parafusos do nosso negócio quanto eu.

— Certifique-se de falar com Cardenas, — meu pai está dizendo. — Ele controla o sindicato dos bombeiros. Para obter seu apoio, basicamente precisaremos suborná-lo. Seja sutil, ele gosta de fingir que está acima desse tipo de coisa. Marty Rico vai precisar de promessas de que vamos mudar o zoneamento da Wells Street para que ele possa colocar seus condomínios. Vamos dispensar a exigência de moradia acessível, obviamente. Leslie Dowell também estará aqui, mas não tenho certeza do que ela ...

— Ela quer uma expansão das *escolas autônomas*[11], — responde minha mãe prontamente. — Dê isso a ela e ela garantirá que todas as mulheres do conselho de educação o apoiem.

Eu sabia que ela estava ouvindo ali.

— Riona pode lidar com William Callahan, — eu digo. — Ele tem uma queda por ela há anos.

Os lábios da minha mãe se contraem. Ela acha que está abaixo de nós usar o apelo sexual como uma alavanca. Mas ela está errada. Nada está abaixo de nós se funcionar.

Depois de analisar a lista de pessoas com quem precisaremos confraternizar na festa, estamos prontos para descansar e começar a trabalhar.

— Algo mais? — Digo ao meu pai.

— Não sobre esta noite, — ele diz. — Mas, em breve, precisamos discutir o *Braterstwo*[12].

Eu faço uma careta.

Como se eu não tivesse o suficiente com que me preocupar, a máfia polonesa também está se tornando um espinho cada vez mais agressivo na minha vida. Eles são selvagens. Eles não entendem como as coisas são feitas na era moderna. Eles ainda vivem numa época em que você resolve disputas cortando as mãos de um homem e jogando-o no rio.

Quer dizer, farei isso se precisar, mas, pelo menos, tento chegar a um acordo antes que chegue a esse ponto.

— O que têm eles? — Eu digo.

— Tymon Zajac quer se encontrar com você.

Eu hesito. Isso é sério. Zajac é o chefão. The Butcher[13] de Bogotá. Mas não quero que ele vá ao meu escritório.

— Vamos resolver isso amanhã, — digo a meu pai. Não posso ter isso em mente esta noite.

— Tudo bem, — diz ele, endireitando-se e puxando a bainha do paletó de volta no lugar.

Minha mãe dá uma olhada nele para ter certeza de que ele está bem, então ela vira os olhos para mim.

— É isso que você vai vestir? — Ela diz, levantando uma sobrancelha perfeitamente delineada.

— O que tem isso? — Eu digo.

— É um pouco formal.

— Papai está de terno.

— Ela quer dizer que você parece um agente funerário, — observa meu pai.

— Eu sou jovem. Eu quero parecer maduro.

— Você ainda precisa de estilo, — diz ele.

Eu suspiro. Estou bem ciente da importância da imagem. Recentemente, comecei a usar alguns pelos faciais bem aparados, a conselho de minha assistente. Mesmo assim, fica cansativo trocar de roupa três vezes ao dia para adequar perfeitamente sua aparência à ocasião.

— Vou resolver isso, — eu prometo a eles.

Ao sair do escritório, vejo Riona no corredor. Ela já está vestida para a festa. Ela estreita os olhos para mim.

— O que vocês estavam fazendo lá? — Ela diz desconfiada. Ela odeia ser deixada de fora de qualquer coisa.

— Estávamos repassando a estratégia para esta noite.

— Por que não fui convidada?

— Porque sou eu quem concorre para vereador, não você.

Duas manchas brilhantes de cor aparecem em suas bochechas – o sinal desde a infância de que ela está ofendida.

— Eu preciso que você fale com Callahan por mim, — eu digo, para

suavizar isso. Para deixá-la saber que ela é necessária. — Ele vai me apoiar se você pedir.

— Sim, ele vai, — Riona diz altivamente. Ela sabe que tem o Chefe de Polícia enrolado em seu dedo. — Ele não é feio, realmente, — diz ela. — Uma pena o hálito dele.

— Não fique muito perto, então.

Ela concorda. Riona é um bom soldado. Ela nunca me decepcionou.

— Onde está Nessa? — Eu pergunto a ela.

Ela encolhe os ombros. — Correndo sabe Deus onde. Devíamos colocar um sino nela.

— Bem, se você a vir, mande-a falar comigo.

Na verdade, ainda não desejei feliz aniversário a Nessa, nem dei meu presente a ela. Tenho estado muito ocupado.

Subo as escadas correndo e desço o corredor até minha suíte. Não adoro o fato de ainda morar com minha família aos trinta anos, mas é mais conveniente trabalharmos juntos. Além disso, você precisa morar no distrito para ser vereador e não tenho tempo para procurar uma casa.

Pelo menos meu quarto fica na extremidade oposta da casa da suíte máster. E é grande e confortável – derrubamos uma parede quando voltei da faculdade, dando-me minha própria suíte e escritório adjacente. É quase como um apartamento, separado dos quartos de todos os outros pela enorme biblioteca no meio.

Posso ouvir convidados já começando a chegar lá embaixo. Eu coloco meu mais novo terno Zenya, então desço as escadas para me misturar.

Tudo corre bem, como sempre acontece quando minha mãe está no comando. Eu posso ver seu elegante loiro platinado balançar pelo gramado e ouvir sua risada leve e culta enquanto ela faz questão de circular por todos os convidados mais chatos e importantes.

Estou descobrindo minha própria lista de Cardenas, Rico e Dowell conforme cada pessoa chega.

Após cerca de uma hora, os fogos de artifício começam. Eles foram programados para coincidir com o pôr do sol, então as brilhantes explosões se destacam contra o céu recém-escurecido. É uma noite calma, o lago liso como vidro. Os fogos de artifício refletem em dobro na água abaixo.

A maioria dos convidados se vira para assistir ao show, com o rosto iluminado e a boca aberta de surpresa.

Não me incomodo em assistir, aproveitando a oportunidade para examinar a multidão em busca de alguém com quem eu deveria falar e que possa ter perdido.

Em vez disso, vejo alguém que definitivamente não foi convidado – um garoto alto de cabelos escuros, parado com um bando de amigos de Nessa. Elevando-se sobre eles, na verdade – ele deve ter, pelo menos, um e noventa e oito. Tenho certeza de que é a porra de um Gallo. O mais jovem.

Mas, no minuto seguinte, sou distraído por Leslie Dowell vindo falar comigo de novo e, quando olho para o grupo, o garoto alto se foi. Vou ter que falar com a segurança, dizer a eles para ficarem de olho.

Primeiro, comida. Mal tive tempo de comer hoje. Pego alguns camarões do bufê e procuro por uma bebida adequada. Garçons circulam no meio da multidão com taças de champanhe borbulhante, mas não quero essa merda. A fila no bar é muito longa. O que eu realmente quero é o meu malte único de dez anos da

Egan, no meu escritório.

Bem, por que diabos não? Já fiz a ronda das pessoas mais importantes. Posso fugir por um minuto. Eu voltarei quando aquela cantora pop chegar. Isso foi um alarde do papai. Não sei se foi para deixar Nessa feliz, porque ela é o anjinho dele, ou se foi apenas para se exibir. De qualquer forma, os convidados vão adorar.

Estarei de volta com tempo suficiente.

Eu volto para dentro, subindo as escadas para o meu final da casa. Eu tenho um pequeno bar em meu escritório particular – nada vistoso, apenas algumas garrafas de bebidas sofisticadas e uma mini geladeira. Pego um copo bem pesado, jogo três cubos de gelo gigantes e despejo uma boa medida de uísque por cima. Eu inalo o cheiro inebriante de pera, madeira e fumaça. Então eu engulo, saboreando a queimação na minha garganta.

Sei que deveria voltar para a festa, mas, honestamente, agora que estou aqui em paz e sossego, vou aproveitar o intervalo. Você precisa ter um certo nível de narcisismo para ser um político. Você tem que se alimentar do agradecimento, da atenção.

Eu não dou a mínima para nada disso. Sou movido apenas pela ambição. Eu quero o controle. Riqueza. Influência. Eu quero ser intocável.

Mas isso significa que o ato físico de fazer campanha pode ser exaustivo.

Então, enquanto estou andando de volta para o corredor, em vez de ir para as escadas como pretendia, entro na biblioteca.

Este é um dos meus cômodos favoritos da casa. Quase ninguém entra aqui, exceto eu. Está quieto. O cheiro de papel, couro e toras de bétula é calmante. Minha mãe mantém o fogo aceso à noite para meu benefício. O resto da casa é

tão climatizada que nunca fica muito quente para ter um pequeno fogo na lareira.

Sobre a lareira está a pintura de minha tataravó, Catriona. Ela veio para Chicago no meio da fome da batata, como tantos outros imigrantes irlandeses. Apenas quinze anos, cruzando o oceano sozinha com três livros na mala e dois dólares na bota. Ela trabalhou como empregada doméstica para um homem rico em Irving Park. Quando ele morreu, ele deixou a casa para ela e quase três mil dólares em dinheiro e títulos. Algumas pessoas disseram que devem ter tido um relacionamento secretamente. Outras pessoas disseram que ela o envenenou e forjou o testamento. Seja qual for a verdade, ela transformou a casa em um bar.

Ela foi a primeira Griffin na América. Meus pais gostam de dizer que descendemos dos príncipes irlandeses de mesmo nome, mas prefiro a verdade. Resumimos o sonho americano: uma família passando de empregada doméstica a prefeito de Chicago. Ou, assim espero.

Sento-me em silêncio por um minuto, tomando minha bebida, então começo a ler meus e-mails. Eu nunca posso ficar ocioso por muito tempo.

Acho que ouvi um som, e paro por um momento, pensando que deve ser um dos funcionários no corredor. Quando não ouço mais nada, volto para o meu telefone.

Então, duas coisas acontecem ao mesmo tempo:

Primeiro, sinto o cheiro de algo que faz o cabelo da minha nuca se arrepiar. Fumaça, mas não a fumaça limpa do fogo. Um cheiro forte de queimado químico.

Ao mesmo tempo, ouço um som semelhante a uma inspiração repentina, mas dez vezes mais alto. Então, há um flash de calor e luz quando as cortinas acendem.

Eu pulo da minha cadeira, gritando Deus sabe o quê.

Gosto de pensar que sei como manter minha cabeça em uma emergência, mas por um momento fico confuso e em pânico, me perguntando o que diabos está acontecendo e o que devo fazer a respeito.

Então, a racionalidade se afirma.

As cortinas estão pegando fogo, provavelmente devido a uma faísca atirada para fora da lareira.

Preciso de um extintor de incêndio antes que a casa inteira pegue fogo.

Isso faz sentido.

Até que uma pessoa salta de trás de uma cadeira e sai correndo do escritório por mim.

Isso me assusta ainda mais do que o fogo.

Perceber que não estava sozinho na biblioteca é um grande choque. Estou tão surpreso que nem consigo dar uma boa olhada no intruso. Tudo o que registro é que têm estatura mediana e cabelos escuros.

Então minha atenção é atraída de volta para as chamas que se multiplicam rapidamente. Elas já estão se espalhando pelo teto e pelo carpete. Em minutos, toda a biblioteca estará em chamas.

Corro pelo corredor até o roupeiro, onde sei que temos um extintor de incêndio. Então, correndo de volta para a biblioteca, eu puxo o pino e borrifo espuma em todo o lado da sala até que todas as brasas se apaguem.

Quando termino, a lareira, as cadeiras e o retrato de Catriona estão todos encharcados de espuma química branca. Minha mãe vai ficar furiosa *pra* caralho.

O que me lembra, havia outra pessoa envolvida neste desastre. Volto correndo para o topo da escada, bem a tempo de ver três pessoas fugindo: uma garota loira que se parece muito com Nora Albright. Uma morena que não sei. E a porra do Nero Gallo.

Eu sabia. Eu sabia que os Gallos haviam entrado sorrateiramente.

A questão é, por quê?

A rivalidade entre nossas duas famílias remonta quase todo o caminho até Catriona. Durante a Lei Seca, nossos bisavôs lutaram pelo controle das destilarias ilegais no extremo norte. Foi Conor Griffin quem saiu vencedor, e esse dinheiro tem alimentado nossa família desde então.

Mas os italianos nunca caem facilmente. Para cada carregamento de bebida que Conor preparava, Salvator Gallo esperava para sequestrar seus caminhões, roubar a bebida e tentar vendê-la de volta pelo dobro do preço.

Mais tarde, os Griffins assumiram o controle dos jogos de azar na pista de corridas de Garden City, enquanto os Gallos organizavam um jogo ilegal de números dentro da cidade. Quando o álcool voltou a ser legal, nossas famílias administravam pubs, boates, casas de strip e bordéis rivais. Enquanto continua a fornecer drogas para festas menos legais, armas e produtos roubados.

Hoje em dia, os Gallos ingressaram na indústria da construção. Eles se deram muito bem. Mas, infelizmente, nossos interesses sempre parecem estar em conflito com os deles. Como agora mesmo. Eles estão apoiando Bobby La Spata para meu assento de vereador. Talvez porque gostem dele. Talvez porque eles só querem furar meu olho mais uma vez.

Eles vieram aqui esta noite para falar com alguns dos convidados do voto decisivo?

Eu gostaria de colocar minhas mãos em um deles para perguntar. Mas quando rastreio o segurança que contratamos para passar a noite, os Gallos já se foram, incluindo o garoto alto.

Malditos sejam.

Volto para a biblioteca para reavaliar o dano. Está uma bagunça do caralho – uma bagunça fumegante, fedorenta e encharcada. Eles destruíram minha parte favorita da casa.

E por que eles estavam mesmo aqui, afinal?

Eu começo a olhar em volta, tentando descobrir o que procuravam.

Não há nada de significativo na biblioteca – quaisquer papéis ou registros valiosos estariam no escritório do meu pai ou no meu. Dinheiro e joias são armazenados em vários cofres espalhados pela casa.

Então o que era?

É quando meu olho pousa no manto, respingado de espuma.

Eu vejo o relógio de corda e a ampulheta.

Mas o relógio de bolso do meu avô sumiu.

Eu caço no chão e até nas brasas das toras de bétula, para o caso de ele ter caído de alguma forma dentro da lareira.

Nada. Não está em lugar nenhum.

Aqueles malditos italianos roubaram.

Eu volto correndo escada abaixo, onde a festa está começando novamente após a interrupção do alarme de incêndio. Eu vejo Nessa rindo com algumas de suas amigas. Eu poderia perguntar a ela se ela convidou Sebastian Gallo, mas ela

não seria totalmente ignorante para fazer isso. Além disso, ela parece tão feliz, apesar da comoção – não quero interrompê-la.

Não estendo a mesma cortesia para o resto de seus amigos. Avistando Sienna Porter, agarro-a pelo braço e puxo-a um pouco para longe de Nessa.

Sienna é uma ruivinha magrinha da faculdade de Nessa. Eu a peguei olhando furtivamente para mim uma ou duas vezes antes. Mais importante, tenho certeza de que ela era uma das garotas conversando com Sebastian no início da noite.

Sienna não protesta por eu puxá-la para longe – ela apenas fica vermelha como um tomate e diz: — O-oi Callum.

— Você estava conversando com Sebastian Gallo antes? — Eu pergunto a ela.

— Uh, bem, ele estava falando comigo. Quero dizer, com todos nós. Não comigo especificamente.

— Sobre o que?

— Sobre a loucura de março, principalmente. Você sabe que o time dele jogou na primeira rodada...

Eu balanço minha cabeça, interrompendo-a.

— Você sabe quem o convidou esta noite?

— N-não, — ela gagueja, os olhos arregalados. — Mas se você quiser, eu poderia perguntar a ele...

— O que você quer dizer?

— Acho que ele vai nos encontrar no Dave e Buster mais tarde.

— Que horas? — Eu digo, apertando o braço dela um pouco forte.

— Uh, dez horas, eu acho? — Ela diz, estremecendo.

Bingo.

Eu a soltei. Ela esfrega o braço com a outra mão.

— Obrigado, Sienna, — eu digo.

— Sem problemas, — ela diz, totalmente confusa.

Pego meu telefone e ligo para Jack Du Pont. Somos amigos desde a faculdade e ele trabalha como meu guarda-costas e executor quando preciso. Como contratamos toda uma equipe de segurança para a festa, ele não veio esta noite. Mas eles provaram ser inúteis do caralho. Então é Jack que eu quero agora.

Ele atende após um toque.

— Ei, chefe, — ele diz.

— Venha me buscar, — digo a ele. — Agora mesmo.

3

Aida

Nós nos amontoamos no carro de Nero, voando para longe da casa dos Griffin o mais rápido que podemos, sem atropelar os foliões. Nero e eu estamos gritando, Dante está carrancudo e Sebastian parece ligeiramente curioso.

— Que porra você fez? — Dante exige.

— Nada! — Eu digo.

— Então por que estamos correndo como se estivéssemos tendo dez policiais em nosso encalço?

— Nós não estamos, — eu digo. — Acabei de ser pega dentro de casa. Por Callum Griffin.

— O que ele disse? — Dante pergunta desconfiado.

— Nada. Nós nem nos falamos.

Dante olha entre Nero e eu, sobrancelhas grossas tão contraídas que parecem uma linha reta pendurada sobre seus olhos. Nero está tentando parecer indiferente, mantendo os olhos na estrada. Sebastian parece completamente inocente porque ele é inocente – ele estava bebendo uma Coca Diet com uma ruiva quando o pegamos.

Acho que Dante vai desistir.

Então ele se lança para frente e agarra um punhado do meu cabelo, puxando-o em sua direção. Como meu cabelo está preso à cabeça, isso me puxa

para a frente nos assentos.

Dante inala, então me empurra de volta, enojado.

— Por que você cheira a fumaça? — Ele exige.

— Eu não sei.

— Você está mentindo. Eu ouvi um alarme disparar na casa. Diga a verdade agora, ou vou ligar para o papai.

Eu franzo a testa de volta para ele, desejando ser tão grande quanto Dante, com braços de gorila que parecem que podem te fazer em pedaços. Então eu seria muito mais intimidante.

— Tudo bem, — eu digo finalmente. — Eu estava na biblioteca lá em cima. Um pequeno incêndio começou...

— UM PEQUENO INCÊNDIO?

— *Sim.* Pare de gritar ou não vou te dizer mais nada.

— Como esse incêndio começou?

Eu me contorço em meu assento.

— Talvez, eu tenha... acidentalmente... deixado as cortinas entrarem em contato com a lareira.

— *Porca miseria,* Aida, — Dante jura. — Nós apenas fomos lá para beber o álcool deles e assistir seus fogos de artifício, não queimar a porra da casa deles!

— Não vai queimar, — eu digo, sem estar totalmente confiante em minha declaração. — Eu disse a você, Callum estava bem ali.

— Isso não melhora! — Dante explode. — Agora ele sabe que você fez isso!

— Ele pode não saber. Ele pode nem saber quem eu sou.

— Eu duvido muito disso. Ele não é tão estúpido quanto o resto de vocês.

— Por que estou incluído nisso? — Sebastian diz.

— Porque você é estúpido, — responde Dante. — Mesmo que você não tenha feito nada esta noite, especificamente.

Sebastian ri. É impossível ofendê-lo.

— Onde *você* estava? — Dante diz, contornando Nero.

— Eu estava no andar principal, — diz Nero calmamente. — Com Nora Albright. Seu pai é dono do Fairmont no Millennium Park. Ele me chamou de pequeno criminoso seboso uma vez. Então eu comi sua filha na sala de jantar formal dos Griffins. Meio que matou dois coelhos com uma cajadada só, em termos de vingança.

Dante está balançando a cabeça em descrença.

— Eu não posso acreditar em vocês. Vocês estavam agindo como crianças. Eu nunca deveria ter deixado vocês irem lá.

— Oh, pare com isso, — diz Nero. Ele não é do tipo que aguenta as merdas de Dante, mesmo que isso signifique brigar. — Desde quando você é um bom menino? Você odeia aqueles idiotas irlandeses tanto quanto nós. Quem se importa se nós arruinamos a festa deles?

— Você vai se importar se Callum Griffin conseguir aquele lugar de vereador. Ele vai nos prender com a burocracia e encerrar todos os nossos projetos. Ele vai nos enterrar.

— Sim? — Nero diz, os olhos escuros se estreitando. — Então iremos visitá-lo com um bastão de gado e um alicate. Vamos trabalhar nele até que ele seja mais cooperativo. Não tenho medo dos Griffins ou de qualquer outra pessoa.

Dante apenas balança a cabeça, irritado demais para tentar argumentar conosco.

Estou dividida. Por um lado, Dante está certo de que fomos todos um pouco imprudentes. Por outro lado, a expressão no rosto de Callum Griffin quando sua biblioteca pegou fogo foi impagável *pra* caralho.

— Vire aqui, — Sebastian diz a Nero, apontando.

Nero vira à direita na Division Street.

— Onde você pensa que está indo? — Dante diz.

— Alguns dos meus amigos vão sair depois da festa. Eu disse que os encontraria, — Sebastian diz.

— Foda-se isso. Todos vocês precisam ir para casa, — diz Dante.

Nero já encostou o carro no meio-fio. Sebastian pula para fora do conversível, balançando suas longas pernas para o lado com a mesma facilidade com que sai da cama.

— Desculpe, irmão mais velho, — ele diz cordialmente. — Mas eu não tenho toque de recolher. E você não é minha mãe.

Nero parece que gostaria de fazer o mesmo, mas ele está preso levando Dante de volta para casa. Diante do meu irmão mais velho zangado e da perspectiva de ele me delatar para o papai, acho que Sebastian teve a ideia certa. Eu me arrasto no assento e pulo para fora do carro também.

— Volte aqui! — Dante grita.

Já estou correndo atrás de Sebastian, gritando por cima do ombro: — Estarei em casa em algumas horas! Não espere acordado!

Sebastian diminui a velocidade quando me ouve chegando. Mesmo quando ele está apenas andando devagar, tenho que correr para acompanhar. Essas malditas pernas longas dele.

— O incêndio foi realmente um acidente? — Ele diz.

— Mais ou menos. — Eu encolho os ombros.

Ele ri. — Eu nem consegui ver o interior da casa. Deve ser linda.

— Sim. Se você gosta de tons pastéis.

Sebastian enfia as mãos nos bolsos, caminhando. Seu cabelo escuro e encaracolado cai sobre os olhos. Ele tem o cabelo mais cacheado de qualquer um de nós. Ele provavelmente poderia transformá-lo em um afro se quisesse.

— Nessa estava bonita, — diz ele.

— Sim, ela é bonita, — eu concordo. — Mas não tenha nenhuma ideia. Papa estouraria um vaso sanguíneo.

— Eu não estou, — Sebastian diz. — Você sabe o que mamãe sempre dizia: 'Água calma não precisa de mais água – você precisa de vento para mover sua vela.' Provavelmente preciso encontrar uma pequena maníaca como você.

Eu sorrio para ele. — Se eu me casar, com certeza será com alguém que não me dá nenhuma merda. Você pode imaginar passar de ser mandada por Dante para ser mandada por outra pessoa? Foda-se isso. Prefiro ficar solteira para sempre. Na verdade, eu não me importaria com isso.

Estamos chegando à casa de Dave e Buster, mas já posso ver pela janela que os amigos de Sebastian ainda não entraram.

— O que devemos fazer enquanto esperamos? — Sebastian me pergunta.

— Há algum lugar de sorvete por aí?

— Você não comeu na festa?

— Sim. — Eu encolho os ombros. — Mas isso foi há muito tempo atrás.

Seb ri. — Tudo bem, eu não vou recusar sorvete.

Caminhamos um pouco mais em direção ao lago até encontrarmos um local que tem sorvete italiano. Sebastian pega uma taça; eu pego um cone. Levamos para o calçadão para comer, caminhando ao longo do píer para podermos olhar para a água.

O lago é tão grande que parece um oceano. Tem ondas iguais às do mar e intempéries. Mas não agora. Agora, a água está mais calma do que nunca. Caminhamos até o fim do cais, até o ponto que mais se projeta sobre o lago.

Sebastian termina seu sorvete, jogando a taça na lata de lixo mais próxima. Ainda estou trabalhando no meu cone.

Estamos conversando sobre as aulas dele na escola e sobre as minhas. Estou fazendo cursos na Loyola – um pouco de tudo. Psicologia, ciências políticas, finanças, marketing, história. Gosto de pegar tudo o que estou interessada no momento. Infelizmente, não tenho certeza de como tudo isso vai somar até certo ponto.

Acho que Papa está ficando irritado comigo. Eu sei que ele quer que eu termine e trabalhe com ele em tempo integral. Mas ele não vai me deixar fazer as coisas interessantes ou difíceis – ele já contratou Dante e Nero para isso. Ele vai tentar me afastar em algum escritório entediante fazendo a parte chata. E isso soa como um pesadelo de merda para mim.

Eu sou o bebê da família e a única menina. Nunca houve muitas expectativas estabelecidas para mim. Talvez se minha mãe estivesse viva, seria diferente. Mas eu basicamente corri selvagemente minha vida inteira. Contanto que eu não estivesse me metendo em muitos problemas, meu pai tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Meus irmãos são bons amigos para mim, mas eles têm suas próprias vidas.

Ninguém precisa de mim, não mesmo.

Tudo bem, no entanto. Não estou reclamando disso. Gosto de ser livre e fácil. Agora, estou saindo com Seb, tomando sorvete e curtindo uma noite de verão. O que mais eu preciso?

Essa sensação de contentamento dura cerca de cinco segundos. Então eu olho para cima e vejo dois homens caminhando em nossa direção. Um está vestindo um terno, o outro um casaco com capuz e jeans. O cara de terno tem cabelo castanho, recém-cortado, e suas mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. A expressão de fúria em seu rosto é muito familiar para mim, desde a última vez que o vi, cerca de quarenta minutos atrás.

— Seb, — eu sussurro, fazendo meu irmão se erguer.

— Aquele é Callum Griffin? — Ele murmura.

— Sim.

— Olha quem é, — Callum diz. Sua voz é baixa, fria e cheia de raiva. Ele tem olhos extremamente azuis, mas não há nada de bonito neles. Eles são dolorosamente intensos, a única cor em sua pessoa.

Eu não sei quem é o cara ao lado de Callum. Ele parece mau como o inferno. Ele tem a constituição de um boxeador, cabeça raspada e nariz ligeiramente achatado, como se tivesse levado um ou dois golpes. Aposto que

ele distribuiu muito mais.

Inconscientemente, Sebastian se aproximou de mim e um pouco na minha frente, protegendo-me com seu corpo.

— O que você quer? — Ele diz a Callum.

Sebastian não é tão intimidante quanto Dante, ou tão cruel quanto Nero. Ainda assim, ele é mais alto do que Callum e seu brutamontes, e sua voz é tão severa como eu já ouvi.

Callum apenas zomba. Seu rosto é bonito – ou pelo menos deveria ser. Mas nunca vi uma expressão tão fria. Parece que ele odeia tudo. Mais especialmente eu.

Não que eu possa culpá-lo inteiramente por isso.

— O que há com vocês, italianos? — Ele zomba. — Onde vocês aprenderam suas maneiras? Vocês vêm para uma festa onde não foram convidados. Comem minha comida, bebem minha bebida. Então você invade minha casa. Tenta queimar essa porra. E você rouba de mim...

Sinto Sebastian enrijecer um pouco. Ele não olha para mim, mas sei que ele quer.

Também estou confusa sobre o que diabos Callum está falando. Então me lembro do relógio de bolso, ainda enfiado no bolso da frente do meu short. Eu tinha me esquecido completamente disso.

— Olha, — Sebastian diz, — o incêndio foi um acidente. Não queremos problemas.

— Bem, isso é apenas besteira, não é? — Callum diz suavemente. — Vocês vieram procurando encrenca. E agora vocês conseguiram.

Não é fácil irritar Sebastian. Ameaçar a irmã mais nova é uma boa maneira de fazer isso. Agora ele está eriçado, cerrando os punhos em resposta e dando um passo à minha frente.

— Você acha que é um cara meio durão, trazendo seu namorado junto? — Sebastian diz, sacudindo a cabeça em direção ao boxeador ainda silencioso. — Eu também tenho irmãos. É melhor você se foder antes de eu chamá-los aqui para arrancar sua pele branca como lírio.

Nada mal, Seb. Para alguém que não faz muitas ameaças, isso saiu muito ameaçador.

Eu não preciso de proteção, no entanto. Eu corro para frente, então estou bem ao lado de Sebastian e digo: — Sim, vá se foder de volta para sua pequena mansão chique. Você quer brincar de ser um gangster? Você é apenas um político idiota. O que você vai fazer, nos carimbar até a morte?

Callum Griffin me fixa com seu olhar gelado. Ele tem sobrancelhas grossas e escuras acima dos olhos claros. O efeito é desumano e desagradável.

— Esse é um bom ponto, — ele diz suavemente. — Eu tenho uma imagem para proteger. Mas é engraçado... não acho que haja ninguém por perto no momento.

Isso é verdade. O cais está vazio, em toda a sua extensão. Tem gente nas lojas da Division Street. Mas ninguém perto o suficiente para nos ouvir se eu gritasse.

Minha garganta aperta.

Não sinto medo com muita frequência. Eu estou assustada agora. Apesar do que eu disse, não acho que Callum seja fraco. Ele é alto, de constituição poderosa. E acima de tudo, ele está me olhando sem um pingo de medo. Ele não

está se perguntando o que deve fazer. Ele já está decidido.

Ele dá um aceno de cabeça para seu executor. O boxeador dá um passo à frente com os punhos erguidos. Antes que eu possa falar ou me mover, ele bateu em Sebastian quatro vezes, duas vezes no rosto e duas vezes no corpo.

O sangue jorra do nariz de Sebastian. Ele se dobra, gemendo. Ele tenta lutar – todos os meus irmãos foram treinados para lutar de uma forma ou de outra. Mas onde Dante e Nero levaram sua prática para as ruas, o interesse de Sebastian sempre foi atlético, não violento. Ainda assim, ele consegue acertar alguns golpes graças à sua altura e alcance superiores. Um de seus socos faz o boxeador cambalear um passo para trás. Mas o idiota desagradável bloqueia os outros golpes de Sebastian, antes de acertar meu irmão no rim com um soco que o faz desmoronar e cair no chão.

A luta inteira dura cerca de dez segundos. Não estou apenas parada ali – tento acertar o cara de lado e, de fato, consigo acertá-lo uma vez na orelha. Ele me empurra para trás com uma das mãos, com tanta força que quase caí.

Então eu me lanço em Callum em vez disso. Consigo acertá-lo uma vez bem na mandíbula, então ele me empurra com força no peito, e desta vez eu caio para trás, batendo a parte de trás do meu crânio contra o corrimão do cais.

Callum parece um pouco surpreso, como se ele não tivesse a intenção de fazer isso. Então, seu rosto endurece e ele diz: — Onde está o relógio, seus degenerados de merda?

— Não temos o seu relógio, — Sebastian diz, cuspindo sangue nas tábuas de madeira do cais.

Eu tenho o relógio. Mas eu não vou dar a esse idiota boquiaberto.

O boxeador agarra Sebastian pelos cabelos e o acerta no queixo

novamente. O golpe é tão forte que por um segundo a luz sai dos olhos de Seb. Ele balança a cabeça para clareá-la, mas parece atordoado.

— Fique longe dele! — Eu grito, tentando me colocar de pé. Minha cabeça está girando e meu estômago revira. A parte de trás do meu crânio está latejando. Aposto que tem um caroço do tamanho de um ovo aí atrás.

— Dê-me o relógio, — diz Callum novamente.

O boxeador chuta meu irmão nas costelas para encorajá-lo. Sebastian geme e agarra seu lado. A visão desse monstro batendo no meu irmão mais novo e gentil está me deixando fora da porra da minha mente. Eu quero matar esses dois homens. Eu quero mergulhá-los em gasolina e colocá-los em chamas como aquelas malditas cortinas.

Mas eu não tenho gasolina. Então, coloco a mão no bolso e retiro o relógio.

Está pesado na minha palma. Meus dedos se apertam com força em torno dele. Eu seguro na minha cabeça

— É isso que você está procurando? — Eu digo a Callum.

Seus olhos se movem para o meu punho, preso lá, e por um momento seu rosto se suaviza de alívio.

Então eu inclino meu braço para trás e jogo a porra do relógio no lago como se estivesse lançando o arremesso de abertura no *Wrigley Field*[14].

O efeito em Callum Griffin é incrível. Seu rosto fica branco como o mármore.

— NÃOOOO! — Ele uiva.

E então ele faz a coisa mais louca de todas.

Ele se lança sobre a grade, mergulhando na água, com terno e tudo.

O boxeador encara seu chefe com espanto. Ele está confuso, não sabe o que fazer sem instruções.

Então ele olha de volta para Seb. Ele levanta um pé com a bota e pisa no joelho de Sebastian o mais forte que pode.

Sebastian grita.

Eu ataco no boxeador. Sou menor do que ele e peso muito menos. Mas ao me abaixar e cair de joelhos, com o elemento surpresa do meu lado, eu realmente consigo derrubá-lo. Ajuda o fato de ele tropeçar nas pernas esticadas de Sebastian ao descer.

Ele cai com força no cais. Estou socando e esmurrando cada centímetro dele que posso alcançar. Com sua perna boa, Sebastian recua e chuta o boxeador bem no rosto. Eu pulo e o chuto várias vezes para garantir.

Mas esse cara é a porra do Exterminador. Isso não vai detê-lo por muito tempo. Então, eu agarrei o braço de Seb e o levantei, fazendo-o gritar de novo quando ele acidentalmente colocou o peso em sua perna machucada.

Eu coloco o braço de Sebastian em volta do meu ombro. Apoiando-se pesadamente em mim, ele meio que salta, meio que manca descendo o cais. É como um pesadelo de corrida de três pernas, onde o prêmio é não ser assassinado por aquele boxeador, ou por Callum Griffin, uma vez que ele percebe que não há nenhuma maneira no inferno de encontrar aquele relógio no lago gelado e escuro como breu.

Minha cabeça ainda está latejando, e o cais parece ter uma milha de comprimento. Eu continuo arrastando Sebastian junto, desejando que ele não fosse tão alto e tão pesado.

Quando finalmente nos aproximamos da rua, arrisco olhar para trás por cima do ombro. O boxeador está inclinado sobre a grade, provavelmente procurando por seu chefe. Ele parece estar gritando alguma coisa, mas não posso dizer daqui.

Espero que Callum tenha se afogado.

Porque se ele não fez isso, tenho a sensação de que vou vê-lo novamente em breve.

4

Callum

Não sei o que estava pensando, pulando depois daquele relógio.

No momento em que bati na água – ainda congelando *pra* caralho, mal aquecida pelo clima do início do verão – o frio é como um tapa na cara, acordando-me.

Estou tão desesperado que continuo mergulhando de olhos abertos, em busca de um brilho dourado na água negra.

Claro, não há nada para ver, absolutamente nada. A água sob o cais é agitada, cheia de areia e poluentes. Mesmo ao meio-dia, o sol dificilmente penetraria. À noite, pode muito bem ser óleo de motor.

Meu terno aperta meus braços e pernas, meus sapatos sociais me pesando ainda mais. Se eu não fosse um bom nadador, poderia estar em sérios problemas. As ondas estão tentando me esmagar contra as vigas, os pilares afiados com mariscos e crustáceos.

Tenho que nadar para longe do píer antes de voltar à costa. Tudo isso leva tempo o suficiente para que Jack esteja quase enlouquecendo quando eu me arrasto na areia – sujo, encharcado e com mais raiva do que eu já estive em minha vida.

Essa porra de CADELA!

Nunca soube muito sobre a Gallo caçula. Seu pai a mantém fora dos holofotes, e ela não está envolvida nos negócios da família, pelo que eu sei.

À primeira vista, quando nos aproximamos dela e de seu irmão no cais, quase me senti culpado. Ela parecia jovem, pouco mais velha do que Nessa. E ela é linda, o que não deveria ter nenhum impacto na minha decisão, mas teve. Ela tem pele castanha clara, cabelo escuro e olhos acinzentados estreitos, ligeiramente inclinados para cima nos cantos externos. Ela endureceu assim que nos aproximamos, percebendo-nos antes mesmo de Sebastian.

Eu senti uma pontada de culpa os ameaçando, vendo como Sebastian tentou ficar na frente dela para protegê-la. Isso é o que eu faria por minhas irmãs, na mesma posição.

Mas, vendo a altura e o cabelo escuro da garota, lembrei-me de ter visto a pessoa fugindo da biblioteca e comecei a suspeitar que foi ela quem colocou o fogo.

Então ela deu um passo à frente e começou a gritar comigo, com o temperamento e o vocabulário de um marinheiro experiente, e tive certeza de que foi ela quem invadiu nossa casa.

Então, em vez de entregar o relógio, ela o jogou no parapeito como uma porra de psicopata. E percebi que aquele rosto bonito disfarçava a alma de um demônio. Essa menina é pura maldade, a pior de toda a família. Ela merece tudo o que vier.

A questão é: o que vou fazer a respeito?

Agora, eu quero matar cada um deles.

Mas não posso me permitir esse tipo de banho de sangue logo antes da eleição.

Então, acho que terei que fazer a segunda melhor coisa – levar os desgraçados à falência.

Eles tentaram queimar minha casa – vou queimar a torre que estão construindo na Oak Street.

Esse será o aperitivo. A refeição principal será destruir todos os restaurantes e boates sob seu controle.

As fantasias do fogo do inferno que vou dominar sobre suas cabeças é a única coisa que me mantém aquecido enquanto desço a rua com meus sapatos sociais encharcados e terno molhado.

Jack corre ao meu lado, envergonhado por ter deixado uma garota e seu irmão tirar o melhor de nós. Ele percebe que estou com um humor assassino, então não quer dizer nada para piorar as coisas. Percebo que ele também tem o nariz sangrando e um corte na sobrancelha direita. Muito humilhante para alguém que ganhou um campeonato do UFC alguns anos atrás.

Meus sapatos fazem um som nojento de esmagamento.

Meu terno personalizado cheira a estrela do mar morrendo.

FODA-SE ESSA MENINA!

Tenho que trocar de roupa antes que literalmente perca a cabeça.

Volto para a casa, onde a festa está terminando. Eu perdi a cantora, não que me importasse, exceto para ver a expressão de alegria no rosto de Nessa. Apenas mais um idiota neste show de merda de uma noite.

Eu mal pisei na porta quando me encontrei com meu pai de aparência furiosa.

— Onde diabos você esteve? — Ele rosna. — Por que você não me disse que os Gallos estavam na nossa festa?

Ele olha para as minhas roupas, pingando água suja do lago nos ladrilhos

imaculados da entrada.

— E por que você está molhado? — Ele diz categoricamente.

— Tivemos uma briga no cais, mas estou cuidando disso, — digo a ele com os dentes cerrados.

— Inaceitável, — diz ele. — Entre no meu escritório. Conte-me tudo.

Estou ansioso para voltar lá e desferir uma vingança feroz contra aqueles italianos gordurosos, mas marchei no escritório para fazer um relatório a ele. Ele não fica satisfeito com uma única palavra disso.

— Que porra você estava pensando? — Ele grita, tão perto do meu rosto que sua saliva atinge minha bochecha. — Por que você está começando uma guerra de gangues no meio de sua campanha?

— Eles começaram! — Eu grito de volta. — Eles tentaram queimar a porra da nossa casa. Eles roubaram o relógio do avô e jogaram no lago! O que você quer que eu faça, asse a porra de um bolo para eles?

— Abaixe sua voz, — meu pai sibila para mim. — As pessoas vão ouvir você.

Como se ele não estivesse apenas gritando comigo duas vezes mais alto.

Eu respiro fundo, tentando controlar a raiva que ameaça sair do controle.

— Eu te disse, — eu digo, quieto e estrangulado. — Eu. Vou. Lidar. Com. Isto.

— Absolutamente não, — meu pai diz, balançando a cabeça. — Você já provou sua incompetência. Aleijando o filho mais novo? Você perdeu a cabeça. Você sabe que ele é um atleta famoso? Você poderia muito bem tê-lo matado.

— Da próxima vez eu vou, — eu ferva.

— Você já terminou, — diz ele, balançando a cabeça.

— Essa não é sua decisão!

Ele me empurra com força no peito.

Isso aumenta minha adrenalina ainda mais. Eu respeito meu pai. Ele pode parecer um professor, mas matou homens com as próprias mãos. Eu o vi fazer isso.

Mas ele não é o único na sala que pode quebrar ossos. Não sou o filho obediente que fui. Estamos cara a cara hoje em dia.

— Enquanto eu for o chefe desta família, você fará o que eu disser, — diz meu pai.

Há tantas coisas que gostaria de dizer sobre isso. Mas eu as engulo. Apenas um pouco.

— E o que você propõe... pai? — Eu murmuro.

— Isso está ficando fora de controle, — diz meu pai. — Vou ligar para Enzo Gallo.

— Você só pode estar brincando comigo!

— Cale a boca, — ele se encaixa. — Você já causou danos suficiente. Vou ver o que posso fazer para consertar isso antes que nossas famílias acabem mortas na rua.

Eu não acredito nisso. Depois de cuspirem na nossa cara em nossa própria casa, ele quer chamá-los e negociar. É insano. É covarde.

Meu pai pode ver o motim em meus olhos.

— Dê-me seu telefone, — ele diz. Ele espera, mão estendida, até que eu dê a ele. Estava no meu bolso quando pulei no lago, então é inútil de qualquer maneira.

— Vou entrar em contato com Enzo Gallo, — ele repete. — Você vai ficar aqui até eu mandar chamá-lo. Você não vai falar com ninguém. Você não vai ligar para ninguém. Você não vai pisar fora desta casa. Você me entende?

— Você está me deixando de castigo? — Eu zombo. — Sou um homem adulto, pai. Não seja ridículo.

Ele tira os óculos para que seus olhos azul-claros possam perfurar minha alma.

— Você é meu filho mais velho e meu único filho, Callum, — diz ele. — Mas eu lhe juro, se você me desobedecer, vou lhe podar, raiz e galho. Não tenho utilidade para você se não for confiável. Vou derrubá-lo como Ícaro se sua ambição superar suas ordens. Você entendeu?

Cada célula do meu corpo quer dizer a ele para pegar seu maldito dinheiro, e suas conexões, e seu assim chamado gênio e enfiar direto em sua bunda.

Mas este homem é meu pai. Minha família é tudo para mim – sem eles, eu seria um navio sem leme ou vela. Não sou nada se não for um Griffin.

Então eu tenho que acenar com a cabeça, submetendo-me às suas ordens.

Por dentro ainda estou fervendo, o calor e a pressão aumentando.

Não sei quando ou como. Mas se algo não mudar entre nós em breve, vou explodir.

5

Aida

Meus irmãos estão no porão, preparando-se. Ou, pelo menos, Dante e Nero estão. Sebastian ainda está no hospital com meu pai. Seu joelho está fodido, isso é certo. As costelas também estão quebradas. Não consigo suportar a expressão de tristeza em seu rosto. Sua temporada está arruinada. Possivelmente o resto de sua carreira. Deus, ele pode nem andar depois disso.

E é tudo minha culpa.

A culpa é como uma mortalha, envolvendo-se em volta da minha cabeça. Cada olhar para Sebastian, cada memória da minha idiotice, é como outra camada envolvendo meu rosto. Logo isso vai me sufocar.

Eu queria ficar com Sebastian, mas Papa me disse para ir para casa.

Lá encontrei Dante e Nero usando coletes à prova de balas e cintos de munição, armando-se com metade das armas da casa.

— Onde vocês estão indo? — Eu pergunto a eles nervosamente.

— Vamos matar Callum Griffin, obviamente, — diz Nero. — Talvez o resto de sua família também. Eu ainda não decidi.

— Vocês não podem machucar Nessa, — eu digo rapidamente. — Ela não fez nada de errado.

Nem Riona, mas não tenho o mesmo senso de caridade para com ela.

—Talvez, eu apenas quebre o joelho *dela*, então, — Nero diz

descuidadamente.

— Nós não vamos fazer nada com Nessa, — Dante rosna. — Isso é entre nós e Callum.

Quando estão prontos para partir, eles parecem uma mistura de Rambo e Arnold Schwarzenegger em *Predator.*

— Deixem-me ir com vocês, — eu imploro.

— De jeito nenhum, — diz Nero.

— Vamos! — Eu grito. — Eu também sou parte desta família. Fui eu quem ajudou Sebastian a fugir, lembra?

— Para começar, foi você quem o colocou nessa confusão, — Nero sibila para mim. — Agora vamos limpar tudo. E você vai ficar aqui.

Ele me acerta com o ombro no caminho, jogando-me com força contra a parede.

Dante é um pouco mais gentil, mas igualmente sério.

— Fique aqui, — ele diz. — Não torne isso pior.

Eu não dou a mínima para o que eles dizem. No momento em que eles saem, eu também estou fora da porta. Então, eu os sigo escada acima, sem saber exatamente o que vou fazer, mas sabendo que não vou ficar aqui esperando como um cachorrinho travesso.

Mas antes mesmo de Dante estar na metade da escada, seu telefone vibra em seu bolso.

Ele atende, dizendo: — O que houve? — Em um tom que me dá certeza de que é Papa do outro lado da linha.

Dante espera, ouvindo, por muito tempo. Então ele diz: — Eu entendo.

Ele desliga. Ele está olhando para mim com a expressão mais estranha no rosto.

— O que é? — Nero diz.

— Tire esse colete, — Dante diz a Nero. — Aida, vá trocar de roupa.

— Por quê? Para o quê?

— Algo limpo que não parece uma merda, — ele me ataca. — Você possui algo assim?

Talvez. Possivelmente não, pelos padrões de Dante.

— Tudo bem, — eu digo. — Mas para onde estamos indo?

— Nós vamos nos encontrar com os Griffins. Papa disse para trazer você.

Bem. Merda.

Não gostei muito da minha última reunião com Callum Griffin.

Eu realmente não estou ansiosa por uma segunda. Duvido que seu temperamento tenha melhorado com um mergulho no lago.

E o que vestir para tal evento?

Acho que o único vestido que tenho é a fantasia de *Wednesday Adams*[15] que usei no último Halloween.

Escolho uma blusa de gola alta cinza e calça comprida, embora esteja quente demais para isso, porque é a única coisa que tenho que é moderada e limpa.

Quando puxo a camisa sobre a cabeça, o galo na parte de trás do meu crânio lateja novamente, lembrando-me de como Callum Griffin me empurrou para o lado como uma boneca de pano. Ele é forte sob esse terno. Eu gostaria de vê-lo enfrentar Dante ou Nero – quando ele não tiver seu guarda-costas junto para lutar.

É isso que devemos fazer – dizer a eles que queremos uma reunião e depois emboscar os filhos da puta. Callum não teve nenhum problema em nos atacar no cais. Devemos retribuir o favor.

Estou me animando o tempo todo ao me vestir, então estou praticamente vibrando de tensão quando deslizo para a parte de trás do Escalade de Dante.

— Onde vamos encontrá-los? — Pergunto-lhe.

— No The Brass Anchor, — Dante diz brevemente. — Terreno neutro.

Leva apenas alguns minutos para chegar ao restaurante na Eugenie Street. Já passa da meia-noite, o prédio está escuro, a cozinha fechada. No entanto, vejo Fergus Griffin esperando na frente, junto com dois brutamontes. Sabiamente, ele não trouxe o idiota de merda que pisou na perna de Sebastian.

Não vejo Callum em lugar nenhum. Parece que o papai deu um tempo para ele.

Esperamos no SUV até que Papa pare também. Então, nós quatro saímos ao mesmo tempo. Quando Dante desliza para fora do banco da frente, vejo a protuberância sob sua jaqueta que mostra que ele ainda está armado. Bom. Tenho certeza de que Nero também.

Enquanto caminhamos em direção a Fergus Griffin, seus olhos estão fixos em mim e apenas em mim. Ele está me olhando de cima a baixo, como se estivesse avaliando cada aspecto da minha aparência e comportamento em algum

tipo de gráfico dentro de sua cabeça. Ele não parece muito impressionado.

Tudo bem, porque para mim ele parece tão frio, arrogante e falsa gentileza quanto o filho. Eu me recuso a baixar sob seu olhar, teimosamente olhando diretamente para ele sem um pingo de remorso.

— Então esta é a pequena incendiária, — diz Fergus.

Eu poderia dizer a ele que foi um acidente, mas isso não é estritamente verdade. E não vou me desculpar com esses bastardos.

Em vez disso, digo: — Onde está Callum? Ele se afogou?

— Felizmente para você, ele não fez isso, — responde Fergus.

Papa, Dante e Nero se unem ao meu redor. Eles podem estar com muita raiva por eu ter nos colocado nessa confusão, mas não vão tolerar ninguém me ameaçando.

— Não fale com ela, — Dante diz asperamente.

Com um pouco mais de tato, Papa diz: — Você queria um encontro. Vamos para dentro e conversar.

Fergus acena com a cabeça. Seus dois homens entram no restaurante primeiro, certificando-se de que está realmente vazio lá dentro. Este lugar pertence a Ellis Foster, dono de restaurantes e corretor que tem ligações tanto com os irlandeses quanto com nossa família. É por isso que é um terreno neutro.

Assim que estamos todos dentro, Fergus diz a meu pai: — Acho que é melhor falarmos sozinhos.

Papa acena lentamente com a cabeça.

— Esperem aqui, — ele diz aos meus irmãos.

Papa e Fergus desaparecem em uma das salas de jantar privadas, fechadas por portas de vidro duplo. Posso ver seus contornos quando eles se sentam juntos, mas não consigo distinguir nenhum detalhe de suas expressões. E não consigo ouvir uma palavra do que estão dizendo.

Dante e Nero puxam algumas cadeiras da mesa mais próxima. Os homens de Fergus fazem o mesmo em uma mesa a três metros de distância. Meus irmãos e eu nos sentamos do mesmo lado, para que possamos olhar para os capangas de Fergus enquanto esperamos.

Isso nos mantém ocupados por cerca de dez minutos. Mas olhar para suas caretas feias é muito chato. Esperar em geral é chato. Eu gostaria de tomar uma bebida no bar, ou talvez até dar uma olhada na cozinha para um lanche.

Assim que começo a me levantar da cadeira, Dante diz: — Nem pense nisso, — sem olhar para mim.

— Estou com fome, — digo a ele.

Nero empunha a faca e está brincando com ela. Ele pode fazer todos os tipos de truques. A lâmina é tão afiada que, se ele cometesse um erro, cortaria um dedo. Mas ele ainda não fez um.

Pode parecer que ele está tentando intimidar os homens de Griffin, mas não é para o benefício deles. Ele faz isso o tempo todo.

— Não entendo como você é a que come mais que qualquer um de nós, — diz Nero, sem tirar os olhos da faca.

— Eu não!

— Quantas vezes você já comeu hoje? Diga a verdade.

— Quatro, — eu minto.

— Besteira, — zomba Nero.

— Não estou tão preocupada com minha aparência quanto você, — provoco-o.

Nero é vaidoso com sua aparência. Com um bom motivo – todos os meus irmãos são bonitos, mas Nero tem aquela beleza de modelo masculino que parece fazer as calcinhas das meninas entrarem em combustão espontaneamente. Não conheço uma única garota que não tenha dormido com ele, ou tentado.

É uma coisa estranha saber sobre seu próprio irmão, mas somos todos muito abertos um com o outro. É isso que vem de viver na mesma casa por tanto tempo, sem nenhuma mãe por perto para impedi-los de me tratar como apenas mais um irmão mais novo.

E é assim que eu gosto. Não sou anti-mulher – não tenho problemas com garotas que querem ser bonitas ou femininas ou sexy, ou seja, lá o que for. Só não quero ser “tratada como uma garota” se isso faz sentido. Quero ser tratada como eu, para o bem ou para o mal. Nem mais nem menos. Apenas Aida.

Aida que está entediada demais.

Aida que está começando a ficar com sono.

Aida que se arrepende profundamente de ter chateado os Griffins, só porque vou ficar presa aqui até o fim dos tempos, enquanto Fergus e Papa conversam e conversam e conversam para sempre...

E então, finalmente, quase três horas depois, os dois patriarcas saem da sala de jantar privada, ambos parecendo sombrios e resignados.

— Bem? — Dante diz.

— Está resolvido, — Papa responde.

Ele soa como um juiz pronunciando uma sentença. Não gosto nem um pouco de seu tom ou da expressão em seu rosto. Ele está olhando para mim com tristeza.

Quando saímos, ele diz a Nero: — Leve meu carro de volta. Vou para casa com Aida.

Nero acena com a cabeça e entra na Mercedes de Papa. Dante sobe para o lado do motorista do SUV, e Papa entra na parte de trás comigo.

Eu, definitivamente, não gosto disso.

Eu me viro para encará-lo, sem me preocupar com meu cinto de segurança.

— O que é? — Eu digo. — O que vocês decidiram?

— Você vai se casar com Callum Griffin em duas semanas, — diz Papa.

Isso é tão ridículo que eu realmente dou risada – um estranho som de latido que desaparece no carro silencioso.

Papa está me observando, as rugas em seu rosto mais profundamente gravadas do que nunca. Seus olhos parecem completamente negros na luz fraca dentro do carro.

— Você não pode estar falando sério, — eu digo.

— Estou falando sério. Isso não está em debate. Está combinado com os Griffins.

— Eu não vou me casar! — Eu digo. — Principalmente com aquele psicopata.

Eu olho para o banco do motorista em busca de apoio de Dante. Ele está olhando diretamente para a estrada, as mãos cerradas no volante.

Meu pai parece exausto.

— Essa rixa já dura muito tempo, — diz ele. — É uma brasa que arde e arde e continuamente explode em chamas, queimando tudo pelo que trabalhamos. A última vez que tivemos uma erupção, você perdeu dois de seus tios. Nossa família é menor do que deveria, por causa dos Griffins. O mesmo é verdade para eles. Muitas pessoas perderam em ambos os lados, ao longo das gerações. É hora de mudar. É hora de o contrário acontecer. Vamos nos alinhar juntos. Vamos prosperar juntos.

— Por que eu tenho que me casar para que isso aconteça? — Eu grito. — Isso não vai ajudar em nada! Porque eu vou matar aquele bastardo quando o vir!

— Você vai fazer o que for mandado! — Meu pai estala. Eu posso ver que sua paciência acabou. São 3:00 da manhã. Ele está cansado e parece velho. Ele está velho, realmente. Ele tinha quarenta e oito anos quando me teve. Ele tem quase setenta agora.

— Eu estraguei você, — ele diz, fixando-me com aqueles olhos negros. — Deixei você correr solta. Você nunca teve que enfrentar as consequências de suas ações. Agora você vai. Você acendeu o fósforo que iniciou este incêndio em particular. É você quem vai ter que apagar de novo. Não pela violência, mas pelo seu próprio sacrifício. Você vai se casar com Callum Griffin. Você terá os filhos que serão a próxima geração de nossa linhagem mútua. Esse é o acordo. E você vai mantê-lo.

Isso é algum tipo de pesadelo de merda.

Eu me casando?

Eu tendo malditos bebês?!

E devo fazer isso com o homem que odeio mais do que qualquer pessoa

neste planeta?

— Ele aleijou Sebastian! — Eu grito, meu último esforço para expressar como este homem é totalmente revoltante para mim.

— Isso é tão sua culpa quanto dele, — Papa diz friamente.

Não há nada que eu possa dizer em resposta a isso.

Porque, no fundo, sei que é verdade.

6

Callum

Estou sentado no deck de trás, observando o pessoal contratado limpar os últimos restos de lixo e suprimentos da festa. Eles trabalharam a noite toda. Minha mãe insistiu que tudo fosse limpo imediatamente, para que nenhum de nossos vizinhos percebesse um sinal de desordem em nossa propriedade a caminho do trabalho pela manhã.

Minhas irmãs já foram para a cama – Nessa corada e feliz com a emoção da noite, Riona fazendo beicinho porque eu me recusei a dizer a ela para onde nosso pai foi.

Minha mãe ainda está acordada, supervisionando os esforços de limpeza, embora não toque em nada.

Quando o carro blindado de meu pai entra na garagem, ela abandona os trabalhadores e se junta a nós de volta ao escritório. Sinto que passei muitas horas aqui ultimamente. E não gosto da expressão no rosto do meu pai.

— Então? — Eu digo de uma vez. — Qual foi o acordo?

Estou esperando que ele diga que chegamos a algum tipo de acordo financeiro, ou acordo de aperto de mão – talvez eles nos deem apoio com o voto italiano na eleição para vereador, e nós prometeremos a eles todas as permissões ou zoneamento que quiserem em próximo projeto de construção.

Então, quando meu pai explica o negócio real, eu fico olhando para ele como se ele tivesse brotado duas cabeças.

— Você vai se casar com Aida Gallo em duas semanas, — diz ele.

— Aquela pirralha? — Eu explodo. — De jeito nenhum.

— Já está resolvido.

Minha mãe dá um passo à frente, parecendo alarmada. Ela pousa a mão no braço do meu pai.

— Fergus, — ela diz em um tom baixo. — Isso é sábio? Estaremos ligados aos Gallos para sempre.

— Esse é exatamente o ponto, — diz meu pai.

— Eles são gângsteres imundos do caralho! — Eu cuspo. — Não podemos ter o nome deles associado ao nosso. Especialmente com a eleição chegando.

— A eleição será o primeiro benefício desta aliança, — diz meu pai, tirando os óculos e limpando-os com o lenço que guarda no bolso da camisa. — Seu sucesso não está de forma alguma garantido quando você enfrenta o La Spata. Os Gallos detêm a chave do voto italiano. Se você estiver casado com Aida quando a votação for lançada, cada um deles neste distrito votará em você. Eles vão abandonar La Spata sem hesitação.

— Eu não preciso dela para vencer! — Eu rosno.

— Não tenha tanta certeza, — diz meu pai. — Você está muito confiante, Callum. Arrogante, até. Se a votação acontecer hoje, o resultado pode ser um cara ou coroa. Você deve sempre garantir sua vitória com antecedência, se tiver oportunidade.

— Tudo bem, — eu digo, tentando manter meu temperamento. — Mas e depois deste mês? Você honestamente espera que eu continue casado com ela *para sempre*?

— Sim, eu espero, — meu pai diz sério. — Os Gallos são católicos, como nós. Você se casará com ela, será fiel a ela e terá filhos com ela.

Eu balanço minha cabeça em descrença. — Mãe, certamente você tem algo a dizer sobre isso.

Ela olha para frente e para trás entre o rosto do meu pai e o meu. Então ela enfia uma mecha de cabelo loiro liso atrás da orelha e suspira.

— Se o acordo foi fechado, nós o cumpriremos.

Eu deveria saber. Ela sempre fica do lado do pai.

Ainda assim, eu gaguejo, — O quê?! Você não pode...

Ela me interrompe com um olhar.

— Callum, é hora de você se tornar o homem que professa ser. Eu vi você brincar com essas garotas com quem você sai – modelos e socialites. Você parece escolher deliberadamente as garotas mais superficiais e de cabeça vazia.

Eu faço uma carranca, cruzando meus braços sobre meu peito. Nunca importou com quem eu namorei, contanto que elas ficassem bem no meu braço e não me envergonhassem nas festas. Como nunca quis nada sério, fazia sentido encontrar garotas que buscavam apenas diversão, assim como eu.

— Eu não sabia que deveria estar procurando uma égua reprodutora, — digo sarcasticamente. — Achei que você gostaria que eu encontrasse a garota certa e me apaixonasse, como uma pessoa normal.

— É isso que você acha que fizemos? — Minha mãe diz baixinho.

Eu faço uma pausa. Na verdade, não tenho ideia de como meus pais se conheceram. Eu nunca perguntei a eles.

— Isso mesmo, — diz minha mãe. — Fergus e eu tivemos um 'casamento arranjado', se você quiser chamá-lo assim. Mais precisamente, nossos pais, que eram mais velhos e mais sábios do que nós, e que nos conheciam melhor do que nós mesmos, arranjaram o casamento. Porque eles sabiam que seríamos bons parceiros um para o outro e porque era uma aliança que beneficiava nossas famílias. Houve desafios, no início.

Um olhar significativo passa entre meus pais. Um pouco de tristeza e diversão de ambos.

— Mas, no final, nosso casamento é o que nos tornou as pessoas que somos hoje, — diz meu pai.

Isso é um maldito delírio. Eu nunca ouvi isso antes.

— Isso é completamente diferente! — Eu digo a eles. — Vocês eram da mesma cultura, da mesma formação. Os Gallos são mafiosos. Eles são da velha guarda, no pior sentido da palavra.

— Isso é parte do valor que eles fornecerão, — diz meu pai sem rodeios. — À medida que crescemos em riqueza e influência, perdemos nossa vantagem. Você é meu único filho. Sua mãe perdeu os dois irmãos. Existem poucos homens preciosos do meu lado da família. Verdadeiros guarda-costas, só temos o que pagamos. Você nunca pode ter certeza da lealdade de um pistoleiro – sempre há alguém disposto a pagar mais. Desde que Zajac assumiu, os *Braterstwo* estão se tornando uma séria ameaça para nós, algo com que não podemos necessariamente lidar sozinhos. Os italianos têm o mesmo problema. Com nossas duas famílias alinhadas, The Butcher não ousará atacar nenhum de nós.

— Ótimo, — eu digo. — Mas quem vai me proteger de minha noiva? Essa garota é um animal selvagem. Você pode imaginá-la como esposa de um político? Duvido que ela saiba andar de salto.

— Então você vai ensiná-la, — diz minha mãe.

— Eu não sei como andar de salto também, — eu digo sarcasticamente. — Como exatamente devo ensiná-la a ser uma dama, mãe?

— Ela é jovem e maleável, — diz meu pai. — Você a treinará, moldará o que ela precisa ser para ficar ao seu lado e apoiar sua carreira.

Jovem e maleável?

Eu realmente não acho que meu pai deu uma boa olhada nessa garota.

Ela pode ser jovem, mas é tão maleável quanto ferro fundido.

— Que desafio emocionante, — digo com os dentes cerrados. — Mal posso esperar para começar

— Bom, — diz meu pai. — Você terá sua chance na festa de noivado na próxima semana.

— *Festa de noivado?* — Isso é uma porra de piada. Eu descobri sobre isso há cinco minutos e, aparentemente, eles já estão planejando o anúncio público.

— Você terá que combinar sua história com Aida, — diz minha mãe. — Algo como 'Vocês começaram a namorar casualmente há cerca de dezoito meses. Ficou sério no outono passado. Vocês planejaram esperar até depois da eleição para se casar, mas decidiram que não podiam mais esperar'.

— Talvez seja melhor você apenas escrever o comunicado de imprensa para mim, mãe. Faça meus votos de casamento também, enquanto você está nisso.

— Não seja desrespeitoso, — rebate meu pai.

— Eu nem sonharia com isso, — digo a ele.

Duvido que o mesmo possa ser dito sobre minha futura noiva. Na verdade, esse pode ser o único forro de prata deste maldito redemoinho – ver meus pais tendo que lidar com o pequeno gato do inferno que estão trazendo para esta família.

7

Aida

Meus irmãos estão revoltados com o plano maluco de meu pai.

Dante não disse nada no caminho para casa, mas eu o ouvi discutindo com Papa por horas depois, enquanto se fechavam juntos no escritório.

Foi inútil. Papa é teimoso como uma mula. Uma mula siciliana que só come cardos e vai te chutar nos dentes se você chegar muito perto. Uma vez que ele está decidido, nem mesmo a trombeta do dia do julgamento pode mudar isso.

Honestamente, o Armagedom seria um alívio bem-vindo do que realmente está para acontecer.

Logo no primeiro dia após o fechamento do acordo, recebo uma mensagem de Imogen Griffin me contando sobre uma festa de noivado na quarta-feira à noite. Uma festa de noivado! Como se houvesse algo para comemorar aqui, e não apenas um desastre de trem em câmera lenta em andamento.

Ela também me enviou um anel em uma caixa.

Eu fodidamente o odiei, é claro. É um grande e antigo diamante quadrado em um aro ofuscante, robusto e com certeza bate contra tudo. Eu o mantenho fechado em sua caixa na minha mesa de cabeceira, porque não tenho nenhuma intenção de usá-lo antes que seja absolutamente necessário.

A única coisa boa nessa montanha de merda é que pelo menos Sebastian está um pouco melhor. Ele teve que fazer uma cirurgia para reconstruir o *LCA*[16],

mas conseguimos o melhor médico da cidade, o mesmo que consertou o joelho de Derrick Rose[17]. Então, esperamos que ele volte logo.

Nesse ínterim, tenho ido ao hospital visitá-lo todos os dias. Trouxe para ele todos os seus lanches favoritos – Copos de manteiga de amendoim Reese, palitos de queijo e castanhas de caju salgadas – e também seus livros escolares.

— Você já abriu isso antes? — Eu o provoco, colocando os livros em sua mesa de cabeceira.

— Uma ou duas vezes, — ele diz, sorrindo da cama do hospital.

A camisolinha que eles deram para ele vestir é ridiculamente pequena em seu corpo gigante. Suas longas pernas se esticam por baixo dela, o joelho enfaixado apoiado em um travesseiro.

— Você não anda por aí com essa coisa, não é? — Pergunto-lhe.

— Só quando a enfermeira sexy está de plantão. — Ele pisca.

— Nojento, — eu digo.

— É melhor você se acostumar com todas as coisas românticas, — diz Sebastian. — Já que você está prestes a ser uma noiva corada...

— Não brinque com isso, — eu estalo para ele.

Seb me lança um olhar simpático.

— Você está preocupada? — Ele diz.

— Não! — Eu digo imediatamente, embora seja uma mentira completa. — Eles é que deveriam estar preocupados. Callum, especialmente. Vou estrangulá-lo durante o sono na primeira chance que tiver.

— Não faça nada estúpido, — Sebastian me avisa. — Isso é sério, Aida. Não é como seu semestre na Espanha ou aquele estágio que você fez na Pepsi. Você não pode simplesmente pular fora se não gostar.

— Eu sei disso, — digo a ele. — Eu sei exatamente o quão presa estou prestes a ficar.

Sebastian franze a testa, odiando me ver chateada.

— Você já conversou com o Papa? — Ele diz. — Talvez se você contar a ele...

— É inútil, — eu interrompo. — Dante discutiu com ele a noite toda. Ele não vai ouvir nada do que eu tenho a dizer.

Eu olho para o joelho de Sebastian, com o dobro do tamanho normal enfaixado e com hematomas na altura da coxa.

— De qualquer forma, — eu digo baixinho, — eu mesma provoquei isso. Papa está certo – eu fiz essa bagunça e agora tenho que consertar.

— Não seja um mártir só porque minha perna foi fodida, — diz Sebastian. — Você se casar com aquele psicopata não vai resolver isso.

— Não vai consertar o seu joelho, — digo, — mas pode impedir que qualquer outra coisa aconteça.

Há silêncio entre nós por um minuto, e então eu digo: — Eu realmente sinto muito que...

— Não se desculpe de novo, — diz ele. — Quero dizer. Em primeiro lugar, não foi sua culpa.

— Sim, foi.

— Não, não foi. Todos nós escolhemos ir à festa. Você não fez aquele idiota pisar em mim. E em segundo lugar, mesmo que fosse sua culpa, eu não me importaria. Eu tenho dois joelhos, mas apenas uma irmã.

Eu não posso deixar de bufar com isso.

— Isso é muito fofo, Seb.

— É verdade. Então venha aqui.

Chego mais perto da cama para que Sebastian possa me dar um abraço de lado. Eu descanso meu queixo em seu cabelo, que está mais bagunçado e encaracolado do que nunca. Parece lã de cordeiro contra minha pele.

— Pare de se criticar por isso. Eu vou ficar bem. Você descubra uma maneira de se dar bem com os Griffins. Porque entrar nisso como se fosse para a batalha só vai tornar as coisas mais difíceis, — diz Seb.

Mas é a única maneira que sei fazer isso, – de cabeça baixa, coberta com armadura. Eu encaro tudo como uma luta.

— Quando você pode sair? — Eu pergunto a Sebastian. — Porque aparentemente eu tenho uma festa de noivado amanhã à noite...

— Eu gostaria de poder ir, — Sebastian diz melancolicamente. — Eles e nós, todos forçados a nos vestir de forma extravagante e sermos legais uns com os outros. Eu adoraria ver isso. Tire fotos para mim, pelo menos.

— Eu não acho que eles vão aparecer em uma foto, — digo a ele. — Bando de vampiros sugadores de sangue.

Sebastian apenas balança a cabeça para mim.

— Você quer água ou qualquer coisa antes de eu ir? — Pergunto-lhe.

— Não, — ele diz. — Mas se a enfermeira ruiva gostosa estiver lá fora, diga a ela que estou pálido e suado e provavelmente preciso de um banho de esponja.

— De jeito nenhum, — digo a ele. — E também, ainda nojento.

— Não pode culpar um cara por tentar, — diz ele, recostando-se no travesseiro com os braços apoiados na cabeça.

♥ ♥ ♥

Cedo demais, é hora da estúpida festa de noivado dos Griffin. Eu sinto que essas pessoas dariam uma festa para a abertura de um envelope. Eles são tão ridículos e vistosos.

Ainda assim, sei que devo me comportar e fazer uma cara boa para isso. Este será o primeiro teste de minha conformidade.

Eu gostaria de ter alguém com quem me preparar. Adorei crescer com todos os irmãos, mas é em momentos como este que uma pequena companhia feminina não seria demais.

Seria bom se eu tivesse alguém que me garantisse que não pareço um sorvete meio derretido com este vestido idiota que comprei. É amarelo com barra escalope. Ficou bem no manequim, mas agora que estou experimentando em casa, sinto-me como uma criança toda arrumada para a Páscoa. Só preciso de uma cesta de palha no braço.

Pelo menos Papa acena com a cabeça em aprovação quando vê.

— Bom, — diz ele.

Ele está vestindo um terno. Dante está com uma camiseta preta e jeans, e Nero está vestindo uma jaqueta de couro.

Meus irmãos se recusam a se vestirem bem por princípio. Um protesto silencioso. Eu gostaria de poder fazer o mesmo.

Nós vamos juntos para Shoreside, onde os Griffins estão dando a festa. O restaurante já está lotado. Reconheço mais pessoas do que esperava – nossas famílias pertencem a alguns dos mesmos círculos, e eu fui para a mesma escola que Nessa e Riona, embora eu estivesse entre as duas e não na mesma série.

Eu me pergunto por um momento se Callum esteve lá também. Então eu esmaguei esse pensamento. Eu não me importo para onde Callum foi. Não estou nem um pouco curiosa sobre ele.

Nossas núpcias próximas não parecem reais para mim. Eu sinto que a punição é a preparação – o fingimento de que isso realmente vai acontecer. Certamente uma, ou ambas as nossas famílias vão cancelar no último minuto, quando virem que aprendemos nossa lição.

Até que isso aconteça, eu só tenho que sorrir e aguentar. Fazer uma cara falsa de cooperação para que possam ver que fui golpeada com sucesso.

A única coisa que me mantém em movimento é a minha diversão mórbida que Callum Griffin vai ter que fingir estar apaixonado por mim esta noite, assim como eu terei que fazer com ele.

É uma piada para mim, mas tenho a impressão de que para um bastardo metido como ele, onde a imagem é tudo, isso será pura tortura. Ele provavelmente pensou que ia se casar com alguma herdeira perfeita Hilton ou Rockefeller. Em vez disso, ele me pega em seu braço. Ele tem que fingir que me adora, enquanto o tempo todo está morrendo de vontade de torcer meu pescoço.

Na verdade, esta pode ser a oportunidade perfeita de aborrecê-lo. Ele não será capaz de fazer nada na frente de todas essas pessoas. Devo ver o quão longe posso empurrá-lo antes que ele quebre.

Primeiro, preciso de um refresco para me ajudar neste espetáculo.

Eu me afasto de meu pai e irmãos, indo direto para o bar. Shoreside pode ser um pouco esnobe, mas tem um clima divertido de resort, e eles são famosos por seus coquetéis de verão. Especialmente o Kentucky Kiss, que é bourbon, limão, purê de morango fresco e um toque de xarope de bordo, derramado sobre o gelo com um guarda-chuva de papel idiota por cima.

Mas, quando eu peço, o barman balança a cabeça com pesar.

— Desculpe, sem Kentucky Kiss.

— Que tal um daiquiri de morango?

— Não posso fazer. Não podemos fazer nada com morangos.

— Seu caminhão foi sequestrado no caminho do México?

— Não, — ele enche uma coqueteleira com gelo e começa a fazer um martini para outra pessoa enquanto eu examino o menu de bebidas. — É só para esta festa – acho que o cara é alérgico?

— Que cara?

— Aquele que vai se casar.

Eu abaixei meu menu, aceso com interesse.

— Ele é?

— Sim, sua mãe estava fazendo um grande negócio com isso. Dizendo nenhum morango para ninguém em todo o lugar. Como se alguém fosse tentar

esconder um em sua bebida.

Bem, agora eles podem...

— Muito interessante, — eu digo. — Vou tomar um daqueles martinis, então.

Ele coloca a vodca gelada em um copo e desliza para mim.

— Aqui, pegue este. Eu posso fazer outro.

— Obrigada, — eu digo, segurando-o em um movimento de saudação.

Deixo-lhe uma nota de cinco dólares como gorjeta, feliz por pensar que o robô político tem um ponto fraco, afinal. Uma kryptonita brilhante e vermelha. Outra coisa para importuná-lo.

Esse é o meu plano, até que eu realmente veja Callum.

Ele realmente me lembra um vampiro. Magro, pálido, terno escuro, olhos de um azul desumano. Uma expressão ao mesmo tempo aguda e desdenhosa. Deve ser difícil para ele tentar ser encantador em seu trabalho. Eu me pergunto se ele observa humanos reais e tenta imitá-los. Se o faz, está falhando miseravelmente. Todos ao seu redor estão conversando e rindo, enquanto ele agarra sua bebida como se quisesse esmagá-la na mão. Ele tem mãos grandes, dedos longos e finos.

Quando ele me avistou, ele finalmente demonstrou alguma emoção – ódio puro e não adulterado. Isso queima dele, em uma linha reta, diretamente para mim.

Eu ando até ele, audaciosa, então ele sabe que não pode me intimidar.

— É melhor tomar cuidado, *meu amor,* — eu sussurro para ele. — Nós deveríamos estar celebrando nosso noivado. No entanto, você parece

completamente miserável.

— Aida Gallo, — ele sibila de volta para mim. — Estou aliviado em ver que você pelo menos está ciente do conceito de se vestir, mesmo que sua execução seja um lixo.

Eu mantenho meu sorriso firmemente engessado no lugar, não deixando ele ver que doeu um pouco. Eu não percebi até que caminhei até ele o quanto ele se elevaria sobre mim, mesmo com esses saltos estúpidos. Eu meio que gostaria de não ter ficado tão perto. Mas não vou dar um passo atrás agora. Isso mostraria fraqueza.

E, de qualquer forma, estou acostumada com homens de aparência assustadora, graças aos meus irmãos. Na verdade, Callum Griffin não tem nenhuma das cicatrizes ou nódulos permanentemente inchados que sugerem o que meus irmãos fazem. Suas mãos são perfeitamente lisas. Afinal, ele é apenas um garoto rico. Eu tenho que me lembrar disso.

Seus olhos são atraídos para o anel vistoso na minha mão esquerda. Coloquei pela primeira vez esta noite e já me sinto estrangulada por isso. Odeio o que isso significa e odeio como chama a atenção. Os lábios de Callum quase desaparecem quando eles se apertam e empalidecem ao vê-lo. Ele parece ligeiramente nauseado.

Bem, ótimo. Estou feliz que isso o faça sofrer também.

Sem aviso, Callum envolve seu braço em volta da minha cintura e me puxa para perto. É tão repentino e inesperado que quase o empurro e bato nele, pensando que ele está me atacando. Só depois que uma loira gritando corre até nós é que entendo seu jogo.

Ela tem cerca de 1,60m, usa um vestido de verão rosa com um lenço de seda combinando em volta do pescoço. Ela é seguida por um homem barbudo

carregando uma grande bolsa Hermes que eu só posso presumir que não pertence a ele, já que realmente não combina com sua camisa polo.

— Cal! — Ela chora, agarrando seus braços e se esticando na ponta dos pés para beijar sua bochecha.

Tudo isso faz parte do curso em Shoreside. É a reação de Callum que me surpreende.

Sua expressão fria se transforma em um sorriso encantador e ele diz: — Lá estão eles! Meus recém-casados favoritos. Alguma dica para nós agora que vocês estão do outro lado?

É realmente incrível como a máscara do político desliza para o lugar em seu rosto bonito. Parece totalmente natural – exceto pela rigidez de seu sorriso. Eu não tinha ideia de que ele era tão bom nisso.

Faz sentido, eu acho. Mas é perturbador a facilidade com que ele exibe alegria e charme. Nunca vi nada igual.

A mulher ri, pousando levemente a mão bem cuidada no braço de Callum. Eu posso ver seu anel de noivado, a pedra quase derrubando sua mão para o lado. Jesus Cristo, acho que acabei de encontrar o iceberg que afundou o Titanic.

— Oh, Cal! — Ela diz com uma risada estridente. — Faz apenas um mês para nós, então tudo que aprendi até agora é que você não deve se registrar na Kneen & Co! Que pesadelo tentar devolver as coisas que não queríamos. Eu pedi a louça personalizada Marie Daage Aloe, mas imediatamente me arrependi quando vi o novo padrão de primavera. Claro, você não se importa com isso – você provavelmente deixará tudo para sua noiva cuidar.

Agora ela me poupa um olhar, e minúsculas rugas lutam para aparecer entre as sobrancelhas, disputando bravamente contra a grande quantidade de

Botox tentando suavizá-la novamente.

— Acho que nunca nos conhecemos, — diz ela. — Eu sou Christina Huntley-Hart. Este é meu marido, Geoffrey Hart.

Ela estende a mão daquele jeito manco que sempre me confunde. Tenho que lutar contra a vontade de me curvar e beijá-la como um conde em um filme antigo. Em vez disso, apenas dou um aperto estranho de lado, soltando o mais rápido possível.

— Aida, — eu respondo.

— Aida...?

— Aida Gallo, — Callum fornece.

Essa linha da testa luta para reaparecer novamente.

— Acho que não conheço os Gallos... — ela diz. — Vocês são membros do North Shore Country Club?

— Não! — Eu digo, combinando com sua voz em tom de falsidade. — Devemos entrar? Temo que meu jogo de tênis esteja sofrendo muito ultimamente...

Ela me encara como se suspeitasse de que estou zombando dela, mas não acredita que isso possa ser verdade.

A mão de Callum aperta dolorosamente em volta da minha cintura. É difícil não estremecer.

— Aida adora tênis, — diz ele. — Ela é tão atlética.

Christina sorri incerta.

— Eu também, — ela diz. Então, voltando-se para Callum, — Você se

lembra quando jogamos juntos em Florença? Você foi meu parceiro de dupla favorito naquela viagem.

É engraçado. Eu poderia me importar se Christina Cuntley-Hart quiser flertar com Callum. Eles podem ter fodido na semana passada, pelo que me consta. Mas acho muito desrespeitoso que ela esteja fazendo isso bem na minha cara.

Eu olho para o pobre Geoffrey Hart para ver o que ele pensa sobre isso. Ele não disse uma palavra até agora. Está de olho na televisão acima do bar, que mostra os destaques do jogo dos Cubs. Ele está segurando a bolsa de Christina com as duas mãos, com uma expressão no rosto como se este mês de casamento tivesse sido os trinta dias mais longos de sua vida.

— Ei, Geoff, — eu digo a ele, — eles deixaram você jogar também ou você apenas carregou as raquetes?

Geoffrey levanta uma sobrancelha e dá uma risadinha. — Eu não estava naquela viagem em particular.

— Hm, — eu digo. — Que pena. Você perdeu o placar de *Cal* com Christina.

Agora, Christina está definitivamente irritada. Ela estreita os olhos para mim, narinas dilatadas.

— Bem, — ela diz categoricamente. — Parabéns novamente. Parece que você tem um bom partido, Cal.

Assim que ela se afasta com Geoffrey em seu rastro, Callum solta minha cintura e agarra meu braço, seus dedos cravando em minha carne.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Ele rosna para mim.

— Esses são seus amigos de verdade? — Pergunto-lhe. — Ela deveria ter comprado um daqueles cachorrinhos para sua bolsa. Geoff é um acessório estranho...

— Cresça, — diz Callum, balançando a cabeça em desgosto. — Os Huntleys organizaram uma grande arrecadação de fundos para mim no ano passado. Eu conheço Christina desde a escola primária.

— Conhece ela? — Eu digo. — Ou transou com ela? Porque se você ainda não fez isso, é melhor você começar, antes que ela comece a transar com sua perna em público.

— Oh meu Deus, — diz Callum, pressionando os dedos contra a ponte de seu nariz. — Eu não posso acreditar nisso. Estou me casando com uma adolescente. E não uma adolescente normal – um demônio infernal, como Chucky, ou os de Colheita Maldita...

Tento puxar meu braço para longe dele, mas seu aperto é mais forte do que aço. Vou ter que realmente fazer uma cena para me soltar, e ainda não estou pronta para explodir aqui.

Então, em vez disso, sinalizo para o garçom mais próximo e pego uma taça de champanhe em sua bandeja. Tomo um gole e digo a Callum, baixinho e calmamente: — Se você não me soltar, vou jogar esta bebida na sua cara.

Ele me solta, seu rosto mais pálido do que nunca de raiva.

Mas ele se inclina na minha cara e diz: — Você acha que é a única que pode foder com meus planos? Não se esqueça de que você vai se mudar para *minha* casa. Posso tornar a sua vida um pesadelo vivo desde o momento em que você acorda de manhã até permitir que você deite sua cabeça novamente à noite. Eu realmente não acho que você queira começar uma guerra comigo.

Minha mão está coçando para jogar o champanhe bem na cara dele, para mostrar a ele exatamente o que penso disso.

Mas consigo me conter. Apenas um pouco.

Eu me contento em sorrir para ele e dizer: — No meio do caos, também há oportunidade.

Callum me encara sem expressão.

— O que... do que diabos você está falando? Isso significa que você vai tentar tirar o melhor proveito dessa bagunça?

— Claro, — eu digo. — O que mais eu posso fazer?

Na verdade, é uma citação de *A Arte da Guerra*. Aqui está outra de que gosto:

— *Deixe seus planos serem sombrios e impenetráveis como a noite, e quando você se mover, caia como um raio.*

8

Callum

Depois daquele primeiro momento de malcriação, Aida se acalma e começa a se comportar. Ou, pelo menos, ela faz o seu melhor. Ela sorri e conversa com razoável civilidade com o fluxo de convidados que vem nos parabenizar.

É muito estranho explicar para amigos e familiares que estou prestes a me casar com uma garota da qual eles nunca ouviram falar, muito menos conheceram. Repito e eu digo a eles: — Mantivemos as coisas privadas. Foi romântico, mantê-lo entre nós dois. Mas agora não podemos esperar mais; nós queremos nos casar.

Vejo mais do que algumas pessoas olhando para o estômago de Aida para ver se há um motivo específico para estarmos com tanta pressa.

Aida acaba com esses boatos bebendo seu peso em champanhe.

Quando ela pega outro copo, eu o arranco de sua mão e o engulo sozinho.

— Você já teve o suficiente, — digo a ela.

— Eu decido quando é o suficiente, — ela diz teimosamente. — É preciso mais do que um pouco de refrigerante de gengibre glorificado para me embebedar.

Mas eu posso dizer que ela já está menos firme em seus saltos altos, e ela não era muito estável para começar.

Estou aliviado por ela estar usando um vestido, embora o que ela escolheu pareça barato e excessivamente brilhante. O que há de errado com essas pessoas? Eles não têm dinheiro para comprar roupas decentes? Seus irmãos parecem assassinos completos. Um está vestindo uma porra de camiseta e jeans, o outro está vestido como James Dean. Dante está se esgueirando pela sala como se esperasse que uma bomba explodisse a qualquer minuto, e Nero está conversando com a barman como se estivesse planejando levá-la para cima. Talvez ele vá, essa merda desprezível. Tenho certeza que ele fodeu Nora Albright na minha casa.

Pelo menos Enzo Gallo está devidamente vestido para a ocasião e bem-educado. Ele parece conhecer quase tantas pessoas aqui quanto eu. Não as socialites do *dinheiro novo*[18], mas qualquer pessoa profundamente ligada à velha Chicago. Eu posso vê-los apertando sua mão com respeito. Talvez meu pai não estivesse totalmente errado sobre os benefícios dessa aliança.

Meus pais vêm para verificar como estamos, com Madeline Breck ao lado deles. Madeline tem quase setenta anos, é negra, com cabelos grisalhos cortados rente, um terno simples e sapatos confortáveis. Ela tem um rosto calmo e inteligente. Se você fosse estúpido, poderia pensar que ela é o tipo de avó amigável. Na verdade, ela é uma das pessoas mais poderosas de Chicago.

Como presidente do Conselho do Comissário do Condado de Cook, ela controla os cordões da bolsa de grandes projetos com financiamento público, de parques a infraestrutura. Ela também exerce forte controle sobre os democratas liberais de Chicago. Sem nunca parecer enfiar o dedo na torta, ela consegue nomear quem ela quer para cargos importantes, como tesoureiro municipal ou procurador do estado.

Ela é astuta e sutil, e de forma alguma alguém que eu queira ver do meu lado ruim. Então, estou quase enjoado só de pensar em Aida dizendo algo

desagradável na frente dela.

Quando ela se aproxima, eu assobio para Aida: — Comporte-se. Essa é Madeline...

— Eu sei quem ela é, — ela interrompe, revirando os olhos.

— Madeline, — meu pai diz, — você conhece nosso filho Callum. Ele concorrerá à vaga de vereador no Distrito 43º em algumas semanas.

— Excelente, — Madeline diz. — Já era hora de termos alguém lá com alguma visão.

— Que tipo de visão você espera? — Eu pergunto a ela. — Talvez alguém que consiga manter o Lincoln Park inteiro?

Ela sorri para mim. — Quem disse que eu era contra o remapeamento?

— Um passarinho, — eu digo. — Se eu me tornar vereador, não gostaria que o Lincoln Park fosse esquartejado e repartido. Felizmente, sou amigo íntimo do chefe do Comitê de Regras.

— Jeremy Ross é teimoso, — Madeline diz, olhando para mim por cima dos óculos como se ela pensasse que eu realmente não tenho qualquer influência sobre ele.

— Ele é teimoso como o inferno, mas ele me deve um favor. E não é pequeno também.

— Bem, eu só quero o melhor para a vizinhança, — ela diz magnânima.

— Claro. Eu sinto exatamente o mesmo. Lincoln Park tem história. Não podemos permitir que seja transferido para outros distritos que não o vejam como uma prioridade.

— Esse é o espírito, — diz ela, dando um tapinha no meu braço. — Prazer em conhecê-la, querida, — ela diz à Aida.

Estou um pouco confuso sobre por que ela encerrou nossa conversa tão abruptamente. Tenho certeza de que ambos queremos a mesma coisa.

Enquanto se afasta, Aida toma outro gole da bebida que roubou de algum lugar e diz: — Você sabe que ela não dá a mínima para o Lincoln Park.

Meu pai vira a cabeça bruscamente. — Do que você está falando?

— Ela recebe propinas no serviço de lixo dos Distritos 44º e 32º, — diz Aida, como se fosse óbvio. — Você adiciona metade do Lincoln Park a isso e dobra o valor. Ela apenas se opõe ao remapeamento em público porque é impopular.

Um olhar passa entre meus pais.

— É melhor eu falar com Marty Rico, — diz minha mãe.

Quando eles se separaram para confirmar, Aida ri baixinho.

— Como você soube disso? — Eu pergunto a ela.

— Parece que os Griffins não são tão bem relacionados, afinal, — diz ela. — Acho que ninguém estava falando sobre isso no North Shore Country Club.

— Como você faria com que ela mudasse, se você é tão inteligente? — Eu exijo.

— Por que eu deveria te contar? — Aida diz, estreitando seus olhos cinzentos para mim e tomando outro gole de sua bebida. Ela parece astuta e maliciosa quando faz isso, como uma espécie de gato selvagem no alto dos galhos, prestes a cair na minha cabeça.

— Bem, — eu digo, — daqui a uma semana, o que é meu é seu. O que significa meus sucessos... e minhas falhas... tudo estará em seus ombros também. Portanto, faz sentido para você me ajudar.

Ela pousa a taça vazia no vaso mais próximo, corando em suas bochechas.

— Você acha que vou ser uma pequena mulher parada atrás de você, trabalhando nos bastidores para ajudar a lançar sua estrela brilhante e reluzente? — Ela se estala.

— Não *preciso de* sua ajuda, — digo a ela, — mas se vamos ficar presos juntos, podemos muito bem trabalhar juntos.

— Eu não sou seu acessório! — Ela diz calorosamente.

— Oh, você tem algo melhor para fazer com o seu tempo? — Eu zombo dela. — Pelo que eu posso dizer, você não faz merda nenhuma nos negócios da sua própria família, e você apenas fode por aí tendo aulas na Loyola. Com o que você se importa, além de entrar sorrateiramente nas festas de outras pessoas?

Ela me encara com raiva e, pela primeira vez, silenciada.

— Eu não tenho que me explicar para você, — ela diz finalmente.

Uma réplica fraca, comparada ao seu costume. Devo ter atingido um nervo.

Então eu a pressiono um pouco mais.

— Duvido que você tenha algo útil a dizer, de qualquer maneira.

Ela está quase tremendo de raiva. Aida tem um temperamento – eu realmente não deveria cutucá-la assim, especialmente em um lugar público onde tenho mais a perder com ela perdendo o controle do que ela.

Mas, por fim, ela diz: — Sei que você está tentando me incitar. Direi a resposta de qualquer maneira, só porque não importa e você não será capaz de fazer de qualquer maneira. Madeline Breck se preocupa em ganhar dinheiro, fim da história. Ela ganha uma fatia de cem negócios diferentes de serviços públicos e construção. Mas se ela é apaixonada por alguma coisa, são os policiais atirando nas pessoas. Se você conseguir convencê-la de que realmente vai fazer algo a respeito, poderá convencê-la. Mas você não pode, porque então você perderá o apoio do sindicato da polícia e provavelmente dos bombeiros também.

Isso é... na verdade, não é a pior ideia do mundo. Aida provavelmente está certa. Mas ela também está certa ao dizer que seria difícil impressionar Madeline sem irritar o sindicato da polícia.

— Isso é realmente muito inteligente, — eu digo.

— Oh, obrigada! — Ela responde sarcasticamente. — Estou muito honrada.

Então, bem no meio de revirar os olhos, Aida avista alguém vindo em nossa direção e se vira como se fosse conseguir encontrar um lugar para se esconder, apesar do fato de que esta festa é em nossa homenagem, e ela vestida tão sutilmente quanto um girassol.

É Oliver Castle passeando, as mãos enfiadas nos bolsos, um grande sorriso estúpido estampado no rosto. Eu o conheço desde a faculdade, mas nunca fui fã. Ele era um astro do futebol e, obviamente, ainda está comendo como um, apesar de agora trabalhar na firma de investimentos de seu pai. Seu corpo grande e musculoso está apenas começando a ficar fofo, embora ele ainda pareça forte. Ele está muito bronzeado, provavelmente de alguma viagem recente sobre a qual ele com certeza me contará.

Mas, quando ele se aproxima, vejo que sua atenção está inteiramente

voltada para Aida.

— Não pude acreditar quando soube, — diz ele.

— Ei, Ollie, — diz ela, virando-se sem entusiasmo.

Ollie?

— Estou ferido, Aida. Você fica noiva e nem liga para me dizer?

— Por que eu ligaria para você? — Ela diz categoricamente. — Passei três meses ignorando suas mensagens e ligações. Quando você está tentando treinar um cachorro, você não pode dar a ele um único petisco, ou ele continuará latindo e babando em você para sempre.

Espero que Oliver fique ofendido, mas ele apenas sorri e se aproxima cada vez mais de Aida, então ele está se elevando sobre ela. Está me irritando o quão perto ele está, e como ele nem mesmo me reconheceu ainda.

— Essa é a mordida que eu amo, — diz Oliver. — Nunca mude, Aida.

— Eu não sabia que vocês dois se conheciam, — digo.

— Oh, nos conhecemos há muito tempo, — Oliver fala lentamente, ainda olhando para Aida.

Eu fico entre os dois, então estou parcialmente cortando sua visão.

— Bem, acho que veremos você no *casamento*, então, — digo, sem me preocupar em esconder a irritação em minha voz.

— Eu acho que sim, — Oliver diz, finalmente me dando uma olhada. — Engraçado, eu nunca imaginei vocês dois juntos. Aida é tão selvagem. Não achei que ela deixaria uma das celebridades colocar um anel em seu dedo.

— Só porque você não conseguiu, não significa que ninguém mais pode,

— eu rosno.

Aida nos interrompe.

— Por mais emocionante que seja, acho que vou buscar um pouco de comida.

Ela passa por nós, deixando-nos sozinhos.

Sem Aida, a tensão se dissipa e fico irritado por estar até mesmo conversando com Oliver, ficando ainda mais irritado com o fato de que ele aparentemente namorou minha falsa noiva. Por que eu deveria me importar com quem Aida namorou antes de mim? Ela poderia ter arrebentado todo o time titular do Bears, e o que isso importaria? Nosso acordo é de negócios, nada mais.

Ainda assim, fico puto quando Oliver diz: — Boa sorte, Griffin. Ela é viva.

— Eu duvido que você saiba porra alguma sobre o que ela é ou não é, — eu estalo para ele.

Oliver levanta as mãos em um pedido de desculpas simulado.

— Claro, claro, — ele diz. — Aposto que você tem isso totalmente sob controle.

Ele está me dando um sorriso malicioso, como se mal pudesse esperar para ver como Aida vai acabar com a minha vida.

Infelizmente, acho que ele pode estar certo.

Eu vou encontrar Riona – ela vai saber o que significa isso.

— Você conhece Oliver Castle? — Eu pergunto a ela.

— Sim, — ela diz, prendendo uma mecha de seu cabelo ruivo brilhante. Ela está com o telefone na mão, checando e-mails de trabalho entre as

socializações. Riona se formou em direito, principalmente para provar que sim, eu acho. Agora ela trabalha para a empresa que cuida de todos os nossos interesses comerciais.

— Castle namorou Aida? — Eu pergunto a ela.

Riona levanta as sobrancelhas para mim. Elas são tão vermelhas quanto seu cabelo.

— *Sim*, — ela diz, como se eu perguntasse se o sushi é feito de arroz. — Eles namoraram por mais de um ano. Ele estava *obcecado* por ela. Completamente louco, fazendo papel de bobo, mal trabalhando, perseguindo-a em todos os lugares que ela ia. Ela foi para Malta de férias, ele largou o emprego no meio de uma grande aquisição e correu atrás dela. O pai dele ficou furioso.

— Então o que aconteceu?

— Ela o largou do nada. Ninguém conseguiu descobrir. Oliver é um bom partido – ele é filho único, vai herdar toda a Keystone Capital. Além disso, ele é bonito, charmoso o suficiente... e ela simplesmente deu um fora nele, não contou a ninguém o motivo.

— Bem, ele é um idiota de merda, para começar, — eu digo.

Riona me encara.

— Isso é *ciúme*? — Ela diz, em descrença.

— Não, — eu franzo a testa para ela. — Só não gosto de saber que minha *noiva* namorou aquele macaco. Este é o problema de se casar com a porra de uma estranha!

— Abaixe sua voz, — Riona diz friamente. — Nenhum de nós gosta disso, mas como nossos pais aparentemente enlouqueceram, temos que tirar o melhor

proveito disso.

Pelo menos Riona está do meu lado.

É uma pena que meu pai sempre nos coloque um contra o outro, porque eu a respeito. Ela é disciplinada, trabalhadora, inteligente. Mas ela está sempre beliscando meus calcanhares, esperando que eu falhe para que ela possa tomar meu lugar.

Bem, isso não vai acontecer. Estou superando isso, não importa quantos idiotas de fundos fiduciários Aida tenha namorado antes de mim.

— Escute, — digo a Riona. — Eu tenho que me dar bem com Madeline Breck. Você pode fazer algum tipo de acordo com Callahan?

Eu explico tudo para ela.

William Callahan é o chefe de polícia do meu distrito. Seria melhor se eu conseguisse o superintendente de toda a cidade do meu lado, mas é um começo, pelo menos. Para mostrar a Madeline Breck que tenho influência sobre a polícia.

Riona escuta, seu rosto cético.

— É uma venda difícil, — diz ela.

— Tente, pelo menos, — eu peço.

Riona acena com a cabeça, decidida. Essa é a perfeccionista nela. Ela não pode recusar uma tarefa.

Ela sai para falar com Callahan novamente, e Dante Gallo toma seu lugar ao meu lado. Ele tem um daqueles rostos que sempre parecem com a barba por fazer, sombras escuras ao redor dos lábios e queixo largo. Ele tem um aspecto brutal e rude e uma estrutura volumosa. Curvado e defensivo, como um lutador. Não estou intimidado por ele – não sou intimidado por ninguém. Mas se eu

tivesse que enfrentar um dos irmãos de Aida, não gostaria que fosse Dante.

Já sei por que ele veio aqui falar comigo.

Como previsto, Dante me olha nos olhos e diz: — Meu pai pode estar entregando Aida para vocês, mas não pense por um segundo que estamos esquecendo dela. Ela é minha irmãzinha. E se você colocar um dedo sobre ela de uma forma que ela não goste...

— Poupe isso, — eu o interrompi. — Não tenho intenção de abusar de Aida.

— Bom, — Dante rosna.

Mas agora sou eu quem dá um passo mais perto dele.

— Deixe-me dizer uma coisa, no entanto. Quando ela disser esses votos para mim, ela se torna minha esposa. Ela vai pertencer a mim. E o que acontece com ela não é mais da sua conta. Ela responde para mim. O que se passa entre nós é problema meu, não seu.

Os ombros de Dante se contraem ainda mais. Ele aperta dois punhos do tamanho de toranjas.

— Ela sempre será da minha conta, — ele rosna.

— Não sei com o que você está preocupado. Tenho certeza de que ela pode cuidar de si mesma.

Dante faz uma careta.

— Sim, ela pode, — diz ele. — Mas isso não significa que ela seja inquebrável.

Eu olho através da sala onde Aida está falando com Nero. Ele

aparentemente não fechou o negócio com a bartender, e Aida parece estar zombando dele. Enquanto eu assisto, ela joga a cabeça para trás e ri, tão alto que eu posso ouvir daqui. Nero franze a testa e dá um soco forte no ombro dela. Aida apenas ri com mais força, sem pestanejar.

— Ela vai ficar bem, — eu digo a Dante.

Ele balança a cabeça para mim, olhos escuros e sérios.

— Trate-a com respeito, — diz ele de forma ameaçadora.

— Se preocupe com o seu lado da família, — digo a ele friamente. — Se estamos acorrentados juntos, vocês fodidos selvagens precisam aprender a agir civilizadamente. Eu vou matar cada um de vocês antes de os deixar nos arrastar para baixo.

— Contanto que nos entendamos, — diz Dante.

Ele se vira e sai pisando duro. Procuro outra bebida.

Na última semana, tive o suficiente dos Gallos para uma vida inteira. E estamos apenas começando nosso novo relacionamento “estreito”.

Dante pode pegar sua proteção de irmão mais velho e enfiá-la em seu traseiro.

Ele acha que Aida tem algum lado vulnerável?

Eu duvido.

Ela é um animal, assim como seus irmãos.

O que significa que ela precisa ser quebrada.

Oliver não foi capaz de domesticá-la – ela passou por cima dele. Fez dele um tolo, publicamente. Bem, ela não vai fazer isso comigo. Se Aida é uma

rocha, então sou a porra do oceano. E eu vou bater contra ela, mais e mais, desgastando-a, uma pedra de cada vez. Até eu quebrá-la e engoli-la inteira.

9

Aida

Toda a próxima semana foi perdida em um planejamento idiota de casamento. Imogen Griffin está lidando com a maior parte, porque os Griffin são loucos por controle e minha família não dá a mínima para o que o casamento parece. Ainda assim, ela espera que eu aprove os arranjos dos assentos, flores e planos de refeição como se eu me importasse com isso.

Passar um tempo com a família de Callum é bizarro. Ainda não consigo evitar a sensação de que eles vão pular em mim a qualquer momento que eu estiver sozinha com eles. No entanto, há um faz-de-conta entre nós, onde eles fingem que tudo isso é genuíno, e eu devo jogar junto, como se eu fosse na verdade uma noiva ruborizada e sua nora.

Eu não consigo entender Imogen. Por fora, ela se parece com a típica socialite rica: loira, perfeitamente penteada, sempre falando em tons refinados. Mas posso dizer que ela é inteligente e suspeito que ela está muito mais envolvida nos negócios dos Griffin do que deixa transparecer.

O casamento será pequeno, já que acontecerá tão rápido, mas ela ainda insiste que preciso de um vestido adequado. É por isso que estou em Bella Bianca, experimentando vestidos de noiva na frente de Nessa, Riona e Imogen.

Não tenho nenhum membro feminino da família para convidar, não que eu queira envolvê-los nesta farsa, de qualquer maneira.

Nessa é a mais animada, puxando vestido após vestido para eu experimentar, em seguida, batendo palmas e gritando por todos. Eles são todos

vestidos de princesa fofos e vestidos de baile, ridiculamente exagerados como um desenho animado trazido à vida. Metade do tempo me perco no tule, e Nessa tem que puxar para baixo as várias camadas e virar tudo ao redor e me segurar na posição vertical.

Mesmo que eu odeie cada um deles, não posso deixar de rir de sua energia contagiante. Ela é tão doce com seus grandes olhos castanhos e bochechas rosadas.

— Por que você não experimenta também? — Eu pergunto a ela.

— Oh, não, — ela balança a cabeça, corando forte o suficiente para afogar suas sardas. — Eu não poderia fazer isso.

— Por que não? Há um milhão deles. Vai ser muito mais rápido se você me ajudar.

— Bem...

Posso ver que ela está morrendo de vontade de fazer isso. Enfio um dos vestidos mais fofos em seus braços.

— Venha, vamos ver.

Nessa vai se trocar. Suspirando de resignação, coloco o vestido número sessenta e sete. Ele pesa cerca de 45 quilos e tem uma cauda mais longa do que a da princesa Diana.

Nessa sai parecendo a dançarina que é, o pescoço esguio erguendo-se do corpete do vestido, a saia fofa como um tutu.

— O que você acha? — Ela diz, girando no estrado elevado. Agora ela parece uma daquelas bailarinas de caixa de música

— Acho que você é quem deveria se casar, — digo a ela. — Combina

muito melhor com você.

Estendo minhas mãos para que possamos dançar juntas. Nossas saias são tão grandes que temos que nos curvar para alcançarmos uma a outra. Nessa cai do estrado, aterrissando ilesa na enorme baforada de sua própria saia. Nós duas começamos a rir.

Riona nos observa, sem sorrir.

— Depressa, — ela estala. — Não tenho o dia todo para gastar com isso.

— Basta escolher um, então, — eu grito de volta para ela. — Eu não dou a mínima para qual vestido eu uso.

— É o seu vestido de noiva, — Imogen diz, em sua voz calma e culta. — Tem que falar com você. Tem que ressoar. Então, algum dia, você pode passá-lo para sua própria filha.

Meu estômago dá uma guinada. Ela está falando sobre uma filha fictícia que devo ter com Callum Griffin. A ideia de andar por aí grávida de seu bebê me faz querer arrancar esta saia e correr para fora da loja. Este lugar está cheio de tanto tule branco puro, contas, lantejoulas e rendas que eu mal posso respirar.

— Eu realmente não me importo, — digo a Imogen. — Eu não gosto muito de vestidos. Ou roupas em geral.

— Isso é óbvio, — Riona diz asperamente.

— Sim, — eu estalo, — Eu não me visto como Barbie Corporativa. A propósito, como isso funciona para você? Seu pai deixa você fazer anotações sobre as reuniões dele ou você apenas fica aí parecendo bonita?

O rosto de Riona fica tão vermelho quanto seu cabelo. Imogen interrompe antes que Riona possa retrucar.

— Talvez algo um pouco mais simples atraia você, Aida.

Imogen gesticula para a atendente, solicitando vários vestidos por número e nome de estilista. Ela obviamente fez sua pesquisa antes de vir. Eu não me importo com o que ela escolheu. Eu só quero que isso acabe. Nunca fechei tantos zíperes em minha vida.

Não sei o que aconteceu com o vestido da minha mãe. Mas eu sei como era – tenho uma foto dela no dia do casamento. Ela está sentada em uma gôndola em Veneza, bem na proa do barco, a longa cauda de renda arrastando-se sobre a proa, quase tocando a água verde-claro. Ela está olhando diretamente para a câmera, altiva e elegante.

Na verdade, um dos vestidos que Imogen selecionou é um pouco parecido com o da minha mãe – mangas soltas caindo sobre os ombros. Corpete justo com decote em coração. Renda antiquada, mas sem enchimento. Apenas linhas suaves e simples.

— Eu gosto deste, — eu digo hesitantemente.

— Sim, — Imogen concorda. — Esse off-white combina com você.

— Você está deslumbrante, — diz Nessa.

Mesmo Riona não tem nada depreciativo a dizer. Ela apenas levanta o queixo e assente.

— Vamos encerrar então, — eu digo.

A atendente pega o vestido, preocupada com o fato de não termos tempo de alterá-lo antes do casamento.

— Se encaixa bem, — eu asseguro a ela.

— Sim, mas se você pegar um pouco antes do busto...

— Eu não me importo, — eu digo, empurrando-o em seus braços. — É bom o suficiente.

— Eu reservei garotas para fazer seu cabelo e maquiagem na manhã do casamento, — Imogen me disse.

Isso parece muito mais barulho do que o necessário, mas me forço a sorrir e acenar. Não vale a pena lutar – haverá muitas coisas para discutir mais tarde.

— Callum reservou um dia no spa para você também, um dia antes do casamento, — diz Imogen.

— Isso realmente não é necessário, — digo a ela.

— Claro que é! Você vai querer relaxar e ser mimada.

Não gosto de relaxar ou ser mimada.

É assim que Imogen Griffin consegue o que quer, tenho certeza – dizendo a você como vai ser com um tom leve e um sorriso educado no rosto. Agir como qualquer resistência seria o cúmulo da grosseria, então você tem vergonha de ir contra.

— Estou ocupada, — digo a ela.

— Já está reservado, — diz Imogen. — Mandarei um carro às nove para buscá-la.

Estou prestes a dizer, *não estarei lá,* mas me forço a respirar fundo e engolir a rebeldia instintiva. É apenas um dia de spa. Eles estão tentando ser legais, de seu jeito agressivo e meticuloso.

— Obrigada, — eu digo com os dentes cerrados.

Imogen me dá um sorriso tenso.

— Você será a noiva perfeita, — diz ela.

Parece mais uma ameaça do que um elogio.

Cada dia está passando mais rápido do que o anterior. Quando faltavam duas semanas para o casamento, parecia uma vida inteira. Como se qualquer coisa pudesse acontecer no meio para cancelar.

Mas agora faltam apenas três dias. Depois dois. Então, está realmente acontecendo amanhã, e estou esperando do lado de fora da minha casa pelo estúpido carro de Imogen me pegar, para me levar a algum dia de spa que eu não quero e nem preciso.

Eu sei que eles querem me depenar e esfoliar-me e remover todas as minhas arestas, fazendo-me uma pequena esposa lisa e macia para o rebento de sua família. O grande Callum Griffin. Ele é o JFK deles, e eu deveria ser a Jackie Kennedy.

Prefiro ser Lee Harvey Oswald.

Ainda assim, reprimo toda a minha irritação e deixo o motorista me levar a um spa chique na Walton Street.

Não é tão ruim para começar. Callum realmente reservou os trabalhos. As esteticistas molham meus pés e pintam meus dedos das mãos e dos pés. Elas me fizeram sentar em um banho de lama gigante com um tipo completamente diferente de lama em todo o meu rosto. Em seguida, colocaram um pouco de condicionador no meu cabelo e, depois que tudo isso teve tempo de penetrar, elas o lavaram e depois me lubrificaram como um peru de Ação de Graças. Cobriram-me com pedras quentes, então as tiram novamente e começam a esfregar e bater cada centímetro do meu corpo.

Já que não dou a mínima por estar nua, essa é minha parte favorita. Eu

tenho duas mulheres com suas quatro mãos em cima de mim, esfregando e massageando e trabalhando cada nó muscular induzido pelo estresse que está enterrado no meu pescoço, minhas costas, até mesmo meus braços e pernas. Vendo que Callum é quem deu início a esse estresse em primeiro lugar, acho que é justo que ele pague para eliminá-lo novamente.

É tão relaxante que começo a adormecer, embalada pelas mãos das mulheres na minha pele e pelos falsos sons do oceano saindo pelos alto-falantes.

Eu acordo com uma dor cegante na região da virilha. A esteticista está em pé sobre mim, segurando uma tira de cera com os pelos que costumavam ficar presos ao meu corpo.

— Que porra é essa? — Eu grito.

— Pode doer um pouco, — ela diz em um tom completamente antipático.

Eu olho para baixo para as minhas partes femininas, que agora está completamente careca no lado esquerdo.

— Que diabos está fazendo? — Eu grito com ela.

— Depilação brasileira, — ela diz, batendo em outra tira de cera do lado direito.

— Ei! — Eu bato em sua mão. — Eu não quero uma maldita brasileira! Eu não quero ser depilada.

— Bem, estava na lista de serviços, — ela pega sua prancheta e a entrega para mim, como se isso fosse acalmar o fogo nas partes recém carecas e terrivelmente sensíveis da minha virilha.

— Eu não fiz a maldita lista de serviços! — Eu grito, jogando a prancheta no chão. — E eu não quero que você pratique suas técnicas de tortura na minha

virilha.

— A cera já está pronta, — diz ela, apontando para a tira que acabou de colocar. — Tem que sair, de uma forma ou de outra.

Tento erguer a ponta da tira, mas ela está certa. Já está bom e grudado no pouco cabelo que me restou. A esteticista olha para mim com zero de simpatia em seus frios olhos azuis. Acho que essas mulheres gostam de infligir dor. Eu podia facilmente vê-la trocando seu avental branco por um espartilho de couro e chicote de montaria.

— Tire isso, então, — eu digo mal-humorada.

Com um puxão rápido, a esteticista arranca a tira, deixando outra tira de pele rosada e lisa.

Eu grito e solto uma série de palavrões, alguns em inglês e alguns em italiano. A esteticista nem mesmo recua. Tenho certeza que ela ouviu tudo.

— Tudo bem, isso é o suficiente! — Eu digo.

— Você não pode deixar assim, — ela diz, franzindo o nariz.

Cazzo! Tenho cerca de dois terços da minha boceta depilada, com pequenas manchas de cabelo em lugares estranhos. Parece horrível *pra* caralho. Eu não ligo para o interesse de Callum, mas não quero ter que olhar para isso por semanas até que cresça novamente.

Eu não posso acreditar em sua coragem, reservando uma depilação junto com tudo mais. Ele acha que já é dono da minha boceta? Ele acha que pode decidir como ficará?

Eu deveria esperar até que ele dormisse, então colocar cera quente em suas bolas. Dar a ele um gostinho de seu próprio remédio.

Severamente, eu digo, — Tudo bem. Termine.

São necessárias mais três tiras e muito mais palavrões para tirar o pelo restante. Quando terminam, fico completamente careca, o ar frio me tocando como nunca antes.

É humilhante *pra* caralho. É... qualquer que seja a versão feminina de "castrador". Estou como Sampson[19]. Callum roubou meu cabelo e me despojou de meu poder.

Vou vingar-me dele por isso, aquele fingido, pervertido fodido. Ele acha que pode depilar minha boceta sem consentimento? Ele nem sabe o que está começando.

As esteticistas voltam a me massagear, mas estou furiosa.

Já estou planejando todas as maneiras de tornar a vida de Callum um inferno.

10

Callum

É o dia do meu casamento.

Não é nada como imaginei, mas nunca passei muito tempo imaginando um casamento. Eu esperava que isso acontecesse eventualmente, mas nunca dei a mínima para isso.

Já namorei muitas mulheres – quando era conveniente. Sempre tive meus próprios planos, meus próprios objetivos. Qualquer mulher tinha que se encaixar nisso, ou eu a soltaria assim que ela se tornasse mais problemática do que valia.

Na verdade, eu estava namorando alguém quando meu pai combinou tudo isso com os Gallo. Charlotte Harper e eu estávamos juntos há cerca de três meses. Assim que descobri que estava "noivo" liguei para ela para terminar. E eu senti... nada. Eu realmente não me importava se visse Charlotte de novo ou não. Não há nada de errado com ela – ela é bonita, talentosa e bem relacionada. Mas quando termino com uma mulher, sinto o mesmo de quando jogo fora um par de sapatos velhos. Eu sei que vou encontrar um novo em breve.

Desta vez, o novo é Aida Gallo. E devo amá-la, cuidar dela e protegê-la até o fim de seus dias. Não tenho certeza se posso fazer qualquer uma dessas coisas, exceto talvez mantê-la segura.

Aqui está uma coisa que eu sei: não vou tolerar essa porra de absurdo quando nos casarmos. É como meu pai fala: ela precisa ser treinada. Não vou ter uma esposa selvagem e desobediente. Ela aprenderá a me obedecer, de uma forma ou de outra. Mesmo se eu tiver que reduzi-la a pó sob meus pés.

Eu sorrio um pouco, pensando em seu “dia de spa” ontem. O objetivo disso, obviamente, era deixá-la pronta para esta noite. Eu devo consumar o casamento, e eu não vou transar com uma maltrapilha bagunçada em chinelos e shorts jeans. Espero que ela esteja devidamente arrumada, da cabeça aos pés.

Eu amo a ideia de ela ser preparada, limpa e depilada de acordo com minhas especificações. Como uma bonequinha, construída do jeito que eu gosto.

Já tomei banho e fiz a barba, então agora é hora de colocar meu smoking. Mas quando verifico o gancho no armário onde espero que esteja pendurado, não há nada lá.

Chamo Marta, uma funcionária da casa.

— Onde está meu smoking?

— Sinto muito, Sr. Griffin, — diz ela nervosamente. — Fui buscá-lo na loja, como você disse, mas me disseram que o pedido havia sido cancelado. Em vez disso, uma caixa foi enviada aqui, da Srta. Gallo.

— Uma caixa?

— Sim, devo trazer isso?

Espero impacientemente na porta enquanto Marta sobe as escadas correndo, uma grande caixa de roupas quadrada nas mãos.

O que diabos é isso? Por que Aida está fodendo com meu smoking?

— Deixe isso, — eu digo para Marta. Ela pousa a caixa com cuidado no meu sofá.

Eu espero até ela ir embora, então eu abro.

No topo está um envelope, com a caligrafia bagunçada que só posso

presumir pertencer à minha noiva. Eu rasgo, retirando um bilhete:

Querida noivo,

Foi tão gentil de sua parte ver toda a minha preparação pré-casamento ontem. Que experiência estimulante e inesperada!

Decidi retribuir o favor com um presente próprio – um pequeno pedaço da minha cultura para o dia do seu casamento.

Tenho certeza que você me dará a honra de usar isso em nossa cerimônia de casamento. Receio não poder dizer meus votos sem esta lembrança de casa.

Para sempre sua,

Aida

Não posso deixar de rir DE sua descrição do spa. Mas meu sorriso congela no meu rosto quando eu puxo o papel de seda e vejo o smoking que ela espera que eu use.

Parece uma porra de traje de palhaço. Feito de cetim marrom brilhante, é coberto com bordados extravagantes nos ombros, lapelas e até nas costas da jaqueta. É um terno de três peças completo com colete, sem mencionar um lenço de bolso de renda e gravata. A única pessoa que consigo imaginar usando isso é Liberace[20].

Minha mãe entra apressada no quarto, parecendo nervosa. Posso ver que ela já está vestida com um elegante vestido de coquetel verde-salva, seu cabelo um suave, pálido chapéu e brincos de ouro de bom gosto pendurados em seus lóbulos.

— O que você está fazendo? Por que você não está vestido? — Ela diz, quando me vê ali parado com uma toalha amarrada na cintura.

— Porque eu não tenho meu smoking, — eu digo a ela.

— O que é isso?

Eu me afasto para que ela possa ver. Ela puxa a gravata de renda, segurando-a com desagrado entre o indicador e o polegar.

— Um presente da minha futura noiva, — digo, estendendo o cartão.

Minha mãe lê de relance. Ela franze a testa e diz: — Ponha.

Eu solto uma risada.

— Você tem que estar brincando.

— Faça! — Ela diz. — Não temos tempo para arrumar outro smoking. E não vale a pena explodir tudo isso por causa de um terno.

— Isto não é um terno. É uma porra de humilhação.

— Eu não me importo! — Ela diz bruscamente. — É um casamento pequeno. Quase ninguém vai ver.

— Não vai acontecer.

— Callum, — ela se encaixa. — Chega. Você terá mais cem batalhas para lutar com Aida. Você precisa escolher aquelas que são importantes. Agora mexa-se, precisamos sair em seis minutos.

Inacreditável. Achei que ela perderia a cabeça com isso, apenas pelo modo como o marrom não combinava com seu esquema de cores creme, oliva e cinza cuidadosamente selecionado.

Visto o traje ridículo, quase engasgando com o cheiro de naftalina. Nem quero saber de onde Aida desenterrou isso. Provavelmente seu bisavô foi enterrado nele.

O importante é como vou puni-la por isso.

Ela cometeu um erro grave, cutucando o urso uma e outra vez. É hora de eu acordar e lhe dar um bom tapa.

Ela vai receber o que merece para ela esta noite.

Assim que estou vestido, desço as escadas correndo para a limusine que está esperando. Aquela que levava minha mãe e minhas irmãs já foi embora – somos apenas eu e meu pai nesta.

Ele levanta uma sobrancelha para o meu terno, mas não diz nada. Minha mãe provavelmente já o informou.

— Como você está se sentindo? — Ele me pergunta secamente.

— Fantástico, — eu digo. — Não dá para ver?

— Sarcasmo é a forma mais inferior de humor, — ele me informa.

— Eu pensei que eram trocadilhos.

— Isso será bom para você, Cal. Você não pode ver agora, mas será.

Eu cerrei meus dentes, imaginando descontar cada uma das minhas frustrações na bunda apertada de Aida esta noite.

Eu me sinto um sacrilégio ao entrar na igreja – como se Deus pudesse nos derrubar por esta união profana. Se Aida me irritar o suficiente, vou mergulhá-la na água benta e ver se isso a incendeia.

É fácil ver qual lado do corredor é o meu e qual é o de Aida – todos

aqueles italianos de cabelos escuros e encaracolados versus os tons de crina de cavalo dos irlandeses: loiro, vermelho, cinza e moreno.

Os padrinhos são irmãos de Aida, as damas de honra são minhas irmãs. Temos números iguais porque apenas Dante e Nero estão de pé – Sebastian está sentado na primeira fila em uma cadeira de rodas, o joelho ainda volumoso da bandagem sob a calça.

Não sei se ele realmente precisa da cadeira de rodas ou se é apenas um 'foda-se' do meu lado da família, mas mesmo assim sinto uma pontada de culpa. Eu afasto isso, pensando que os Gallos têm sorte de terem saído tão facilmente.

O vestido verde-claro das damas de honra fica bem em Riona, mas não Nessa – isso a deixa pálida e um pouco doente. Ela não parece se importar. Ela é a única sorrindo no altar. Dante e Riona estão se encarando, e Nero está olhando para Nessa com uma expressão de interesse que me deixa a cerca de cinco segundos de envolver meus dedos em sua garganta. Se ele disser uma palavra a ela, vou esmagar seu lindo rosto.

A igreja está cheia do cheiro forte de peônias de cor creme. O padre já está de pé no altar. Estamos apenas esperando por Aida.

A música começa e, após uma pausa, minha noiva vem caminhando pelo corredor.

Ela está usando um véu e um vestido de renda simples que segue atrás dela. Ela tem um buquê em uma das mãos, mas o deixa pendurado na coxa, usando a outra mão para segurar a saia do vestido. Não consigo ver o rosto dela por trás do véu, o que me mostra mais do que nunca que vou me casar com uma estranha. Pode haver qualquer uma lá embaixo.

Minha noiva para na minha frente. Eu levanto o véu.

Vejo sua pele macia e bronzeada e seus olhos cinza claros, com cílios pesados. Tenho que admitir, ela está linda. A revelação de seu rosto mostra como essas características realmente são adoráveis, quando não estão distorcidas em alguma expressão demoníaca.

Não dura muito – assim que ela consegue uma visão desimpedida do meu terno, seu rosto se ilumina com uma alegria maliciosa.

— Você está *incrível*, — ela sussurra, rindo.

— Eu vou te devolver, — eu a informo calmamente.

— Eu já estava *te* devolvendo por aquela merda que você fez no spa, — ela sibila de volta para mim.

O padre pigarreia, querendo iniciar a cerimônia.

— Quando você estiver casada comigo, espero que você se mantenha em todos os momentos, — eu a informo.

— A PORRA que eu vou, — Aida rebate, alto o suficiente para fazer o padre pular.

— Algum problema? — Ele diz, franzindo a testa para nós.

— Nenhum problema. Comece a cerimônia, — eu ordeno.

Aida e eu continuamos a xingar um ao outro em murmúrios, enquanto o padre monitora seus votos.

— Se você acha que eu vou ser uma pequena estrela pornô para você...

— São apenas padrões mínimos...

— Sim, certamente eram *mínimos*...

Nós nos interrompemos quando percebemos que o padre está olhando para nós.

— Callum Griffin e Aida Gallo, vocês vieram aqui livremente e sem reservas para se darem um ao outro em casamento? — Ele diz.

— Sim, — eu respondo com raiva.

— Ah, sim, — diz Aida, no tom de voz que meu pai classificaria como “a forma mais inferior de humor”.

— Vocês vão honrar um ao outro como marido e mulher pelo resto de suas vidas?

— Sim, — eu digo, após um momento de hesitação. O resto de nossas vidas é muito tempo *pra* caralho. Eu não quero imaginar isso agora.

— Sim, — Aida diz, olhando para mim como se ela planejasse tentar fazer o resto da MINHA vida o mais curto possível.

— Vocês aceitarão amorosamente os filhos de Deus e os criarão de acordo com a lei de Cristo e sua igreja?

— Sim, — eu digo.

Eu engravidaria Aida naquele segundo, puramente por causa de como isso a deixaria furiosa. Essa seria uma maneira de domar a fera.

Aida já parece tão aborrecida que acho que ela não vai responder à pergunta. Finalmente, através dos lábios rígidos, ela murmura: — Sim.

— Então diga seus votos, — o padre instrui.

Pego as mãos de Aida e aperto-as com toda a força, tentando fazê-la estremecer. Ela teimosamente define o rosto, recusando-se a reconhecer a

pressão em seus dedos.

— Eu, Callum, aceito você, Aida, para ser minha esposa. Prometo ser fiel a você nos momentos bons e nos maus, na saúde e na doença. Eu vou te amar e te honrar todos os dias da minha vida.

Eu digo as palavras rapidamente, tendo-as memorizado no caminho de carro.

Aida me olha por um momento, seus olhos cinza, mais sérios do que o normal. Então, em um tom neutro, ela repete os votos de volta para mim.

— Eu os declaro marido e mulher, — diz o padre.

É isso aí. Estamos casados.

Aida levanta os lábios para um beijo casto.

Para mostrar a ela quem manda, eu a agarro pelos ombros e a beijo com força, forçando minha língua em sua boca. Seus lábios e língua têm um gosto doce. Picante e fresco. Como algo que não provava há muito tempo...

Morangos.

Já posso sentir minha língua ficando dormente. Minha garganta começa a inchar, minha respiração saindo em um assobio.

A igreja gira em torno de mim em um caleidoscópio de cores, enquanto eu caio no chão.

Essa porra de CADELA!

11

Aida

Meu marido passa a noite na sala de emergência. Acho que a alergia ao morango era muito séria, afinal. Não compensa as semanas que Sebastian passou no hospital, ou os meses de reabilitação e a perda de sua temporada de basquete, mas é algo pelo menos.

Também me permite pular a farsa das fotos do casamento, do jantar, da dança e de todas as outras bobagens das quais não queria participar. Já era ruim ter que contar todas aquelas mentiras em uma igreja, na frente de um padre. Não sou religiosa, mas isso não tornou as coisas melhores. O piedoso absurdo era a cereja do sundae de merda.

Callum e eu deveríamos ir ao Four Seasons para consumar nossa união, mas isso é outra coisa que acaba não acontecendo. Em vez disso, subo para a suíte de lua de mel sozinha para tirar os sapatos, largar o vestido de renda que coça e pedir serviço de quarto o suficiente para que o concierge pareça muito preocupado quando digo que só preciso de um garfo.

Em suma, é uma noite muito gloriosa. Tento todo tipo de bolo do cardápio, enquanto assisto episódios antigos de *Law and Order* e *Project Runway*.

A manhã não é tão alegre. Tenho que fazer as malas e dirigir até a mansão dos Griffin no lago. Porque é onde vou morar agora. Essa é minha nova casa.

Sinto-me profundamente amarga em relação a meu pai e irmãos enquanto subo no táxi. Eles estão em casa, na casa em que nasci, o lugar onde vivi todos os dias da minha vida. Eles podem ficar lá, cercados pela família, enquanto eu

tenho que marchar direto para a cova dos leões. Tenho que viver no meio de meus inimigos pelo resto da minha vida. Cercada por pessoas que me odeiam e não confiam em mim. Nunca verdadeiramente confortável. Nunca realmente segura.

A mansão Griffin parece brilhante e formidável quando eu puxo para cima. Eu odeio o gramado perfeitamente cuidado e as janelas cintilantes. Eu odeio como tudo em suas vidas tem que ser tão perfeito, tão sem alma. Onde estão as árvores crescidas demais ou os arbustos que você planta porque ama o cheiro das flores?

Se você me dissesse que o jardim deles estava cheio de plantas de plástico, eu não ficaria surpresa. Tudo o que fazem é pela aparência, nada mais.

Tipo, como Imogen Griffin está na porta para me cumprimentar. Eu sei que ela não dá a mínima para mim, exceto em como vou ajudar a promover a carreira do filho dela e talvez dar-lhe netos.

Com certeza, assim que entro, a máscara cai.

— Foi uma façanha que você fez, — ela diz através dos lábios pálidos. — Suponho que você sabia que ele era alérgico.

— Eu não sei do que você está falando, — eu digo.

— Não me insulte. — Seus olhos perfuraram os meus, acesos com um fogo azul. — Você poderia tê-lo matado.

— Olha, — digo, — não sabia que ele era alérgico. Eu não sei nada sobre ele. Somos estranhos, lembra? Podemos estar casados hoje, mas sinto o mesmo de ontem – como se mal conhecesse vocês.

— Bem, aqui está algo que você deveria saber sobre mim, — Imogen diz, sua voz mais afiada do que as mulheres do Country Club já ouvira. — Enquanto

você for parte desta família, eu vou te ajudar e te proteger. Mas todos aqui fazem sua parte. Trabalhamos juntos para a melhoria de nosso império. Se você ameaçar o que estamos construindo, ou colocar em perigo alguém da família, quando deitar a cabeça naquela noite, nunca mais a levantará. Você me entende?

Ah. Essa é a Imogen Griffin que eu estava procurando. O aço por trás da socialite.

— Eu entendo o conceito de lealdade familiar, — digo a ela.

Ver-me como parte da família Griffin – isso é outra coisa.

Imogen me encara por mais um minuto, então acena com a cabeça.

— Vou lhe mostrar o seu quarto, — ela diz.

Eu a sigo pela escada ampla e curva para o nível superior.

Já estive aqui uma vez. Já sei o que fica à esquerda: os quartos das meninas e a suíte máster pertencente a Imogen e Fergus.

Imogen vira à direita em vez disso. Passamos pela biblioteca, que não dá nenhum indício de ruína enfumaçada. Não consigo resistir a espiar lá dentro. Parece que Imogen já renovou, trocando o carpete e repintando as paredes. Elas são azuis claros agora, com venezianas nas janelas em vez de cortinas. Até a lareira foi renovada, com uma nova fachada de pedra branca e um gabinete de vidro para a grelha.

— Chega de acidentes, — diz Imogen secamente.

— Muito mais seguro, — concordo, sem saber se devo rir ou ficar envergonhada.

Caminhamos por um longo corredor para outra suíte privada, semelhante em tamanho à master. Quando Imogen abre as portas, eu percebo que estamos no

quarto de Callum. Tem exatamente o tipo de decoração masculina escura e atenção na ordem que eu esperaria dele. Cheira inteiramente a homem – colônia, loção pós-barba, sabonete e um toque de sua pele da cama que não foi dormida. Faz pequenos arrepios subirem em meus antebraços.

Eu esperava que os Griffins me dessem meu próprio quarto. Uma espécie de realeza nos velhos tempos, vivendo em suas suítes separadas. Achei que, na pior das hipóteses, Callum teria que me visitar à noite de vez em quando.

Mas, aparentemente, eles realmente esperam que dividamos um quarto. Dormir lado a lado naquela cama ampla e baixa. Escovar os dentes na mesma pia pela manhã.

Isso é muito estranho.

Callum e eu não tivemos uma conversa que não fosse furiosa ou ameaçadora. Como vou fechar meus olhos à noite?

— Tenho certeza de que há muito espaço para suas roupas, — diz Imogen, olhando minha pequena mala. — Seu pai vai mandar o resto de suas coisas?

— Sim, — eu digo.

São apenas algumas caixas. Eu não tenho muita coisa. Além disso, eu não queria trazer nada pessoal aqui. Meu minúsculo vestido de batizado, a aliança de casamento da minha mãe, velhos álbuns de fotos – tudo isso pode ficar no sótão da casa do meu pai. Não há razão para movê-los.

— Quando... Callum estará de volta? — Eu pergunto a Imogen hesitante.

— Ele está aqui agora, — diz ela. — Descansando na piscina.

— Oh. Ok.

Merda.

Eu esperava por um adiamento mais longo antes de vê-lo.

— Vou deixar você se instalar, — diz Imogen.

Não demorou muito para esconder meus artigos de higiene e roupas. Callum limpou cuidadosamente o espaço sob uma das pias do banheiro e na metade do enorme closet.

Ele realmente não precisava deixar um lado vazio. Minhas roupas parecem ridiculamente solitárias, balançando no espaço.

Não que Callum tenha tantas roupas. Ele tem uma dúzia de camisas brancas idênticas, três azuis, ternos que variam do carvão ao preto e um guarda-roupa casual uniforme semelhante. Suas roupas são penduradas com precisão robótica.

— Oh meu Deus, — eu sussurro, enquanto toco a manga de um dos três suéteres de cashmere cinza idênticos. — Eu me casei com um psicopata.

Depois de desempacotar, não há realmente mais nada a fazer, exceto procurar Callum.

Eu me esgueiro escada abaixo, perguntando-me se eu deveria me desculpar. Por um lado, ele merecia totalmente. Por outro lado, senti-me um pouco culpada quando todo o seu rosto começou a inchar e ele estava agarrando e arranhando a garganta.

Comi morangos a manhã toda, pensando que isso lhe daria urticária. Talvez estragasse algumas de nossas fotos estúpidas de casamento.

O efeito real foi muito mais dramático. Se Imogen Griffin não tivesse uma caneta de epinefrina escondida em sua bolsa Birkin, eu poderia ser uma viúva agora, em vez de uma esposa. Ela correu para o filho, enfiando a agulha destampada em sua coxa, enquanto Fergus chamava uma ambulância.

No entanto, quando chego ao deck da piscina, vejo que Callum parece completamente recuperado. Ele não está descansando, mas nadando. Seu braço corta a água como uma faca, gotas brilhantes brilhando em seu cabelo escuro. Seu corpo parece magro e poderoso enquanto ele mergulha na água, empurra-se contra a parede e dispara até metade do comprimento da piscina antes de ter que subir para respirar.

Sento-me em uma das espreguiçadeiras, observando-o nadar.

É realmente incrível quanto tempo ele consegue prender a respiração debaixo d'água. Acho que os Griffins devem ser parte golfinhos.

Eu o vejo nadar mais uma dúzia de voltas, só percebendo quanto tempo se passou quando ele para abruptamente, inclinando os braços na beira da piscina e sacudindo a água dos olhos. Ele olha para mim, fixando-me com uma expressão hostil.

— Aí está você.

— Sim. Aqui estou. Eu coloquei minhas coisas no seu quarto.

Eu não chamo de “nosso” quarto. Não parece nada disso.

Callum parece igualmente irritado com a perspectiva de compartilharmos um quarto.

— Não precisamos ficar aqui para sempre, — diz ele, rebelde. — Depois da eleição, podemos começar a procurar o nosso próprio lugar. Então podemos ter quartos separados, se você preferir.

Eu concordo. — Isso pode ser melhor.

— Eu vou terminar, — diz Callum, preparando-se para empurrar a parede novamente.

— Ok.

— Oh, mas uma coisa primeiro.

— O quê?

Ele acena para que eu me aproxime.

Ando até a beira da piscina, ainda distraída com a questão de se devo pedir desculpas ou não.

A mão de Callum dispara e se fecha em volta do meu pulso. Com um puxão, ele me puxa para baixo na água e envolve seus braços revestidos de ferro em volta de mim.

Estou tão surpresa que grito, deixando escapar um suspiro em vez de sugar. A água se fecha sobre a minha cabeça, mais fria do que eu esperava. Os braços de Callum me apertam com força, prendendo meus braços contra os lados do corpo para que eu não possa movê-los.

A piscina é muito funda para meus pés tocarem. O peso de Callum me arrasta para baixo como uma bigorna. Ele está me apertando como uma cobra, esmagando-me contra seu corpo.

Estou tentando me contorcer e lutar, mas não há nada contra o que chutar, e meus braços estão presos. Meus pulmões estão queimando, arfando, tentando me forçar a inalar, embora eu saiba que vou sugar um bocado de água clorada.

Meus olhos se abrem involuntariamente. Tudo o que posso ver é azul-petróleo brilhante, turbulento por causa de minhas lutas inúteis. Callum vai me matar. Ele vai me afogar agora. Esta é a última coisa que verei – a última gota do meu ar subindo à superfície em bolhas prateadas.

Estou me contorcendo, sacudindo, começando a ficar mole enquanto

manchas de tinta explodem na frente dos meus olhos.

Então ele finalmente me solta.

Eu estouro à superfície, ofegando e tossindo. Estou exausta de lutar com ele. É difícil me mover na água com o meu jeans e a camiseta molhados me puxando para baixo.

Ele se levanta ao meu lado, fora do alcance de meus braços agitados.

— Você – você, PORRA! — Eu grito, tentando acertá-lo.

— O que você acha de ter seu ar cortado? — Ele diz, olhando para mim.

— Vou alimentar você com cada merda de morango do estado! — Eu grito para ele, ainda engasgando com a água da piscina.

— Sim, você tenta isso. E da próxima vez vou amarrar a porra de um piano em suas pernas antes de jogá-la na piscina.

Ele nada para o outro lado e sai antes mesmo de eu chegar à borda.

Espero até que ele saia para me puxar para fora da piscina, encharcada e tremendo.

E pensar que ia me desculpar com ele.

Bem, eu aprendi minha lição.

Callum não sabe com quem está jogando. Ele pensou que eu baguncei a casa dele antes? Bem, eu moro aqui agora. Vou ver tudo o que ele faz, ouvir tudo. E usarei o que aprender para destruí-lo.

12

Callum

Eu entro na casa, meu corpo inteiro tremendo de raiva.

Que coragem daquela garota do caralho, aparecer aqui com sua mala como se ela não tivesse apenas tentado me matar. Como se eu não tivesse passado minha noite de núpcias no hospital com a porra de um tubo enfiado na minha garganta.

Ela me humilhou na frente de todos – primeiro com aquele terno, e depois me fazendo parecer fraco, frágil, totalmente patético.

Essa alergia é a coisa mais embaraçosa em mim. Isso me faz sentir como uma criança com óculos de fundo de garrafa e nariz escorrendo. Eu odeio que seja tão irracional. Eu odeio não poder controlar isso. Eu odeio ter uma vulnerabilidade tão ridícula.

Eu não sei como ela descobriu sobre isso, mas o fato de que ela descobriu e usou contra mim me deixa absolutamente furioso.

Então eu a puxei para baixo da água para dar a ela um gostinho de seu próprio remédio. Ver como ela se sente se agarrando e ofegando, indefesa contra a necessidade de respirar.

Isso me faz sentir melhor. Por um minuto.

Mas também me fez sentir outra coisa.

Seu corpo, torcendo e se contorcendo contra mim.

Não era para ser sexy. E, no entanto, meu coração está disparado por mais de um motivo...

— Cal, — meu pai chama quando passo pela porta da cozinha.

— O que.

Eu olho para a cozinha e o vejo sentado no balcão, comendo uma das refeições que o chef mantém preparadas na geladeira.

— Onde está Aida? — Ele diz.

— Na piscina, — digo a ele, cruzando os braços sobre o peito nu. Não me incomodei em pegar uma toalha, então estou pingando nos ladrilhos.

— Você deveria levá-la para algum lugar esta noite. Um bom jantar. Talvez um show.

— Com que propósito?

— Por causa do seu... acidente... ontem, você não fez uso da suíte de lua de mel.

— Estou ciente disso, — digo a ele, tentando manter o sarcasmo fora da minha voz.

— Você precisa fechar o negócio, por assim dizer. Você sabe que um casamento não é finalizado até que seja consumado.

— Então você quer que eu a foda esta noite, é esse o seu ponto?

Ele coloca o garfo ao lado do prato, fixando-me com um olhar frio.

— Não precisa ser grosseiro.

— Vamos chamar as coisas pelos nomes. Você quer que eu foda essa

garota, apesar do fato de que nos odiamos, apesar do fato de que ela tentou me matar ontem, porque você não quer que sua preciosa aliança se desfaça.

— Exatamente, — diz ele, pegando o garfo mais uma vez e arrancando uma uva de sua salada Waldorf. — E não se esqueça, esta não é *minha* aliança. Isso beneficia você mais do que ninguém.

— Certo, — eu digo amargamente. — Tem sido uma grande alegria até agora.

Eu subo as escadas, tirando meu calção de banho e ligando o chuveiro o mais quente que posso suportar. Demoro um bom tempo me ensaboando, lavando o cabelo, deixando a água bater em meus ombros.

Estou ciente de que devo “fazer de Aida minha esposa” em todos os sentidos da palavra, mas duvido que ela esteja com disposição para isso depois que eu quase a afoguei. Nunca fui de grandes gestos românticos, mas mesmo sob as interpretações mais liberais, não acho que *afogamento* conte como preliminares.

Na verdade, duvido que ela concorde em ir jantar comigo. O que está bom para mim. Ela provavelmente come com as mãos. Ela só me envergonharia se eu a levasse a um lugar legal.

Mesmo depois de ouvir Aida entrando no quarto, fico exatamente onde estou, aproveitando o banho quente. Ela pode ficar lá fora e tremer inteira por tudo que me importo.

Eu posso ouvi-la se movendo, mas não consigo ver o que ela está fazendo porque estou aqui há tanto tempo que o box de vidro do chuveiro está opaco com o vapor.

Então, fico surpreso quando Aida abre caminho para dentro,

completamente nua.

— Ei! — Eu digo. — Que porra você está fazendo?

— Tomando banho, obviamente, — ela diz. — Algum idiota me puxou para a piscina.

— Já estou aqui.

— Mesmo? — Ela diz, me fixando com um olhar impressionado. — Obrigada por me informar desse fato. Esse é o tipo de observação afiada e informação interna que certamente garantirá a você o assento de vereador.

— Sarcasmo é a forma mais inferior de humor, — digo a ela, no tom mais insuportável de meu pai.

— Ter aulas de humor com você seria como perguntar a um cachorro como fazer uma apendicectomia, — ela responde.

Ela me dá uma cotovelada para pegar o shampoo.

Seu braço nu roça meu estômago, e eu me torno perfeitamente ciente de que não nos vimos nus antes.

Estou acostumado com garotas que mantêm seus corpos tortuosamente magros por todos os meios necessários – dieta, pílulas, pilates e até intervenções cirúrgicas. Aida obviamente não se preocupa com nada disso. Pelo que tenho visto, ela come e bebe o que quiser e provavelmente não vê um tênis de corrida há anos. Como resultado, ela tem curvas, uma barriga macia e uma bunda grande.

Mas tenho que admitir... seu corpo é sexy *pra* caralho. Ela provavelmente odiaria me ouvir dizer isso, mas ela meio que tem aquele visual clássico de mulherão – como se eu pudesse colocar um biquíni de pele nela e ela seria

Raquel Welch em *One Million Years B.C.*[21]

Isso me deixa curioso como seria a sensação de agarrar um punhado daquela carne macia, vê-la montando em cima de mim. Para jogá-la ao redor e maltratá-la, sem me preocupar se ela vai quebrar como uma boneca de palito.

Sua pele morena lisa fica ainda melhor quando você pode ver mais dela. O banho quente está trazendo um rubor rosado para ela, especialmente em seu peito. Estou tentando não olhar para seus seios fartos e redondos, mas a forma como a espuma de sabão desliza pelo abismo entre eles é tão perturbadora...

A água quente escorre por seu corpo, até o delta entre as coxas, onde posso ver sua boceta recém depilada, completamente nua, parecendo mais macia do que veludo. O fato de estar depilada para mim, sob minhas instruções, é incrivelmente erótico para mim.

Aida é tão selvagem e rebelde. Obrigá-la a fazer qualquer coisa é uma façanha incrível. Ela está determinada a me irritar, fazer o oposto de tudo o que eu digo.

Quanto mais ela se rebela, mais eu quero controlá-la. Eu quero dobrá-la à minha vontade. Quero fazer com que ela faça tudo o que eu disser, para meu prazer...

Meu pau está ficando inchado e pesado entre minhas pernas. Eu vejo uma vibração dos cílios negros de Aida enquanto ela olha involuntariamente para baixo.

Ela rapidamente desvia o olhar novamente, enxaguando o shampoo do cabelo. Mas logo, seus olhos são atraídos de volta para o meu corpo.

Eu sei que estou em boa forma. Eu treino todas as manhãs, sessenta minutos de treinamento intenso com pesos, seguidos de trinta minutos de

aeróbico. Peço ao chef que me prepare refeições em macro porções, para garantir a ingestão perfeita de proteínas, carboidratos e gorduras. Tudo isso levou a um físico bem musculoso com um tanquinho sólido.

Os olhos de Aida permanecem sobre meu abdômen e o membro continua a inchar sob seu olhar. Está se destacando do meu corpo agora.

— Vê algo que você gosta? — Eu pergunto a ela.

— Não, — ela diz, teimosa como sempre.

— Sua mentirosa de merda.

Eu me aproximo dela, então meu pau ereto roça seu quadril nu. Minha coxa desliza entre as dela, escorregadia de sabão. Eu enfiei uma mão em seu cabelo escuro e espesso, envolvendo o cabelo molhado na palma da minha mão e, em seguida, puxando sua cabeça para trás para que ela tivesse que olhar para mim.

— Você fodeu nossa noite de núpcias, — digo a ela. — Você sabe que não somos realmente casados até dormirmos juntos.

— Eu sei disso, — ela diz.

— Você não tem comido mais nada venenoso, tem?

Antes que ela possa responder, pressiono meus lábios com força contra os dela mais uma vez.

Quando beijei Aida na igreja, foi apenas para encerrar aquela cerimônia idiota. Agora estou beijando-a porque quero provar sua boca novamente. Quero pressionar todo o meu corpo contra o dela e correr minhas mãos sobre sua pele bronzeada sedosa.

Ela é incrivelmente macia. Não sei como alguém com a personalidade de

um cacto pode ter os lábios, os ombros e os seios mais macios que já toquei. Eu quero correr minhas mãos sobre cada centímetro dela.

No início, ela está rígida e inflexível, não querendo responder a mim. Mas quando minha coxa esfrega contra sua pequena boceta nua, e quando eu pego seus seios em minhas mãos, ela suspira e seus lábios se abrem, permitindo-me deslizar minha língua dentro de sua boca.

Agora ela está pressionando contra mim, esfregando sua boceta contra minha perna. Ela está me beijando de volta, profundo o suficiente para que eu possa sentir o cheiro forte de cloro em seus lábios.

Eu deslizo minha mão por sua barriga, todo o caminho até sua boceta lisa. Esfrego meus dedos sobre os lábios perfeitamente macios, amando o quão nua e exposta ela está. Então eu separo suas dobras e encontro o pequeno cerne de seu clitóris, inchado com o calor do chuveiro. Eu circulo meu dedo médio em torno dele, estendendo a mão para testar o quão molhada a está deixando, em seguida, volto novamente para o ponto mais sensível.

Ela engasga quando eu a toco ali e aperta suas coxas ao redor das minhas, esfregando e pressionando contra minha palma com sua boceta.

Eu deslizo um dedo dentro dela, fazendo-a gemer. Ela geme bem na minha boca, um som profundo e indefeso.

Eu sabia. Ela é uma vagabunda com tesão. Ela gosta de sexo tanto quanto eu.

Perfeito. Porque se ela quiser, se ela precisar, então ela tem que vir até mim. E essa é mais uma maneira de controlá-la.

Eu a esfrego e enfio o dedo até sentir suas pernas começando a tremer. Sua respiração se acelera e suas coxas se apertam enquanto ela se aproxima cada vez

mais do clímax.

Bem quando ela está no limite, eu paro de tocá-la e retiro minha mão.

— Não pare! — Ela engasga, abrindo os olhos e olhando para mim.

— Se você quiser gozar, então chupe meu pau primeiro, — eu exijo.

Ela olha para o meu pau, com tanta força que ele se projeta diretamente do meu corpo.

— Porra, não, — diz ela. — Eu vou fazer isso sozinha.

Ela se recosta na parede do chuveiro, colocando a mão entre as coxas. Seus dedos deslizam entre os lábios de sua boceta e ela exala suavemente. Eu a agarro pelo pulso e puxo sua mão.

— Ei! — Ela grita, os olhos piscando abertos novamente.

— Chupe-me, ou não vou deixar você gozar, — digo a ela.

Ela me encara, as bochechas coradas de calor e do orgasmo negado. Eu sei que está fervendo dentro dela, girando como um ciclone. Tenho certeza que isso está incomodando-a, fazendo-a doer e latejar, e espero que se sinta desesperada o suficiente para fazer o que eu exijo.

Eu coloco minha mão em seu ombro e a coloco de joelhos.

Relutantemente, ela agarra a base do meu pau.

Seus lábios se abrem e vejo o brilho de seus dentes. Por um momento, pergunto-me se cometi um erro horrível. Eu realmente prefiro não perder meu pau para o temperamento da minha nova esposa.

Mas então sua boca quente e úmida fecha em torno do meu pau, e meu cérebro entra em curto-circuito. Se eu pensava que seus lábios eram macios

antes, não tinha ideia de como eles podiam se sentir na cabeça dolorosamente sensível do meu pau. Eles deslizam continuamente, envolvendo-me completamente. Sua língua sacode contra a parte inferior enquanto ela lambe e suga suavemente.

Puta merda, ela é boa nisso. Não é de se admirar que Oliver Castle fosse obcecado por ela. Se ela chupasse seu pau assim apenas uma vez, eu poderia imaginá-lo seguindo-a até os confins da Terra para conseguir de novo.

Ela desliza a mão para cima e para baixo no eixo, a boca e os dedos trabalhando em conjunto. Sua outra mão chega por baixo para embalar suavemente minhas bolas, acariciando a parte inferior do saco.

Todas essas sensações juntas estão me levando ao orgasmo...

Até que ela solte meu pau e se levante novamente.

— Isso é tudo que você consegue, — ela diz.

Deus, sua obstinação é irritante. Se eu dissesse que a grama era verde, ela chamaria de roxa só para me irritar. Eu realmente deveria aproveitar esta oportunidade para lhe dar uma lição.

Mas ela e eu queremos a mesma coisa neste momento. Um raro exemplo de alinhamento de nossos impulsos. E queremos tanto que o desejo supera a malícia.

Aida coloca um braço em volta do meu pescoço, firmando-se enquanto alinha a cabeça do meu pau com sua entrada. Em seguida, ela envolve as duas pernas em volta da minha cintura enquanto meu pau desliza todo o caminho para dentro dela.

Eu agarro sua bunda grossa com as duas mãos, meus dedos cavando em suas bochechas. Eu a seguro quando ela começa a me montar, seus braços

travados em volta do meu pescoço, seu corpo escorregadio como sabão esfregando contra o meu.

Por mais quente que seja o banho, sua boceta está ainda mais quente. Ela aperta em torno do meu pau, apertando-me tanto para dentro quanto para fora do impulso.

Eu estava errado em minha suposição de que Aida não é atlética. Ela está me montando com o vigor e o entusiasmo de uma atleta olímpica sexual. Estou acostumado com garotas que se colocam na posição mais atraente possível, então se deitam para deixar você foder com elas. Eu nunca estive com alguém assim... ansiosa.

Conforme ela se aproxima do limite, ela começa a me cavalgar ainda mais forte, sua boceta como um torno em volta do meu pau. Ela está batendo em mim sem parar. A intensidade das braçadas e o calor do banho estão me deixando tonto.

Mas de jeito nenhum eu vou desistir. Eu a pressiono de volta contra a parede de vidro e a fodo ainda mais forte, determinado a provar que posso dar-lhe o dobro do peso.

Quando seus olhos começam a virar para trás, sinto uma onda de triunfo.

— Oh meu Deus ... Oh meu Deus ... oh... Cal...

Estou arrancando o clímax dela. Isso continua e continua, prolongado por cada golpe do meu pau. É sexy *pra* caralho ver aquela expressão rebelde sumir de seu rosto, observando-a se submeter ao prazer surgindo por seu corpo.

Estou fazendo isso com ela. Estou fazendo-a sentir isso. Quer ela me odeie ou não, quer deseje que seja qualquer pessoa além de mim, ela é incapaz de resistir. Ela ama o jeito que estou transando com ela.

Com esse pensamento, eu explodi dentro dela.

Quer dizer, eu realmente explodi. O orgasmo é como uma bomba atômica, atingindo-me sem aviso prévio. Minhas bolas estão no ponto zero, e a onda de choque atinge todos os neurônios, indo até a ponta dos dedos das mãos e dos pés. Depois dessa sensação, meu cérebro não consegue enviar nenhum outro sinal. Meu corpo fica mole e tenho que colocar Aida no chão antes de largá-la.

Eu desabo contra a parede oposta do chuveiro, nós dois ofegantes e corados.

Aida se recusa a olhar nos meus olhos.

É a primeira vez que ela não consegue olhar para mim. Não importa o quanto eu tentei encará-la, ela sempre esteve à altura do desafio.

Mas agora ela está enxaguando lentamente, fingindo estar totalmente absorta em sua rotina de limpeza.

Ela me chamou de Cal. Ela nunca fez isso antes. Exceto para zombar de mim na festa de noivado.

— Então é isso, — eu digo a ela. — É oficial.

— Certo, — ela diz, ainda sem olhar para mim.

Gosto de seu constrangimento. Eu gosto de ter encontrado essa fenda em sua armadura.

— É bom saber que você não é completamente péssima no sexo, — digo rudemente.

Agora ela me encara de volta, os olhos brilhantes e ferozes mais uma vez.

— Gostaria de poder retribuir o elogio, — diz ela.

Eu sorrio.

Aida, sua pequena mentirosa. Continue assim e vou lavar sua boca com sabão. Ou talvez outra coisa...

13

Aida

Viver com os Griffins é estranho, para dizer o mínimo.

A única pessoa que parece feliz por me ter aqui é Nessa. Não éramos exatamente amigas na escola, mas éramos cordiais o suficiente, à distância. Conhecemos algumas das mesmas pessoas, então agora podemos falar sobre todas as coisas estranhas que eles fizeram desde a formatura.

Acho que Nessa gosta de me receber porque sou a única pessoa que não se comporta como um Robô. Estou disposta a realmente falar no café da manhã, não apenas trabalhar e comer em silêncio. Além disso, nós duas temos aulas na Loyola, então podemos ir para a escola juntas no jipe de Nessa.

Nessa é uma pessoa genuinamente gentil, algo que você não vê muito no mundo. Muitas pessoas agem bem, mas são apenas boas maneiras. Nessa dá todo o seu dinheiro de bolso para moradores de rua, todos os dias. Ela nunca fala merda de ninguém, mesmo de pessoas que totalmente merecem, como seus irmãos e seus amigos mais insípidos. Ela ouve quando as pessoas falam – quer dizer, ouve de verdade. Ela está mais interessada em você do que nela mesma.

Não sei como um bando de sociopatas conseguiu criar uma garota assim. Na verdade, é meio trágico, porque os Griffin veem a bondade dela como uma falha, como uma deficiência leve. Eles brincam sobre como ela é suave, como ela é inocente.

Eu sei que Callum se preocupa com ela, mas ela é como um animal de estimação para ele, não uma igual.

Nessa me recebe de braços abertos, feliz por ter outra irmã. Especialmente uma que é um pouco menos idiota do que Riona.

Eu não sei nada sobre ter uma irmã. Só sei o que vejo nos filmes: trançar os cabelos uma da outra, roubar as roupas uma da outra, às vezes odiar-se, às vezes chorar nos ombros uma da outra. Não sei se conseguiria fazer qualquer uma dessas coisas sem me sentir idiota.

Mas estou feliz por ter Nessa como amiga. Há uma tranquilidade em sua personalidade que ajuda a suavizar algumas das minhas arestas.

Na verdade, passo mais tempo com ela do que com meu novo marido. Callum está trabalhando horas absurdamente longas antes da eleição, e geralmente já estou dormindo em nossa cama compartilhada quando ele chega.

Talvez seja de propósito. Não nos encontramos novamente desde a nossa "consumação" oficial do casamento.

Isso me pegou de surpresa. Entrei no chuveiro porque estava com frio e cansada de esperar, e queria mostrar a ele que ele não poderia me intimidar, nem por me afogar pela metade, e certamente não com um pouco de nudez.

Eu não esperava que ele me beijasse. E eu definitivamente não esperava que ele me tocasse daquela forma...

Aqui está o problema. Eu gosto de sexo. Muito. E estou acostumada a receber isso com bastante frequência.

Então, a menos que eu comece a trair meu novo marido, o que é uma péssima ideia por vários motivos, só há um lugar para conseguir minha dose.

E não é exatamente como se eu tivesse que sorrir e aguentar. Callum é quente. Ele é frio, arrogante e um maníaco por controle total – ele já me repreendeu cinco vezes esta semana por deixar roupas no chão e respingar no

espelho enquanto escovo os dentes, e por não arrumar a cama quando me levanto uma hora depois dele. Mas nenhuma dessas coisas muda o fato de que o homem é geneticamente abençoado. Seu rosto, seu corpo e aquele pênis... nada disso é difícil de olhar.

E ele também tem algumas habilidades. Ele não fode como um robô. Ele pode ser gentil, pode ser rude e, acima de tudo, é extremamente perceptivo. Ele me lê como um livro.

Então, eu não me importaria de explorar todo esse negócio de sexo de casados um pouco mais. Mas ele tem estado muito ocupado – ou me evitando.

Claro, quando ele finalmente precisa da minha ajuda, ele pede da maneira mais desagradável possível, que é não pedir nada.

Ele me encurrala na cozinha, onde estou tentando torrar um bagel. A torradeira dos Griffin fica jogando de volta, porque provavelmente não é usada há dez anos desde que sou a única nesta casa familiarizada com o conceito de carboidratos.

— Eu tenho uma arrecadação de fundos hoje à noite, — diz Callum. — Esteja pronta às sete.

— Desculpe, — eu digo, pressionando a alavanca da torradeira e segurando-a no lugar, — Eu já tenho planos.

— Fazendo o que?

— Maratona do *Senhor dos Anéis*. Todos os três filmes, versão estendida. Não terminarei até amanhã ao meio-dia.

A torradeira faz um clique raivoso, mas eu seguro a alavanca no lugar, determinada a dourar meu bagel mesmo que isso faça a máquina explodir.

— Muito engraçado, — diz Callum, estreitando seus olhos azuis pálidos para mim. — Sete horas, e certifique-se de não se atrasar. Espero cabelo e maquiagem adequados. Já coloquei um vestido na cama.

Eu deixei o bagel saltar, bem dourado, finalmente. Eu começo a espalhar uma boa camada espessa de cream cheese, colando ainda mais quando vejo a expressão de desgosto de Callum.

— Você tem as falas prontas para mim também? — Pergunto-lhe. — Talvez você deva apenas pendurar um cartaz em volta do meu pescoço, com tudo o que você espera que eu diga.

Eu dou uma enorme mordida no meu bagel, gostando ainda mais porque eu sei que Callum provavelmente não se permite comer um há anos.

— Se você pudesse evitar xingar a cada três palavras, seria um começo, — diz ele, seus dedos se contraindo involuntariamente. Tenho certeza de que ele está morrendo de vontade de arrancar o bagel da minha boca. Ele está se segurando porque não quer me hostilizar antes da arrecadação de fundos.

— Caralho, vou tentar muito, querido, — eu digo com a boca cheia de bagel.

Ele me encara e se afasta, deixando-me sozinha na cozinha. Bem, não totalmente sozinha – ainda tenho muitos lanches.

Eu faço uma tigela de pipoca para que eu possa, pelo menos, começar *A Sociedade do Anel*.

Enquanto me dirijo para a sala de cinema, vejo Riona vindo da direção oposta, carregando uma pilha de pastas. Ela parece nervosa e estressada, como de costume. Eu não sei por que ela está sempre batendo em si mesma tentando impressionar essas pessoas – é muito claro que seus pais veem Callum como a

estrela da família, e ela como um personagem secundário, na melhor das hipóteses. No entanto, quanto mais eles a empurram para o lado, mais ela luta para que eles a notem. Assistir isso me deixa exausta.

Não que eu tenha muita simpatia. Riona era uma vadia de primeiro grau na escola. Rainha das garotas más. A única razão pela qual não consegui mais merda dela é porque eu era mais jovem e, portanto, abaixo de sua atenção.

É basicamente assim que ela age tendo que morar na mesma casa que eu. Portanto, não consigo resistir a cutucá-la de vez em quando.

— Você quer se juntar a mim? — Eu pergunto a ela, segurando a tigela de pipoca. — Estou prestes a assistir O *Senhor dos Anéis*. Já viu? Existem alguns personagens com os quais você pode realmente se identificar.

Especificamente, aqueles que comem carne humana e nascem de sacos de ovos enlameados.

Riona dá um suspiro dramático, irritada por eu estar falando com ela.

— Não, — ela diz. — Não quero assistir a um filme às três da tarde, porque não sou uma porra de criança. Tenho trabalho a fazer.

— Certo, — eu digo, acenando com a cabeça. — Esqueci que você é a secretária de toda a sua família. Coisas realmente importantes.

— Eu sou *advogada,* — diz Riona com dignidade gelada.

— Oh. — Eu faço uma careta falsa. — Me desculpe por isso. Bem, não se preocupe, não vou contar a ninguém.

Riona move as pastas pesadas contra um quadril, inclinando a cabeça para o lado para que ela possa me olhar de cima a baixo com aquele olhar patenteado de garota má.

— Isso mesmo, — ela diz suavemente. — Tudo é uma piada para você. Você é negociada como um cartão de *baseball* e não se importa, certo? Você não se importa que sua família tenha te abandonado. Que eles venderam você para nós.

Isso dá um pequeno nó doentio em meu estômago, mas não vou deixar Riona perceber. Eu me forço a continuar sorrindo e até coloco um pedaço de pipoca na boca. Parece tão seco quanto papelão contra a minha língua.

— Pelo menos sou um *Topps Mickey Mantle*[22], — digo a ela. — Duvido que você seja um *Jose Canseco de 86*[23].

Riona me encara, balançando a cabeça.

— Você é tão estranha, — ela diz.

É... provavelmente é verdade.

Ela passa por mim, correndo pelo corredor.

Entro no cinema, acomodando-me em meu assento favorito na fila do meio.

Riona é uma vadia. A opinião dela significa menos do que nada para mim.

Mas continua me incomodando, mesmo assim. Não consigo nem prestar atenção nos tons suaves de Sir Ian McKellen, minha paixão favorita de velho.

A verdade é que me sinto abandonada. Eu sinto falta do meu pai. Sinto falta dos meus irmãos. Sinto falta da minha própria casa, que era velha e pobre e cheia de móveis antigos, mas eu conhecia cada pedacinho dela. Era segura e confortável, com memórias presas a cada superfície.

Como minha pipoca sem sentir o gosto de nada, até que posso finalmente

me perder no mundo de fantasia dos elfos, anões e Hobbits de bom coração.

Por volta das 18h30, acho que devo começar a me preparar. Eu desligo o filme e subo as escadas para ver que monstruosidade Callum colocou na cama para mim.

Com certeza, quando abro o zíper do saco de roupas, vejo um vestido justo com contas prateadas que parece rígido, desleixado e horrível *pra* caralho. Bem quando estou franzindo o nariz para isso, Callum entra no quarto, já vestido com um smoking imaculado, seu cabelo escuro penteado para trás e ainda úmido do banho.

— Por que você não está vestida? — Ele diz com raiva. — Nós deveríamos estar saindo em vinte e cinco minutos. Jesus Cristo, você ainda nem arrumou o cabelo.

— Eu não vou usar isso, — digo a ele categoricamente.

— Sim, você vai. — Ele franze a testa para mim. — Coloque-o. Imediatamente.

— Você roubou isso do armário de Imogen?

— *Não,* — ele rosna. — Eu comprei especificamente para você.

— Bom. Então você pode devolvê-lo.

— Não até depois de usá-lo esta noite.

— Não vai acontecer, — digo a ele com um aceno de cabeça.

— Entre no chuveiro, — ele late. — Vamos nos atrasar.

Eu ando em direção ao chuveiro, movendo-me deliberadamente devagar apenas para irritá-lo. Não preciso de mais de meia hora para ficar pronta; eu não

sou a porra de uma rainha de concurso.

Ainda assim, estou tentada a ficar sob a água quente para sempre, apenas para deixá-lo esperando. Definitivamente, não vou usar esse vestido – posso usar o amarelo que usei na festa de noivado. Embora Callum provavelmente estourará um vaso sanguíneo com a ideia de uma pessoa vestindo a mesma roupa duas vezes.

Quando saio do chuveiro, vejo que ele pegou as roupas que deixei amontoadas no chão do banheiro. Agradável.

Enrolo uma toalha grande e fofa em volta de mim – diga o que quiser sobre os Griffin, pelo menos eles têm um gosto excelente para roupas de banho e cama – então entro no armário para encontrar meu vestido.

Em vez disso, vejo que todo o meu lado do armário foi completamente esvaziado. Cabides vazios balançam em ângulos estranhos – alguns deles ainda balançando com o despojamento selvagem que ocorreu aqui.

Abro as gavetas – vazias também. Ele tirou cada item da minha roupa, até minhas calcinhas.

Quando me viro, os ombros largos de Callum estão enchendo a porta, os braços cruzados sobre o peito e um sorriso afetado em seu rosto bonito.

— Acho que é o vestido ou nada, — diz ele.

— Eu escolho nada, então, — eu respondo, deixando cair a toalha em uma poça ao redor dos meus pés e cruzando os braços sobre o peito, imitando os dele.

— Entenda isso, — Callum diz calmamente. — Você virá para o jantar esta noite, mesmo que eu tenha que jogá-la por cima do ombro e carregá-la como um homem das cavernas. Você pode estar no vestido quando eu fizer isso, ou juro por Deus, Aida, vou carregá-la nua até lá e fazê-la sentar na frente de

todos. Não me teste, porra.

— Isso vai envergonhar você mais do que eu, — eu estalo, mas posso sentir a cor subindo em minhas bochechas. Os olhos de Callum parecem mais selvagens do que nunca. Na verdade, acho que ele está falando sério. Ele está tão determinado a me submeter à sua vontade por causa desse vestido idiota.

Os segundos passam entre nós. Segundos que estão nos levando cada vez mais tarde para esta arrecadação de fundos, mas Callum não está se mexendo para fora da porta. Esta é a colina em que ele está escolhendo morrer: aquele vestido feio bordado.

— Ótimo! — Eu lati finalmente. — Vou colocar esse vestido idiota.

O sorriso em seu rosto me faz querer voltar atrás imediatamente. Ou então dar um soco no olho dele. Se eu tiver que ir ao jantar com aquele vestido idiota, então ele pode ir lá com uma bela porra de olho roxo.

Estou tão brava que estou quase tremendo. Eu entro no vestido rígido e áspero e fico lá enquanto Callum fecha o zíper das costas. Parece que ele está amarrando um espartilho. Tenho que sugar minha barriga e depois, uma vez fechado, não posso deixar sair de novo. O que me faz meio que arrependida de toda aquela pipoca que comi.

— Onde você escondeu minhas calcinhas? — Eu exijo.

Eu sinto os dedos de Callum pararem no topo do zíper.

— Você não precisa de calcinha, — diz ele.

Esse filho da puta. Ele está gostando disso! Eu sabia!

Com certeza, quando me viro, há um olhar faminto em seu rosto, como se ele quisesse arrancar o vestido de mim novamente. Mas ele não fará isso. Ele vai

saborear me observando andar com ele a noite toda. Saber que ele está me obrigando a fazer isso. Saber que não estou usando calcinha por baixo.

Estou tão furiosa que poderia gritar. Especialmente quando ele levanta os sapatos que espera que eu use.

— Como vou colocá-los? — Eu grito. — Eu não posso sentar nesta porra de camisa de força.

Callum revira os olhos.

Então ele faz algo que me surpreende.

Ele se ajoelha na minha frente, colocando minha mão em seu ombro para me equilibrar. Ele levanta meu pé e desliza o stiletto nele, como se ele fosse o Príncipe Encantado e eu fosse a Cinderela. Suas mãos são surpreendentemente suaves enquanto seus dedos tocam o arco do meu pé. Ele afivela a alça e coloca o outro sapato no meu pé oposto.

Quando ele se levanta de novo, estamos perto um do outro, tanto que preciso inclinar a cabeça para olhar para ele.

— Pronto, — ele diz rispidamente. — Vou enviar Marta para ajudá-la a se preparar.

Marta é uma assistente pessoal abrangente da família e também é boa com cabelo e maquiagem, por isso frequentemente ajuda Riona e Nessa a se prepararem para eventos. Imogen faz seu trabalho de pintura sozinha ou então vai a um salão de beleza.

— Tanto faz, — eu digo.

Callum desce as escadas para encontrar Marta, e eu começo a mancar de volta para o banheiro nos saltos altos.

Não sei se é a falta de calcinha ou outra coisa, mas posso sentir uma umidade incômoda entre as pernas. Cada passo que dou naquele vestido apertado está fazendo meus lábios se esfregarem. Estou quente e latejante, e fico pensando sobre aquele olhar de excitação no rosto de Callum. Como ele foi severo quando me mandou colocar o vestido.

O que diabos está acontecendo comigo?

Deve ser apenas o fato de que não consigo transar há mais de uma semana.

Porque não há nenhuma maneira que eu poderia estar excitada por Callum me dando ordens. Isso é louco. Eu odeio ser mandada por aí.

— Aida? — Uma voz diz atrás de mim.

Eu grito e giro.

É apenas Marta, segurando sua bolsa de maquiagem. Ela tem cerca de trinta anos, com grandes olhos castanhos, franja escura e uma voz suave.

— Callum disse que você precisava de um pouco de ajuda para se preparar?

— Certo. Sim, — eu gaguejo.

— Sente-se, — diz ela, puxando uma cadeira na frente do espelho. — Nós a teremos pronta em pouco tempo.

14

Callum

Aida desce a escada, com cautela e agarrada ao corrimão, com vinte minutos de atraso, mas, francamente, com uma aparência deslumbrante. Marta puxou o cabelo de Aida para cima em um coque levemente retrô que destaca aquele visual clássico bombástico. Seus olhos estão delineados, o que realça seu formato exótico e os faz parecer quase tão prateados quanto o vestido.

Gosto do fato de que Aida mal consegue andar de salto alto. Isso dá a ela um ar vulnerável e a faz se agarrar ao meu braço para caminhar até o carro.

Ela está mais quieta do que o normal. Não sei se ela está aborrecida por eu ter roubado suas roupas ou se está nervosa com a noite que temos pela frente.

Sinto-me calmo e mais focado do que estive nas últimas semanas. Como meu pai previu, os italianos estão me apoiando totalmente, agora que Aida e eu estamos oficialmente casados. La Spata está afundado, e eu já desenterrei alguma sujeira fantástica sobre Kelly Hopkins de seus anos de faculdade, quando ela estava afundada até o pescoço em um anel de trapaça, vendendo trabalhos de teses prontos para estudantes mais ricos e preguiçosos. Pobre estudante bolsista, forçada a comprometer sua moral para conseguir seu diploma.

Isso é o que você sempre encontra no final – não importa o quão puras as pessoas finjam ser, quando o parafuso aperta, sempre há algum lugar onde eles se quebram.

Isso vai disparar uma flecha através de suas pretensões de superioridade moral. O que deixa o campo livre para um único candidato: eu.

Falta apenas uma semana para a eleição. Quase nada pode estragar algo para mim agora.

Contanto que eu consiga manter minha esposa na linha.

Eu a vejo sentada perto de mim na parte de trás do carro. Ela parece calma o suficiente, observando os prédios passando pela janela. Mas ela não me engana. Eu sei como ela é indisciplinada. Eu posso ter colocado uma rédea em sua cabeça no momento, mas ela vai tentar me empurrar novamente assim que tiver a chance.

O importante é mantê-la na linha durante a festa. Depois disso, ela pode se amotinar o quanto quiser. Vários empresários italianos, CEOs, investidores e representantes sindicais estarão aqui esta noite. Eles precisam ver minha esposa ao meu lado: obediente. Solidária.

Dirigimos para o Fulton Market District, que costumava ser cheio de frigoríficos e armazéns e agora se transformou em hotéis, bares, restaurantes e empresas de tecnologia da moda. A arrecadação de fundos é no Morgan's on Fulton, na cobertura, bem no topo do prédio.

Caminhamos em direção ao elevador pela galeria de arte no andar principal. É recheado do chão ao teto com pinturas de vários estilos, em vários níveis de habilidade. Aida faz uma pausa ao lado de uma peça moderna particularmente horrível em tons de pêssego, cinza e castanho.

— Oh, olhe, — ela diz. — Agora eu sei o que dar à sua mãe no Natal.

— Suponho que você prefira *isso*, — digo, acenando com a cabeça em direção a uma pintura a óleo escura e temperamental de Cronus devorando seus filhos.

— Oh, sim, — diz Aida, balançando a cabeça sombriamente. — Retrato de

família. Esse é Papa quando deixamos os armários abertos ou esquecemos de desligar as luzes.

Dou uma risadinha e Aida parece surpresa, como se nunca tivesse me ouvido rir antes. Ela provavelmente não ouviu.

Quando finalmente chegamos ao elevador, alguém grita: — Segure a porta!

Eu coloquei meu braço para impedir que fechasse.

Então eu imediatamente me arrependo quando vejo Oliver Castle entrar.

— Oh, — ele diz, vendo-nos e jogando com a cabeça arrogantemente. Seu cabelo está comprido, espesso e com mechas de sol. Ele está bronzeado e com um leve toque de queimadura, como se tivesse passado o dia todo em um barco. Quando ele sorri, seus dentes parecem muito brancos em comparação.

Ele olha Aida de cima a baixo, deixando seus olhos rastejarem pelo corpo dela, que parece sedutoramente em forma de ampulheta no vestido apertado de contas. Isso me irrita o quão descarado ele está sendo. Meu acordo com Aida pode não ser romântico, mas ela ainda é minha esposa. Ela pertence a mim e somente a mim. Não a esse garoto rico que cresceu demais.

— Você realmente deu tudo de si, Aida, — diz ele. — Não me lembro de você se vestir assim para mim.

— Acho que não valia a pena o esforço, — eu digo, carrancudo para ele.

Oliver bufa.

— Não sei. Acho que Aida apenas usava seu *esforço* para outras coisas...

Eu tenho uma imagem vívida de Aida deslizando sua língua para cima e para baixo no pau de Oliver como ela fez com o meu. Sou atingido pelo ciúme

como um saco de lama úmida. Isso tira o ar de mim.

Preciso de tudo que tenho para não agarrar Castle pelas lapelas de seu smoking de veludo e jogá-lo contra a parede do elevador.

Eu poderia ter feito isso se o elevador não tivesse dado uma guinada exatamente naquele momento, parando no último andar. As portas se abrem e Oliver sai sem olhar para nós.

Aida está me observando com seus olhos cinzentos e frios.

Não gosto dessa nova Aida tranquila. Isso me deixa nervoso, perguntando-me o que ela está aprontando. Eu gosto mais quando ela deixa escapar o que está pensando assim que vem à sua cabeça. Mesmo que isso realmente me irrite no momento.

A cobertura é uma sala grande e aberta, atualmente cheia de doadores em potencial ficando bêbados com álcool gratuito. Claro, não é realmente de graça – vou tentar ordenhar cada um desses filhos da puta para cada pedaço de apoio que eu puder conseguir deles. Mas, enquanto isso, eles podem se deliciar com coquetéis e petiscos sofisticados.

Todo um lado da sala é composto por portas de vidro deslizantes, atualmente abertas para o deck da cobertura. Os hóspedes podem se misturar para a frente e para trás, curtindo o ar quente da noite e a brisa do lago. O deck ao ar livre é decorado com lanternas brilhantes e oferece uma vista impressionante das luzes da cidade abaixo.

No momento, nem a configuração impecável nem a excelente afluência de convidados estão me dando prazer. Eu marcho até o bar e peço uma dose dupla de uísque, puro. Aida me observa engolindo em seco.

— O quê? — Eu estalo, batendo o copo vazio de volta no bar.

— Nada, — diz ela, encolhendo os ombros nus e se afastando de mim para pedir sua própria bebida.

Tentando tirar o pensamento de Oliver e Aida da minha mente, eu examino a multidão, procurando meu primeiro alvo. Tenho que falar com Calibrese e Montez. Vejo minha mãe perto da comida, conversando com o tesoureiro estadual. Ela está aqui há horas, supervisionando a configuração e cumprimentando os primeiros convidados quando eles chegaram.

Então vejo alguém que definitivamente não foi convidado: Tymon Zajac, mais conhecido como The Butcher. Chefe da máfia polonesa e uma grande dor na minha bunda.

Os *Braterstwo* controlam a maior parte de Lower West Side, até Chinatown, Little Italy e os bairros mais ricos à nordeste que são controlados pelos irlandeses – também conhecidos como eu.

Se há uma hierarquia para os gângsteres, é mais ou menos assim: no topo, você tem seus gângsteres de colarinho branco e gângsteres valorizados que usam as alavancas dos negócios e da política para manter o controle. Esses são os irlandeses em Chicago. Nós dirigimos esta cidade. Temos mais ouro do que a porra de um duende. E ganhamos tanto dinheiro legal quanto ilegalmente – ou, pelo menos, naquela bela área cinza de brechas e negócios secretos.

O que não significa que tenho medo de sujar as mãos. Fiz mais de uma pessoa nesta cidade desaparecer para sempre. Mas faço isso discretamente e apenas quando necessário.

No próximo degrau da escada, você tem gângsteres com pés nos dois mundos – como os italianos. Eles ainda administram muitos clubes de strip, boates, jogos ilegais e esquemas de proteção. Mas eles também estão envolvidos em projetos de construção que constituem a maior parte de sua receita. Eles têm

forte influência nos sindicatos dos carpinteiros, eletricistas, vidraceiros, operadores de equipamentos pesados, ferroviários, pedreiros, encanadores, metalúrgicos e muito mais. Se você quiser que algo seja construído em Chicago e não quiser que queime na metade, ou seja "atrasado", ou seus materiais roubados, você terá que contratar os italianos como seus capatazes, ou então pagá-los.

Então, mais abaixo ainda, você tem a máfia polonesa. Eles ainda estão participando de crimes violentos, em uma merda barulhenta, óbvia e chamativa que causa problemas para aqueles de nós que querem manter a percepção de uma cidade segura.

Os *Braterstwo* ainda usam drogas e armas ativamente, dinamizam carros, roubam bancos e carros blindados, extorquem e até sequestram. Eles têm seus atos sujos publicados no noticiário e estão constantemente empurrando os limites de seu território. Eles não querem ficar em Garfield, Lawndale e na aldeia ucraniana. Eles querem investir nas áreas onde está o dinheiro. As áreas que possuo.

Na verdade, Tymon Zajac aparecendo aqui na minha arrecadação de fundos é um problema por si só. Não o quero aqui como inimigo ou amigo. Eu não quero ser associado a ele.

Ele não é exatamente o tipo de cara que se mistura. Ele é quase tão largo quanto alto, com o cabelo cor de trigo começando a ficar grisalho e um rosto enrugado que pode ter cicatrizes de acne ou algo pior. Ele tem maçãs do rosto semelhantes a machadinhas com nariz romano. Ele está cuidadosamente vestido com um terno risca de giz, com uma flor branca na lapela. De alguma forma, esses detalhes elegantes servem apenas para enfatizar a aspereza de seu rosto e mãos.

Zajac tem um mito ao seu redor. Embora sua família já esteja em Chicago

há um século, ele próprio apareceu nas ruas da Polônia, operando uma sofisticada rede de roubos de carros desde que era adolescente. Ele triplicou sozinho o número de roubos de carros exóticos no país, até que os poloneses ricos mal ousavam comprar um carro importado, porque sabiam que ele desapareceria das ruas ou mesmo de suas garagens dentro de uma semana.

Ele subiu na hierarquia dos Wolomin em Varsóvia, até que essa gangue se envolveu em uma guerra sangrenta por território com a Polícia Polonesa. Na mesma época, seu meio-irmão Kasper foi assassinado pelos traficantes colombianos que ajudavam a contrabandear cocaína, heroína e anfetaminas para Chicago. Os colombianos pensaram que poderiam começar a negociar diretamente na cidade. Em vez disso, Zajac voou para Chicago para o funeral de seu irmão, depois organizou uma retaliação em duas partes que deixou oito colombianos mortos em Chicago e mais doze massacrados em Bogotá.

Zajac matou ele mesmo, segurando um cutelo em uma das mãos e um facão na outra. Isso lhe rendeu o apelido de “The Butcher de Bogotá”.

The Butcher ocupou o lugar de seu irmão como chefe do Chicago *Braterstwo*. E desde então, não se passou um mês sem que ele destruísse as bordas do meu império. Ele é da velha guarda. Ele está com fome. E eu sei que ele está aqui por uma razão esta noite.

É por isso que preciso falar com ele, embora prefira não ser visto com ele em público. Espero até que ele se mova para uma parte menos intrusiva da sala, e então me junto a ele.

— Está se interessando por política agora, Zajac? — Pergunto-lhe.

— É o verdadeiro sindicato de Chicago, não é? — Ele diz em sua voz baixa e rouca. Parece que ele fuma há cem anos, embora eu não sinta o cheiro em suas roupas.

— Você está aqui para doar ou tem um cartão de comentários para a caixa de sugestões? — Eu digo.

— Você sabe tão bem quanto eu que homens ricos nunca dão seu dinheiro de graça, — diz ele.

Ele tira um charuto do bolso e inala o cheiro torrado.

— Quer fumar comigo? — Ele diz.

— Eu queria poder. Mas não é permitido fumar no prédio.

— Os americanos adoram fazer regras para outras pessoas que eles próprios nunca cumprem. Se você estivesse aqui sozinho, você fumaria isso comigo.

— Claro, — eu digo, perguntando-me o que ele quer dizer.

Aida apareceu ao meu lado, quieta como uma sombra.

— Olá, Tymon, — ela diz.

A máfia polonesa tem uma longa e complicada história tanto com minha família quanto com a de Aida. Durante a Lei Seca, quando irlandeses e italianos lutaram pelo controle das destilarias, havia poloneses dos dois lados. Na verdade, foi um polonês que executou o Massacre do Dia dos Namorados.

Mais recentemente, eu sei que Zajac fez negócios com Enzo Gallo – quase sempre com sucesso, embora eu tenha ouvido rumores de um conflito na Oak Street Tower, com relatos de tiros disparados e uma construção apressada da fundação, possivelmente com um ou dois corpos escondidos debaixo do cimento.

— Eu ouvi a boa notícia, — disse Zajac. Ele dá uma olhada significativa para o anel no dedo de Aida. — Fiquei desapontado por não receber um convite.

Ou uma consulta prévia de seu pai. Você sabe que tenho dois filhos, Aida. Poloneses e italianos trabalham bem juntos. Não vejo você aprendendo a amar carne enlatada e repolho.

— Tenha cuidado como você fala com minha esposa, — eu o interrompi. — O negócio está fechado, e eu duvido que qualquer oferta que você tivesse feito antes ou agora vá interessá-la. Na verdade, duvido que você tenha algo a dizer a qualquer um de nós.

— Você pode se surpreender, — Zajac diz, fixando-me com seu olhar feroz.

— Não é provável, — eu digo com desdém.

Para minha surpresa, é Aida quem mantém a calma.

— Tymon não é homem de perder tempo, — diz ela. — Por que você não nos diz o que está pensando?

— O político é rude e a italiana impetuosa é a diplomata, — reflete Zajac. — Que reversão estranha. Ela vai usar o smoking e você colocar o vestido mais tarde esta noite?

— Este smoking ficará encharcado em seu sangue depois que eu cortar a porra da sua língua da sua boca, velho, — eu rosno para ele,

— Os jovens fazem ameaças. Os velhos fazem promessas, — responde.

— Salve a besteira do biscoito da sorte, — diz Aida, levantando a mão para me impedir. — O que você quer, Tymon? Callum tem um monte de gente para falar esta noite, e acho que você nem foi convidado.

— Eu quero a propriedade do Chicago Transit, — ele diz, finalmente indo direto ao ponto.

— Não vai acontecer, — digo a ele.

— Porque, você já está planejando vendê-la para Marty Rico?

Isso me dá uma pausa momentânea. Esse negócio ainda nem foi fechado, então não sei como diabos Zajac ouviu sobre isso.

— Não estou planejando nada ainda, — minto. — Mas posso dizer que não vai para você. Não, a menos que você tenha um limpador de poder mágico para sua reputação, para tornar tudo novo e brilhante novamente.

A verdade é que eu não o venderia para The Butcher de qualquer maneira. Já tenho que ser gentil com os italianos. Não vou convidar os polacos direto para o meu quintal. Se Zajac quer brincar de ser um empresário legítimo, pode fazê-lo em outro lugar da cidade. Não no meio do meu território.

The Butcher estreita os olhos. Ele ainda está segurando o charuto em seus dedos grossos, rolando-o sem parar.

— Vocês, irlandeses, são tão gananciosos, — diz ele. — Ninguém queria vocês aqui quando vieram para a América. Foi o mesmo para nós. Eles colocaram placas, nos dizendo para não nos candidatarmos a empregos. Eles tentaram nos impedir de imigrar. Agora que você acha que está seguro na cabeceira da mesa, não quer deixar ninguém se juntar a você. Você não quer compartilhar nem mesmo as migalhas do seu banquete.

— Estou sempre disposto a fazer negócios, — digo a ele. — Mas você não pode exigir que um pedaço digno de propriedade pública seja entregue a você. E para quê? O que você tem a me oferecer em troca?

— Dinheiro, — ele sibila.

— Eu tenho dinheiro.

— Proteção.

Eu deixei escapar uma risada rude. Zajac não gosta nada disso. Seu rosto fica vermelho de raiva, mas não me importo. Sua oferta é um insulto.

— Eu não preciso de sua proteção. Você já estava derrotado quando era apenas minha família contra a sua. Agora que me aliei aos italianos, o que você acha que tem a nos oferecer? Como você ousa nos ameaçar?

— Seja razoável, Tymon, — diz Aida. — Trabalhamos juntos no passado. Faremos novamente no futuro. Mas o leite antes da carne.

Estou chocado com a calma de Aida ao conversar com alguém de seu próprio mundo. Eu nunca vi esse seu lado. Ela não tinha paciência para Christina Huntley-Hart, que trouxe à tona a atitude mais ultrajante e desdenhosa de Aida. Mas com Tymon, que é infinitamente mais perigoso e volátil, Aida conseguiu ficar mais calma do que eu.

Estou olhando para ela com verdadeiro respeito. Ela vê e revira os olhos para mim, mais irritada do que satisfeita.

— Eu sempre gostei de você, Aida, — rosna Zajac. — Espero que você não tenha cometido um erro ao se casar com esse irlandês pomposo.

— O único erro seria subestimá-lo, — ela responde friamente.

Agora estou realmente chocado. Aida me defendendo? As maravilhas nunca cessam.

The Butcher dá um aceno rígido, o que pode significar qualquer coisa, e se vira e vai embora. Fico aliviado ao ver que ele parece estar saindo da festa, sem fazer cena.

Eu olho de volta para Aida.

— Você lidou com isso muito bem, — digo a ela.

— Sim, chocante, eu sei, — ela diz, balançando a cabeça. — Você sabe que eu cresci com essas pessoas. Sentei-me embaixo da mesa enquanto meu pai negociava acordos com poloneses, ucranianos, alemães, armênios, quando eu tinha apenas quatro anos. Não estou sempre correndo atrás de relógios.

— Ele tem coragem de marchar aqui, — eu digo, carrancudo na direção da porta onde Zajac simplesmente desapareceu.

— Ele certamente tem, — diz Aida. Ela está carrancuda, torcendo o anel em seu dedo enquanto está perdida em pensamentos.

Minha mãe escolheu aquele anel e o enviou para Aida. Olhando para a mão dela, percebo que não combina com ela. Aida teria escolhido algo mais confortável e casual. Talvez eu devesse deixá-la escolher o seu próprio ou levá-la à Tiffany's. Isso seria fácil de fazer.

Fiquei tão zangado com ela depois das circunstâncias de nosso primeiro encontro que nunca considerei realmente o que ela poderia preferir. O que pode deixá-la mais confortável com este arranjo ou se mudar para minha casa.

Quero perguntar a ela o que mais ela sabe sobre Zajac. Que negócios ele fez com Enzo. Mas sou interrompido por meu pai, que quer ouvir o que Zajac disse. Antes que eu possa incluir Aida na conversa, ela foge.

Meu pai está falando sem parar, interrogando-me sobre The Butcher, querendo um relato palavra por palavra de todos os outros com quem conversei esta noite e do que eles disseram.

Normalmente, eu passaria por isso com ele ponto por ponto. Mas não posso evitar olhares furtivos por cima do ombro, tentando ver onde Aida está na sala. O que ela está fazendo. Com quem ela está falando.

Finalmente a avisto no deck, conversando com Alan Mitts, o tesoureiro. Ele é um velho bastardo rabugento. Acho que não o vi sorrir uma vez em todas as vezes que falei com ele. No entanto, com Aida, ele está perdido em alguma anedota, acenando com as mãos, e Aida está rindo e incitando-o. Quando ela ri, ela joga a cabeça para trás e fecha os olhos e balança os ombros, e não há nada de educado nisso. Ela está simplesmente feliz.

Eu quero ouvir o que a está fazendo rir tanto.

— Você está me ouvindo? — Meu pai diz bruscamente.

Eu viro minha cabeça para trás.

— O quê? Sim. Estou ouvindo.

— O que você está olhando? — Ele diz, apertando os olhos na direção do deck.

— Mitts. Eu tenho que falar com ele a seguir.

— Parece que ele já está falando com Aida, — diz meu pai em seu tom mais inescrutável.

— Oh. Sim.

— Como ela está se saindo?

— Bem. Surpreendentemente bem, — eu respondo.

Meu pai olha para ela, dando um aceno de aprovação. — Ela certamente parece melhor. Embora o vestido seja muito revelador.

Eu sabia que ele diria isso. Havia opções mais conservadoras na pilha de vestidos que Marta trouxe para minha aprovação, mas escolhi este. Porque eu sabia que abraçaria as curvas de Aida como se fosse feito para ela.

Meu pai ainda está tagarelando, apesar de meus esforços para encerrar a conversa.

— O prefeito arrecadou trinta mil dólares para a sua campanha e apoiou você, mas ele fez o mesmo com outros vinte e cinco aliados do conselho, então não acho que sua declaração seja tão forte quanto...

Oliver Castle reapareceu, animado por uma coragem líquida. Posso dizer que ele está meio bêbado pelo rubor em seu rosto queimado de sol e a maneira como ele se interpõe entre Aida e Mitts. Aida tenta se livrar dele, indo para o lado oposto do deck, mas Castle a segue, tentando fazê-la falar com ele.

— Então, eu acho que será mais eficiente e eficaz se nós...

— Espere um pouco, pai, — digo a ele.

Eu coloquei minha bebida para baixo, indo para fora pelas portas deslizantes escancaradas. Esta parte do local é apenas fracamente iluminada pelas lanternas no alto, a música mais baixa e os assentos mais privados. Oliver está tentando puxar Aida para o canto mais escuro e distante, escondido atrás de uma tela de bordos japoneses em vasos.

Eu pretendia interrompê-los imediatamente, mas conforme me aproximo, ouço a voz baixa e urgente de Oliver implorando a Aida. Minha curiosidade é aguçada. Eu me aproximo, querendo ouvir o que eles estão falando.

— Eu sei que você sente minha falta, Aida. Eu sei que você pensa em mim, assim como eu penso em você...

— Eu realmente não penso, — ela diz.

— Passamos bons momentos juntos. Lembre-se da noite em que todos nós construímos aquela fogueira na praia, e você e eu saímos pelas dunas, e você estava com aquele biquíni branco, e eu tirei a parte de cima com os dentes...

Estou parado no lugar, cheio de ciúme quente e derretido se agitando em minhas entranhas. Quero interrompê-los, mas também tenho essa curiosidade doentia. Eu quero saber exatamente o que aconteceu entre Oliver e Aida. Ele estava obviamente apaixonado por ela. Mas ela sentia o mesmo? Ela o amava?

— Claro, eu me lembro daquele fim de semana, — ela diz preguiçosamente. — Você ficou bêbado e bateu com o carro na Cermak Road. E quase quebrou sua mão ao brigar com Joshua Dean. Bons tempos, tudo bem.

— Isso foi culpa sua, — Oliver rosna, tentando prendê-la contra a grade do deck. — Você me deixa fora de mim, Aida. Você me deixa louco. Só fiz aquela merda depois que você me deixou no Oriole.

— Sim? — Ela diz, olhando para as ruas da cidade abaixo do pátio. — Você se lembra por que eu te deixei lá, então?

Oliver hesita. Posso dizer que ele se lembra, mas não quer dizer isso.

— Nós esbarramos em seu tio. E ele perguntou quem eu era. E você disse: 'Apenas uma amiga'. Porque gostava de ser rebelde, namorando a filha de Enzo Gallo. Mas você não queria arriscar seu fundo fiduciário ou seu lugar na empresa de papai. Você não teve coragem de admitir o que realmente queria.

— Eu cometi um erro.

A voz de Oliver é baixa e urgente, e posso ver que ele continua tentando pegar a mão de Aida, mas ela a move para fora de seu alcance.

— Aida, aprendi a lição, juro. Senti tanto a sua falta que poderia ter me jogado do telhado do Capital Keystone uma centena de vezes. Eu me sento naquele escritório e estou miserável *pra* caralho. Eu tenho aquela foto nossa na minha mesa, aquela na roda-gigante onde você está rindo e pendurada no meu braço. Foi o melhor dia da minha vida, Aida. Se você me der outra chance,

provarei o que você significa para mim. Vou colocar um anel no seu dedo e mostrá-la ao mundo.

— Eu já tenho um anel no meu dedo, — Aida diz estupidamente, levantando a mão para mostrá-lo a ele. — Eu me casei, lembra?

— Aquele casamento foi uma merda. Eu sei que você só fez isso para me machucar. Você não se importa com a porra do Callum Griffin, ele é tudo que você odeia! Você não suporta pessoas que são arrogantes e falsas e exibem seu dinheiro. Quanto tempo você namorou com ele? Eu posso dizer que você está infeliz.

— Não estou infeliz, — diz Aida. Ela não parece muito convincente.

Eu sei que deveria interromper os dois, mas estou fixado no lugar. Furioso com a coragem de Oliver Castle, tentando seduzir minha esposa na minha própria festa de arrecadação de fundos, mas também perversamente curioso para saber como Aida vai responder.

— Venha me encontrar para jantar amanhã à noite, — Oliver implora a ela.

— Não, — Aida balança a cabeça.

— Venha para o meu apartamento, então. Eu sei que ele não te toca como eu costumava fazer.

Ela vai concordar? Ela ainda quer transar com ele?

Oliver está tentando envolver seus braços em volta dela, tentando beijar seu pescoço. Aida está batendo nas mãos dele, mas ele a encurralou em um canto, e ela está atrapalhada pelo vestido e saltos justos.

— Pare com isso, Oliver, alguém vai ver você...

— Eu sei que você sente falta disso...

— Estou falando sério, pare com isso ou eu vou...

Oliver a pressiona contra a grade, tentando enfiar a mão na saia dela. Eu sei que ela não está de calcinha porque eu mesmo a vesti. O pensamento de Oliver tocando os lábios de sua boceta nua é o que finalmente me faz explodir.

Já ouvi falar de pessoas cegas de raiva. Isso nunca aconteceu comigo antes – mesmo quando estou com mais raiva, sempre mantive o controle.

Agora, em um instante, eu passo de ficar atrás dos bordos japoneses para agarrar Oliver Castle pelo pescoço, apertando o mais forte que posso com minha mão esquerda. Enquanto isso, meu punho direito está batendo em seu rosto uma e outra vez. Eu ouço um rugido insano e percebo que sou eu, sou aquele que uiva de raiva enquanto bato no homem que colocou as mãos em minha esposa. Eu até começo a pegá-lo como se fosse jogá-lo pela porra da grade.

Eu poderia realmente ter feito isso se meu pai, Aida e várias outras pessoas não agarrassem meus braços e me puxassem para fora de Castle.

O rosto de Castle está uma bagunça de sangue, seu lábio partido e sua camisa respingada. Então a minha, agora que olho para ela.

A festa parou bruscamente. Todo mundo dentro e fora está olhando para nós.

— Chame a segurança, — meu pai late. — Este homem tentou atacar a Sra. Griffin.

— A merda que fiz isso, — Oliver rosna. — Ele...

Meu pai o silencia com outro golpe no rosto. Fergus Griffin não perdeu seu toque – a cabeça de Castle se vira para trás e ele cai no chão do pátio. Dois seguranças correm para o deck para pegá-lo.

— Saia. Agora, — meu pai sibila para mim baixinho.

— Vou levar minha esposa para casa, — digo, alto o suficiente para que todos possam ouvir. Tiro meu paletó, envolvendo-o nos ombros de Aida como se ela tivesse acabado de levar um choque.

Aida permite isso porque *está* chocada. Chocada por como eu ataquei Oliver Castle como um cachorro raivoso.

Com meu braço em volta dos ombros dela, empurramos a multidão, pegando o elevador de volta ao andar térreo.

Eu a empurro para a limusine que está esperando.

15

Aida

Assim que entramos na limusine, Callum late, — Dirija — e levanta a divisória para que fiquemos sozinhos na parte de trás, longe do motorista.

Suas mãos estão cobertas de sangue, o mesmo com sua camisa branca. Ele até tem sangue no rosto e seu cabelo está desgrenhado, caindo sobre a testa. Seus olhos parecem selvagens, as pupilas muito negras contra o azul claro. Um anel preto circunda a íris azul, o que o faz parecer uma ave de rapina quando olha para mim, como está fazendo agora.

Posso ver os músculos de sua mandíbula se contraindo e os tendões se destacando em seu pescoço.

— Você está louco! — Eu grito, enquanto a limusine se afasta do meio-fio.

Eu sacudo o paletó de Callum, irritada por deixá-lo colocar sobre meus ombros como se eu fosse algum tipo de vítima.

— Aquele filho da puta seboso colocou as mãos em você, — diz Callum.

Há um tom áspero em sua voz. Já o ouvi com raiva antes. Mas não neste nível. Suas mãos sujas de sangue estão tremendo. Eu o vi tentar pegar Oliver e jogá-lo por cima do parapeito. Ele ia fazer isso. Ele iria matá-lo.

Eu posso ter subestimado Callum Griffin.

— Eu poderia ter lidado com isso sozinha, — eu estalo. — Ele só estava bêbado. Eu poderia ter me afastado dele sem fazer uma cena.

— Ele estava tentando seduzi-la, bem na minha frente, — Callum rosna.

— Você estava me espionando!

— Você está absolutamente certa que eu estava. Você é minha esposa. Você não tem segredos para mim.

Eu zombo.

— Isso só vai para um lado, não é? Você está fora o dia todo tendo reuniões e compromissos secretos. Escondido no escritório do papai fazendo planos.

— Estou trabalhando, — diz Callum com os lábios rígidos.

Posso dizer que ele ainda está energizado ao máximo, milhares de volts de energia pura e vingativa correndo por seu corpo. Ele foi interrompido, descontando sua agressividade em Oliver. Agora não tem para onde ir, e parece que ele vai explodir ao menor toque.

Estou muito chateada comigo mesma. De onde ele sai ouvindo minha conversa particular? Agindo como se eu fosse sua propriedade, como se tivesse o direito de ficar com ciúmes?

Oliver me amava pelo menos, do seu jeito estúpido e imaturo. Callum não me ama. Por que ele deveria se importar se algum cara tenta colocar a mão na minha saia?

— Continue trabalhando, — eu assobio para ele. — E fique fora da minha vida pessoal. Você quer um pequeno acessório bonito em seu braço? Eu fiz isso. Eu vim para a sua festa estúpida, usei este vestido feio. Disse a Mitts que ele deveria apoiá-lo. Estou cumprindo minha parte do acordo. Com quem eu namorei não é da sua conta.

— Você o amava? — Callum exige.

— Não é da sua conta! — Eu grito. — Eu acabei de dizer isso!

— Diga-me, — ordena Callum. — Você amou aquele pedaço arrogante de merda?

Ele está com aquele olhar enlouquecido de fome novamente. Como se isso o estivesse deixando louco e ele tivesse que saber.

Bem, eu não vou dizer merda nenhuma. Estou chateada por ele estar bisbilhotando, e chateada por ele achar que tem direito aos meus pensamentos e sentimentos quando não ganhou o menor vestígio de confiança.

— Com o que você se importa? — Eu pergunto. — O que isso importa?

— Eu preciso saber. Você gostou de como ele te tocou? Como ele fodeu você?

Sem parecer perceber, ele colocou a mão na minha coxa nua. Seus dedos deslizam para cima, sob a saia rígida de contas do vestido que ele me fez usar.

Eu dou um tapa em sua mão, empurrando-o no peito para uma boa medida.

— Talvez eu tenha, — eu digo.

— Quem te fode melhor? Eu ou ele? — Callum exige. Sua mão está na minha coxa novamente, e sua outra mão alcança minha nuca, tentando me puxar para mais perto. Ele está me pressionando contra o assento, subindo em cima de mim.

Desta vez, dou um tapa no rosto dele, com força suficiente para cortar seu lábio.

O tapa ecoa na parte de trás da limusine, alto no silêncio porque não há

música tocando.

Por um segundo, parece sacudi-lo para acordá-lo.

Então ele pisca e seus olhos estão mais lascivos do que nunca. Faminto como um lobo.

Ele me beija, esmagando seus lábios contra os meus e enfiando a língua em minha boca. Posso sentir o gosto do sangue de seu lábio partido, salgado e quente.

Seu peso me esmaga contra o assento de couro profundo. Sua temperatura corporal parece estar em duzentos graus.

Eu odeio Callum mais quando ele está frio, rígido, robótico. Quando ele passa por mim no corredor como se eu nem estivesse lá. Quando ele dorme ao meu lado na cama sem me abraçar, sem nem mesmo me tocar.

Quando eu o deixo com uma raiva dessas, quando ele finalmente quebra e perde o controle... é quando eu não o odeio. Na verdade, quase gosto um pouco dele. Porque é quando me vejo um pouco mais.

Quando ele tem um temperamento. Quando ele está com raiva. Quando ele quer matar alguém.

É quando eu o entendo.

É quando finalmente temos um ponto em comum.

Eu o beijo de volta, agarrando seu rosto em minhas mãos. Meus dedos enfiados em seu cabelo. Seu cabelo está molhado de suor e seu couro cabeludo irradia calor. O pescoço dele também.

Eu quero sentir o resto de seu corpo.

Eu me atrapalho com os botões de sua camisa, que são do tipo estúpido coberto, do tipo que você nunca pode desfazer mesmo quando pode vê-los em plena luz.

Eu rasgo a frente de sua camisa em vez disso, como se ele fosse o Superman e houvesse um asteroide vindo direto para nós. Eu corro minhas mãos sobre sua carne em chamas, sentindo os músculos se contraindo com a excitação.

Sua língua mergulha em minha boca, tão profundamente que quase me sufoca. A barba aparada em seu rosto arranha minha bochecha. Ele está tentando tirar meu vestido, mas está tão rígido e apertado que ele nem consegue puxar a saia para cima em volta da minha cintura.

Rosnando de frustração, ele pega seu paletó do chão e tira uma faca do bolso. Ele pressiona um botão e a lâmina se vira, rápida e brutalmente afiada. É muito parecida com a que o Nero carrega. E, assim como Nero, posso dizer pela maneira como Callum a segura, que ele sabe como usar uma faca.

— Fique quieta, — ele rosna, prendendo-me contra o assento.

Eu fico perfeitamente imóvel. Com cinco ou seis puxões rápidos, ele cortou o vestido do meu corpo, deixando-o em pedaços no chão da limusine.

Estou completamente nua por baixo.

Callum leva um segundo para devorar meu corpo com os olhos. Então ele desabotoa as calças, deixando seu pênis livre.

Eu nunca admitiria para ele, mas Callum tem um pau lindo. Nunca vi nada igual. Os cortes profundos de seu cinto Adônis conduzem diretamente ao eixo, que é muito grosso para eu fechar minha mão. Sua pele é pálida e cremosa, e seu pau é quase exatamente da mesma cor, com apenas um toque de rosa na cabeça.

Gostei bastante de tê-lo na boca naquela vez no chuveiro. Era

incrivelmente suave, deslizando para dentro e para fora dos meus lábios com facilidade.

Na verdade, eu estaria disposta a fazer isso de novo agora. Mas Callum está muito impaciente.

Ele me puxa para baixo em cima dele, então estou montada em seu colo. Seu pênis se levanta entre nós, alcançando quase todo o caminho até o meu umbigo. Eu deslizo os lábios da minha boceta para frente e para trás ao longo do eixo, umedecendo-o. Então me abaixo na cabeça gorda, deixando-a deslizar para dentro de mim.

Callum inclina a cabeça para trás contra o assento, deixando escapar um gemido profundo e gutural enquanto minha boceta engole seu pau. Suas mãos estão em volta da minha cintura, puxando-me para baixo.

Oh meu Deus, é tão bom...

Eu estive molhada a noite toda com a fricção enlouquecedora da minha boceta nua sob aquele vestido. Eu estava com tesão e frustrada, me perguntando quando diabos eu faria sexo novamente.

Tenho que admitir, por um segundo a oferta de Oliver não soou tão ruim. Ele é arrogante, imaturo e meio idiota, mas pelo menos adorava meu corpo.

Mas quando ele estava falando sobre a noite em que transamos nas dunas de areia, uma imagem diferente passou pela minha cabeça: Callum, me empurrando contra a parede de vidro do chuveiro e deslizando aquele pau grosso e lindo dentro de mim. Eu estava pensando nas mãos do meu marido em cima de mim no calor úmido, não no meu ex-namorado.

Não consigo parar de pensar nisso.

E agora que estou experimentando de novo, parece ainda melhor do que da

primeira vez. Callum está ainda mais selvagem e faminto do que antes. Ele está levando meus seios à boca, chupando-os como se estivesse morrendo de fome e isso fosse a única coisa que o mantém vivo. Quando ele solta meu mamilo, ele começa a chupar meu pescoço, tão áspero e faminto que eu sei que estarei coberta de marcas amanhã.

Eu salto para cima e para baixo em seu colo, montando em seu pau. O movimento da limusine ao passar por trechos acidentados da estrada ou virar uma esquina só aumenta o atrito do trajeto. Até mesmo a vibração do motor está aumentando a sensação. Eu posso sentir o cheiro do couro rico dos assentos, o álcool na barra lateral, o sangue na camisa de Callum e o suor em sua pele.

Ele agarra um punhado do meu cabelo, mordendo o lado do meu pescoço como o vampiro que eu imagino que ele seja. Isso envia arrepios pelo meu corpo; isso me faz agarrar em seu pescoço e apertar em torno de seu pau.

— Aida, — ele geme em meu ouvido, — você é linda *pra* caralho.

Eu congelo por um segundo.

Callum nunca me elogiou antes. Achei que ele gostasse de garotas como Christina Huntley-Hart – magra, loira, elegante, popular. Bem-educada como um poodle de circo.

Quando ele atacou Oliver, pensei que era por orgulho. Aborrecimento porque Oliver quebrou sua arrecadação de fundos e tentou colocar as mãos em sua propriedade.

Nunca imaginei que Callum pudesse realmente estar com ciúmes.

É meu marido ferido, arrogante e perfeccionista... realmente em mim?

Eu começo a montar seu pau novamente, rolando meus quadris para que minha boceta deslize para cima e para baixo em todo o comprimento de seu

eixo.

Callum geme, seus braços em volta de mim com tanta força que mal posso respirar.

Coloco meus lábios contra sua orelha e sussurro: — Você me quer, Cal?

— Eu não quero você, — ele geme, sua voz rouca e crua. — Eu *preciso* de você.

Suas palavras liberam algo dentro de mim. Aquela parte de mim que estava tentando conter minha própria atração desesperada, porque era muito intensa, muito perigosa para se entregar. Eu não poderia me permitir desejar este homem porque era inútil. Achei que não tinha poder sobre ele.

Mas agora percebo que ele precisa disso tanto quanto eu. E eu começo a gozar com tanta força que meu corpo inteiro treme na moldura de seus braços. Parece uma cachoeira, trovejando por mim. A merda das Cataratas do Niágara de prazer, caindo e caindo e caindo. Imparável. Desinibido.

No entanto, mesmo depois de terminar o clímax, ainda quero mais. O orgasmo foi incrível, mas não satisfez completamente. Eu preciso de mais.

Callum me deita de costas e sobe em cima de mim, empurrando em mim novamente. Ele está olhando diretamente nos meus olhos agora, seu azul claro no meu cinza esfumaçado.

Normalmente, quando eu olho nos olhos dele, é porque estou furiosa, tentando encará-lo. Nunca nos olhamos assim: abertos, curiosos, questionadores.

Callum não é um robô. Ele sente as coisas tão agudamente quanto eu. Talvez até mais, porque ele está sempre tentando enfiar para dentro.

Pela primeira vez, ele pressiona seus lábios contra os meus com

delicadeza. Sua língua provando e explorando.

Eu o beijo de volta, meus quadris ainda rolando sob os dele. Posso sentir outro clímax se formando, a outra metade daquele que veio antes. Por que nossos corpos se encaixam tão perfeitamente quando tudo o mais sobre nós é completamente oposto?

— Você é minha, Aida, — Callum rosna em meu ouvido. — Eu vou matar qualquer um que tentar tocar em você.

Com isso, ele explode dentro de mim. E estou gozando também, um segundo orgasmo ainda mais forte que o primeiro. O mais forte que já senti, na verdade. Não tenho certeza se estarei viva quando acabar.

16

Callum

Felizmente, Aida e eu somos os primeiros a voltar para casa, porque os pedaços de seu vestido estão espalhados pelo chão da limusine, e ela não tem mais nada para vestir, exceto meu paletó.

Ela não dá a mínima. Sempre com o espírito livre, ela apenas enrola meu casaco em volta do corpo e corre para dentro descalça, dando ao motorista uma saudação alegre em seu caminho.

Eu gostaria de segui-la, mas posso sentir meu telefone zumbindo no bolso – meu pai, ligando para me castigar.

— Que porra você estava pensando, — diz assim que atendo.

— Aquele pedaço de merda tentou agredir minha esposa.

— Você entrou em uma briga em sua própria arrecadação de fundos. Com Oliver Castle! Você sabe como isso parece?

— Ele tem sorte de eu não ter espirrado seu cérebro no concreto.

— Se você fizesse, você estaria na prisão agora, — meu pai ferve. — Não foi um garoto da fraternidade que você atropelou – Henry Castle é um dos homens mais ricos de Chicago. Ele doou cinquenta mil para a sua campanha!

— Ele não vai receber um reembolso, — eu digo.

— Você vai ter que dar a ele muito mais do que um reembolso para impedi-lo de torpedear sua corrida.

Eu cerro meus dentes com tanta força que meus molares parecem que estão prestes a se quebrar ao meio.

— O que ele quer, — eu digo.

— Você vai descobrir amanhã de manhã. 8h, em Keystone Capital. Não se atrase.

Puta que pariu. Henry Castle é pior do que seu filho – envaidecido, arrogante e hiper exigente. Ele vai querer que eu rasteje e beije seu anel. Enquanto eu quero castrá-lo para impedi-lo de gerar mais filhos idiotas.

— Eu estarei lá, — eu digo.

— Você perdeu o controle esta noite, — diz meu pai. — O que diabos está acontecendo com você e aquela garota?

— Nada.

— Ela deveria ser um trunfo, não um problema.

— Ela não fez nada. Eu te disse, foi Castle.

— Bem, recomponha-se. Você não pode permitir que ela o distraia de seu objetivo.

Eu desligo, fervendo com tudo o que não foi dito que eu queria gritar no telefone.

Foi ele quem me obrigou a casar com Aida e agora está chateado porque ela não é uma pequena peça de xadrez que ele possa mexer no tabuleiro, como faz com todo mundo?

É isso que admiro nela. Ela é selvagem e feroz. Preciso de tudo que tenho para fazê-la usar um maldito vestido. Ela nunca se rastejaria na frente de Henry

Castle. E nem eu.

Eu subo as escadas para o nosso quarto, esperando que ela esteja escovando os dentes e se preparando para dormir.

Em vez disso, ela salta sobre mim logo que entro no quarto. Ela me beija profundamente, puxando-me para a cama.

— Você não está cansada? — Eu pergunto a ela.

— Não é nem meia-noite, — ela ri. — Mas se você preferir dormir, meu velho...

— Vamos ver o que é preciso para cansar você, sua lunática de merda, — eu digo, jogando-a no colchão.

♥ ♥ ♥

Aida ainda está dormindo profundamente quando preciso me levantar para o encontro com Henry Castle na manhã seguinte. Eu puxo os cobertores ao redor de seus ombros nus, embora pareça uma pena cobrir toda aquela pele lisa e brilhante.

Ela parece exausta depois da brincadeira que tivemos na noite passada. Passamos uma hora fazendo algo que era tão perto de lutar quanto foder. Ela estava me testando, testando se eu a deixaria assumir o controle, testando minha energia e resistência.

Não havia nenhuma fodida maneira de eu bater primeiro. Cada vez que ela tentava me dominar, eu a prendia de novo e a fodia impiedosamente, até que ambos estávamos ofegantes e pingando de suor.

Eu podia ver como isso a excitava, sentindo minha força contra a dela, sabendo que eu não cederia um centímetro a ela. Ela gosta de me empurrar, para ver o quão longe ela pode ir antes que eu estale. Ela faz isso dentro e fora do quarto.

Bem, sou uma porra de uma montanha que não pode ser empurrada. Ela aprenderá isso em breve.

E Henry Castle também. Eu sei que ele pensa que vim ao seu escritório para rastejar, mas isso não está acontecendo, porra.

Na verdade, quando sua recepcionista me diz para sentar e esperar do lado de fora de sua porta, digo a ela: — Nossa reunião é às oito, — e entro.

Exatamente como eu suspeitava, Henry está sentado atrás de sua mesa, fazendo nada no momento.

Ele é um homem grande, completamente careca, bem musculoso, mas também gordo. Ele usa ternos largos com ombros largos, realçando a impressão de seu corpo. Suas sobrancelhas parecem muito pretas e um tanto deslocadas em sua cabeça sem pelos.

— Griffin, — ele diz com um aceno severo.

Ele está tentando definir um tom de comando.

Na verdade, ele gesticula para que eu me sente em frente à sua mesa. A cadeira é baixa e estreita, deliberadamente inferior àquela em que o próprio Henry se senta.

— Não, obrigado, — eu digo, permanecendo de pé e recostado casualmente contra a lateral de sua mesa. Agora sou eu quem está olhando para ele. Eu posso dizer que isso o irrita. Quase imediatamente, ele próprio se levanta, a pretexto de olhar algumas das fotos em sua estante.

— Você sabe que Oliver é meu único filho, — diz ele, pegando uma foto emoldurada de um menino na praia. O menino está correndo em direção à água. Há uma casa atrás dele – pequena, azul, quase mais parecida com uma cabana. A areia chega até os degraus.

— Mm, — eu digo, balançando a cabeça evasivamente. — Onde é isso?

— Chesterton, — Henry disse brevemente. Ele quer voltar ao assunto. Em vez disso, retiro pela tangente, para aumentar sua irritação.

— Você vai muito lá? — Eu digo.

— Nós costumávamos. Todo verão. Eu acabei de vendê-la, no entanto. Teria feito isso antes, mas Oliver fez um estardalhaço. Ele é mais sentimental do que eu.

Henry coloca a foto firmemente de volta na prateleira, virando-se para me encarar novamente. Suas espessas sobrancelhas negras caem sobre os olhos.

— Você agrediu meu filho ontem à noite, — ele diz.

— Ele agrediu minha esposa.

— Aida Gallo? — Henry diz com um pequeno sorriso de escárnio. — Sem ofensa, mas eu não acreditaria na palavra dela.

— Isso é extremamente ofensivo, — eu digo, segurando seu olhar. — Sem falar que vi com meus próprios olhos.

— Você o escoltou para fora pela segurança, — Henry diz laconicamente. — Espero um tratamento melhor para um de seus maiores doadores.

Eu dou uma pequena bufada.

— Por favor. Eu tenho muito dinheiro. Não vou prostituir minha esposa

por cinquenta mil. E, em qualquer caso, meu relacionamento é com você, não com Oliver. Duvido que o fato de ele ser um bêbado com a mão boba seja uma surpresa para você. Então, vamos direto ao assunto do que realmente está incomodando você.

— Tudo bem, — Henry se encaixa. Seu rosto fica vermelho, fazendo sua cabeça careca parecer mais brilhante do que nunca. — Ouvi dizer que você está vendendo a propriedade Transit Authority para Marty Rico. Quero isso.

Jesus Cristo. Ainda nem sou o vereador, a propriedade não está à venda e metade dos homens em Chicago está tentando fechar seus punhos sujos em torno dela.

— Eu tenho várias partes interessadas, — eu digo, batendo meus dedos levemente no topo de sua mesa. — Vou considerar todos os lances.

— Mas você vai dar para mim, — Castle diz ameaçadoramente.

Ele pode ameaçar o quanto quiser. Eu não vou dar nada de graça.

— Se o preço estiver certo, — digo a ele.

— Você não quer fazer de mim um inimigo. — Henry está de volta atrás de sua mesa agora, de pé porque ele quer pairar sobre mim. Infelizmente para ele, isso não funciona quando você não é o homem mais alto da sala.

— Tenho certeza de que você vai inventar algo bom, — comento. — Afinal, está escrito 'capital' na porta.

Seu rosto está ficando cada vez mais escuro. Ele parece que está prestes a estourar um vaso sanguíneo.

— Entrarei em contato com seu pai sobre isso, — ele sibila.

— Não se preocupe, — digo a ele. — Ao contrário do seu filho, eu falo

por mim mesmo.

17

Aida

Callum se levanta cedo, silenciosamente entrando no banheiro e fechando a porta para não me acordar com o barulho do chuveiro.

Quando finalmente acordei, ele já se foi há muito tempo, provavelmente está indo para alguma reunião. Ainda posso sentir o cheiro de seu shampoo e loção pós-barba no ar. Um perfume que está se tornando cada vez mais erótico para mim.

Estou me deleitando com a satisfação da noite anterior.

Eu nunca teria acreditado que Callum Griffin tivesse a capacidade de ser tão apaixonado ou sensual. Francamente, é o melhor sexo que já fiz, com a pessoa de quem menos gosto. Que enigma. Porque quase me faz sentir amigável com ele, e eu não estava planejando isso de forma alguma.

Minha cabeça está girando. O que diabos está acontecendo? Isso é Síndrome de Estocolmo porque estive envolvida com os Griffins por muito tempo?

Felizmente, vou para casa hoje, para poder recuperar um pouco a sanidade.

Eu gostaria que fosse por um motivo mais feliz. É o aniversário da morte de minha mãe – um dia que sempre passo com meu pai e meus irmãos.

Estou ansiosa para isso. Não voltei desde que me casei. Eu me pergunto se vai parecer diferente agora que tecnicamente moro em outro lugar.

A mansão dos Griffin com certeza não parece um lar. Há algumas coisas de

que gosto nela – principalmente a sala de cinema e a piscina. Todo o resto está sempre irritantemente arrumado, como se alguém viesse para filmar uma revista a qualquer minuto. A maioria dos sofás parece que você não deveria realmente sentar neles, cercados por travesseiros rígidos e desprovidos de acessórios confortáveis como livros ou cobertores.

Além disso, há muitos funcionários. Faxineiras, cozinheiras, auxiliares, motoristas, seguranças... é difícil se sentir confortável quando você sabe que alguém pode entrar sorrateiramente na sala a qualquer momento, sempre recuando educadamente se ver que o espaço está ocupado, mas ainda lembrando que você não está sozinho e que está em alguma classe estranha acima eles.

Tento conversar com “a ajudante” – especialmente Marta, porque a vejo com mais frequência. Ela tem uma filha de sete anos, ouve reggaeton e é o Michelangelo da maquiagem. Ela parece legal, como se pudéssemos ser amigas. Exceto que ela deveria fazer tudo para mim, como se eu fosse um Griffin.

É engraçado, porque os Gallos também não são exatamente pobres. Mas existem níveis de rico, assim como tudo o mais.

De qualquer forma, ficarei feliz em voltar à realidade por um dia.

Nessa gentilmente me empresta seu jipe para ir para casa. Na verdade, não tenho meu próprio carro. Na casa de Papa, sempre havia veículos aleatórios suficientes na garagem para que eu pudesse levar o que quisesse, presumindo que Nero não tivesse removido o motor para seus próprios propósitos bizarros. Acho que posso conseguir um agora. Tenho muito dinheiro no banco. Mas eu odeio a ideia de implorar aos Griffins por uma vaga no estacionamento.

Eu sigo para a Old Town, sentindo que se passaram meses em vez de apenas semanas desde a última vez que estive aqui.

Dirigir por essas ruas conhecidas é como voltar a ser eu mesma. Vejo as

lojas e padarias que conheço tão bem, e acho que é engraçado que Callum e eu vivemos a apenas alguns quilômetros de distância um do outro todo esse tempo, mas nossos mundos são tão diferentes.

Todos os tipos de pessoas viveram em Old Town ao longo dos anos – quando ela estava repleta de fazendas alemãs, eles a chamavam de “A Mancha do Repolho”. Mais tarde, os porto-riquenhos se mudaram e um exército de artistas. E muitos italianos também.

Meu avô comprou nossa casa nos anos 50. É uma grande velha vitoriana – ênfase no “velha”. Tem quatro níveis de altura, tão escura e íngreme como uma casa mal-assombrada, sombreada por carvalhos crescidos e apoiada por um jardim murado.

Meu pai cavou um estacionamento subterrâneo para todos os projetos em andamento de Nero, então eu dirijo abaixo do nível da rua para estacionar, subindo as escadas até a cozinha, onde surpreendo Greta jogando meus braços em volta de sua cintura grossa.

— *Minchia!* — Ela grita, girando com uma colher na mão, salpicando-me com molho de tomate. — Aida! Por que você não me disse que estava voltando para casa? Eu teria feito o jantar!

— Você está fazendo o jantar, — eu observo.

— Eu teria feito um jantar melhor.

— Eu amo tudo o que você faz, — eu digo, tentando roubar a colher de sua mão para que eu possa provar o molho.

Em vez disso, ela a usa para bater nos nós dos meus dedos.

— Não! Ainda não está pronto.

Eu a agarro pela cintura e a abraço novamente, apertando-a com força e tentando levantá-la do chão.

— *Smettila!* — Ela se encaixa. — Pare com isso antes de quebrar suas costas. Ou quebrar as minhas!

Eu me contento em beijá-la na bochecha em vez disso.

— Eu sinto sua falta. O cozinheiro dos Griffins faz a pior comida.

— Eles não têm um bom cozinheiro, com todo esse dinheiro? — Ela diz com espanto.

— É tudo comida saudável. Eu odeio isso.

Greta estremece como eu dissesse que estavam servindo ratos vivos.

— Não há nada mais saudável do que azeite e vinho tinto. Você come como um italiano e viverá para sempre. Não é bom ser muito magro.

Eu sufoco uma risada. Não creio que Greta jamais esteve dentro de vinte quilos e, francamente, também nunca fui um pau. Portanto, não estamos falando exatamente por experiência própria. Mas parece miserável.

— Onde está o Papa? — Eu pergunto a ela.

— Ele está na sala da sua mãe.

Ela se refere à sala de música. Minha mãe se formou como pianista clássica antes de conhecer meu pai. Seu piano de cauda ainda está na sala mais ensolarada do último andar, junto com todos os seus livros de composição e partituras.

Subo os dois lances de escada para encontrar Papa. As escadas são estreitas e rangem, os degraus de madeira mal largos o suficiente para Dante

subir sem que seus ombros encostem nas paredes de cada lado.

Papa está sentado no banco do piano de minha mãe, olhando para as teclas. Ele afina e faz a manutenção do piano todos os anos, embora Mama fosse a única que tocava no piano.

Lembro-me claramente dela sentada exatamente naquele lugar. Ficava surpresa com a rapidez com que suas mãos podiam voar sobre as teclas, considerando que ela era pequena e suas mãos mal eram maiores do que as minhas.

Não tenho muitas outras memórias dela. Tenho ciúmes porque meus irmãos a conheciam há muito mais tempo do que eu. Eu tinha apenas seis anos quando ela morreu.

Ela pensou que era uma gripe. Ela se escondeu em seu quarto, não querendo passar para o resto de nós. Quando meu pai percebeu como ela estava doente, já era tarde demais. Ela morreu de meningite depois de ficar doente apenas dois dias.

Papa se sentiu terrivelmente culpado. Ele ainda se sente.

Em nosso mundo, você sabe que pode perder um membro da família de forma violenta. Os Gallos perderam mais do que a nossa parte. Mas você não espera o ladrão silencioso, alguma doença atingindo uma mulher tão jovem e saudável.

Papa ficou arrasado. Ele amava minha mãe intensamente.

Ele a viu se apresentar no Riviera Theatre. Ele mandou flores, perfume e joias para ela durante semanas antes que ela concordasse em jantar com ele. Ele era doze anos mais velho que ela e já era infame.

Ele a cortejou por mais dois anos antes que ela concordasse em se casar

com ele.

Não sei o que ela pensava sobre seu trabalho ou sua família. Eu sei que ela adorava seus filhos, pelo menos. Ela sempre falava sobre seus três lindos meninos e eu, sua última pequena surpresa.

Dante tem seu foco. Nero tem seu talento. Sebastian tem sua bondade. Não sei o que tenho, os olhos dela, suponho.

Eu posso tocar piano um pouco. Não como ela, no entanto.

Vejo os ombros largos e adequados de Papa curvados sobre as teclas. Ele toca o dó médio com um dedo quase grosso demais para ficar dentro dos limites da tecla. Papa tem uma cabeça enorme que fica quase diretamente sobre seus ombros. Cabelo escuro e encaracolado com mechas brancas. Suas sobrancelhas são grossas como meu polegar. Elas ainda estão pretas, assim como o bigode dele. Mas sua barba é grisalha.

— Venha tocar comigo, Aida, — ele diz sem se virar.

É impossível se aproximar dele furtivamente. E não apenas em nossa casa, onde as escadas rangem.

Sento-me ao lado dele no banco. Ele desliza para abrir espaço para mim.

— Toque a música da sua mãe, — diz ele.

Eu espalhei meus dedos sobre as teclas. Toda vez, acho que vou esquecer. Não sei dizer como começa, nem mesmo cantarolar direito. Mas o corpo lembra muito mais do que o cérebro.

Ela tocava essa música indefinidamente. Não era a mais difícil, nem mesmo a mais bonita. Apenas aquela que ficava presa em sua cabeça.

Gnossienne No. 1 por Erik Satie. Uma peça estranha e assustadora.

Começa rítmica, misteriosa. Como uma pergunta. Em seguida, parece responder com raiva, dramaticamente. Em seguida, ela se repete, embora não seja exatamente o mesmo.

Não há assinaturas de tempo ou divisões de barra. Você pode jogar como quiser. Mama às vezes tocava mais rápido ou mais devagar, mais forte ou mais suave, dependendo de seu humor. Depois da segunda vez, ela se transforma em uma espécie de ponte – a parte mais melancólica de todas. Então, de volta ao início mais uma vez.

— O que isso significa? — Perguntei a ela quando era pequena. — O que é uma gnossienne?

— Ninguém sabe, — disse ela. — Satie inventou isso.

Eu toco para Papa.

Ele fecha os olhos, e sei que está imaginando as mãos dela nas teclas, movendo-se com muito mais sensibilidade do que as minhas.

Eu vejo seu corpo esguio balançando com o movimento da música, seus olhos cinza fechados. Posso sentir o cheiro dos lilases frescos que ela guardava em um vaso perto da janela.

Quando abro meus próprios olhos, o quarto está mais escuro do que ela o mantinha. Os carvalhos ficaram mais grossos e altos desde então, lotando a janela. Não há mais vaso, nem flores frescas.

Nero está parado na porta – alto, magro, cabelo preto caindo sobre um dos olhos, rosto tão bonito e cruel quanto um anjo vingador.

— Você deveria tocar, — eu digo a ele. — Você é melhor do que eu.

Ele balança a cabeça rapidamente e desce as escadas. Estou surpresa que

ele tenha vindo aqui para começar. Ele não gosta de relembrar. Ou demonstrar emoção. Ou aniversários.

Papa está olhando para o anel na minha mão esquerda. Isso pesa na minha mão e torna difícil de tocar.

— Eles são bons para você, Aida? — Ele diz.

Hesito, pensando em como Callum roubou minhas roupas na noite passada, como ele se lançou sobre mim no carro e cortou meu vestido. Qual o gosto de sua boca. Como meu corpo respondeu a ele.

— Você sabe que eu posso cuidar de mim mesma, Papa, — digo por fim.

Ele concorda. — Eu sei.

— Tymon Zajac foi ao evento de arrecadação de fundos de Callum na noite passada, — digo a ele.

Papa respira fundo. Se estivéssemos do lado de fora, ele poderia ter cuspido no chão.

— The Butcher, — ele diz. — O que ele queria?

— Ele disse que queria a propriedade da Transit Authority que está prestes a ser leiloada. Mas eu não acho que era isso, não realmente – acho que ele estava testando Callum. E talvez eu também. Para ver como reagiríamos a uma exigência.

— O que Callum disse?

— Disse a ele para se foder.

— Como Zajac reagiu?

— Ele saiu.

Meu pai franze a testa.

— Tenha cuidado, Aida. Isso não ficará sem resposta.

— Eu sei. Não se preocupe, porém, os Griffins têm segurança em todos os lugares.

Ele balança a cabeça, mas não parece satisfeito.

Eu ouço um barulho alto na cozinha do andar de baixo. Esta casa não tem isolamento – o barulho se espalha por toda parte.

Em seguida, vem o som estrondoso da voz de Dante, e uma risada que soa como Sebastian.

— Seus irmãos estão em casa, — diz Papa.

— Vamos. — Eu descanso minha mão em seu ombro enquanto me levanto do banco do piano.

— Desço em um minuto, — diz Papa.

Eu desço as escadas. Com certeza, todos os meus três irmãos estão amontoados na pequena cozinha com Greta. Dante está tentando limpar os cacos dos pratos quebrados que Sebastian bateu no chão com uma de suas muletas. O joelho de Seb ainda está envolto em uma cinta de alta tecnologia que deveria ser útil, mas em vez disso o transformou em um desastre ambulante ainda maior do que o normal.

Pelo menos ele está caminhando. Algo assim.

— Ei, desajeitado, — digo, dando-lhe um abraço.

— Era você tocando lá? — Sebastian diz, abraçando-me de volta.

— Sim.

— Você soa como ela.

— Não, eu não. — Eu balancei minha cabeça.

— Você definitivamente não, — Nero concorda.

— Dê-me a vassoura, — Greta exigiu de Dante. — Você está apenas espalhando a bagunça.

Enquanto ela está de costas, Nero rouba um de seus pãezinhos de laranja e o enfia na boca.

Sentindo um mau comportamento, ela se vira novamente e lhe dá um olhar duro. Nero tenta manter o rosto perfeitamente imóvel, apesar de suas bochechas estarem estufadas como as de um esquilo.

— Esses são para o almoço! — Greta grita.

— Eh já almoxo, — Nero diz, em torno de um pãozinho de laranja inteiro.

— Não, não é! E não coma sem seu pai.

Nero engole em seco.

— Ele não vai comer. Você sabe como ele fica hoje.

— Bem, não torne isso pior! — Greta diz. — E você, — ela aponta um dedo para Sebastian. — Saia daqui antes de quebrar algo importante.

— Tudo bem, tudo bem. — Sebastian enfia as muletas sob as axilas e se vira para a sala, por pouco não acertando a chaleira de Greta, enquanto derruba a vassoura.

Nero segura a alça habilmente com a mão direita, pegando outro pãozinho de laranja com a esquerda. Ele passa a vassoura para Greta, mantendo o rolo escondido atrás das costas.

— Aqui, Greta, — ele diz. — Você sabe que eu só quero ajudar.

— Você tiraria a camisa das minhas costas, seu demônio.

— Depende. Que tamanho é isso?

Ela tenta chicoteá-lo com um pano de prato, e ele sai correndo da cozinha, passando por Sebastian, que quase tomba.

Dante segue em um ritmo mais tranquilo. Eu saio por último, olhando os rolinhos de laranja recém glaciados, mas não querendo arriscar a ira de Greta.

Eventualmente, atraímos Papa trazendo seu antigo conjunto de mahjong e abrindo a garrafa de vinho que Dante trouxe. Jogamos um torneio rotativo, no qual Nero acaba por sair vitorioso, mas não sem acusações de trapaça e exigindo recontar todas as peças, caso algumas fossem “perdidas” no decorrer do jogo.

Quando o almoço está pronto, forçamos fisicamente Greta a se sentar e comer conosco, em vez de trabalhar o tempo todo. Nero a convence a beber uma e depois várias taças de vinho, momento em que ela começa a nos contar histórias sobre um escritor famoso que ela conhecia, com quem ela pode ter dormido “uma ou duas vezes” até que ele escreveu um personagem baseado sobre ela que a ofendeu terrivelmente.

— Foi Kurt Vonnegut? — Sebastian diz.

— Não. — Greta balança a cabeça. — E não estou lhe dizendo o nome dele, ele foi casado algumas vezes.

— Foi Steinbeck? — Nero diz, sorrindo maliciosamente.

— Não! Quantos anos você acha que eu tenho? — Greta diz, indignada.

— Maya Angelou, — eu digo, com uma expressão de inocência.

— Não! Parem de adivinhar, seus bichinhos desrespeitosos.

— Isso não é desrespeitoso, — diz Dante. — São todos excelentes autores. Agora, se disséssemos Dan Brown...

Greta, que adora *O Código Da Vinci*, está farta de todos nós.

— É isso aí! — Ela diz, levantando-se ameaçadoramente de seu assento. — Estou jogando sua sobremesa no lixo.

Nero faz um sinal frenético para eu ir resgatar o semifreddo do freezer antes que Greta possa se vingar.

Em suma, o dia está tão alegre quanto eu poderia esperar, dada a ocasião. A única pessoa que não está de bom humor como de costume é Sebastian. Ele está fazendo o possível para sorrir e participar de jogos e conversas com o resto de nós, mas posso dizer que as semanas de inatividade e a perda de sua coisa favorita no mundo o estão desgastando. Ele parece magro e cansado. Seu rosto está pálido, como se ele não tivesse dormido muito.

Eu sei que ele não quer que eu peça desculpas novamente. Mas vê-lo tentar transitar pelos corredores estreitos e pelas inúmeras escadarias da casa com aquelas malditas muletas está me matando.

Mesmo com aquele lembrete infeliz, a tarde termina cedo demais. Depois que todos comemos e limpamos a mesa, Dante e Nero precisam voltar ao projeto Oak Street Tower, e Sebastian tem uma aula de biologia.

Eu poderia ficar com Papa, mas sei que ele vai terminar o vinho enquanto examina álbuns de fotos antigos. Eu não tenho coração para isso. Todas aquelas fotos de Papa, Mama e meus irmãos viajando pela Sicília, Roma, Paris e Barcelona, enquanto eu ainda não existia, ou, na melhor das hipóteses, um bebê em um carrinho. Isso só me lembra do que perdi.

Então, dou um beijo no meu pai e me ofereço para ajudar Greta com a louça, sabendo que ela não vai deixar, então volto para a garagem para pegar o jipe de Nessa.

Estou de volta à mansão dos Griffins às 3:00 da tarde.

Não espero encontrar ninguém em casa além dos funcionários. Quando Imogen não está trabalhando em negócios familiares, ela espalha sua influência por dezenas de instituições de caridade e conselhos, ou então socializa estrategicamente com as esposas ricas e influentes dos principais cidadãos de Chicago. Fergus, Callum e Riona trabalham muitas horas e Nessa tem aulas quase todos os dias – seja no Loyola, seja no Lake City Ballet.

No entanto, quando entro pela porta lateral da cozinha, ouço duas vozes masculinas.

É Callum e seu guarda-costas, sentados nas banquetas do bar com mangas arregaçadas, paletós pendurados nas costas das cadeiras.

Não sei do que estão falando, mas fico imediatamente furiosa com a visão do boxeador brutal, que agora sei que se chama Jackson Howell Du Pont. Callum o conheceu na escola, em seus dias de Lakeside Academy. Jack é um dos muitos, muitos descendentes da família Du Pont, que primeiro fez fortuna com pólvora e, mais tarde, inventando o náilon, o Kevlar e o Teflon.

Infelizmente para o garoto Jackie, os Du Ponts foram um pouco bem-sucedidos em espalhar seu nome e sua semente, porque agora há cerca de quatro mil deles, e o ramo particular de Jack mal tinha arranhões suficientes para pagar sua sofisticada educação em uma escola particular, sem os habituais fundo fiduciário de acompanhamento. Então o pobre Jack está reduzido a conduzir Callum por aí, executando suas tarefas, cuidando de suas costas e, ocasionalmente, quebrando joelhos em seu nome. Como ele fez com meu irmão.

Fresca com a visão das olheiras e sorriso infeliz de Sebastian, quero agarrar a corda de piano mais próxima e envolvê-la na porra da garganta de Jack. Callum sabiamente manteve seu guarda-costas em segundo plano, longe da casa Griffin e fora da minha vista. Mas acho que ele não me esperava em casa tão cedo.

— Que porra ele está fazendo aqui? — Eu rosno.

Callum e Jack já se levantaram, assustados com minha aparição repentina.

— Agora, Aida, — diz Callum, erguendo as mãos em aviso. — Isso são águas passadas.

— São? — Eu rosno. — Porque Sebastian ainda está mancando. Enquanto esse garoto fodido bêbado aparentemente ainda está na sua folha de pagamento.

Jack revira os olhos, caminhando até a fruteira no balcão e pegando uma bela e suculenta maçã.

— Coloque sua cadela na coleira, — diz ele para Callum.

Para minha surpresa, Callum deixa cair as mãos e se vira para Jack, seu rosto congelado, mas seus olhos brilhando.

— O que você disse? — Ele exige.

Eu vejo o brilho opaco do metal dentro do paletó de Jack. Uma Ruger LC9 no bolso interno, pendurada nas costas da cadeira, em vez de presa com segurança ao corpo. Que porra de amador.

Em dois passos alcancei o paletó e tirei a arma. Eu verifico se ela está carregada, então deslizo a trava de segurança e coloco uma bala.

Ambos Callum e Jack congelam como cervos ao som da bala deslizando para dentro da câmara.

— Aida! — Callum diz bruscamente. — Você não...

Já estou apontando a arma para Jack.

— Deixando sua arma sem vigilância. — Eu estalo minha língua, balançando minha cabeça em desaprovação simulada. — Muito desleixado, garoto Jackie. Onde você obteve seu treinamento, a Academia de Polícia de Chicago? Ou era uma faculdade de palhaços?

— Vá se foder, sua boceta cheia de lábios — rosna Jack, seu rosto vermelho de raiva e os dentes à mostra. — Se você não fosse casada com ele...

— Você o quê? Teria seus dentes chutados como da última vez? — Eu bufo.

Jack está tão bravo que eu sei que ele já estaria me atacando, se eu não estivesse com a arma apontada diretamente para seu peito.

Callum está em uma posição mais ambivalente. Por um lado, posso dizer que ele está chateado porque eu puxei uma arma de sua cozinha e apontei para seu guarda-costas. Por outro lado, ele não gosta do jeito que Jack está falando comigo. Nem um pouco.

— Abaixe a arma, Aida, — ele me ordena.

Mas é para Jack que ele está olhando com uma fúria fria nos olhos.

— Eu vou, — eu digo, abaixando a arma para que o cano fique apontado diretamente para o joelho de Jack. — Depois que ele pagar pelo que fez ao meu irmão.

Na verdade, não atirei em ninguém antes. Já estive lá várias vezes com meus irmãos. Colocamos aqueles recortes de papel, às vezes uma silhueta humana em branco, às vezes um zumbi ou um ladrão. Eu sei como apontar para

o centro da massa, como agrupar minhas tacadas. Como apertar o gatilho em vez de puxá-lo, como controlar o tiro pela culatra.

É estranho mirar em uma pessoa real. Posso ver as gotas de suor ao longo do couro cabeludo de Jack, a forma como seu olho direito se contrai levemente enquanto ele me encara. Posso ver seu peito subindo e descendo. Ele é uma pessoa real, apesar de ser um idiota furioso. Eu realmente vou colocar uma bala nele?

Jack decide que a melhor maneira de sair dessa situação é tentando me intimidar. Talvez ele pense que é psicologia reversa. Ou talvez ele seja apenas burro.

— Você não vai atirar em mim, — ele zomba. — Você é apenas uma pirralha da máfia mimada, uma aspirante a garota durona como seu irmão vagabundo.

Callum, mais perceptivo do que Jack, vê minha intenção antes mesmo de eu me mover.

Ele mergulha para pegar a arma, batendo minhas mãos para cima enquanto eu puxo o gatilho.

O ruído é chocantemente alto no recinto da cozinha. Parece ecoar continuamente, ensurdecendo-nos.

Perco Jack, graças à intervenção de Callum. No entanto, a bala cava uma ranhura ao longo do lado externo do braço esquerdo de Callum, antes de se enterrar na porta de um dos armários de cedro personalizados de Imogen.

Como tinta escarlate em papel branco, o sangue penetra na manga da camisa de Callum. Ele olha para baixo, avaliando estoicamente o dano, antes de torcer meu braço nas minhas costas e prendê-lo com força.

— Eu disse para *não fazer isso,* — ele rosna em meu ouvido, furiosamente.

— Ela tentou atirar em mim! — Jack grita em descrença. — Ela puxou o gatilho! Sua vadia suja! Eu vou...

— Cale a porra da boca e mantenha-a fechada, — Callum late.

Jack para no lugar, congelado no ato de avançar sobre mim. Seu rosto grande e quadrado parece confuso.

— Se você ALGUMA VEZ falar com minha esposa assim de novo, vou esvaziar esse pente no seu peito.

Jack abre a boca como se fosse protestar, apenas para fechá-la novamente quando vê a expressão no rosto de Callum.

Eu realmente não consigo ver eu mesma, já que Callum ainda tem meu braço torcido nas minhas costas, de forma bastante dolorosa. Mas posso sentir o calor irradiando de seu corpo. Posso ouvir a gravidade mortal de sua ameaça. Ele está falando sério. Cada palavra disso.

— Você está... você está sangrando no chão, chefe, — diz Jack humildemente.

Com certeza, uma pequena poça está se formando no lado esquerdo de Callum. Penetrando na argamassa impecável entre os ladrilhos de Imogen. Outra coisa que vai realmente irritá-la.

— Limpe isso, por favor, — Callum diz na direção da porta.

Percebo que pelo menos três funcionários da casa estão espiando, tentando descobrir o que diabos está acontecendo sem se meter em problemas. Uma das empregadas, Linda, parece particularmente alarmada com o fato de Callum me colocar em uma chave de braço. Martino, o paisagista, que espreita pela janela,

fica nauseado ao ver o sangue no chão.

— Vá para casa, — ordena Callum a Jack. — Ligarei para você pela manhã.

Jack acena com a cabeça, acuado. Ele não faz contato visual comigo enquanto passa correndo.

Espero que Callum me deixe ir uma vez que Jack se foi. Presumi que ele estava me segurando daquele jeito para ter certeza de que eu não atacaria seu guarda-costas novamente.

Em vez disso, ele começa a me empurrar para fora da cozinha, pelo corredor.

— Onde estamos indo? — Eu exijo, tentando torcer meu pulso para fora de seu controle.

Callum apenas me segura com mais força. A dor está subindo pelo meu braço direito até o ombro, e minha mão está dormente. Seu braço esquerdo está em volta do meu corpo, sua mão apertando um punhado na frente da minha camisa. Minhas costas estão pressionadas contra seu peito. Posso sentir seu coração batendo forte, rápido e furioso como um tambor de guerra.

— Você pode me deixar ir, eu não – OUCH!

Ele está me empurrando escada acima, empurrando-me tão forte e rápido que meus pés mal tocam o chão. Ele continua me impulsionando até chegarmos ao fim do corredor e passarmos pela porta de nosso quarto. Só então ele me solta, batendo a porta atrás de si.

Ele se vira para me encarar, suas pupilas contraídas em alfinetadas, então seus olhos parecem mais azuis e frios do que nunca. Não mais vampiricamente pálido, sua pele está corada, sua mandíbula praticamente vibrando de quão forte

ele está apertando.

— Olha, — eu digo. — Eu sei que ficou um pouco...

Ele cruza o espaço entre nós em um passo, agarrando um punhado do meu cabelo. Ele joga minha cabeça para trás e me beija ferozmente.

É a última coisa que eu esperava. Todo o desafio sai do meu corpo e eu afundo contra ele, mancando de alívio. Acho que ele me perdoou, ou, pelo menos, entendeu por que fiz isso.

Mas eu imediatamente percebo que estava muito errada nessa suposição. Assim que nossos peitos se tocam, posso sentir que seu corpo ainda está queimando e tremendo, cada músculo latejando com o esforço de conter a emoção dentro dele.

Sua língua enche minha boca e seus lábios roçam contra os meus, com tanta força que posso sentir meus próprios lábios começando a inchar. Ele está me esmagando contra ele, ainda determinado a me subjugar, embora eu já tenha me submetido. É só quando meus joelhos estão literalmente dobrando debaixo de mim que ele me pega e me carrega para a cama.

Ele puxa minha camisa pela minha cabeça. Como uma criança, eu cooperativamente levanto meus braços, mas uma vez que a camisa está sobre minha cabeça, ele puxa meus pulsos de volta para trás, a camiseta de algodão ainda enrolada em um braço. Rapidamente, Callum cruza meus pulsos, usando a camisa torcida como uma corda para amarrá-los juntos.

Em seguida, ele desabotoa meu short, e com um puxão forte, ele puxa meu short e calcinha para baixo em torno dos meus joelhos.

Eu me sinto muito estúpida parada ali, com os braços amarrados atrás das costas e os tornozelos efetivamente amarrados também, a menos que eu queira

tentar sair do short sem cair de cara.

— Callum, — eu digo hesitante. — Você pode...

Callum está desatando a gravata. Ele a puxa do pescoço e se aproxima de mim com o material esticado entre as duas mãos, como um garrote. Estou um pouco preocupada que ele esteja prestes a me estrangular. Em vez disso, ele me amordaça com a gravata, cortando-me no meio da frase e amarrando a gravata com força atrás da minha cabeça.

Posso sentir o gosto da seda crua na minha língua. Deve ser cara.

Tenho uma vaga ideia de que Callum planeja me amarrar e me deixar aqui, como punição por atirar em seu empregado. Mas logo percebo que Callum não tem intenção de sair. Ele se senta na beira da cama e me puxa com força para seu colo. Ele me joga por cima de suas coxas, então meu rosto fica baixo por suas canelas e minha bunda nua está para cima.

Em um flash, eu percebo o que ele está planejando, e eu começo a me contorcer e me contorcer descontroladamente, tentando chutar meus pés para fora do meu short, e gritando através da mordaça, — *Não ouse* — embora saia mais como, — *Na osh...*

Callum levanta uma mão grande e forte e a traz assobiando na minha bunda. Há um som agudo de estalo, quase tão alto quanto o tiro da cozinha, e então, um instante depois, a dor pungente e quente me atinge.

— *Erggg!* — Eu grito através da mordaça.

SMACK!

Eu nem sabia que ele levantou a mão de novo e já me bateu de novo no mesmo lugar, ainda mais forte dessa vez.

SMACK!

SMACK!

SMACK!

Sua precisão é cruel. Cada golpe acerta exatamente no mesmo lugar na minha nádega direita, fazendo parecer que foi mergulhada na gasolina e incendiada.

Estou chutando e tentando rolar de seu colo, gritando todos os tipos de maldições. Callum me prendeu com força, sua mão esquerda caindo entre minhas omoplatas enquanto sua mão direita administra a punição.

Eu dou uma luta particularmente vigorosa e Callum late: — Fique quieta! Ou você terá o dobro!

Isso só me faz chutar com mais força. Como ele ousa tentar me bater! Como ele ousa me ameaçar! Quando eu ficar livre, vou socá-lo bem onde atirei nele e depois chutá-lo em algum lugar pior.

SMACK!

Callum trouxe sua palma para baixo no lado esquerdo agora. PORRA! Por que dói ainda mais? Como ele está me batendo com tanta força? Ele é como um jóquei chicoteando um cavalo!

SMACK!

SMACK!

SMACK!

Na verdade, nunca fui espancada antes. Eu não posso acreditar como isso está fazendo minha bunda queimar e latejar.

Callum me disse para ficar parada, mas não posso. Eu não posso evitar recuar para longe do próximo golpe, apertando minhas pernas juntas e me contorcendo na superfície dura de suas coxas.

Isso está tendo seu próprio efeito embaraçoso.

Afinal, estou nua. O aperto e contorção da minha carne nua contra a lã fina das calças de Callum estão criando um monte de atrito em lugares muito inconvenientes...

Meus mamilos estão duros como pedra dentro do meu sutiã. Posso sentir o calor e a umidade entre minhas coxas. Não consigo ver, mas suspeito que minhas bochechas estão queimando tão vermelhas quanto minha bunda.

Eu paro de lutar, principalmente porque não quero me deixar mais excitada inadvertidamente do que já estou. Eu também não quero que Callum perceba. É humilhante *pra* caralho. Se ele perceber o efeito que isso está causando em mim, nunca mais poderei encará-lo novamente.

Mas ele já sabe. Ele é tão perceptivo. No momento em que eu paro de lutar com ele, quando minha respiração muda e eu fico tensa, ele para de bater. Ele faz uma pausa por um momento, sua palma pesada descansando nas minhas nádegas latejantes.

Então ele começa a massagear minha bunda, suavemente.

A sensação de esfregar é indescritivelmente boa. É como aquela vez em que roubei um dos brownies especiais de Dante e comi tudo antes de receber uma massagem. Cada aperto na mão de Callum envia pulsos de prazer correndo pelos meus neurônios, fazendo-os brilhar como uma corda de luzes de Natal.

Sem querer, eu gemo e pressiono minhas coxas contra a parte externa da perna de Callum.

— Você gosta disso? — Ele rosna, sua voz mais baixa e áspera do que nunca.

Suas pontas dos dedos dançam pela fenda da minha bunda, deslizando entre as minhas coxas para encontrar a confirmação do que ele já suspeita. Com certeza, seus dedos deslizam facilmente pela superfície lisa da minha boceta.

— Foi o que pensei, — ele respira.

Sem aviso, ele mergulha dois dedos dentro de mim. Soltei um gemido profundo e desesperado. O interior da minha boceta está tão inchado e quente que aqueles dedos são a coisa mais prazerosa que já existiu dentro de mim. Eles parecem feitos sob medida, superpoderosos, tão personalizados quanto um dos armários de Imogen.

Callum desliza os dedos para dentro e para fora, apreciando os sons ansiosos e suplicantes que estou fazendo em torno da mordaça.

Oh meu Deus, eu quero ser fodida.

Eu quero tanto que sinto que poderia estar disposta a morrer depois, se eu pudesse conseguir o que preciso por cinco minutos consecutivos.

— Olha o que você fez.

Callum toca a ferida em seu braço esquerdo. Quando ele coloca as pontas dos dedos na frente do meu rosto, posso ver que eles estão brilhando com sangue fresco.

— Já estou farto de você perder o controle, — diz Callum. — Termina hoje à noite. De agora em diante, você vai ser a esposa que me prometeram. Prestativa. Útil. *Obediente.*

Enganchando seus braços sob meu corpo, Callum se levanta, levantando-

me de seus joelhos. Ele me joga com o rosto para baixo na cama, os pulsos ainda amarrados nas minhas costas e os joelhos dobrados sob mim, então minha bunda fica apontada para o ar.

Eu ouço um botão estourando e um zíper descendo. As mãos fortes e quentes de Callum agarram meus quadris, a direita desaparecendo momentaneamente enquanto Callum alinha seu pênis com a minha entrada, então retornando novamente.

Ele bate dentro de mim com um impulso de seus quadris. Ele vai até o fundo, chegando com a frente de suas coxas rente às minhas. Ele agarra meus quadris com força, deixando seu pau ficar totalmente embainhado, tão profundo que sinto a cabeça latejando contra o meu colo do útero.

Só então ele puxa novamente, quase tudo, antes de empurrar todo o caminho de volta.

Ele faz isso várias vezes, deixando-me apreciar todo o comprimento de seu pênis. Então ele começa a me foder com força. Mais forte e mais rápido, nossos corpos se chocando com um som não tão agudo quanto as palmadas, mas muito mais rápido e insistente.

Estar desesperadamente excitada e, em seguida, agressivamente atendida como isto, é apenas isso... satisfatório. No nível de picolés em um dia quente, ou uma criança malcriada caindo de cara. Estou no auge da felicidade. Eu não quero apenas isso. Eu preciso disso.

Mas então Callum realmente começa a me torturar.

Ele alcança meu quadril e encontra meu clitóris com os dedos. Ele me provoca levemente com a ponta dos dedos e, aos poucos, começa a aumentar a pressão.

Estou ofegante e gemendo na mordaça, tentando empurrar meus quadris para obter mais pressão no local certo.

Callum não está dando para mim. Ele sabe o que eu quero, mas está negando.

Seu braço está enrolado firmemente em volta de mim. Ele ainda está empurrando em mim, cada vez mais fundo. Ele se inclina e rosna no meu ouvido: — Você vai ser uma boa menina, Aida? Minha boa esposa?

Estou choramingando, quase implorando. Mas eu não quero dizer isso. Maldito seja, não quero dizer isso!

— Diga-me, — canta Callum. — Diga-me que você será uma boa menina.

De jeito nenhum.

Eu não vou fazer isso.

Eu totalmente vou fazer isso.

Apertando meus olhos bem fechados, eu aceno com a cabeça.

Callum pressiona com força contra meu clitóris. Ele me esfrega no tempo de suas estocadas, apenas no lugar certo, do jeito certo para me fazer acelerar através da estratosfera.

Decolar. Nós deixamos o planeta, senhoras e senhores, são puras estrelas flamejantes aqui em cima.

Estou flutuando, voando, voando a um milhão de milhas de distância, experimentando um tipo de prazer que nunca imaginei antes. Duro, rápido, sem fim.

Perco todo o sentido do que Callum está fazendo. Eu simplesmente fui

embora.

Eu não volto para a Terra até que Callum me puxe para seus braços, envolvendo-os firmemente em volta do meu corpo.

Ele tirou a mordaça e as algemas improvisadas.

Estou deitada nua em seu peito, com todas as suas roupas tiradas também.

Meu corpo está subindo e descendo com o ritmo de sua respiração. Seu queixo se aninha na minha têmpora.

Sua respiração está estável e pacífica. Seus braços são quentes e gentis ao meu redor. Não sei se já senti seu corpo tão relaxado. Eu o vi rígido e controlado, mas nunca calmo.

— Você chegou lá também? — Eu pergunto a ele, depois de um minuto.

Ele beija o lado da minha cabeça.

— Claro.

— Aquilo foi...

O que exatamente? Insano? Chocante? Confuso? De tirar o fôlego? Inesquecível?

— Eu sei, — diz Callum.

Há uma longa pausa, e então não posso deixar de perguntar: — Você já fez isso antes?

Outra longa pausa, na qual acho que ele não vai responder.

Então, finalmente, ele diz: — Não desse jeito.

Querido senhor.

Eu sou uma garota muito teimosa. Achei que sabia do que gostava e do que não gostava.

Mas posso ter acabado de descobrir uma categoria totalmente nova...

18

Callum

Aida está deitada em meus braços. Eu posso sentir o quão corada e quente ela ainda está. E eu vi o quão duro ela gozou. Mas eu estaria preocupado com o que ela estava sentindo depois, se não estivesse tão distraído com meu próprio espanto absoluto.

Eu já amarrei mulheres e as comi rudemente antes. Algumas pediram por isso, e outras vezes eu estava apenas experimentando. Algumas garotas são tão chatas de foder que você pode muito bem amarrá-las, porque elas vão ficar lá de qualquer maneira.

Em todos esses casos, eu senti como se estivesse cumprindo as regras.

Com Aida, foi totalmente diferente.

Sexo com ela sempre é.

Foder costumava ser sobre liberação para mim. Era um ato manual, que pode ser bom, ruim ou indiferente.

Eu nunca imaginei que poderia ser tão bom que me dominasse, corpo e cérebro. O puro prazer físico é insanamente intenso. Bizarramente mais forte do que estou acostumado.

E então existem os fatores psicológicos. Aida me atrai de uma maneira que não consigo entender. É como se cada uma de suas características fosse formada com algum tipo de código secreto projetado para cavar em meu cérebro. O formato longo e amendoado de seus olhos cinza esfumados. As curvas insanas

de seu corpo. Sua pele lisa cor de cedro. A maneira como seus dentes brilham para mim quando ela sorri. A maneira como ela morde a borda do lábio inferior quando está excitada, ou tentando não rir.

Não é a mesma coisa com ela? Ela adora paixão de qualquer tipo. Ela adora ficar com raiva, teimosa, alegre ou travessa. A única coisa que ela não gosta é a falta de sentimento.

Infelizmente, isso é o que sou. Frio. Comedido. Desprovido de prazer.

Até eu estar perto dela.

Então meus sentidos se aceleraram a um grau febril. Eu cheiro, gosto e vejo com mais nitidez. Quase pode ser demais.

Isso me assusta, como eu perco o controle sobre ela. Nas poucas semanas que conheço Aida, perdi a cabeça mais vezes do que em todos os anos anteriores.

No entanto, não quero que isso pare. Não consigo me imaginar voltando à indiferença maçante. Aida é a porta de entrada para outro mundo. Eu quero ficar do lado dela para sempre.

Jesus, o que estou dizendo?

Nunca tive esses pensamentos antes, muito menos permiti que se formassem em palavras.

Como estou ficando tão envolvido com essa garota, que francamente está fora de si? Ela tentou atirar em Jack! Na minha cozinha! Se ela fizesse isso em um evento de campanha, eu estaria totalmente ferrado. E eu não colocaria isso além dela, também.

Tenho que me acalmar e manter minha cabeça no lugar.

Essa resolução dura cerca de cinco segundos, até que pressiono meu nariz contra seu cabelo e inalo aquele cheiro selvagem, como sol e sal marinho, café forte, pimenta e apenas um toque de doçura de mel. Então sinto aquela sacudida novamente, aquela descarga de adrenalina, que desliga os reguladores em cada um de meus impulsos.

Quando o telefone de Aida toca, quase salto para fora do corpo.

Aida acorda com um sobressalto, tendo adormecido no meu ombro.

— Quem é? — Ela murmura.

— É o seu telefone, — digo a ela.

Ela rola para fora da cama, divertidamente desajeitada. Ela nem mesmo tenta uma graça, caindo da beirada do colchão como um urso panda. Em seguida, ela procura o telefone, finalmente localizando-o no meio do caminho sob a cama.

— Dante? — Ela diz, segurando-o contra o ouvido.

Ela escuta por um momento, as sobrancelhas franzidas em uma carranca, como a expressão padrão da pessoa com quem ela está falando.

— *Cavalo!* — Ela exclama. — *Sei sério? Che palle*[24]*!*

Nunca ouvi Aida falar mais do que uma ou duas palavras em italiano. Eu me pergunto se é isso que ela fala em casa com sua família. Ela é obviamente fluente.

Aida tem muitos talentos ocultos.

Eu a subestimei quando nos conhecemos. Achei que ela fosse mimada, jovem, selvagem, descuidada, sem educação, desmotivada.

Mesmo assim, ela já me mostrou várias vezes que absorveu muito mais dos negócios do pai do que eu acreditava. Ela é astuta, observadora e persuasiva quando quer. Inteligente e engenhosa. Ela sabe como manusear uma arma – meu bíceps latejante pode atestar isso. E ela é corajosa como o inferno. A maneira como ela me encarou quando jogou o relógio do meu avô por cima da grade... foi um movimento idiota, mas na verdade muito inteligente.

Ela e Sebastian foram derrotados. Se ela tivesse entregado o relógio, eu poderia concebivelmente ter atirado nos dois e ir embora. Ao jogá-lo no lago, ela me incitou a agir impulsivamente. Ela criou o caos e dividiu seus oponentes.

Aida pode ser precipitada e furiosa, mas não entra em pânico. Mesmo agora no telefone com seu irmão, embora algo esteja obviamente errado, ela não perdeu a cabeça. Ela está recebendo as informações, respondendo de forma rápida e concisa.

— *Capisco. Si. Sarò lì presto*[25].

Ela desliga a ligação, virando-se para mim.

Ela está brilhando como uma deusa bronzeada na luz aquosa que entra pelas venezianas. Ela não percebe ou se importa que está completamente nua.

— Dante disse que alguém incendiou o equipamento na sede da Oak Street Tower. Perdemos cerca de dois milhões em maquinário pesado, além de qualquer dano ao próprio edifício.

— Vamos até lá, — eu digo, saindo da cama.

— Você não – eu ia verificar, mas você não precisa, — diz ela.

— Você não quer que eu vá? — Eu pergunto, parado na porta entre o quarto e o banheiro.

— Não. Quer dizer, você pode, mas não... — ela muda desconfortavelmente de um pé para o outro. Minha pequena Aida, não se envergonha de nudez, mas enrubesce com uma pergunta direta sobre o que ela quer.

— Eu vou, — digo com firmeza. — Estamos no mesmo time agora, certo?

— Sim... — ela diz, não convencida.

Então, parecendo se comprometer com a ideia, ela me segue até o closet, onde guardei todas as suas roupas. Um trabalho que me levou cinco minutos.

Mandei Marta comprar para Aida um guarda-roupa adequado com roupas profissionais. Até o final desta semana, Aida deve ter um completo vestuário de batas e vestidos de cocktail, calças e vestidos de verão, cardigãs, blusas, saias, sandálias, saltos, botas e jaquetas. Se ela vai realmente concordar em usá-los ou não, é outra questão.

Por enquanto, ela veste um short jeans e uma velha camiseta dos Cubbies. Então ela se senta no carpete para amarrar os tênis.

Eu visto minhas próprias roupas.

Aida levanta uma sobrancelha em choque.

— *Jeans?* — Ela diz, escondendo um sorriso.

— E daí?

— Eu nunca vi você usar jeans. Claro que seriam Balenciaga, — acrescenta, revirando os olhos.

— Aida, — eu digo calmamente. — Eu não escolho nenhuma das minhas roupas, incluindo esses jeans. Eu nem sei o que Balan – seja lá qual for essa marca.

— O quê? — Aida diz, olhos arregalados e apenas um tênis no pé. — Você não compra suas próprias roupas?

— Não.

— Quem compra?

— Agora, Marta. Antes disso, era um assistente diferente chamado Andrew. Nós concordamos com uma estética, e então...

— Então você nunca vai ao shopping?

— Não.

— Por que não?

— Não deveríamos estar saindo? — Eu digo.

— Certo! — Aida calça o outro tênis e pula.

Enquanto descemos correndo as escadas, ela ainda está me importunando. — Mas e se você não gostar da cor, ou...

Eu a empurro para dentro do carro, dizendo: — Aida. Eu trabalho literalmente o tempo todo. Seja em projetos de campanha, ou em um de nossos vários negócios. Alguns dos quais, como você bem sabe, são mais difíceis e perigosos do que outras. Quando me socializo, é em eventos que preciso me relacionar. Não me lembro da última vez em que fiz algo, ou alguma coisa para me divertir.

Aida fica quieta por um minuto. Muito mais tempo do que normalmente. Então ela diz: — Isso é triste.

Eu bufo, balançando minha cabeça para ela. — Eu gosto de estar ocupado. Não é triste, é intencional.

— Qual é o ponto, então? — Ela diz. — Se você não estiver se divertindo ao longo do caminho.

— Bem, — eu digo, dando a ela um olhar de soslaio. — Não considero as maratonas de *O Senhor dos Anéis* tão divertidas.

Não posso deixar de cutucá-la um pouco, porque sei muito bem que Aida costuma ficar entediada ou pouco estimulada. É por isso que ela está sempre se metendo em problemas.

Com certeza, ela não retruca com a resposta petulante de costume. Em vez disso, ela morde a ponta da unha do polegar, mais pensativa do que irritada.

— Posso fazer mais do que isso, você sabe, — diz ela.

— Eu realmente sei disso, — eu respondo.

Ela olha para mim, verificando se estou zombando dela.

Eu não estou.

— Eu vejo como você é inteligente. Você leu melhor Madeline Breck do que eu, — digo a ela.

— Tenho muitas ideias boas, — diz ela. — Papa sempre teve tanto medo que eu me machucasse. Mas sou tão inteligente quanto Dante ou Nero. Ou Seb. Eu sou inteligente o suficiente para não me matar.

— Contanto que você consiga controlar seu temperamento, — eu digo, meio sorrindo.

— Eu não... — diz Aida com veemência, interrompendo-se ao ver que estou brincando com ela. Na maior parte. — Não tenho temperamento, — ela diz com dignidade. — Você não sabe o que é ser sempre o menor cachorro da luta. Tenho que atacar primeiro e com mais força. Nunca tive muita suavidade em

mim. Eu nunca fiz e nunca poderia.

Não consigo imaginá-la suave. Isso arruinaria tudo sobre ela.

— De qualquer forma, — Aida diz rapidamente. — Ainda não sei por que você quer ser vereador. Os Griffins são mais ricos que Deus. Você tem amigos em toda a cidade. Seu território está seguro. Por que diabos você quer sentar em um escritório e lidar com toda essa merda?

— Por que você acha que as pessoas gastam meio milhão de dólares em campanha por uma cadeira de vereador, quando o salário é de $122.304? — Eu pergunto a ela.

— Bem, obviamente você pode mexer com o zoneamento e a legislação tributária e atender aos seus interesses comerciais, bem como distribuir favores para todo mundo.

— Certo, — eu digo, encorajando-a a continuar adivinhando.

— Simplesmente não parece valer a pena. Você pode conseguir toda essa merda com subornos e troca de favores. Ou, a boa e velha violência.

— Mas você está sempre à mercê de outra pessoa, — digo a ela. — O detetive incorruptível ou o político ganancioso que recebeu uma oferta melhor de outra pessoa. O poder real não está funcionando no sistema. Ele está executando o sistema. Construindo você mesmo, até.

Faço uma pausa, lembrando um pouco de nossa história familiar sobreposta.

— Você se lembra quando os italianos dirigiam esta cidade? — Eu digo a ela. — Capone tinha o prefeito na folha de pagamento. Imagine se Capone *fosse* o prefeito. Ou o governador. Ou a porra do presidente.

— Não gosto de como você usa o pretérito para se referir aos nossos dias de glória, — diz Aida levemente. — Mas eu entendo seu ponto. Acho que faz sentido por que seu pai fez questão de fazer um acordo entre nossas famílias. Não é sobre esta eleição. É sobre o que vem depois. Se você quer governar a cidade inteira, você realmente precisa de nós.

— Sim, — eu digo baixinho.

Chegamos à torre, sua estrutura esquelética e meio construída projetando-se para o céu. Apenas os poucos andares inferiores foram concluídos. O lote está uma confusão de máquinas pesadas, pilhas de materiais de construção, escritórios improvisados, banheiros químicos e caminhões estacionados.

O local estaria escuro e deserto se todo o lado norte não estivesse iluminado por luzes e sirenes. Vejo um caminhão de bombeiros, duas ambulâncias e vários carros de polícia. Dante está falando com um policial uniformizado, enquanto outro policial faz anotações de um segurança golpeado e enfaixado. Presumo que seja o guarda que estava de plantão quando alguém incendiou as máquinas.

O ar fede a gasolina e metal carbonizado. Pelo menos quatro peças de maquinário pesado estão inviáveis, incluindo duas escavadeiras, uma retroescavadeira e um guindaste inteiro. Os cascos enegrecidos ainda fumegam, o chão enlameado pelas mangueiras dos bombeiros.

— Foi aquele maldito polonês, eu sei, — diz uma voz do lado oposto de Aida.

É Nero, surgindo da escuridão tão quieto quanto um morcego.

Ele é rápido e furtivo *pra* caralho. Ele provavelmente poderia roubar a arma do cinto do policial mais próximo sem que o cara percebesse, até que ele tentasse desarmar no final da noite.

— Como você pode ter certeza? — Aida murmura de volta. Ela está mantendo a voz baixa porque não queremos chamar atenção para nós mesmos. Eu, porque não quero meu nome ligado a isso, e Nero porque ele tem, no mínimo, uma porra de multas de estacionamento não pagas.

— Este é o cartão de visita deles, — diz Nero. — Eles são como os russos, mas mais loucos. Adoram fazer cena e adoram simbolismo. Além disso, — ele sacode a cabeça em direção ao guindaste, onde um pedaço enegrecido queima contra a base, — eles deixaram isso.

— O que é isso? — Aida respira.

Seu rosto ficou pálido. Eu sei que ela está pensando a mesma coisa que eu – o objeto tem a aparência crua e rachada de carne carbonizada.

— É uma cabeça de javali, — diz Nero. — O cartão de visita do The Butcher.

Dante se junta a nós, sua pele mais escura do que nunca por causa de toda a fumaça no ar. O suor cortou faixas claras nas laterais de suas bochechas eriçadas. Seus olhos parecem negros e brilhantes, refletindo as luzes piscantes em cima dos carros da polícia.

— O segurança está dizendo a eles que era um bando de garotos punk. Conseguimos esclarecer a história antes que a polícia chegasse. Felizmente, o caminhão de bombeiros foi mais rápido que os policiais, ou teríamos perdido metade do prédio também.

— Você não quer que eles saibam que foi Zajac? — Eu digo.

— Não os queremos em nosso negócio, ponto final, — responde Dante. Na verdade, ele lança um olhar questionador para Aida, perguntando por que estou aqui.

— Eu pedi para vir, — digo a ele. — Eu me sinto responsável, já que fui eu quem irritou Zajac na arrecadação de fundos.

— Ele já tinha decidido, — diz Nero, balançando a cabeça rapidamente. — Já discutimos duas vezes com ele por causa de seus homens invadindo nosso território. Roubando nossos fornecedores e roubando bancos em nossos bairros.

— Ele tem a intenção de iniciar o conflito, isso é óbvio, — diz Dante, sua voz profunda e retumbante como um motor em marcha lenta. — Deveríamos...

O que ele propõe é interrompido pelos estalos rápidos de uma semiautomática. Parece uma sequência de fogos de artifício, mas cem vezes mais alto. Um Land Rover preto passa voando, três homens pendurados para fora das janelas abertas, armas projetadas e flashes iluminando seus rostos mascarados.

No momento em que os tiros começam, os irmãos de Aida tentam cercá-la. Mas já passei meus braços em volta dos ombros dela, puxando-a para trás da roda da caminhonete mais próxima.

Os demais policiais gritam e também se escondem, usando seus rádios para pedir reforços. Curvados atrás de seus veículos, alguns até tentam responder ao fogo, mas o SUV já espalhou uma chuva de balas no estacionamento e desapareceu virando a esquina.

Um dos policiais foi atingido no peito. Graças ao colete, ele apenas bateu para trás contra o para-choque de sua viatura. Outro policial, com menos sorte, levou uma bala na coxa. Seu parceiro o arrasta para trás de uma pilha de estacas, gritando por um paramédico.

— Vocês foram atingidos? — Dante rosna para o resto de nós.

— Não, — Nero diz de uma vez.

— E você? — Pergunto à Aida, esfregando minhas mãos em seus braços e pernas nus para ter certeza de que não estão feridos.

— Estou bem, — diz ela com firmeza.

Tento realmente prestar atenção ao meu corpo, acima do ruído surdo do sangue em meus ouvidos e do disparo frenético dos meus neurônios. Acho que também não fui baleado.

— Estamos bem, — digo a Dante.

— Você viu algum dos atiradores? — Dante pergunta.

— Eles tinham seus rostos cobertos, — eu digo. — Acho que vi um relógio de ouro em um de seus pulsos. Nada útil.

— O fim da placa era 48996, — diz Aida.

— Como você viu isso? — Dante exige.

Aida encolhe os ombros. — Sou mais baixa.

— Aquele filho da puta louco! — Nero diz, balançando a cabeça em espanto. — Ele realmente quer que o destruamos, não é?

— Ele está tentando provocar uma resposta, — diz Dante, franzindo a testa.

— Não se levante! — Eu digo bruscamente, vendo Nero prestes a se levantar. — Não sabemos se aquele era o único carro. Pode haver outro. Ou outros atiradores. — Eu aceno para cima para as inúmeras janelas nos arranha-céus que cercam o local.

— Não podemos ficar aqui, — murmura Aida. — Os policiais vão varrer tudo. A menos que sejam burros o suficiente para descartar isso como uma

coincidência, eles vão levar isso muito mais a sério agora.

Movendo-nos lentamente, escapamos do lado oposto do local, voltando em direção à caminhonete de Nero. É o veículo mais próximo e o que está menos bem iluminado.

Todos nós entramos na cabine para que Nero pudesse levar Aida e eu ao virar da esquina até o local onde deixamos meu carro.

— Não podemos fazer nada precipitado, — diz Dante. — Zajac pode estar tentando nos atrair para uma retaliação imediata. Precisamos nos esconder durante a noite. Descobrir como vamos responder. Aida, você deveria voltar para casa conosco.

— Ela vai ficar comigo, — eu digo de uma vez.

Dante franze a testa. — Não sabemos exatamente quem The Butcher está alvejando. Ele atingiu nosso canteiro de obras, mas veio para sua arrecadação de fundos. Não sabemos se foi por Aida ou por você. Ou para ambos.

— Exatamente. — Eu concordo. — É por isso que Aida deveria ficar comigo. Se descobrir que ele está apontando seus ataques para sua família, ela ficará mais segura com a minha.

— O que exatamente Zajac disse a vocês dois? — Dante pergunta.

Eu resumo a conversa.

— Eu não sei se ele realmente quer aquela propriedade do *CTA*[26], ou se ele estava apenas me testando. Na verdade, ele parecia principalmente irritado com o casamento. Acho que ele está tentando nos quebrar antes que a aliança se solidifique.

— Pode ser, — diz Dante, sua testa enrugada em pensamento. — The

Butcher é sensível. Insanamente orgulhoso, facilmente ofendido. Ele provavelmente está com raiva por não termos oferecido Aida a ele primeiro.

— Nojento *pra* caralho, — interrompe Aida. — Para começar, ele é velho. Por outro lado, não sou um maldito prêmio.

— De qualquer forma, é tarde demais, — eu rosno. — Você é minha. E o que quer que ele queira como prêmio de consolação, ele não vai conseguir.

— Ainda acho que ela deveria vir conosco, — diz Dante. — Nós conhecemos The Butcher melhor do que você.

— Não vai acontecer, — eu digo categoricamente. Não vou perder Aida de vista.

Dante franze a testa, não está acostumado a ninguém contradizer suas ordens. Mas nem tudo é ego – posso ver a preocupação em seu rosto, seu medo por Aida. Isso suaviza meu tom, só um pouco.

— Eu vou protegê-la, — eu prometo a ele.

Dante dá um breve aceno de cabeça. Ele acredita em mim.

— Vamos passar esta noite, — Dante diz novamente. — Então, pela manhã, descobriremos onde Zajac está escondido e planejaremos nossa resposta.

— Uma resposta coordenada, — eu digo.

— Sim, — Dante concorda.

Aida e eu saímos da caminhonete, indo para o meu Audi.

Posso ver que Dante ainda está relutante em deixar sua irmã partir comigo.

É Aida quem o convence. — Eu estarei segura com Callum, — diz ela.

Ela dá um abraço rápido no irmão mais velho e aperta o braço de Nero.

— Vejo vocês dois em breve, — ela diz.

Enquanto afasto o carro do meio-fio, digo, sem olhar para ela: — Estou feliz por você ter ficado comigo.

Aida inclina a cabeça, olhando meu perfil enquanto dirijo.

— Quero que sejamos parceiros, — diz ela. — Não apenas... companheiros de quarto relutantes.

— Eu quero isso também, — digo a ela.

Mais fácil falar do que fazer. Mas não parece mais impossível. Estou começando a acreditar que Aida e eu poderíamos realmente trabalhar juntos. Poderíamos ser mais fortes juntos do que separados.

Aida suspira.

— Ele certamente nos atingiu onde dói, — diz ela.

— Porque, a torre é um projeto tão grande? — Eu pergunto a ela.

— Não. Não é o dinheiro, exatamente. É o trabalho – temos que fornecer um fluxo constante de contratos para os vários setores e sindicatos para mantê-los fiéis. Os materiais, os trabalhos – se você não pode alimentar a máquina, então tudo para. E, claro, — ela lança um olhar de lado para mim, — existem as outras camadas da máquina. As remessas que carregam mais do que madeira. As empresas que lavam dinheiro para outras empresas. É uma teia, tudo interconectado, tudo dependente do bom funcionamento das partes individuais.

Eu concordo. — Trabalhamos da mesma forma.

Nossos negócios podem ser diferentes, mas as estratégias são semelhantes.

— Faltam apenas alguns dias para a eleição, — comenta Aida. — Eu me pergunto se Zajac vai tentar explodir isso também.

Minhas mãos apertam o volante.

— Se ele tentar, The Butcher vai se descobrir do lado errado do cutelo desta vez.

19

Aida

Tenho que sair cedo na manhã seguinte, porque tenho uma aula de literatura que não quero perder. Eu tenho me esforçado neste semestre, realmente passando nas minhas aulas. Acho que é hora de parar de brincar e terminar meu curso.

Callum não quer que eu vá a lugar nenhum até que essa coisa com Zajac chegue a um ponto crítico, mas ele finalmente cede, com a condição de que Nessa e eu peçamos que um de seus homens nos leve para a escola.

Infelizmente, a única pessoa disponível é Jack.

Sob as ordens de Callum, ele abre a porta do carro para mim com educação forçada, mas ondas de ódio estão rolando fora dele e de mim. A tensão no carro é tão densa que a pobre Nessa está com os olhos arregalados e confusa, muito desconfortável para se envolver em seu fluxo usual de conversa animada.

— Então, uh, vocês viram que pode haver algum tipo de chuva de meteoros esta noite? — Ela nos pergunta.

Jack resmunga do banco do motorista.

Eu estou olhando para a parte de trás de sua cabeça, perguntando-me se valeria a pena outra luta com Callum para dar um soco na orelha de Jack quando chegamos ao campus.

— O quê? — Eu digo à Nessa.

— Eu disse – oh, não importa.

Jack nos deixa em frente à biblioteca de Cudahy, os olhos fixos rigidamente à frente enquanto espera sairmos do carro.

— Obrigada, Jack, — Nessa diz educadamente enquanto desce.

— Sim, obrigada *Jeeves*[27], — eu murmuro para ele no meu caminho para fora da porta.

Eu posso ver suas juntas ficarem brancas no volante e praticamente ouvir seus molares rangendo juntos.

Eu bato a porta atrás de mim apenas para irritá-lo ainda mais, e então vou para a aula, esperando que Jack esteja muito irritado para me pegar novamente depois.

Eu continuo pegando meu telefone durante a aula, para ver se meus irmãos me mandaram mensagens. Ou Cal. Eu sei que eles estão caçando The Butcher.

Espero que estejam todos juntos, o que quer que estejam fazendo. Zajac me assusta. Eu sei de onde ele veio. Há uma diferença entre crescer em uma família de criminosos e lutar para subir no mundo do crime. The Butcher está jogando para vencer ou morrer. Não há meio-termo para ele.

Então, estou feliz que meus irmãos não estejam sozinhos nisso.

Mas estou aborrecida porque, mais uma vez, estou sendo deixada de fora da ação. Esta manhã, exigi que Cal me levasse com ele, mas ele se recusou antes mesmo que as palavras saíssem da minha boca.

— Não, Aida. Não temos ideia de onde The Butcher está ou até onde ele planeja levar isso. Podemos cair em uma emboscada em qualquer lugar que formos.

— Então por que *você* está indo? Envie outra pessoa. Tipo Jack, — eu

disse esperançosamente.

— Este não é um trabalho do tipo menino de recados. Zajac não está brincando. Ele não atirou em nós ontem à noite, ele atirou em dois policiais. Não temos ideia do quão longe ele planeja levar isso.

— Eu conheço pessoas que conhecem o pessoal dele. Eu posso ajudar, — eu insisti.

Callum me agarrou pelo braço com força suficiente para doer. Seus olhos azuis me cortaram, estreitos e sem piscar.

— Você não vai a lugar nenhum perto disso Aida. Deus me ajude, vou trancá-la naquele closet por um mês antes de deixá-la vagar por Little Ukraine, conversando com bartenders e strippers.

Sempre que alguém me diz o que *não posso* fazer, fico cem vezes mais determinada.

Callum viu a explosão de rebelião em meus olhos e suspirou, afrouxando um pouco o aperto em meu braço.

— Eu prometo a você, assim que eu ouvir alguma coisa, eu vou ligar para você.

— Ou enviar mensagem de texto, — eu exigi.

Callum assentiu.

— Eu prometo, — disse ele.

Então eu o deixei ir, e eu não larguei imediatamente minhas aulas e fui para Little Ukraine. Não é para lá que eu iria de qualquer maneira, se quisesse informações sobre The Butcher. Eu tenho uma pista muito melhor do que isso.

Mas, por enquanto, estou presa em Literatura Comparada, ignorando completamente a análise de personagens feministas nos romances de Austen. Em vez disso, estou me perguntando o que Nero quis dizer quando me mandou uma mensagem:

Encontramos o atirador. Também temos uma dica sobre o velho bastardo.

Eu mando uma mensagem de volta, mas ele não me manda mais nada.

A aula termina abruptamente – ou é o que me parece, enquanto olho pela janela totalmente distraída.

Pego uma braçada de livros, sem me preocupar em guardá-los na minha bolsa, em seguida, sigo para fora, trotando pelo campus na direção do lado oeste, onde devo encontrar Nessa e nosso detestável chofer.

Quando estou quase no lugar certo, ouço uma voz masculina dizer: — Você precisa de ajuda para carregar todos esses livros, mocinha?

Por um segundo, acho que é Callum. Não sei por quê – ele não dá impressões cafonas, como um caubói prestativo. Quando eu me viro, encontro o rosto bronzeado e sorridente de Oliver. Ele está machucado onde Callum o acertou. Uma linha escura no centro de seu lábio marca o lugar onde ele se dividiu.

— Oh, — eu digo, irritada. — É você.

— Não é exatamente a saudação entusiástica que eu esperava, — Oliver diz, mantendo o ritmo ao meu lado.

— O que você está fazendo aqui? — Eu exijo. Ele está há anos fora da escola, não há razão para ele estar por aqui.

— Vim falar com você.

Dou um passo em falso em uma pedra escondida na grama, meu tornozelo dobrando desconfortavelmente sob mim.

— Ai! Porra! — Eu assobio, tropeçando um pouco.

— Cuidado, — Oliver diz, pegando meu cotovelo.

— Estou bem, — digo, tentando puxar meu braço. Mas estou mancando um pouco agora. Não acho que esteja torcido, é apenas aquela coisa que está sensível e instável, e você tem que cuidar disso um minuto.

— Venha aqui, — Oliver diz. — Sente-se um segundo.

Ele me guia para longe do estacionamento, até uma passarela subterrânea, no topo da qual está um banco de pedra, parcialmente escondido sob uma saliência.

Oliver é tão grande e arrogante que eu realmente não consigo me afastar, não sem me machucar. Eu afundo no banco. Oliver se senta bem ao meu lado, quase forçado a colocar o braço em volta de mim por causa do espaço apertado. Posso sentir o cheiro daquela colônia que ele sempre usa, agradável, mas um pouco irresistível.

— Não posso ficar, — digo a ele. — Alguém está vindo me pegar.

Eu tiro meu tênis e massageio meu tornozelo, tentando aliviar a torção.

— Eles podem esperar um minuto, — Oliver diz.

Ele pega meu pé com meia e o puxa para o colo, massageando e massageando meu tornozelo. É uma sensação boa, mas não quero que ele tenha uma ideia errada. Então, depois de um minuto, eu digo: — Já está bom, obrigada, — e levo meu pé para trás.

Oliver olha para mim com seus grandes olhos castanhos, sua expressão de

reprovação.

— Aida, o que você fez me cortou até os ossos. Você sabe como foi doloroso ver uma foto sua na porra do Facebook, usando um maldito vestido de noiva? Parada ao lado *dele?*

Respiro fundo, tentando ser paciente.

— Sinto muito, Oliver. Foi repentino. Fiquei muito surpresa comigo mesma.

Não sei como explicar sem dizer muito a ele. Tudo o que posso dizer, sem muita convicção, é: — Não fiz isso para machucar você.

— Mas você me machucou. Você ainda está me machucando. Você está me matando todos os dias.

Eu soltei um suspiro, culpada e irritada. Oliver pode ser um pouco... dramático.

— Eu nem sabia que você estava namorando-o! — Ele choraminga.

Eu pressiono meus dedos na minha testa. Meu tornozelo está latejando. Na verdade, é meio frio aqui, longe do sol e perto do túnel de cimento frio.

Eu me sinto mal pela maneira como terminei com Oliver, realmente sinto. Foi a coisa mais estranha. Ele nunca fez nada de errado, exatamente. Ele me levou em viagens, comprou-me cerca de mil presentes, disse como estava desesperadamente apaixonado por mim.

Tudo começou como uma aventura casual. Não achei que alguém de um clube de campo, financiador de fundos super-capitalista, fosse me perseguir de forma tão agressiva. Achei que Oliver só queria ser fodido por uma garota má. Cansado dos Madisons e dos Harpers do mundo se recusando a fazer contato

visual durante o sexo oral.

Estivemos na mesma festa, há dois verões. Nós nos beijamos bêbados na casa de barcos, então ele tentou colocar a mão na parte de baixo do meu biquíni e eu o empurrei no lago.

Algumas semanas depois, encontramo-nos novamente em uma festa em Wicker Park. Ele me deu uma merda sobre a coisa do lago, eu disse que ele tinha sorte de estarmos nadando, não escalando montanhas.

No dia seguinte, ele enviou um buquê de trezentas rosas cor de rosa para a casa de meu pai.

Foi assim a partir de então. Ele continuou me perseguindo com esses gestos grandiosos e exóticos, e eu continuei com isso por um tempo. Jantares, danças, viagens de fim de semana. Mas eu não levei isso a sério. Eu duvidava que ele quisesse trazer a filha de um gangster para conhecer o Sr. e a Sra. Castle. Mesmo perto de seus amigos, eu poderia dizer que ele às vezes ficava orgulhoso de me exibir, às vezes nervoso, como se eu pudesse puxar um canivete e esmurrar alguém.

Fiquei tentada uma ou duas vezes. Eu já conhecia alguns dos amigos de Oliver, por fazer parte dos círculos sociais sobrepostos de festeiros, de pessoas criminosas e os herdeiros ricos de Chicago.

Eles não eram todos ruins. Mas um pouco da suposta crosta superior me fez querer perfurar meus próprios tímpanos apenas para evitar o som de sua idiotice.

Além disso, meio que me assustou como Oliver me disse que me amava depois de algumas semanas. Ele me chamou de deusa, um anjo, a única pessoa real na Terra.

Foi estranho, porque não sou um anjo.

Ele disse que éramos almas gêmeas, mas para mim ele era apenas outro cara – às vezes divertido, às vezes bom na cama, mas mal era um namorado, muito menos um melhor amigo ou alma gêmea.

Eu senti como se Oliver realmente não me conhecesse. Como se ele simplesmente amasse alguma versão exagerada de mim em sua mente.

Tentei terminar com ele algumas vezes, mas ele me seguia, encontrando-me em todas as festas, implorando-me para aceitá-lo de volta. Uma vez, ele até voou até Malta para me surpreender em uma viagem. Ele sabia ser persuasivo. Ele é bonito, atencioso, um amante decente. Quando eu estava passando por um período de seca, ele tornou tão fácil cair de volta em seus braços.

Mas eu sabia que tinha que terminar para sempre. Porque se ele realmente me amasse, eu não poderia prolongar isso – não sem sentir o mesmo em retorno.

Então eu finalmente terminei com ele, o mais brutal e finalmente que pude. Tentando fazer com que ele finalmente entendesse a mensagem.

Depois disso, eu praticamente tive que me transformar em uma eremita por alguns meses. Nada de festas, ou jantares, ou dança, ou mesmo boliche, porque eu sabia que Oliver estaria observando, tentando encontrar uma maneira de "esbarrar em mim" de novo.

Tive que bloqueá-lo em todos os lugares, mudar meu número. E, finalmente, *finalmente*, depois de meses de mensagens, flores, chamadas não atendidas, e cartas de merda, mesmo, Oliver parou. Ele parou por quase dois meses inteiros. Então foi muito chocante vê-lo novamente na festa de noivado. E então novamente na arrecadação de fundos.

Este é o encontro mais desconfortável de todos. Porque como, exatamente,

Oliver sabia que eu estava aqui? Ele tem meu horário de aula?

— Oliver, — eu o interrompo, — pare com essa merda. Você precisa parar de me perseguir.

Ele faz aquela cara magoada. Como se ele fosse um cachorrinho gigante e eu continuasse chutando-o.

— Não estou *perseguindo* você, Aida. Estou visitando a irmã mais nova de Marcus. Prometi levá-la para almoçar no aniversário dela.

Hm. Possível. A tentativa de me deixar com ciúmes é equivocada, no entanto.

— Ok, eu acredito em você, mas é melhor você parar de tentar puxar conversa onde quer que eu vá. Meu marido é meio ciumento, se você não percebeu.

— Eu sei exatamente como Callum Griffin é, — Oliver diz entre os dentes. — Aquele pedaço de merda presunçoso, arrogante e de dinheiro sujo. Sem ofensa, — acrescenta, lembrando-se de que meu dinheiro é tão "sujo" quanto o de Callum. E que também sou casada com o cara.

— Eu não posso acreditar que ele coloca suas mãos frias e mortas em você todas as noites, — Oliver diz, seus olhos brilhando febrilmente. — Como diabos isso aconteceu, Aida? Como ele fez você se apaixonar por ele quando eu não pude?

Isso realmente me faz sentir mal, pelo menos um pouco. Eu não me apaixonei por Callum. É cruel deixar Oliver pensar que sim.

— Não foi... não é ... — Eu lambo meus lábios. — Não é exatamente sobre amor.

— Eu sabia, — Oliver respira. — Eu soube assim que percebi quem era a família dele. Eles são mafiosos, como a sua.

Eu estremeço. Eu nunca contei nenhum segredo para Oliver. Mas não é exatamente uma informação confidencial que os Gallos tenham sido gangsters de Chicago nas últimas seis gerações.

— Nossas famílias têm uma... relação. Acho que você vai concordar que Callum e eu somos uma combinação melhor, culturalmente, do que você e eu teríamos sido. Portanto, não adianta...

— Isso é besteira, — Oliver interrompe, sua voz baixa e urgente. Ele está tentando pegar minhas mãos, e eu as estou puxando como se estivéssemos jogando Red Hands[28]. — Eu sei que eles forçaram você a fazer isso. Eu sei que você teria voltado para mim, Ainda...

— Não, — eu digo bruscamente. — Nós não íamos voltar, Oliver. Nós nunca iremos. Com ou sem Callum.

— Veremos, — Oliver diz, olhando para mim atentamente.

Estou prestes a me levantar. Estou definitivamente atrasada – Nessa deve estar esperando por, pelo menos, dez minutos. Mas Oliver agarra meu pulso, puxando-me de volta para o banco. Ele me segura com força, olhando nos meus olhos.

— Eu sei o que você sente por mim, Aida, — ele diz. — Quer você consiga admitir ou não.

Ele olha para o meu peito, onde meus mamilos estão cutucando minha camiseta.

— Isso não é – está apenas frio do caralho neste banco! — Eu começo a gritar.

Oliver me silencia com sua boca, beijando-me forte e úmido.

Eu o empurro o mais rápido possível, pulando do banco e imediatamente tropeçando naquele tornozelo idiota.

— Não! — Eu digo, estendendo minha mão para impedi-lo enquanto ele tenta se levantar também. — Eu tenho que voltar. Não me siga. Não me chame. E definitivamente não me beije mais.

Oliver não responde. Ele apenas fica lá, com as sobrancelhas franzidas e as mãos enfiadas nos bolsos.

Eu manco de volta na direção do carro, pisando no meu pé bom e fumegando com aquele encontro.

Estou chateada por ele ter me beijado! Meu casamento com Callum pode não ser exatamente real, mas não estou pronta para ser infiel. Especialmente não com Oliver, que está realmente começando a me assustar.

Quando chego ao estacionamento, vejo Nessa em pé na calçada, com sua bolsa pendurada no ombro.

— Onde está Jack? — Eu pergunto a ela.

— O carro está aí. — Nessa aponta para uma vaga de estacionamento próxima. — Mas está trancado e vazio.

Pego meu telefone, planejando enviar uma mensagem de texto ao telefone de Jack com algo educado e simples – como talvez um daqueles emojis amarelos de dedo médio. Em seguida, ele aparece ao meu lado, dizendo: — Vocês estão prontas para ir?

— Sim! — Nessa diz docemente.

— Faz vinte minutos que estamos prontas para ir, — minto. — Onde você

estava?

— Mijando, — diz Jack.

Ele abre a porta de trás para que Nessa e eu possamos entrar.

Eu me inclino contra o assento de couro, sem realmente acreditar nele.

Fico quieta no caminho de volta para a mansão dos Griffins, perguntando-me como diabos vou evitar Oliver Castle no futuro. A meio caminho de casa, recebo uma mensagem de Callum dizendo:

Venha me encontrar na biblioteca quando chegar.

Eu saio do carro assim que ele para de andar, correndo para a casa agradavelmente fresca e subo as escadas diretamente para a biblioteca.

Callum está sentado em uma das novas poltronas – couro creme desta vez, em vez de marrom. Eu sento na cadeira em frente.

Ele parece pálido e composto em seu terno escuro. Já posso dizer que ele encontrou algo, pela postura resoluta de seus ombros.

Antes que ele diga qualquer coisa, quero contar a ele sobre Oliver aparecendo no campus. O problema é que Oliver me apalpando na outra noite foi a única vez que vi Callum perder a paciência. É um assunto delicado entre nós. Não estou exatamente ansiosa para trazer isso à tona. Especialmente quando trabalhamos tão bem juntos.

Antes que eu possa começar, Callum diz: — Encontramos um dos atiradores. Mas não The Butcher. Seus irmãos acham que devemos destruir o cassino de Zajac esta noite. Tentar expulsá-lo.

— Você vai com eles? — Eu pergunto.

Ele se endurece e diz: — Sim. E você também pode vir. Se você quisesse.

Posso dizer que não é o que *ele* quer, mas ele está oferecendo, nem mesmo esperando que eu faça a exigência.

Agora eu definitivamente não quero contar a ele sobre Oliver.

Em vez disso, digo: — Eu quero ir.

Callum parece ligeiramente aflito, mas não aceita sua oferta de volta.

É engraçado que ele me convidou para a biblioteca. Não ponho os pés aqui desde a primeira noite em que nos conhecemos.

O retrato restaurado de sua trisavó, está de volta sobre a lareira. Também o relógio de corda e a ampulheta. Mas não há mais relógio.

Callum já sabe o que estou olhando.

— O relógio era meu, o relógio de corda é de Riona e a ampulheta é de Nessa, — diz ele.

— O que eles querem dizer? — Eu pergunto a ele, não tenho certeza se quero saber.

— Meu avô os passou para nós quando nascemos. Ele disse: 'Tudo o que temos é tempo'.

— Você era próximo dele? — Eu pergunto.

— Sim. — Callum acena com a cabeça. — Mais próximo do que qualquer um.

Porra, odeio me sentir culpada. Por que peguei a porra daquele relógio? Se eu nunca tivesse tocado nisso...

Eu não estaria aqui agora, eu acho. Olhando para o rosto bonito e magro de Callum.

— Eu sinto... muito por isso, — eu digo.

Callum balança a cabeça, como se tivesse esquecido que estava perdido.

— Isso é passado, Aida. Vamos nos preocupar com esta noite.

20

Callum

Quando começamos a caçar The Butcher, tenho que admitir, estou muito feliz por ter os irmãos de Aida do meu lado. Meu pai poderia estar certo ao dizer que eu era muito arrogante, muito certo de nosso domínio. Estou espalhado, tentando fechar negócios, angariar votos e colocar um fim em Zajac, tudo ao mesmo tempo.

Curiosamente, estou gostando muito de ter Aida na minha equipe também. Quando ela não está colocando fogo em nossa biblioteca ou jogando meu bem mais amado sobre uma grade, ela é realmente muito útil. Eu uso o número da placa que ela viu para rastrear um dos homens de Zajac, o dono do Land Rover usado no tiroteio. Seu nome é Jan Kowalski, mas todo mundo o chama de Rollie.

Ligo para Dante e Nero para que possamos segui-lo juntos.

Nós o encontramos em uma concessionária de carros usados em East Garfield. The Butcher possui várias concessionárias de automóveis e oficinas de conserto. Ele pode matar dois coelhos com uma cajadada só, lavando dinheiro com a venda de carros, enquanto desmonta e revende os carros roubados por seus lacaios.

Nero dá a volta enquanto Dante e eu entramos pela porta da frente procurando por Rollie. Já sei como ele se parece, tendo tido pequenas negociações com ele no passado. Graças à sua mídia social idiotamente pública, Dante e Nero também tiveram o prazer de folhear as fotos de Rollie sendo destruído em um pub, Rollie exibindo o novo par de Yeezys que ele provavelmente roubou e Rollie recebendo a pior tatuagem do mundo de um par

de mãos orando.

Portanto, nós o reconhecemos facilmente no compartimento de serviço da concessionária. Ele está usando macacão. Uma bandana imunda amarra para trás seus longos cabelos cor de areia. Assim que ele vê o volume de Dante na porta, ele joga fora o filtro de óleo do F150 que está consertando e tenta correr para fora das portas do compartimento como um coelho de merda.

Infelizmente para ele, Nero já está à espreita atrás de uma pilha de pneus. Se Rollie é um coelho, Nero é um *galgo*[29] – magro, ágil e totalmente implacável. Ele engancha as pernas de Rollie com uma chave de roda e, em seguida, salta sobre suas costas, prendendo-o no chão.

Enquanto isso, Dante nocauteia o agente com um cruzado de direita brutal e eu faço uma varredura rápida na loja para ter certeza de que não perdemos nenhum outro funcionário.

Encontro um mecânico agachado atrás de um BMW. Ele é mais velho e não tem nenhum dos sinais habituais da máfia polonesa – tatuagens, correntes de ouro e anéis chamativos – então presumo que ele apenas trabalhe nos carros e não seja um dos soldados de The Butcher.

Eu o revisto de qualquer maneira, então o tranco no escritório depois de arrancar o fio do telefone da parede.

Dante e Nero já estão ajustando Rollie. Não é preciso muito para fazê-lo falar. Ele nos dá o telefone que The Butcher usa para contatá-lo, bem como vários locais onde Zajac “pode” estar.

— Eu não me importo com onde ele *possa* estar, — Nero sibila. — Diga-nos onde ele está agora.

— Eu não sei! — Rollie grita, passando as costas da mão no nariz

sangrento que Nero já deu a ele. — Eu não sou, tipo, um de seus caras favoritos.

— Ele mandou você atirar no canteiro de obras ontem à noite, no entanto, — eu digo.

Rollie lança os olhos entre Nero e eu, lambendo os lábios nervosamente.

— Eu não sabia quem estava lá, — diz ele. — Eu não sabia que estava atirando em vocês. Ele nos disse para pulverizar o lote, para bater nos policiais e fazer confusão.

— Besteira, — Dante rosna, sua voz áspera como cascalho. — Você sabia que aquele local de trabalho era nosso.

— Você não sabe como ele é, — balbucia Rollie. — Não é como com outros chefes, onde você pode aceitar um emprego ou não. Ele dá uma ordem e você tem que fazer. Se você estragar tudo, receberá um aviso. Foda de novo e pronto.

— Qual é o aviso? — Dante pergunta.

Rollie ergue a mão direita. Ele está sem o dedo mínimo, cortado de forma limpa na base. A pele esticada e rosada mostra que se trata de uma lesão relativamente recente.

— Não me importo se ele é a porra do bicho-papão, — diz Nero, agarrando a frente do macacão de Rollie e puxando-o para perto. — Há apenas um nome que você deve temer nesta cidade. O que quer que Zajac faça com você, farei dez vezes pior. Se ele atirar em você na cara, vou arrastar sua alma gritando de volta do inferno apenas para matá-lo novamente.

Os olhos de Nero parecem planos e escuros nas sombras do elevador automotivo. De certa forma, ele é o “mais bonito” dos irmãos de Aida – maçãs do rosto salientes, lábios carnudos. Isso torna a crueldade de sua expressão ainda

mais perturbadora.

Nero puxa uma faca do bolso e levanta a lâmina, tão rapidamente que parece surgir do nada. Ele pressiona a ponta contra a pulsação na garganta de Rollie.

— Diga-me onde Zajac está, ou vou cortar esta artéria. Então você terá cerca de doze segundos para me responder, antes de sangrar pelo chão.

Ele não está ameaçando Rollie. Sua expressão é esperançosa – esperando que Rollie não fale, para que Nero possa deixar sua mão fazer o que está obviamente ansioso para fazer.

— Eu não sei! Eu juro...

Com um golpe rápido, Nero corta o comprimento do antebraço de Rollie, desde a manga enrolada do macacão até o pulso. A lâmina é terrivelmente afiada. O sangue escorre em um manto, batendo no chão de cimento.

— Aghh foda-me! Pare com isso! — Rollie uiva, tentando cobrir o ferimento com a mão manchada de graxa.

— Último aviso, — Nero diz, preparando sua lâmina novamente.

— Eu não sei! Espera, espera! — Rollie uiva quando a faca de Nero atinge seu pescoço. — Eu sei de uma coisa... uma garota que ele tem visto.

— Vá em frente, — eu digo.

— Ela trabalha no Pole. Ela tem um apartamento em algum lugar em Lawndale pelo qual ele paga. Isso é tudo que eu sei, eu juro!

— Eu acredito em você, — diz Nero.

Ele envia a lâmina cortando a garganta de Rollie de qualquer maneira. Ele

a teria aberto se não fosse por Dante pegando seu pulso. A ponta da faca treme a um milímetro do pescoço de Rollie.

— Isso não é necessário, — diz Dante. — Ele nos contou o que sabe.

— Ele também tentou atirar em nós, caso você tenha esquecido, — diz Nero, jogando para trás os cabelos que caem sobre os olhos.

— Eu me lembro, — Dante diz, soltando o pulso de seu irmão.

Assim que Dante solta sua mão, Nero ataca novamente, cortando a bochecha de Rollie em vez de sua garganta.

Rollie grita, batendo com a mão no longo corte da orelha ao queixo.

— Isso é um lembrete para você, — diz Nero. — Da próxima vez que você quiser atirar em alguém, melhore sua mira ou fique em casa.

Dante franze a testa, mas deixa passar.

Estamos prestes a sair quando ouço um som caindo. Cacos de vidro e um uivo quando alguém corre direto para mim, balançando um taco de beisebol.

Eu me abaixo, o taco assobiando sobre minha cabeça. Instintivamente, eu soco o homem bem no estômago. Quando ele se dobra, arranco o taco de sua mão e o acerto de novo no queixo.

É o mecânico. Ele tem algo enrolado nos nós dos dedos, algum tipo de trapo, que não o impediu de pegar um punhado de vidro quando socou a janela do escritório. Seu braço inteiro está sangrando e toda a luta se foi dele agora que ele não tem seu taco de beisebol. Eu estou supondo que ele só foi impulsionado pelo desespero para começar, já que ele não teve chance de derrotar a mim, Dante e Nero em uma luta.

Agora ele está ofegante e chiando, tentando decidir se é necessário

oferecer mais resistência.

— Fique aí, porra, — Nero diz, empurrando-o no chão ao lado de Rollie. — Na verdade, deitem de bruços e contem até cem antes de se levantar, ou colocarei uma bala em suas nucas.

Não sei se Nero realmente está armado, mas os dois homens se deitaram obedientemente de bruços e Rollie começa a contar. Nós os deixamos lá, correndo de volta para nossos carros.

— Não sabia que você podia lutar, garoto rico, — diz Nero, olhando para mim com leve surpresa.

— Isso não foi um grande desafio, — eu digo. O mecânico deve ter pelo menos cinquenta, e uns bons quinze centímetros mais baixo do que eu.

Mostra como ele deve estar com medo de Zajac. Ele preferiu enfrentar nós três a ter que se explicar à The Butcher.

— Mesmo assim, — diz Dante, — foi muito rápido.

— Apertar as mãos e dar tapas nas costas é novo para mim, — eu encolho os ombros. — Ainda me lembro de como sujar as mãos.

— Fergus sabe lutar, — diz Dante. — Eles costumavam chamá-lo de *Bone Doctor*[30], não é?

Ele está se referindo à passagem do meu pai como cobrador e executor de dívidas, antes de assumir o controle do que restou da família Griffin.

— Isso mesmo, — eu digo.

Meu pai poderia causar uma fratura em espiral no braço de um homem com um giro do pulso, se isso fosse necessário para fazer cumprir o plano de pagamento.

Ele definitivamente me ensinou algumas coisas. A primeira coisa que ele me ensinou é nunca lutar quando você pode negociar. Porque o resultado de uma luta nunca é certo.

O problema é que não acho que Zajac queira negociar. Não sem derramar um pouco de sangue no chão, primeiro.

Aida chega em casa um pouco depois de mim. Ela vem até a biblioteca e eu a informo sobre o que fizemos.

Posso dizer que ela está irritada por ter sido deixada de fora das atividades da manhã, mas vou manter minha promessa e levá-la comigo esta noite, se é isso que ela realmente quer.

Quando ela entra em nosso quarto para deixar seus livros, Jack enfia a cabeça na biblioteca.

— Posso falar com você um minuto, chefe? — Ele diz.

Jack e eu somos amigos há muito tempo. Ele se meteu em problemas na época da faculdade. Ele estava traficando ecstasy em festas para pagar pelo estilo de vida do fundo fiduciário, sem realmente ter o fundo fiduciário. Quando os policiais invadiram seu dormitório, ele teve que eliminar cerca de vinte e oito mil dólares em produtos. Paguei o fornecedor dele e depois pedi para Jack trabalhar para mim.

Ele tem sido um bom funcionário e um bom amigo, embora às vezes um pouco zeloso demais. Como com o irmão de Aida no cais. E às vezes com a própria Aida. Ela pode me deixar maluco, mas ainda é minha esposa. Se Jack não aprendeu a lição na cozinha, vou ser rápido em educá-lo novamente.

— Peguei as meninas na escola, — diz ele.

— Bom.

— Aida estava conversando com alguém.

Dou a ele um olhar penetrante, caso ele esteja tentando começar a merda novamente.

— Ela tem permissão para fazer isso, — eu digo.

— Era Oliver Castle.

Meu estômago aperta em um nó. Se ele tivesse dito qualquer outro nome, eu o teria ignorado. Mas não posso deixar de sentir ciúme daquele aspirante a playboy de merda. Pelo que eu sei, ele é o único namorado de verdade que Aida já teve e, por algum motivo, isso me come vivo. A ideia deles nadando juntos em alguma praia tropical, rindo e conversando, Aida de biquíni com a pele mais bronzeada do que nunca...

Isso me faz querer arrancar o rosto de Castle de seu crânio.

Além disso, sei muito bem que ele não estuda em Loyola. Então ele estava no campus por um único motivo.

— O que ele disse? — Eu exijo.

— Não sei, — diz Jack. — Não consegui chegar perto o suficiente para ouvir. Mas eles ficaram conversando por um tempo.

Posso sentir meu olho estremecer. Aida não mencionou nada sobre Oliver. Não mencionou vê-lo.

— Você tem certeza que era Castle?

— Cem por cento. Ele saiu logo depois que eles conversaram, e eu o segui de volta ao seu carro. O Maserati cinza.

Eu concordo. Definitivamente é ele.

— E há algo mais, — Jack diz.

— O quê? — Eu lati.

— Eles se beijaram.

O chão parece cair debaixo de mim.

Eu me esqueci completamente de Zajac. Toda a minha raiva, todo o meu desejo de violência e vingança está voltado para Castle. Se ele estivesse na sala agora, eu atiraria nele no rosto.

— Obrigado por me dizer, — eu digo através dos lábios rígidos.

Ela o beijou. Então ela voltou para casa para mim, alegre como sempre, como se nada tivesse acontecido.

Talvez para ela, não seja nada.

Afinal, nunca conversamos sobre isso. Nunca prometemos ser fiéis um ao outro. Nosso casamento é um acordo de negócios, não posso me esquecer disso. Os votos que falamos não significam nada, não realmente. As únicas promessas verdadeiras eram as feitas por meu pai e pelo dela.

Ainda assim, isso me atormenta.

Ela está se encontrando com ele secretamente? Eles estão fodendo? Ela ainda o ama?

Eu vou perguntar a ela.

Eu caminho pelo corredor para o nosso quarto, determinado a confrontá-la.

Quando eu abro caminho pela porta, ela está digitando algo em seu

telefone. Ela o fecha abruptamente, deslizando para cima para mudar de aplicativo, em seguida, virando o telefone e colocando-o virado para baixo na cama.

— E aí? — Ela diz.

— O que você estava fazendo? — Eu digo.

— O que você quer dizer?

— Agora mesmo. No seu celular.

— Oh, — diz ela, as bochechas ligeiramente rosadas. — Apenas adicionando algumas músicas novas no Spotify. Tenho que fazer uma lista de reprodução da vitória para depois da eleição.

Ela está mentindo. Ela estava digitando uma mensagem, tenho certeza disso.

Eu deveria pegar o telefone dela, exigir para ver o que ela estava fazendo.

Mas tem uma senha e Aida é teimosa *pra* caralho. Ela não vai dar para mim. Isso vai se transformar em uma batalha.

Melhor esperar. Vou roubar a senha dela e depois mexer no seu telefone sem interrupções, sem avisá-la.

Então eu forço meu rosto a ficar calmo e inexpressivo, e digo: — Tudo bem. Devíamos comer alguma coisa antes de sair.

— O que você quer comer? — Ela pergunta, aliviada por eu ter mudado de assunto.

— Eu não me importo, — eu digo.

21

Aida

Cal me interrompeu no meio de algo que prefiro não mostrar a ele – ainda não, pelo menos. Mas agora ele está agindo estranho. Estamos lá embaixo, comendo duas das refeições que o chef deixou na geladeira. Cal está mastigando sua carne como se não pudesse nem sentir o gosto, olhando mal-humorado pela janela da cozinha para a piscina do lado de fora.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto a ele, dando uma mordida na costelinha refogada e na cenoura grelhada. Isso é tão decadente quanto pode ser na casa Griffin, então estou tentando desfrutar da minha refeição. Mas isso é difícil de fazer com Callum sentado com o rosto impassível bem ao meu lado.

— Nada, — diz ele em breve.

— O que você está pensando? Espetando um pedaço de pau no ninho de vespas?

Estou ciente de que alguém chamado “The Butcher” não é o melhor alvo para antagonizar. Ainda assim, estou animada com a perspectiva de caçar Zajac. Faz semanas que estou bancando a boa menina. É hora de se meter em um pequeno problema.

— Sim, — Callum diz irritado. — Estou preocupado em jogar contra um gangster desequilibrado. Especialmente dois dias antes da eleição.

— Talvez devêssemos esperar, então, — digo a ele. — Espere até depois para dar um tapa nele.

— Se não o encontrarmos esta noite, é o que farei, — diz Callum. — Mas prefiro lidar com isso o mais cedo possível.

O telefone de Callum vibra com uma mensagem. Ele olha para ela, dizendo: — Seus irmãos estão aqui.

Um minuto depois, eles aparecem em frente à casa, estacionam e saem do Escalade de Dante com cautela. Eles não estiveram aqui desde a festa de Nessa. Eu posso dizer que eles se sentem estranhos ao entrar pela porta da cozinha.

— Bela casa, — diz Dante educadamente, como se nunca a tivesse visto antes.

— Sim, muito bonita, — diz Nero, enfiando as mãos nos bolsos e olhando em volta da cozinha moderna e reluzente. Seu olho capta a única coisa fora do lugar. Ele se inclina para olhar mais de perto, dizendo: — Isso é um...

— *Sim*, — eu o interrompo. — E não precisamos falar sobre isso.

Imogen já leu para mim a revolta sobre o buraco de bala na porta de seu armário. Acho que ela ficou com mais raiva do que quando tentei envenenar seu filho. Esta casa é sua filha favorita. Teria ficado feio se Callum não tivesse me coberto, dizendo a ela que foi um acidente.

Ela não parecia convencida.

— Como vou conseguir alguém para consertar isso? — Ela exigiu, os olhos em chamas. — Como vou explicar a algum carpinteiro que ele precisa cavar uma bala antes de preencher o buraco?

— Você poderia parecer totalmente surpresa, — eu disse prestativamente.

Callum me lançou um olhar, dizendo-me para calar a boca imediatamente.

— Eu poderia tirar a bala primeiro, — disse ele.

— Não! — Imogen disparou: — Não toque nisso. Vocês dois fizeram o suficiente.

Ainda não foi corrigido e é outro assunto delicado que não preciso que Nero traga à tona antes de partirmos.

Mas então o Assunto Delicado Número Três entra na cozinha.

— O carro está lá fora, — diz Jack, segurando as chaves.

— Não me diga que ele está vindo, — eu digo a Callum.

— Sim. Ele está, — Callum responde.

— Nós não precisamos...

Ele me interrompe. — Não vamos entrar com pouco pessoal. Seus irmãos trouxeram alguém também.

— Gabriel está no carro, — Dante confirma.

Gabriel é nosso primo e um dos executores de meus irmãos. Ele se parece com um grande ursinho de pelúcia, mas pode ser um assassino quando precisa ser.

— Tudo bem, — eu digo, com apenas um toque de aborrecimento. — E qual é o plano?

— Bem, — Callum diz, trocando um olhar com meus irmãos, — Existem duas opções. Um, tentamos seguir esta pista sobre a garota que Zajac está transando.

— Mas não temos o endereço dela, — diz Nero, obviamente não sendo fã dessa opção. — E não sabemos com que frequência ele a vê.

— *Ou,* — continua Callum, como se não tivesse sido interrompido, —

poderíamos atingir um de seus negócios. Destruir a merda dele, talvez pegar alguma coisa e esperar que ele nos ligue.

— Estamos inclinados para seu cassino, porque é remoto e com muito dinheiro, — diz Dante.

— Por que não ambos? — Eu digo. — Você está falando sobre Francie Ross? Ela trabalha no Pole, certo?

— Você a conhece? — Callum pergunta rapidamente.

— Não. Mas eu conheço uma garota que a conhece, — eu digo. — Isso é o que eu estava tentando dizer a você, antes.

Callum me lança um olhar, meio irritado e meio curioso.

— Sua amiga sabe onde Francie mora?

— Talvez, — eu digo. — Devíamos perguntar a ela.

— Porque se incomodar! — Nero se encaixa. — Quem se importa em encontrar Zajac. Precisamos revidar o que ele fez em nosso local de trabalho. Não precisamos olhar nos olhos dele para chutá-lo nas bolas.

Dante parece que poderia ir de qualquer maneira. — O cassino parece mais uma aposta certa, — diz ele.

— Bem ... — Callum olha para mim. — Vamos fazer os dois. Vocês podem ir ao cassino, enquanto Aida e eu conversamos com a amiga dela.

— Você acha que três pessoas é o suficiente? — Dante diz para Nero.

— Claro, — diz Nero, sacudindo a cabeça.

— Leve Jack também, — diz Callum.

— Então será só você e Aida... — Dante diz.

— Não precisamos de um exército, — digo. — Estamos apenas conversando com uma garçonete.

Dante franze a testa e enfia a mão dentro da jaqueta. Ele me passa uma Glock carregada.

— Isso é sábio? — Jack diz, olhando para a arma enquanto Dante a coloca na minha mão.

— Não se preocupe, — eu digo docemente. — Eu não vou deixá-la por aí como uma *idiota.*

Jack parece querer replicar, mas ele desiste, já que Callum está parado bem ali.

— Todo mundo tem o que precisa? — Dante pergunta.

Todos nós concordamos.

— Vamos sair, então.

Dante e Nero voltam no Escalade. Eu aceno para Gabriel pela janela. Ele sorri e me dá uma pequena saudação. Jack sobe no banco de trás ao lado dele, apresentando-se com um grunhido e um breve aceno de cabeça.

Estou extremamente satisfeita por não ter que perder mais tempo enfiada em um carro com ele, e ainda mais satisfeita que Cal e eu estamos seguindo minha pista. Bem, meio que dele também – mas pensei nisso primeiro.

De qualquer forma, gosto quando Cal dirige. Isso me permite lançar olhares furtivos para ele enquanto sua atenção está fixa na estrada.

Cada vez que estamos sozinhos, a energia parece mudar. Há uma forte

tensão no ar e minha mente começa inevitavelmente a vagar de volta para o que fizemos da última vez que estivemos sozinhos.

Já que estou pensando em coisas tão agradáveis, fico surpresa quando Callum diz: — Por que você terminou com Oliver Castle?

Isso me sacode e me faz lembrar, desconfortavelmente, como Oliver me abordou no campus mais cedo. Como ele continua me encontrando assim? No início, quando ele me encontrava em todas as festas, presumi que meus amigos estavam mandando mensagens para ele. Mas, mesmo depois...

— Então? — Callum interrompe.

Eu suspiro, irritada por falar sobre isso novamente. E sem a probabilidade de sexo pervertido alimentado por ciúme depois.

— Simplesmente nunca parecia certo, — eu digo. — Era como colocar um sapato no pé errado. Imediatamente foi estranho, e quanto mais demorava, pior ficava.

— Então você não estava apaixonada por ele? Quando nos conhecemos? — Callum pergunta.

Há o menor indício de vulnerabilidade em sua pergunta.

Nunca ouvi Callum ser vulnerável. Nem mesmo um por cento. Eu quero desesperadamente olhar para ele, mas eu uso toda a minha força de vontade para manter meus olhos apontados para frente. Eu sinto que estamos sendo honestos por um minuto e não quero estragar isso.

— Eu nunca o amei, — digo a Cal, minha voz firme e segura.

Ele exala, e eu sei, eu simplesmente sei, há alívio naquele suspiro.

Tenho que sorrir, pensando em algo poético.

— O quê? — Callum pergunta.

— Bem, ironicamente, quando terminei com Oliver, pensei que deveria encontrar alguém mais compatível. Alguém mais parecido comigo.

Cal também tem que rir.

— Em vez disso, você obteve exatamente o oposto, — diz ele.

— Certo, — eu digo.

Os opostos têm uma espécie de simetria. Fogo e gelo. Severo e brincalhão. Impulsivo e contido. De certa forma, eles pertencem um ao outro.

Oliver e eu éramos mais como dois objetos selecionados ao acaso: uma caneta e uma coruja. Um biscoito e uma pá.

É por isso que não havia emoção do meu lado, apenas indiferença.

Você precisa empurrar e puxar para sentir amor. Ou ódio.

Paramos na frente do Pole. É um clube de cabaré no extremo oeste da cidade. Escuro, de teto baixo, extenso e decadente. Mas também extremamente popular, porque não é o seu clube de strip-tease comum. As performances são obscuras, pervertidas e baseadas em fetiche. Algumas das dançarinas são semi-famosas em Chicago, incluindo Francie Ross, que é uma das atrações principais. Não me surpreende que ela chamou a atenção de Zajac.

— Você já esteve aqui antes? — Eu pergunto a Callum.

— Não, — ele diz descuidadamente. — Isso é bom?

— Você vai ver. — Eu sorrio.

Os seguranças verificam nossas identidades e nós entramos.

O baixo forte torna o ar mais denso. Sinto o cheiro forte de álcool e os tons terrosos de cigarros eletrônicos. A luz é vermelha profunda, fazendo com que todo o resto pareça tons de preto e cinza.

O interior parece uma casa de boneca gótica. Cabines luxuosas, papel de parede botânico, espelhos ornamentados. As garçonetes estão vestidas com arreios de couro de tiras, algumas com orelhas de animal de couro e caudas de pele combinando – coelhos, raposas e gatos, principalmente.

Eu vejo uma mesa esvaziando perto do palco, e arrasto Callum antes que alguém possa pegá-la.

— Não deveríamos estar procurando pela sua amiga? — Ele diz.

— Podemos estar em sua seção. Se não, irei procurá-la.

Ele olha em volta para as garçonetes peituda, e as bartenders que estão usando macacões de pele justos, com o zíper aberto até o umbigo.

— Então é isso que Zajac gosta, hein? — Ele diz.

— Acho que todo mundo gosta disso, em um grau ou outro, — eu respondo, mordendo a ponta do meu lábio e sorrindo um pouco.

— Oh, sim? — Callum diz. Ele está olhando para mim, curioso e mais do que um pouco distraído. — Me diga mais.

Eu aceno para o canto de nossa cabine, onde um par de algemas de prata penduradas em um gancho.

— Eu posso ver você fazendo bom uso disso, — eu digo.

— Depende, — Callum rosna, seus olhos escuros. — De como você se comporta esta noite...

Antes que eu possa responder, nossa garçonete chega para anotar nosso pedido. Não é minha amiga Jada. Mas ela disse que Jada está trabalhando.

— Você pode mandá-la aqui? — Eu pergunto.

— Claro, — a garota concorda.

Enquanto esperamos, as luzes diminuem ainda mais e o DJ abaixa a música.

— Senhoras e senhores, — ele canta. — Por favor, sejam bem-vindos ao palco... o único... Eduardo!

— Oh, você vai gostar disso, — eu sussurro para Callum.

— Quem é Eduardo? — Ele murmura de volta.

— Shh! — Eu digo.

Um holofote segue um jovem magro que posa por um momento sob a luz e depois desce até o palco. Ele está usando um chapéu e um terno zoot – bem cortado, com ombros exagerados. Ele tem um bigode e um cigarro pendurado na boca.

Sua presença é magnética. Todos os olhos na sala estão fixos nele e em sua arrogância ultrajante.

Logo antes de subir ao palco, ele para ao lado de uma garota loira bonita e magra na primeira fila. Ele agarra a mão dela e a arrasta para cima do palco, apesar de seus protestos e óbvia timidez.

Em seguida, ele faz uma pequena rotina de comédia onde instrui a garota a segurar uma flor para ele. O topo da flor imediatamente cai, caindo na frente da blusa da garota. Eduardo a arranca novamente antes que ela possa se mover, fazendo-a gritar. Em seguida, ele ensina a ela uma coreografia de dança, um

tango muito sedutor, que ele executa com maestria, chicoteando-a como um manequim.

Ao mesmo tempo, ele mantém um monte de piadas e insultos, fazendo a plateia gargalhar. Ele tem uma voz baixa e suave, com um leve sotaque.

Por fim, ele conta para a garota que acabou e pede um beijo na bochecha. Quando ela franze os lábios relutantemente, ele estende a bochecha para ela, então vira a cabeça no último minuto, beijando-a bem na boca.

Claro que a multidão explode. Eles estão torcendo e gritando: — Eduardo! Eduardo!

— Obrigado meus amigos. Mas antes de eu ir – uma última dança! — Ele grita.

Enquanto a música toca, ele dança pelo palco, rápido e afiado. Ele agarra seu chapéu de feltro e puxa-o da cabeça, deixando cair uma mecha de cabelo louro-branco. Ele arranca o bigode, em seguida, rasga a frente do terno para revelar dois seios absolutamente espetaculares, cheios e nus, exceto por um par de borlas vermelhas cobrindo os mamilos. “Eduardo” pula e balança para fazer as borlas girarem, depois manda um beijo para a multidão, faz uma reverência e sai do palco.

Parece que Callum levou um tapa na cara. Estou rindo tanto que as lágrimas correm pelo meu rosto. Eu vi o show da Francie três vezes agora, e ainda me impressiona. Sua habilidade de andar, dançar e falar como um homem, até mesmo rir como um, é simplesmente incrível. Ela nunca quebra o personagem por um segundo, não até o final.

— Essa é Francie Ross, — digo a Callum, caso ele ainda não tenha descoberto.

— Essa é a namorada do The Butcher? — Ele diz surpreso.

— Sim. Se os rumores forem verdadeiros.

Tenho a chance de perguntar à Jada quando ela traz nossas bebidas. Ela passa um uísque com gelo para Callum, uma vodca de cranberry para mim.

— Ei! — Ela diz: — Não vejo você há muito tempo.

— Eu sei! — Eu sorrio para ela. — Tem sido uma loucura.

— Foi o que ouvi, — diz Jada, lançando um olhar significativo na direção de Callum. Jada tem cabelos tingidos de preto, uma infinidade de piercings e lábios cor de ameixa. O pai dela trabalhava para o meu, até ser mandado para a prisão por travessuras não relacionadas. Especificamente, ele tentou fraudar a loteria estadual. Estava indo muito bem até que ele acidentalmente venceu duas vezes seguidas, o que os alertou.

— Você viu o show? — Jada me pergunta.

— Sim! Francie é a melhor. — Eu me inclino um pouco mais perto, mantendo minha voz baixa para que seja encoberta pela música. — É verdade que ela está namorando aquele gangster polonês?

— Não sei, — diz Jada, pegando um copo vazio da mesa ao lado da nossa e colocando-o na bandeja. Ela não está mais encontrando meus olhos.

— Vamos, — eu a persuadir. — Eu sei que vocês duas são próximas.

— Eles podem estar, — ela diz evasivamente.

— Ele vem aqui para vê-la? — Eu pergunto.

— Não, — diz Jada. — Não que eu tenha visto.

Ela obviamente não gosta dessa linha de questionamento. Mas não quero

desistir ainda.

Callum estende a mão por baixo da mesa, pressionando suavemente uma nota dobrada na palma da mão de Jada.

— Onde ela mora? — Ele diz.

Jada hesita. Ela olha de relance para a palma da mão para ver a valor nominal.

— O prédio amarelo na Cherry Street, — ela diz finalmente. — Terceiro andar sem elevador. Ele vai lá nas terças à noite. É quando ela está fora do trabalho.

— Aí está, — murmuro para Callum depois que Jada sai. — Se ele não fizer contato depois de fodermos seu cassino, vamos pegá-lo na terça-feira.

— Sim, — Callum concorda. — Ainda é cedo – envie uma mensagem para seus irmãos e veja se eles precisam de nós no cassino.

Estou prestes a fazer isso quando Jada nos traz outra rodada de bebidas.

— Por minha conta, — ela diz, mais amigável agora que parei de interrogá-la. — Não suma por tanto tempo da próxima vez.

Ela desliza uma vodca fresca de cranberry para mim.

Eu realmente não queria uma segunda, mas se é de graça...

— Obrigada, — eu digo, levantando-a em um movimento de saudação.

— Roxy Rotten é a próxima, — diz Jada. — Você tem que assistir.

Ao levar o canudo aos lábios, vejo um brilho estranho na superfície da minha bebida. Eu a abaixei novamente, olhando para o coquetel. Talvez seja apenas a luz vermelha na minha bebida vermelha. Mas a superfície parece um

pouco oleosa. Como se o vidro não fosse bem lavado.

— O quê? — Callum diz.

Não tenho certeza se devo beber.

Estou prestes a dizer a Callum para verificar sua própria bebida, mas ele já bebeu de volta em um gole.

As luzes diminuem novamente e o DJ apresenta Roxy Rotten. Roxy realiza seu strip-tease com maquiagem de zumbi, sob luzes negras que dão a ilusão de que ela perde vários membros ao longo de sua rotina. Então, finalmente, sua cabeça parece cair. As luzes se acendem novamente e Roxy fica no centro do palco, milagrosamente inteira novamente, e exibindo sua adorável figura pintada de verde para a multidão.

— Devemos ir? — Eu digo a Callum.

— Seus irmãos responderam?

Eu verifico meu telefone. — Ainda não.

— Vamos cair, então. Quero dizer, sair. — Ele balança a cabeça. — Você vai terminar isso primeiro? — Ele aponta para minha segunda bebida.

— Uh... não. — Eu despejo metade da nova bebida em meu copo velho para que Jada não fique ofendida. — Vamos lá.

Eu me levanto primeiro, jogando minha bolsa no braço. Quando Callum se levanta, ele tropeça ligeiramente.

— Você está bem? — Pergunto-lhe.

— Sim, — ele grunhe. — Só uma dor de cabeça.

Eu posso ver o quão instável ele está em seus pés. Não é o uísque – ele só

tomou duas doses, e sei por experiência própria que Callum pode beber muito mais do que isso sem ficar embriagado.

Vejo Jada parada ao lado do bar, de braços cruzados. Ela parece uma gárgula malévola com orelhas de raposa de couro e lábios pintados de roxo escuro.

— Vamos sair daqui, — murmuro para Callum, jogando seu braço por cima do meu ombro.

Lembro-me horrivelmente do dia em que nos conhecemos, quando tive que carregar Sebastian pelo cais assim. Callum é igualmente pesado, caindo mais e mais a cada passo. Ele está tentando dizer algo, mas seus olhos estão revirados, sua voz piegas e incoerente.

Se eu conseguir colocá-lo no carro, posso nos levar a algum lugar seguro e ligar para meus irmãos.

Mas, assim como no cais, a porta parece estar a um milhão de quilômetros de distância. Estou vagando pela areia e nunca vou conseguir.

Quando finalmente chego à saída, os seguranças me cercam.

— Algum problema, senhorita?

Estou prestes a dizer a eles que preciso de alguém para ajudar a carregar Callum até o carro. Mas então eu percebo que eles não estão vindo para nos ajudar. Eles estão bloqueando a porta.

Eu olho em volta para o semicírculo de homens corpulentos e ameaçadores.

Sem tempo para ligar para meus irmãos.

Eu faço a única coisa que posso pensar.

Eu desabo como se estivesse desmaiando, esperando não doer muito quando eu cair no chão.

22

Callum

Acordo com as mãos amarradas na cabeça, suspensas por um gancho de carne.

Esta não é uma boa posição para mim. Eu sou um cara grande, e todo aquele peso pendurado em meus braços, sabe Deus por quanto tempo, faz parecer que estão prestes a ser puxados para fora dos encaixes.

Além disso, minha cabeça está doendo.

A última coisa que me lembro é de um cara que não era realmente um cara dançando tango no palco.

Agora estou em um depósito que fede a ferrugem e sujeira. Embaixo disso, um cheiro frio, úmido e podre.

E está realmente frio *pra* caralho. Mesmo de paletó, estou tremendo.

Talvez sejam os efeitos colaterais das drogas. Meus músculos estão fracos e trêmulos. Minha visão continua mudando de turva para nítida, como um par de binóculos entrando e saindo de foco.

Drogas. Alguém drogou minha bebida. Quando eu estava sentado com...

AIDA!

Eu viro minha cabeça, procurando por ela.

Felizmente, ela não está pendurada em um gancho ao meu lado. Mas não a

vejo em nenhum lugar do espaço deserto. Tudo o que vejo é uma mesa, coberta com um pano branco manchado. O que geralmente não é um bom sinal.

Eu quero gritar por Aida. Mas também não quero chamar atenção para o fato de que ela se foi. Não sei como cheguei aqui, e não sei se ela estava comigo ou não.

Meus ombros estão gritando. Meus pés quase tocam o chão, mas não totalmente.

Tento torcer meus pulsos, virando-os contra a corda áspera para ver se há alguma chance de me soltar. O movimento me faz girar ligeiramente, como um pássaro no espeto. Mas isso não parece afrouxar o nó.

A única coisa boa é que não tenho que esperar muito.

The Butcher entra no armazém, flanqueado por dois de seus soldados. Um é magro, com cabelo louro-claro e tatuagens nos dois braços. O outro parece familiar – ele pode ter sido um dos seguranças do Pole. Oh, foda-se. Ele provavelmente era.

Mas é The Butcher que chama minha atenção. Ele me fixa com seu olhar furioso, uma sobrancelha permanentemente arqueada um pouco mais alta do que a outra. Seu nariz parece mais bicudo do que nunca sob a luz forte, suas bochechas mais encovadas. As cicatrizes ao longo dos lados do rosto parecem profundas demais para serem de acne – podem ser feridas de estilhaços de alguma explosão há muito tempo.

Zajac para na minha frente, quase diretamente sob a única luz do teto. Ele levanta um dedo e toca meu peito. Ele empurra, fazendo-me balançar impotente para frente e para trás no gancho.

Não posso deixar de grunhir com o aumento da pressão em meus braços.

The Butcher dá um pequeno sorriso. Ele se diverte com meu desconforto.

Ele dá um passo para trás novamente, dando um aceno de cabeça para o segurança do clube. O segurança tira o casaco de Zajac.

Zajac parece menor sem ele. Mas enquanto ele arregaça as mangas de sua camisa listrada, posso ver que seus antebraços estão cheios com o tipo de músculo que se constrói ao fazer coisas práticas.

Enquanto arregaça a manga esquerda com movimentos hábeis e certeiros, ele diz: — As pessoas acham que ganhei meu apelido por causa de Bogotá. Mas não é verdade. Eles me chamavam de The Butcher muito antes disso.

Ele enrola a manga direita também, até que corresponda precisamente à esquerda. Então ele caminha até a mesa coberta. Ele puxa o pano, revelando exatamente o que eu esperava ver: um conjunto de facas de açougueiro recém-afiadas, as lâminas dispostas por formato e tamanho. Cutelos, cimitarras e facas de chef, lâminas para desossar, filetar, cortar, fatiar e picar.

— Antes de sermos criminosos, os Zajacs tinham um comércio familiar. O que aprendemos, passamos adiante. Posso abater um porco em quarenta e dois minutos. — Ele levanta uma faca longa e fina, tocando a ponta do polegar na lâmina. Sem qualquer pressão, a pele se parte e uma gota de sangue jorra contra o aço. — O que você acha que eu poderia fazer com você em uma hora? — Ele medita, olhando para cima e para baixo em meu corpo esticado.

— Talvez você possa explicar o que diabos você quer, para começar, — eu digo. — Isso não pode ser sobre propriedade de trânsito.

— Não, — Zajac diz suavemente, seus olhos sem cor na luz forte.

— Então o que é? — Eu pergunto.

— É uma questão de respeito, é claro, — ele responde. — Eu moro nesta

cidade há doze anos. Minha família está aqui há três gerações. Mas você não sabe disso, não é, Sr. Griffin? Porque você nem mesmo me fez a gentileza da curiosidade.

Ele abaixa a faca que está segurando e seleciona outra. Embora seus dedos sejam grossos e atarracados, ele maneja sua arma com a destreza de Nero.

— Os Griffins e os Gallos... — ele diz, aproximando-se de mim com uma lâmina na mão. — Ambos iguais em sua arrogância. Os Gallos enterram dois de meus homens sob o cimento e acham que é tudo. Você aceita minha doação e se recusa até mesmo a se encontrar comigo pessoalmente. Então vocês dois fazem um acordo de casamento, sem nem mesmo considerar meus filhos. Ou fazendo um convite.

— O casamento foi em curto prazo, — eu digo com os dentes cerrados. Meus ombros estão pegando fogo, e não gosto de quão perto Zajac está chegando com aquela faca.

— Eu sei exatamente por que o casamento aconteceu, — diz ele. — Eu sei tudo...

Quero perguntar onde Aida está agora, se ele sabe tanto. Mas ainda tenho medo de denunciá-la. Ela pode ter conseguido escapar. Se for assim, peço a Deus que ela esteja chamando a polícia ou seus irmãos.

Infelizmente, acho que ninguém vai chegar aqui a tempo. Se eles soubessem onde me encontrar.

— Isto era um matadouro, — diz Zajac, gesticulando ao redor do armazém vazio com a ponta da faca. — Eles matavam mil porcos por dia aqui. O sangue corria lá, — ele aponta para o comprimento de uma grade de metal que corre abaixo dos meus pés, — por aquele cano, direto para o rio. A água ficava vermelha por um quilômetro rio abaixo das plantas.

Não consigo ver o cano que ele está se referindo, mas posso sentir o fedor úmido de água suja.

— Um pouco mais abaixo, as pessoas nadavam na água, — diz ele, com os olhos fixos na lâmina de sua faca. — Parecia limpo o suficiente, então.

— Existe um ponto para esta metáfora? — Digo impaciente. Meus ombros estão queimando *pra* caralho, e se Zajac vai me matar, prefiro que ele vá em frente e faça isso já. — Eu deveria ser a pessoa nadando na água suja?

— Não! — Ele estala, os olhos no meu rosto agora. — Isto são todos em Chicago que querem pensar que sua cidade é limpa. Você é a pessoa que come o bacon, pensando que é melhor do que o homem que o matou.

Eu suspiro, tentando fingir que estou interessado, enquanto realmente examino a sala. Estou observando os dois guarda-costas, procurando uma maneira de sair dessa bagunça. O tempo todo, enfio meus pulsos dentro da corda, tentando soltá-los pouco a pouco. Ou então apenas esfregando minha pele – é difícil dizer.

Zajac terminou o monólogo. Ele corta meu paletó e camisa com uma dúzia de cortes rápidos. Partes das mangas ainda estão penduradas em meus braços, mas meu torso está nu, sangrando de cinco ou seis cortes superficiais. The Butcher é habilidoso o suficiente para fazer isso sem tocar minha pele, mas me cortou de propósito. Ele está amolando sua faca.

Ele pressiona a ponta contra o lado direito inferior do meu abdômen.

— Você sabe o que está aí? — Ele diz.

Não quero jogar este jogo com ele.

— Não, — eu digo.

— Seu apêndice. Um pequeno tubo de tecido de 7,5 cm, estendendo-se do intestino grosso. Provavelmente vestigial para o ser humano moderno, mas às vezes ganha destaque quando fica infectado ou inflamado. Não vejo nenhuma cicatriz de laparoscopia, então presumo que a seu ainda esteja intacto.

Eu fico teimosamente em silêncio, recusando-me a jogar junto.

The Butcher pousa a parte plana da lâmina na palma da mão. — Eu pretendia esperar até depois da eleição para isso, mas vocês tiveram que se tornar um estorvo, destruindo meu cassino e incomodando minha patroa em seu local de trabalho. Então aqui está o que vamos fazer. Os Gallos vão devolver o dinheiro que roubaram do meu cassino.

Não sei quanto eles conseguiram, mas espero que tenha sido uma tonelada de dinheiro.

— Você vai me vender a propriedade de trânsito, com um grande desconto.

Não. Também não vai acontecer.

— E você vai me fornecer um cargo no governo da cidade de minha escolha, após sua eleição.

Quando os porcos voarem.

— Como entrada por esses serviços, vou tirar seu apêndice, — diz Zajac. — Você não vai sentir falta. A cirurgia, embora dolorosa na ausência de anestésico, não será fatal.

Ele levanta a ponta da faca mais uma vez, posicionando-a diretamente acima da parte aparentemente não essencial de minhas entranhas. Ele respira fundo, preparando-se para cortar minha carne. Então ele começa a pressionar a faca na minha barriga.

Ele a empurra agonizantemente devagar.

Eu cerro meus dentes o mais forte que posso, de olhos fechados, mas não posso deixar de soltar um grito estrangulado.

Isso realmente dói *pra* caralho. Ouvi dizer que ser esfaqueado é mais doloroso do que levar um tiro. Tendo recentemente levado um de raspão no braço de minha amada esposa, posso definitivamente atestar que ter uma faca lenta e tortuosamente cravada em suas entranhas é cem vezes pior. Meu rosto está suando e meus músculos estão tremendo mais forte do que nunca. E a faca está a apenas uma ou duas polegadas na minha carne.

— Não se preocupe, — sibila The Butcher. — Devo terminar em uma hora ou mais...

— Espere um segundo, espere um segundo... — Eu ofego.

Ele faz uma pausa, sem tirar a faca do meu estômago.

— Você poderia fazer uma pausa por um segundo e coçar meu nariz? Estou com coceira e isso está me deixando louco.

Zajac dá um bufo irritado e tensiona o braço para enfiar a faca mais fundo no meu corpo.

Naquele momento, uma garrafa sai voando pela porta, com um pano fumegante enfiado no gargalo. A garrafa se estilhaça no chão de cimento, o álcool em chamas se espalhando em uma piscina e cacos de vidro flamejante girando para fora. Um pega a manga do segurança. Ele se vira, tentando dar um tapa de novo.

Ouve-se outro som de esmagamento e, em seguida, uma explosão, alta e próxima.

— Lidem com isso, — Zajac sibila para seus homens.

O loiro se separa imediatamente, contornando os destroços do coquetel molotov e passando por uma porta lateral. O segurança segue direto para a porta principal, apenas para receber uma bala no ombro no segundo que ele passa.

— *Pierdolić!* — The Butcher sibila. Ele pula atrás de mim, caso o atirador esteja prestes a entrar pela porta.

Mas enquanto esperamos, ninguém passa. E eu sei que Zajac está dividido – por um lado, ele não quer me deixar aqui sozinho. Por outro, agora ele próprio está desprotegido. Ele não tem ideia de quantas pessoas estão invadindo o armazém. Ele não quer ser pego aqui se forem meus homens que entrarem pela porta.

Conforme os segundos passam e ouvimos os sons confusos de gritos, corridas e algo mais se quebrando, mas é impossível saber o que está acontecendo. O Molotov ainda está queimando – na verdade, as chamas estão se espalhando pelo chão de cimento de alguma forma. Talvez a tinta esteja queimando. Ele cria nuvens de fumaça preta e acre que nos fazem suar e tossir.

Finalmente, Zajac amaldiçoa novamente. Ele caminha até a mesa, segurando um cutelo com uma das mãos e um facão com a outra. Então ele sai apressado pela mesma porta lateral onde seu tenente loiro desapareceu.

No momento em que estou sozinho, começo a torcer e a trabalhar nessas cordas. Meu braço esquerdo está quase totalmente dormente agora, mas ainda consigo mover o direito. Eu puxo o mais forte que posso. Minhas mãos, meus pulsos, meus braços e ombros estão gritando. Parece que vou deslocar meu polegar. Mas, finalmente, solto a mão direita.

Só então, uma figura vem correndo descalça pela porta, pulando sobre o corpo caído do segurança que levou um tiro no ombro.

É Aida. Seu cabelo escuro flui atrás dela como uma bandeira enquanto ela voa pelo cimento. Ela evita agilmente as chamas e os vidros estilhaçados, parando apenas para pegar uma faca da mesa. Ela a pressiona na minha palma.

— Corte a corda! — Ela chora. — É muito alto para eu alcançar!

Ela tem sangue escorrendo pelo lado direito do rosto. Sua mão esquerda está enrolada em um pano.

— Você está bem? — Eu pergunto a ela, alcançando a cabeça para ver a corda que ainda segura minha mão esquerda no lugar. — Onde estão seus irmãos?

— Eu não faço ideia! — Ela diz. — Aqueles capangas pegaram meu telefone. Pegaram minha arma também – Dante vai ficar puto. Eu sou a única aqui!

— O quê?! — Eu digo. — Que diabos foi todo aquele barulho, então?

— Uma diversão! — Aida diz alegremente. — Agora se apresse, antes...

Naquele momento, a corda se parte e eu caio no concreto. Meus braços parecem não estar presos ao meu corpo. Minhas pernas também estão latejando. Sem falar no furo no meu lado direito.

— O que eles fizeram com você? — Aida pergunta, com a voz trêmula.

— Estou bem, — digo a ela. — Mas é melhor...

Nesse momento o soldado loiro retorna, com outro dos homens de Zajac. Os dois estão armados, parados na porta com as armas apontadas para nós.

— Não se movam, — o loiro diz.

O ar está denso de fumaça. Não tenho certeza de quão bem ele pode nos

ver – bem o suficiente para atirar em nós, tenho certeza. Eu agarro o braço de Aida e começo a recuar.

Estamos seguindo a grade de metal ao longo do chão, de volta ao local de despejo onde os açougueiros costumavam descarregar o sangue e as vísceras no rio.

— Pare! — O loiro grita, avançando em nossa direção através da fumaça. Ele levanta sua AR, ajustando-a ao seu lado.

Eu ouço um clangor surdo quando piso em uma grade articulada.

Mantendo meus olhos nos homens de Zajac, pressiono a ponta do sapato contra o canto da grade, tentando levantá-la sem usar as mãos.

É pesada, mas começa a se mover para cima, o suficiente para que eu possa colocar todo o meu pé embaixo.

— Fique aí e mantenha as mãos para cima, — o soldado loiro late, aproximando-se de nós.

Eu chuto a grade totalmente aberta.

Em seguida, envolvo meus braços em torno de Aida e digo: — Respire fundo.

Eu sinto seu corpo ficar tenso.

Eu a pego no colo e pulo pela grade, para dentro de um cano de mais de um metro de largura, que vai dar só Deus sabe onde.

Nós mergulhamos na água suja e gelada.

A correnteza é rápida, arrastando-nos.

Está escuro, tão escuro que não faz diferença se meus olhos estão abertos

ou fechados. Mantendo um aperto de ferro em Aida, levanto uma das mãos para ver se há ar acima de nossas cabeças. Minha mão bate no cano, sem nenhum espaço entre a água e o metal

Isso significa que precisamos passar o mais rápido possível. A corrente está nos movendo, mas eu chuto com os pés, impulsionando-nos mais rápido.

Provavelmente estamos aqui há trinta segundos até agora. Consigo prender a respiração por mais de dois minutos e meio. Não posso esperar que Aida consiga mais do que um minuto.

Ela não está lutando em meus braços, não está lutando contra mim. Mas posso sentir como ela está rígida e apavorada. Ela confia em mim. Deus, espero não ter cometido o pior tipo de erro.

Nós disparamos juntos, eu chutando ainda mais forte. E então disparamos um tubo de saída, caindo cerca de um metro e meio no rio Chicago.

A correnteza nos arrasta para o centro do rio, cerca de seis metros de cada margem. Não é onde eu quero estar, para o caso de aparecer algum barco, mas não tenho certeza de que caminho devo nos levar. Eu olho em volta, tentando descobrir exatamente onde estamos.

Aida se agarra ao meu pescoço, apenas remando com uma das mãos. Ela não é uma nadadora muito forte e a corrente é poderosa. Ela está tremendo. Eu também estou.

— Como você sabia que poderíamos sair daqui? — Ela me pergunta, batendo os dentes.

— Eu não sabia, — eu digo. — Como diabos você veio me encontrar?

— Oh, eu estava com você o tempo todo! — Aida diz alegremente. — Aquela vadia traidora da Jada drogou nossas bebidas, mas eu realmente não bebi

a minha porque parecia estranha.

— Por que você não me disse isso?

— Eu ia dizer! — Ela diz. — Você já tinha golpeado para baixo. Não quero fazer disso uma crítica cultural, mas vocês, irlandeses, poderiam aprender a saborear uma bebida de vez em quando. Nem tudo é um shot.

Eu reviro meus olhos.

— De qualquer forma, — ela diz, — eu tentei levar você ao carro, mas você estava tropeçando e balbuciando, e os seguranças me fecharam. Então, quando você desmaiou, eu fingi que estava desmaiada também. Eu estava tão mole que você ficaria surpreso com a minha atuação. Mesmo quando o grandão fechou minha mão no porta-malas, eu não quebrei o personagem.

Estou olhando para ela com espanto. Enquanto eu estava nocauteado, aparentemente, ela estava tramando e planejando.

— Então nos trouxeram para o armazém. Eles nos carregaram para dentro. Levaram você embora e me colocaram em algum tipo de sala de escritório. O cara não tinha me amarrado porque pensou que eu ainda estava inconsciente. Ele me deixou sozinha por apenas um segundo. Mas trancou a porta. E eu não tinha telefone – ele pegou minha bolsa e a arma de Dante. Então, em vez disso, subi para a saída de ar...

— Você o quê?

— Sim. — Ela sorri. — Usei minha unha para girar o parafuso, tirei a tampa. Escalei imediatamente. Lembrei de colocar a tampa de volta também. Gostaria de poder ter ficado para ver o rosto do guarda quando ele voltasse – ele provavelmente pensou que eu fiz algum tipo de movimento de Houdini. Perdi meus sapatos no caminho, pois faziam muito barulho no respiradouro. Então me

joguei em uma pequena cozinha – tinha uma geladeira, um freezer, um armário de bebidas completo. Foi assim que fiz os Molotovs. Havia todos os tipos de coisas lá – Zajac deve trabalhar muito neste prédio, não apenas quando está torturando pessoas.

Ela faz uma pausa, franzindo as sobrancelhas de preocupação.

— Ele cortou você? Você estava sangrando...

— Estou bem, — asseguro a ela. — Ele apenas me cutucou um pouco.

— De qualquer forma, — ela diz. — Eu ouvi os guardas pirando. Eles não queriam dizer a ele que eu escapei, porque estavam todos com medo dele. Então isso me deu algum tempo extra para correr e causar uma confusão. Eu roubei uma arma e atirei em um deles. Depois um outro me agarrou por trás, enfiou minha cabeça na parede e tive que atirar em seu pé umas nove vezes antes de acertá-lo. Então eu não tinha mais balas. Mas eu te encontrei logo depois!

Estou olhando para ela com espanto absoluto. Seus olhos estão brilhantes de excitação, seu rosto iluminado com a emoção do que ela realizou.

É louco e agitado e poderíamos ter morrido.

Mas nunca me senti mais vivo. A água gelada. O ar noturno. As estrelas lá em cima. A luz refletindo nos olhos cinzentos de Aida. Sinto tudo com uma perspicácia dolorosa. É absolutamente lindo *pra* caralho.

Eu agarro o rosto de Aida e a beijo. Beijo-a por tanto tempo e com tanta força que afundamos na água e voltamos à superfície, com as bocas ainda presas.

— Você é incrível, — digo a ela. — Além disso, completamente insana. Você deveria apenas ter corrido!

Aida me fixa com sua expressão mais séria.

— Eu nunca abandonaria você, — ela diz.

Estamos girando ligeiramente na corrente, as luzes da cidade girando ao nosso redor. Estamos abraçados, olhando nos olhos um do outro, enquanto nossos pés percorrem na água.

— Nem eu, — eu prometo a ela. — Eu sempre vou te encontrar, Aida.

Ela me beija de novo, seus lábios frios e trêmulos, mas ainda assim a coisa mais suave que já toquei.

23

Aida

A eleição ocorre dois dias depois.

Cal está todo remendado. Ele precisava de pontos para alguns cortes, mas agora você dificilmente saberia que ele esteve em uma briga. Eu, por outro lado, tenho que usar um gesso gigante, já que aparentemente aquele segurança idiota quebrou dois dos meus dedos quando bateu com o porta-malas na minha mão. Agora estou extremamente feliz por ter atirado nele.

Está tornando muito difícil digitar qualquer coisa no meu telefone, o que é irritante, porque tenho um projeto muito importante em andamento e não quero que fique todo bagunçado porque não posso verificar meu e-mail.

— Eu posso te ajudar com isso, — Cal diz, estendendo a mão para pegar meu telefone. — Você pode ditar e eu digito.

— Não! — Eu digo, pegando de volta. — Eu não preciso de ajuda.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta desconfiado.

— Não é da sua conta, — digo a ele, colocando o telefone de volta no bolso.

Ele franze a testa. Ele já está nervoso porque devemos obter os resultados das eleições a qualquer minuto. Eu realmente não deveria provocá-lo.

Seu telefone toca e ele quase pula de susto. Ele o leva ao ouvido, escutando.

Posso ver visivelmente enquanto o alívio se derrama sobre ele. Ele desliga a ligação, sorrindo.

— Parabéns! — Eu grito.

Ele me pega e me gira, até que eu fecho minhas pernas em volta de sua cintura e o beijo por um longo tempo.

— Você conseguiu, — eu digo.

Ele me coloca no chão novamente, seus olhos azuis brilhantes fixos nos meus.

— Fizemos isso juntos, Aida. Nós realmente fizemos. Você me deu o apoio extra de que precisava dos italianos. Você me ajudou a conquistar as pessoas certas. Eu quero que você venha trabalhar comigo. Todo dia. Depois que você se formar, quero dizer.

Meu coração dá uma pequena vibração engraçada.

Isso é louco. Algumas semanas atrás, eu dificilmente pensei que Callum e eu poderíamos compartilhar um quarto sem matar um ao outro.

— Colegas de quarto *e* colegas de trabalho? — Eu digo provocativamente.

— Por que não? — Callum franze a testa. — Você ficaria enjoada de mim?

— Não. Você não é exatamente do tipo tagarela, — eu rio. — Na verdade, você é muito... calmante de estar por perto.

É verdade. Quando Cal não está me deixando com raiva, ele me estabiliza. Eu me sinto segura perto dele.

— O que vamos fazer sobre Zajac, então? — Pergunto-lhe.

Dante e Nero fugiram com cerca de $500.000 em dinheiro do cassino de

The Butcher, além de destruir várias de suas máquinas. Não ouvimos mais nada desde então. O que parece que deve ser a calmaria antes da tempestade.

— Bem, Nero acha que devemos...

Naquele momento somos interrompidos por Fergus e Imogen, que ouviram a notícia. Eles invadiram o escritório de Cal, querendo comemorar com champanhe.

Tento sair para deixá-los sozinhos juntos, mas Imogen coloca o braço em volta dos meus ombros e me puxa de volta.

— Você não quer uma bebida? — Ela me pergunta. — Também estamos comemorando você, Aida. A realização do marido pertence à esposa, e vice-versa.

Imogen aparentemente me perdoou por assassinar seu gabinete. Na verdade, ela insiste em que todos nós devemos jantar para comemorar, incluindo Nessa e Riona. Reparei que a nossa reserva no Everest já está definida. Eu tenho que sorrir com a confiança de Imogen em seu filho.

— Eu acho que você quer que eu me troque, então, — eu digo a Callum.

Ele olha para minha camiseta e shorts.

— Eu não sei, — diz ele, dando-me um meio sorriso. — Você parece muito fofa do jeito que está.

Eu levanto minhas sobrancelhas em espanto.

— Quem é você e o que fez com meu marido?

Cal dá de ombros.

— Você fica linda em tudo. Não vou mandar em você sobre isso.

Eu dou a ele um sorrisinho de lado e sussurro para ele: — Mas e se eu meio que gosto quando você fica mandando em mim?

Ele agarra meu braço e rosna em meu ouvido.

— Então vá colocar aquele vestido de verão azul que comprei para você e veja como eu a recompenso.

Assim que ele consegue aquele tom de controle, os minúsculos pelos dos meus braços se levantam e eu fico com aquela sensação quente, latejante e nervosa.

Parte de mim quer desobedecê-lo.

A outra parte quer ver o que acontecerá se eu entrar no jogo.

Então eu vou até o closet, encontro o vestido solicitado e o visto. Em seguida, escovo o cabelo, prendo-o para trás com uma presilha, coloco alguns brincos em forma de margaridas brancas e calço as sandálias.

Quando termino, Callum está esperando por mim lá embaixo. Eu desço a escada como uma rainha do baile, arrastando minha mão ao longo do corrimão e tentando parecer graciosa.

Callum sorri para mim, parecendo extremamente bonito por ele mesmo em sua camisa azul claro e calças. Ele se barbeou, deixando sua mandíbula mais afiada do que nunca. Agora posso ver o formato perfeito de seus lábios e o jeito que eles sorriem um pouco, mesmo quando seus olhos parecem severos.

— Onde está todo mundo? — Pergunto-lhe.

— Eu disse a eles para irem em frente no outro carro. Jack vai nos levar.

Ele pega minha mão, puxando-me para perto.

— Nada por baixo dessa saia, espero, — murmura.

— Claro que não, — eu digo afetadamente.

Jack já está esperando no carro, segurando a porta. Ele tem sido um pouco mais legal comigo desde que roubou o cassino com meus irmãos e primo. Não sei se é porque ele gosta da minha família ou porque tem medo deles. Mas ele não fez um único comentário rude desde então. E eu não tive que atirar nele.

Callum e eu sentamos no banco de trás. Posso ver que Cal já subiu a divisória. Ele também liga a música, mais alto do que o normal.

— Quão longe fica o restaurante? — Pergunto-lhe.

— Acho que terei tempo suficiente, — diz ele.

Sem se preocupar com o cinto de segurança, ele se abaixa na minha frente e coloca a cabeça sob a saia do meu vestido de verão. Eu suspiro e aumento a música um pouco mais. Então eu me recosto no assento.

Callum está lambendo minha boceta com movimentos longos e lentos. Sua boca fica incrivelmente macia com o barbear fresco. Seus lábios acariciam minha pele e sua língua desliza entre minhas dobras, quente, úmida e sensual.

Eu amo transar com ele no carro. Eu nunca soube por que as pessoas tinham motoristas, e agora percebo que é cem por cento por esse motivo – então você pode transformar um trajeto chato na melhor parte do seu dia. Algum dia, quando todos nós tivermos carros robôs, você olhará pelas outras janelas e é isso que verá – todo mundo transando.

Estou começando a obter uma resposta pavloviana ao cheiro de condicionador de couro. De repente, é o perfume mais erótico do mundo.

Eu amo a sensação dos assentos contra a minha pele nua, e a forma como o

movimento do carro me balança e me pressiona ainda mais contra a língua de Callum. Ele é tão bom nisso. Ele parece tão frio e rígido, mas na verdade suas mãos e boca são como manteiga quente. Ele pode dizer exatamente o quão difícil é lamber e chupar, então é o estímulo máximo sem cair demais.

Eu estou balançando meus quadris, montando seu rosto, tentando muito não fazer nenhum barulho. Posso ter desistido de minha vingança com Jack, mas isso não significa que quero fazer um show para ele.

Mas é difícil ficar quieta quando Cal desliza os dedos dentro de mim. Ele gentilmente os torce e os desliza em movimento com a língua, encontrando todos os pontos mais sensíveis.

Eu aperto em torno de seus dedos, minha respiração acelerando e minha pele formigando. O calor sai da minha barriga. Minha boceta está encharcada e extremamente sensível.

Com a outra mão, Callum estende a mão e puxa para baixo a frente do meu vestido. Liberando um dos meus seios, ele o acaricia com a mão, beliscando e puxando suavemente o mamilo.

Ele gradualmente aumenta a pressão, até que está apertando meus seios com força, beliscando e puxando os mamilos. Por alguma razão, isso parece fantástico *pra* caralho. Talvez seja porque eu já estou muito excitada, ou talvez seja apenas porque eu gosto quando Cal é um pouco duro na cama. Há tanta tensão entre nós que alivia a agressão. Isso nos dá um lugar para canalizá-la.

Nunca tive um relacionamento assim. Sempre houve pessoas que eu odiava e pessoas de quem gostava, e essas duas categorias eram polos opostos. Meus namorados sempre caíram na categoria “doce e divertido” não na categoria “me deixa louca”.

Callum está se tornando um pouco dos dois. E de alguma forma isso torna

minha atração por ele dez vezes mais forte. Ele captura todas as minhas emoções: ressentimento, ciúmes, rebeldia, desejo, temperamento, curiosidade, diversão e até respeito. Ele junta tudo em um pacote. O resultado é absolutamente irresistível. Isso me cativa inteiramente.

Cal continua lambendo minha boceta, me tocando e apertando meus seios, tudo ao mesmo tempo. Estimulando cada parte de mim até que estou me contorcendo e me esfregando contra ele, pronta para explodir.

Posso sentir o carro girando, começando a desacelerar.

É agora ou nunca.

Eu deixei ir, gozando uma e outra vez na parte plana da língua de Cal. As ondas ondulantes de prazer caem sobre mim. Tenho que morder o lábio e fechar bem os olhos para não gritar.

Em seguida, o carro para e Cal se senta, limpando a boca com as costas da mão.

— Bem na hora, — ele diz.

Estou ofegante como se tivesse corrido uma milha.

— Seu cabelo está louco, — digo a ele.

Ele o alisa de volta com a palma da mão, sorrindo para mim.

— Sim, sim, você fez um ótimo trabalho, — digo, rindo.

— Eu sei, — ele diz.

Ele pega minha mão para me ajudar a sair do carro.

Pegamos o elevador até o quadragésimo andar do prédio da Bolsa de Valores. Na verdade, não estive aqui antes, embora saiba que o restaurante deve

ser bom.

A vista é realmente deslumbrante. Imogen, naturalmente, conseguiu a melhor mesa do lugar. Temos uma vista panorâmica da cidade abaixo, e também parte do lago.

Os outros já estão sentados. Nessa está usando um macacão florido, seu cabelo castanho claro preso em um rabo de cavalo alto. Ela tem mais sardas agora que está ficando mais quente. Riona está com o cabelo solto – incomum para ela. Ela realmente tem o cabelo mais deslumbrante que já vi. Espesso, ondulado, em tons profundos. Acho que ela não gosta de como parece vívido. Quanta atenção isso rouba.

Esta noite, porém, ela está quase de bom humor como todo mundo. Estamos todos conversando e rindo, pedindo coisas decadentes do menu. Eu olho em volta para a família de Cal e, pela primeira vez, não me sinto uma estranha. Sinto-me confortável à mesa. Feliz por estar lá, mesmo.

Estamos falando sobre o livro mais longo que já lemos.

— Eu li *Guerra e Paz*! — Eu digo a eles. — Eu sou a única pessoa que já fez isso, eu acho. Eu estava presa nesta cabana e era o único livro na estante.

— Eu acho que *The Stand*[31] pode ser o meu mais longo, — Riona reflete. — Versão completa, obviamente.

— Você leu Stephen King? — Eu pergunto a ela com espanto.

— Eu li todos, — diz Riona. — Até o mais recente, porque eu não tive tempo...

— Ela estava com tanto medo de *IT*, — interrompe Callum. — Ela ainda tem medo de palhaços.

— Não tenho *medo* deles, — diz Riona com altivez. — Eu só não gosto deles. Existe uma diferença...

— Quer mais vinho? — Cal me pergunta, segurando a garrafa.

Eu aceno, e ele enche minha taça.

Quando ele coloca a garrafa na mesa, ele coloca a mão no meu colo. Ele encontra minha mão – aquela que não está engessada – e entrelaça seus dedos com os meus.

Sua mão é quente e forte, apertando a quantidade certa. Seu polegar acaricia suavemente o meu, então fica parado novamente.

Cal e eu transamos muitas vezes. Nós nos beijamos também. Mas esta é a primeira vez que ficamos de mãos dadas. Ele não está fazendo isso para se mostrar porque estamos em um evento. E ele não está me agarrando para me puxar para perto. Ele está segurando minha mão porque quer.

Nosso relacionamento progrediu de uma maneira tão engraçada e atrasada. Casamento primeiro. Depois sexo. Depois, nos conhecendo. E finalmente... seja o que for. Uma sensação de calor, desejo, afeto e conexão se espalha pelo meu peito, uma sensação que queima e fica mais forte a cada momento, especialmente quando olho para o homem sentado ao meu lado.

Eu não posso acreditar.

Eu acho que estou me apaixonando.

24

Callum

Estou sentado à mesa, rodeado por minha família, deleitando-me com o brilho da vitória. Meus pais parecem mais felizes e orgulhosos do que nunca. Minhas irmãs estão de bom humor, rindo e brincando sobre um cara que está perseguindo Nessa.

É uma cena na qual venho trabalhando há meses.

Mesmo assim, acabo me desligando da conversa porque, em vez disso, quero olhar para Aida.

Não acredito que ela ficou no armazém de Zajac, procurando por mim.

Ela poderia ter sido morta ou, pelo menos, recapturada e mantida refém até que seus irmãos devolvessem o dinheiro que roubaram.

Ela poderia apenas ter fugido quando escapou do escritório. Mas ela não o fez. Porque ela sabia que eu estava em algum lugar do prédio, provavelmente sendo torturado, possivelmente sendo morto.

Teria sido uma maneira fácil para ela rescindir nosso contrato de casamento.

Mas acho que ela não quer mais sair dessa.

Ou, pelo menos, não tanto quanto antes.

Eu sei que não quero perdê-la.

Passei a respeitar Aida e gostar dela também. Eu gosto do efeito que ela tem sobre mim. Ela me deixa mais imprudente, mas também mais focado. Antes de conhecê-la, eu estava seguindo o ritmo. Fazendo o que deveria sem realmente me importar.

Agora quero alcançar todas as mesmas coisas, mas quero muito mais. Porque quero fazer com Aida ao meu lado, trazendo vida para todo o empreendimento.

Pego a mão de Aida e a seguro, passando suavemente meu polegar sobre o dela. Ela ergue os olhos, surpresa, mas não aborrecida. Ela sorri para mim, apertando minha mão em troca.

Em seguida, seu telefone vibra e ela o tira da bolsa para ler a mensagem. Ela está olhando embaixo da mesa, então não consigo ver a tela. Mas eu noto a mudança imediata em sua expressão – como ela inspira um pequeno suspiro de excitação, suas bochechas corando.

— O que é? — Eu pergunto a ela.

— Oh, nada, — ela diz. — Apenas uma mensagem do meu irmão.

Ela rapidamente guarda o telefone. Mas posso dizer que ela está animada, mal conseguindo ficar parada agora.

Eu retiro minha mão e bebo meu vinho, tentando não deixar minha irritação transparecer.

O que seria necessário para que Aida fosse completamente honesta comigo? Quando ela vai se abrir para mim e parar de me tratar como um supervisor chato?

Ela está muito feliz para notar a mudança no meu humor.

— Devíamos pedir sobremesa! — Ela diz. — Qual é a seu favorita?

— Eu não como doces, — digo mal-humorado.

— Eles têm um gelato de toranja, — ela brinca. — Isso é comida muito saudável.

— Talvez eu coma um pouco do seu, — digo, cedendo.

— Não vou comer isso, — ri Aida. — Vou pegar suflê de chocolate.

♥ ♥ ♥

NA TARDE SEGUINTE, devo ir ver meu novo escritório na Prefeitura. Vou até a casa para ver se Aida quer vir comigo. Para minha surpresa, ela já está vestida e entrando no jipe de Nessa.

— Onde você vai? — Eu pergunto a ela.

— Tenho algumas tarefas para fazer, — diz ela vagamente.

— Que tipo de tarefas?

— Todos os tipos, — ela diz, entrando no carro e fechando a porta.

Ela está usando um top curto e shorts cortados, com o cabelo preso em um rabo de cavalo e óculos escuros em formato de coração no topo da cabeça. Pelos padrões de Aida, isso é bastante sofisticado. Minha curiosidade está inflamada.

Eu me inclino contra o parapeito da janela, irritado por ela não vir comigo. Eu queria mostrar a ela toda a prefeitura e talvez ter um almoço tarde juntos.

— Não pode esperar? — Eu pergunto a ela.

— Não, — diz ela com pesar. — Na verdade, eu tenho que ir...

Eu dou um passo para trás, deixando-a ligar o motor.

— Qual é a pressa? — Eu digo.

— Sem pressa. Vejo você à noite! — Ela chama, colocando o carro em marcha à ré.

Aida é irritante *pra* caralho quando não responde às minhas perguntas.

Não posso deixar de pensar que ela parece muito fofa apenas para estar correndo para o correio, ou o que quer que seja. E que tipo de tarefas ela poderia ter que são sensíveis ao tempo?

E quem mandou uma mensagem para ela ontem à noite?

Poderia ser Oliver Castle?

Ela poderia se encontrar com ele agora?

Estou queimando de ciúme.

Eu sei que deveria apenas falar com ela quando ela voltasse para casa esta noite, mas não quero esperar até lá.

Eu gostaria de ter me lembrado de roubar o telefone dela. Descobri sua senha observando por cima do ombro enquanto ela a digitava – é 1799, não é difícil de lembrar. Mas na loucura do nosso encontro com Zajac e da eleição que se seguiu, esqueci de olhar através dele.

Eu deveria ter feito isso ontem à noite, enquanto ela estava dormindo.

Agora está me comendo vivo.

Pego meu próprio telefone do bolso e ligo para Jack. Ele atende

imediatamente.

— E aí, chefe? — Ele diz.

— Onde você está agora?

— Ravenswood.

— Existe um rastreador GPS no jipe de Nessa?

— Sim. Seu pai os colocou em todos os veículos.

Soltei um suspiro de alívio.

— Bom. Eu quero que você siga isso. Aida está fazendo tarefas – quero que você veja o que ela está fazendo, para onde ela vai.

— É isso aí, — Jack diz.

Ele não pergunta por quê, mas tenho certeza de que pode adivinhar.

— Mantenha-me informado. Diga-me tudo o que ela faz. E não a perca de vista.

— Entendido.

Eu desligo o telefone.

Não me sinto bem por incitar Jack sobre Aida – especialmente sabendo o que ela sente por ele. Mas preciso saber o que ela está fazendo. Tenho que saber, de uma vez por todas, se o coração de Aida pertence a outra pessoa, ou se pode estar disponível. Talvez até para mim.

Eu ainda tenho que ir para a prefeitura, então levo meu pai em seu lugar. Ele já está falando sobre como vamos transformar isso em uma campanha para prefeito em alguns anos. Além disso, todas as maneiras de usarmos o gabinete de

vareador para nos enriquecer enquanto isso.

Eu mal consigo prestar atenção em nada disso. Minha mão continua escapulindo de volta para o bolso, apertando meu telefone para que eu possa atendê-lo quando Jack ligar.

Depois de cerca de quarenta minutos, ele me envia uma mensagem para dizer:

Ela está em algum lugar perto do Jackson Park. Eu vejo o carro, mas ainda não a encontrei. Procurando nas lojas e cafés.

Estou amarrado com mais força do que um fio.

O que há em Jackson Park? Quem ela está encontrando? Eu sei que ela está encontrando alguém, posso sentir isso.

Meu pai coloca a mão no meu ombro, assustando-me.

— Você não parece satisfeito, — diz ele. — O que há de errado, você não gosta do escritório?

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — É ótimo.

— Então o que é?

Eu hesito. Meu relacionamento com meu pai é baseado no trabalho. Todas as nossas conversas giram em torno dos negócios da família. Problemas que precisamos consertar, acordos que precisamos fazer, maneiras de expandir. Não falamos sobre coisas pessoais. Emoções. Sentimentos.

Ainda assim, preciso de conselhos.

— Acho que posso ter cometido um erro com Aida, — digo a ele.

Ele me olha através dos óculos, sem equilíbrio. Não era isso que ele

esperava que eu dissesse.

— O que você quer dizer?

— Eu era frio e exigente. Até cruel. Agora pode ser tarde demais para recomeçar...

Meu pai cruza os braços, encostado na mesa. Ele provavelmente não quer falar sobre isso. Eu também não quero falar sobre isso. Mas está me comendo vivo.

— Ela não parecia guardar rancor na noite passada, — diz ele.

Eu suspiro, olhando pela janela para os arranha-céus em frente.

Aida sempre rola com os socos. Isso não significa que ela não se machucou. E isso não significa que será fácil conquistá-la. Ela é uma noz dura. O que será necessário para realmente abri-la, para encontrar aquele núcleo vulnerável dentro?

— Quando você se apaixonou pela mamãe? — Eu pergunto, lembrando que o casamento dos meus pais também não era exatamente tradicional.

— Não sou uma pessoa sentimental, — diz meu pai. — Acho que somos iguais nesse aspecto, você e eu. Não penso muito sobre o amor, ou o que ele significa. Mas posso dizer que comecei a confiar em sua mãe. Ela me mostrou que eu poderia contar com ela, não importa o quê. E foi isso que nos uniu. Foi quando eu soube que não estava mais sozinho. Porque eu poderia contar com uma pessoa, pelo menos.

Confiar como a essência do amor.

Não parece romântico, não na superfície.

Mas faz sentido, especialmente em nosso mundo. Qualquer gangster sabe

que seus amigos podem colocar uma bala em suas costas tão facilmente quanto seus inimigos – até mais fácil, na verdade.

A confiança é mais rara do que o amor.

É colocar seu destino, sua felicidade, sua vida nas mãos de alguém. Esperando que eles o mantenham seguro.

Meu telefone vibra novamente.

— Dê-me um minuto, — digo ao meu pai, saindo para o corredor para atender a ligação.

— Eu a vi por um segundo, — Jack diz. — Ela estava em um restaurante com um cara. Ele deu a ela algo, uma caixinha. Ela colocou na bolsa.

— Quem era o cara? — Eu pergunto, a boca seca e a mão cerrada com força ao redor do telefone.

— Eu não sei, — Jack diz se desculpando. — Eu só vi a nuca dele. Ele tinha cabelo escuro.

— Foi o Castle?

— Eu não sei. Eles estavam sentados no pátio. Entrei no restaurante – ia tentar arranjar uma mesa para me aproximar e ouvir. Mas, enquanto estava lá dentro, eles foram embora. E eu não fui capaz de encontrá-la novamente.

— Onde está o carro dela? — Eu exijo.

— Bem, isso é estranho, — posso ouvir Jack respirando pesadamente, como se ele estivesse andando e falando ao mesmo tempo. — O Jeep ainda está no mesmo estacionamento. Mas Aida se foi.

Ela deve ter saído com o cara.

PORRA!

Meu coração está disparado e me sinto mal.

Ela está com ele agora?

Onde eles estão indo?

— Continue procurando por ela, — eu grito ao telefone.

— Eu vou, — Jack diz. — Há apenas uma outra coisa...

— O quê?

— Eu encontrei um sapato.

Estou prestes a explodir e Jack não está fazendo nenhum sentido.

— Do que diabos você está falando? — Eu digo.

— Tinha um tênis no estacionamento, perto do Jeep. É um sapato feminino, Converse slip-on, tamanho 38, cor creme. O pé esquerdo.

Eu vasculho meu cérebro, tentando lembrar o que Aida estava vestindo quando entrou no jipe. Um top curto cor de lavanda. Shorts Jean. Pernas nuas. E então, de pé... tênis, como de costume. Do tipo que você pode vestir sem amarrar os cadarços. Branco ou creme, tenho quase certeza.

— Fique aí, — eu digo ao telefone. — Fique perto do jipe. Fique com o sapato.

Eu desligo o telefone, correndo de volta para o escritório.

— Tenho de ir, — digo ao meu pai. — Você se importa se eu pegar o carro?

— Vá em frente, — ele diz. — Vou pegar um táxi de volta para casa.

Eu me apresso para o andar principal novamente, minha mente correndo.

Que porra está acontecendo aqui? Quem Aida estava encontrando? E como ela perdeu um sapato?

Enquanto dirijo para encontrar Jack, tento ligar para Aida várias vezes. Seu telefone toca, mas ela não atende.

Na quarta vez que ligo, vai direto para o correio de voz, mesmo sem tocar. O que significa que o telefone dela está desligado.

Estou começando a ficar preocupado.

Talvez eu seja uma idiota e Aida esteja alojada em algum quarto de hotel agora, rasgando a roupa de outro homem.

Mas acho que não.

Eu sei como são as evidências, mas simplesmente não acredito. Eu não acho que ela está me traindo.

Acho que ela está com problemas.

25

Aida

Estou sentado à mesa com meu novo melhor amigo, Jeremy Parker. Ele me passa a caixinha que estive esperando e desejando a semana toda, e abro a tampa para espiar dentro.

— Oh meu Deus, eu não posso acreditar, — eu respiro.

— Eu sei, — ele ri. — Este foi o mais difícil que já fiz. Levei três dias inteiros.

— Você é um fazedor de milagres. Honestamente.

Ele sorri, quase tão alegre quanto eu.

— Você se importa se eu colocar tudo no meu canal do YouTube? — Ele diz. — Eu estava usando minha GoPro o tempo todo, tive ótimas filmagens.

— Claro! — Eu digo.

Fecho a caixa, ainda mal acreditando no que tenho na mão, e coloco de volta na bolsa. Eu dou a Jeremy um fino envelope de dinheiro em troca – a quantia que combinamos, mais um bônus por salvar a minha porra.

— Bem, me ligue se precisar de mim de novo, — ele diz, fazendo uma pequena saudação.

— Espero não precisar de você, — eu rio. — Sem ofensa.

— Não ofendeu, — ele ri.

Ele levanta a mão para sinalizar para a garçonete.

— Já paguei as refeições, — digo a ele.

— Oh, obrigado! Você não precisava.

— Era o mínimo que eu podia fazer.

— Tudo bem, estou indo então.

Ele acena para mim e sai pelo restaurante. Cortei direto pelo pátio, depois atravessei a rua, porque esse é o caminho mais rápido para o estacionamento onde deixei o jipe.

Sinto como se meus pés mal tocassem a calçada.

Isso é fantástico *pra* caralho, tem que ser algum tipo de sinal. Um verdadeiro milagre.

É um dia lindo também. Sol brilhando, a menor brisa soprando do lago, as nuvens tão fofas e uniformes que parecem um quadro de criança.

Estou tão animada para ver Cal. Eu me senti mal por não ver seu novo escritório, mas isso não podia esperar. Eu não podia arriscar que algo mais desse errado. Ele não ficará bravo com isso quando vir o que tenho.

O jipe de Nessa parece brilhantemente branco ao sol. Eu o lavei e enchi de gasolina no caminho, como um agradecimento a Nessa por me emprestar tantas vezes. Cheguei a aspirar os assentos e jogar fora todas as garrafas de água vazias.

Ainda assim, o Jeep é ofuscado pelo carro estacionado ao lado dele. Um carro muito familiar.

Eu paro no meio do caminho, franzindo a testa.

Eu não vejo ninguém por perto. Provavelmente, a melhor coisa a fazer é entrar no jipe e partir o mais rápido possível.

Assim que meus dedos tocam a maçaneta da porta, sinto algo duro e afiado cutucar entre minhas costelas.

— Ei, menina, — uma voz profunda sussurra em meu ouvido.

Eu fico perfeitamente imóvel, repassando minhas opções em minha mente.

Lutar. Correr. Gritar. Tentar discar no meu telefone.

— Tudo o que você está pensando, apenas não, — ele rosna. — Eu não quero ter que machucar você.

— Ok, — eu digo, tentando manter minha voz o mais casual possível.

— Você vai entrar no meu carro.

— Tudo bem.

— No porta-malas.

Porra.

Estou cooperando porque parece a melhor opção no momento – a que tem mais chances de mantê-lo calmo.

Mas tenho que fazer algo.

Ele aperta o botão em seu chaveiro, abrindo o porta-malas.

Tento olhar em volta sem que ele perceba. O estacionamento está bagunçado e meio vazio. Não há ninguém nas proximidades para me ver sendo enfiada na parte de trás do carro.

Então eu faço a única coisa que posso pensar. Tiro um dos meus tênis, o

esquerdo. Quando me sento no porta-malas aberto, viro o pé para tirar o sapato debaixo do jipe. Então eu levanto meus joelhos e escondo o pé descalço debaixo de mim, para que ele não perceba.

— Deite-se, — ele diz. — Eu não quero bater sua cabeça.

Eu faço o que ele diz. Ele fecha o porta-malas, fechando-me na escuridão.

26

Callum

Estou parado na frente do jipe de Nessa, virando e girando o tênis na minha mão.

É de Aida, tenho certeza.

Como ela perdeu o sapato?

Já se passou mais de uma hora desde que Jack a perdeu de vista, mas ela não voltou para o jipe. Liguei para o telefone dela vinte vezes. Ele continua indo direto para o correio de voz.

Dante e Nero chegam em um Mustang vintage. Eles saltam do carro, sem se preocupar em fechar as portas atrás deles.

— Onde ela estava? — Dante diz de uma vez.

— Naquele restaurante ali, — aponto para o pátio do outro lado da rua. — Ela estava encontrando um amigo. Depois que comeram, ela desapareceu.

— Que amigo? — Dante pergunta.

— Eu não sei, — eu digo.

Ele me lança um olhar estranho.

— Talvez ela tenha ido embora com o amigo misterioso, — diz Nero.

— Talvez, — eu concordo. — Mas ela perdeu um sapato.

Eu o seguro para que eles possam olhar. Eles obviamente reconhecem, porque Nero franze a testa e Dante começa a olhar em volta como se Aida tivesse deixado cair alguma outra coisa.

— Isso é estranho, — diz Nero.

— Sim, é, — eu concordo. — É por isso que te chamei.

— Você acha que The Butcher a levou? — Dante diz, sua voz baixa e estrondosa.

— Por que diabos estamos parados aqui, então! — Nero diz. Ele parece que uma corrente acabou de passar por seu corpo. Ele está agitado, procurando ação.

— Não sei se foi Zajac, — digo.

— Quem mais poderia ser? — Dante franze a testa.

— Bem... — Parece loucura, mas tenho que dizer. — Pode ser Oliver Castle.

— *Ollie?* — Nero zomba, as sobrancelhas tão altas que se perdem sob o cabelo. — Não é provável, porra.

— Por que não?

— Primeiro, ele é um pequeno idiota. Segundo, Aida terminou com ele, — diz Nero.

Mesmo nessas circunstâncias, suas palavras me dão um brilho de felicidade. Se Aida ainda tivesse sentimentos pelo ex, seus irmãos saberiam.

— Eu não disse que ela foi com ele. Eu disse que ele poderia ter levado ela, — eu digo.

— O que te faz pensar isso? — Dante pergunta, carrancudo.

— O sapato, — eu o seguro. — Acho que ela deixou como um sinal. Baseado em algo que ela me disse uma vez.

Oliver e eu não combinávamos. Como um sapato com o pé errado.

Parece loucura, eu sei disso. Não preciso olhar para os rostos do irmão para saber que não estão convencidos.

— Tudo é possível, — diz Dante. — Mas precisamos nos concentrar primeiro no maior perigo, que é Zajac.

— É terça-feira, — diz Nero.

— Então?

— Isso significa que The Butcher está visitando a namorada.

— Supondo que ele seguiu sua programação normal e não tirou uma noite de folga para assassinar nossa irmã, — diz Dante, severamente.

— A amiga de Aida nos deu o endereço, — digo. — Supondo que ela estava dizendo a verdade. Ela nos drogou logo depois...

— Vou para o apartamento, — diz Dante. — Nero, você pode verificar as lojas de penhores de Zajac. Cal...

— Vou procurar Castle, — digo.

Posso dizer que Dante acha que é uma perda de tempo. Ele olha para Jack, sua expressão cautelosa. Ele suspeita que enviei Jack para seguir Aida. Ele acha que sou ciumento e irracional.

Ele pode estar certo.

Mas não consigo evitar a sensação de que Aida estava tentando me dizer algo com esse sapato.

— Eu estou indo para o apartamento de Castle, — eu digo com firmeza.

Mas então faço uma pausa, realmente tentando pensar sobre isso. Oliver mora em um arranha-céu no meio da cidade. Ele sequestraria Aida e a levaria lá? Um grito e seus vizinhos chamariam a polícia.

— Jack, você vai para o apartamento dele, — eu digo, mudando de ideia. — Vou verificar um lugar diferente.

— Todos fiquem em contato, — diz Dante. — Continue tentando ligar para Aida também. Assim que alguém a encontrar, avise os outros, e iremos todos juntos.

Todos nós concordamos com a cabeça.

Mas eu sei agora, se eu encontrar Aida, não vou esperar mais um minuto por mais ninguém. Vou entrar e trazer minha esposa de volta.

— Aqui, pegue meu carro, — digo a Dante, jogando-lhe as chaves. — Vou de jipe.

Dante e Nero se separam e Jack volta para sua caminhonete. Subo no jipe, sentindo o cheiro familiar e feminino da minha irmã mais nova – baunilha, lilás, limão. E então, mais fraco, mas perfeitamente claro, o cheiro de especiarias e canela da própria Aida.

Deixo a cidade em direção ao sul pela Rodovia 90. Espero não estar cometendo um erro terrível. O lugar para onde vou, fica a mais de uma hora de distância. Se eu estiver errado, estarei muito longe de onde Aida realmente está para ajudá-la. Mas me sinto impelido nessa direção, puxado por um ímã invisível.

Aida está me chamando.

Ela me deixou um sinal.

Oliver Castle a levou, eu sei disso.

E acho que sei exatamente para onde ele está indo – a casinha de praia que Henry Castle acabou de vender. Aquela que Oliver amava. Aquela que está completamente vazia agora, sem ninguém por perto.

27

Aida

Eu não teria entrado na porra do porta-malas se soubesse o quão longe Oliver iria dirigir. Eu sinto que estou aqui há muito tempo. Além disso, bebi muita água no almoço e realmente preciso fazer xixi. Também estou preocupada com o que Oliver pode ter feito com minha bolsa. Ele não foi estúpido o suficiente para colocá-la aqui comigo, infelizmente. Estou preocupada que ele tenha jogado pela janela ou algo assim, o que significa que meu precioso pacote já está perdido novamente.

Por um longo tempo, posso sentir que estamos na rodovia – um progresso suave e constante na mesma direção. Eventualmente, desaceleramos e começamos a dirigir lenta e erraticamente por estradas que são obviamente mais estreitas e com menos manutenção. Algumas vezes, o carro sacode com tanta força que eu bato com a cabeça no topo do porta-malas.

Tenho caçado no escuro, procurando por algo útil. Se houvesse uma chave de roda aqui, eu a usaria para acertar Oliver assim que ele abrisse o porta-malas.

Por fim, o carro diminui a velocidade. Acho que chegamos onde diabos estávamos indo. Não encontrei nenhuma arma, mas isso não vai me impedir. Eu espero, agachada e pronta, para Oliver abrir o porta-malas.

Os pneus esmagam o cascalho e rolam até parar. Eu ouço a porta do carro se abrindo e sinto a suspensão levantar enquanto Oliver remove seu corpo considerável do banco da frente. Então eu o ouço caminhando para a parte de trás do carro.

O porta-malas se abre.

Mesmo que o sol esteja se pondo, a luz ainda é brilhante em comparação com a escuridão do tronco. Meus olhos estão ofuscados. Ainda assim, eu chuto com os dois pés, o mais forte que posso, direto na virilha de Oliver.

Ele pula para trás, meus pés mal fazendo contato com sua coxa. Esses malditos reflexos de atleta.

— Tão previsível, Aida, — ele suspira. — Sempre lutando.

Ele agarra meu pé e me puxa pela metade para fora do porta-malas. Ele faz uma pausa ao notar a falta de um tênis em um pé.

— O que aconteceu com o seu sapato? — Ele diz.

— Como eu deveria saber? — Eu digo. — Eu estava ocupada sendo sequestrada e enfiada em um porta-malas. É melhor você não ter perdido minha bolsa também.

— Eu não perdi, — Oliver diz.

Ele solta meu pé e eu me levanto, olhando em volta.

Estamos estacionados em frente a uma casinha de praia azul. A água fica a apenas cem metros de distância, em uma areia lisa de cor creme. A casa é cercada por árvores em ambos os lados, mas a vista para a água é clara na parte de trás.

Eu nunca estive aqui antes. Mesmo assim, sei exatamente onde estamos. Oliver falava sobre isso o tempo todo. É a cabana de sua família.

Ele queria me trazer aqui. Estávamos em outra cabana, bem na beira do Indiana Dunes State Park. Essa foi a noite que Oliver estava falando na arrecadação de fundos – quando eu usei o biquíni branco e fizemos sexo na

areia.

Aparentemente, ele acha que foi uma noite mágica. Para mim, estava frio e desconfortável, e recebi uma tonelada de picadas de mosquitos.

Agora estamos de volta aqui, desta vez na residência dos Castles. Oliver veio aqui ainda criança. Ele disse que foi a única vez que viu seus pais por mais de dez minutos seguidos. O que é triste, mas não o suficiente para me fazer esquecer a parte do sequestro.

— O que você acha? — Oliver diz, sua expressão esperançosa.

— É, uh... exatamente como você descreveu, — eu digo.

— Eu sei! — Oliver diz feliz, ignorando minha falta de entusiasmo.

— Não se esqueça da minha bolsa, — digo a ele.

Ele abre a porta do lado do motorista novamente, para que possa recuperar minha bolsa do banco da frente.

No momento em que ele se inclina, eu corro para longe dele, fugindo em direção à água.

Teria sido mais fácil correr para a estrada, mas ele me encontraria em dois segundos. Espero ser capaz de me esconder em algum lugar nas árvores ou nas dunas.

Assim que meus pés tocam a areia, eu percebo que plano estúpido era esse. Eu não corro, muito menos pela areia fofa e pastosa. É como um pesadelo em que você corre o mais rápido que pode, mas mal se move.

Enquanto isso, Oliver costumava correr as quarenta jardas[32] em menos de cinco segundos. Ele pode ter engordado alguns quilos desde seus dias de glória, mas quando abaixa a cabeça e balança os braços, ainda avança pela areia como

um linebacker.

Ele me ataca com tanta força que tira até a última molécula de oxigênio dos meus pulmões. Eles estão tão desinflados que eu só posso fazer um som horrível de engasgo antes de finalmente conseguir inspirar uma doce lufada de ar.

Minha cabeça está latejando. Estou coberta de areia, está no meu cabelo e na minha boca. E o pior de tudo, no meu gesso, o que vai me deixar maluca.

Oliver já está de pé novamente, olhando-me com olhos impiedosos.

— Não sei por que você faz isso com você mesma, Aida, — diz ele. — Você é tão autodestrutiva.

Eu quero dizer a ele que eu não me ataquei, mas eu mal estou respirando, muito menos sou capaz de falar.

Enquanto estou ofegando e engasgando, Oliver vasculha minha bolsa. Ele encontra meu telefone. Ajoelhando-se na areia, ele pega uma pedra do tamanho de seu punho e quebra a tela. Seu rosto está vermelho com o esforço, os músculos tensos em seu braço e ombro. Meu telefone praticamente explode sob a rocha, enquanto Oliver continua batendo nele de novo e de novo.

Em seguida, ele pega o metal e o vidro quebrados e joga na água.

— Aquilo era mesmo necessário? — Pergunto a ele assim que recupero o fôlego.

— Não quero ninguém rastreando você, — diz ele.

— Ninguém... — Eu paro, minha boca aberta.

Eu estava prestes a dizer: — Ninguém tem um rastreador no meu telefone, — mas percebo que não é verdade.

Oliver colocou um rastreador no meu telefone. Ele deve ter feito isso quando estávamos namorando. É assim que ele sempre soube onde me encontrar. Em restaurantes, em festas. E mais tarde, na arrecadação de fundos de Callum.

Provavelmente foi assim que ele me encontrou hoje. Ele esteve observando aonde eu vou. Na maioria das vezes são lugares completamente chatos como a escola. Mas ainda me dá uma sensação de mal-estar, saber que eu era um pontinho na tela, sempre sob seus olhos.

Oliver deixa minha bolsa jogada na areia.

— Vamos, — ele diz. — Voltar para a casa.

Não quero me levantar, mas também não quero que ele me carregue. Então eu me arrasto para cima e arrasto atrás dele, com apenas um sapato e um gesso cheio de areia que coça e já está me deixando louca.

Eu tento me livrar disso.

Oliver diz: — O que aconteceu com você?

— Minha mão prendeu em um porta-malas, — eu digo. Uma risadinha perversa explode de mim, quando eu percebo que fui empurrada em um porta-malas duas vezes esta semana. Um novo recorde, sobre as zero vezes que aconteceu em toda a minha vida antes disso.

Oliver me observa, sem sorrir.

— Eu sabia que isso aconteceria, — diz ele. — Eu sabia que ele não seria capaz de cuidar de você.

Eu franzo a testa, pisando forte na areia. Nunca quis que alguém “cuidasse” de mim. Oliver estava sempre tentando fazer isso, e essa é uma das coisas que me incomodavam nele. Uma vez jogamos pickleball[33] com outro

casal, e Oliver quase brigou porque o cara bateu a bola direto em mim. Oliver queria um jogo cavalheiresco. Eu queria um desafio.

Ele sempre me chamava de “princesa” e “anjo”. E eu sempre pensei: — De *quem diabos você está falando? Porque, com certeza, não sou eu.*

Mas acho que também interpretei Oliver mal. Porque eu nunca pensei que ele faria algo tão louco quanto isso.

Eu o sigo até a parte de trás da casa de praia. Subimos os degraus gastos pelo tempo. Oliver segura a porta para mim.

Estou surpresa ao encontrar a casa quase totalmente vazia por dentro. Estamos na sala de estar/jantar/cozinha, mas não há mesa, cadeiras ou sofás. Apenas um colchão vazio no chão, com um cobertor por cima.

Não posso dizer que gosto mais dessa aparência.

— Por que está tão vazio aqui? — Eu pergunto a Oliver.

Ele olha em volta com ressentimento, como se contasse todas as coisas que estão faltando.

— Meu pai vendeu a casa, — diz ele com raiva. — Pedi a ele que não o fizesse, mas ele disse que o valor é o máximo que pode chegar e agora é a hora de vender, antes que construam mais propriedades em Chesterton. Como se ele precisasse do dinheiro!

Ele dá uma risada áspera e latida.

— Este lugar não significava nada para ele, — diz ele sombriamente. — Eu era o único que se importava em vir aqui.

Estou muito familiarizada com a educação de filho único mimado-embora-negligenciado de Oliver. Ele me disse o quão ciumento ele era por eu ter irmãos.

Ele não tinha irmãos, nem amigos de verdade – apenas os colegas de escola com quem ele “deveria” se associar. Ele nunca conheceu meus irmãos, no entanto. Eu não conseguia vê-los se dando bem.

— Bem, — eu digo, tentando acalmá-lo. — Estou feliz por ter visto isso, finalmente.

Ele se vira para olhar para mim, seus olhos muito escuros na luz fraca. Seu rosto parece uma máscara. Ele ganhou provavelmente 15 quilos desde que namoramos, o que deixou seu rosto mais largo e com uma aparência mais velha. Mais parecido com o de seu pai. Ele ainda é grande e musculoso – na verdade, o peso extra torna tudo mais fácil para ele me dominar, como evidenciado por nossa luta de curta duração na praia. Não tenho certeza de como diabos vou ficar longe dele quando ele é mais forte e mais rápido do que eu.

— Eu gostaria que você pudesse ter visto como costumava ser, — Oliver diz. — Com todas as fotos e livros. E sofás. Está tudo bem, no entanto. Eu trouxe isso aqui, então temos um lugar para nos sentarmos, pelo menos.

Ele se senta no colchão, que range sob seu peso.

— Vamos. Sente-se, — diz ele, dando tapinhas no espaço ao lado dele.

— Uh, na verdade, eu realmente tenho que fazer xixi, — eu digo.

É verdade. Minha bexiga parece que está prestes a estourar, especialmente depois que Oliver me bateu com o corpo na praia.

Por um momento, ele me encara com desconfiança, como se não acreditasse em mim. Eu mudo meu peso do meu pé descalço para o que está com o sapato, sem exagerar meu desconforto.

— O banheiro é aqui, — Oliver diz finalmente, levantando-se novamente.

Ele me leva pelo corredor até um banheiro pequeno e bonito com lambris em todas as paredes e uma pia em forma de concha. Tenho certeza de que havia toalhas e sabonetes com tema náutico aqui quando a casa era mobiliada.

Quando tento fechar a porta, Oliver para com uma mão carnuda.

— Acho que não, — diz ele.

— Eu preciso fazer xixi, — digo a ele novamente, como se ele tivesse esquecido.

— Você pode fazer isso com a porta aberta, — diz ele.

Eu olho para ele, em um impasse entre sua teimosia e minha bexiga latejante.

Eu posso durar apenas alguns segundos. Eu largo meu short e sento no vaso, deixando ir. O xixi sai trovejando, com mais dor do que alívio.

Oliver está parado na porta, observando-me. Há um pequeno sorriso no canto de sua boca. Seus olhos parecem encobertos e satisfeitos.

Eu gostaria que ele se virasse e me desse um pouco de privacidade. Ou, pelo menos, gostaria de não ter feito xixi por tanto tempo. Parece durar para sempre e é humilhante *pra* caralho.

Ele está certo, porém – se ele tivesse me deixado sozinha no banheiro, eu teria pulado pela janela em cinco segundos.

Quando finalmente termino, puxo meu short e lavo as mãos, enxugando-as novamente na roupa, já que não há toalhas.

Oliver também observa, com uma expressão carrancuda. Acho que ele está olhando para o gesso novamente. Então eu percebo que ele está realmente olhando para minha mão esquerda, para meu anel de noivado.

Comecei a usá-lo com mais frequência, não apenas quando vou a um evento com Cal.

Posso dizer que Oliver odeia ver isso. Na verdade, assim que voltamos para a sala de estar, ele late: — Tire isso.

— Isto? — Eu digo, levantando minha mão esquerda.

— Sim, — ele sibila.

Relutantemente, eu deslizo do meu dedo.

Odiei aquele anel quando o ganhei. Eu não me importo mais com isso. É meio bonito, como brilha ao sol. E não parece tão estranho e falso para mim como parecia no início.

Estou prestes a enfiá-lo no bolso para mantê-lo seguro, mas Oliver diz: — Não. Me dê isto.

Eu não quero entregar a ele. Parece uma traição. Mas se eu recusar, não é como se eu pudesse impedi-lo de arrancá-lo da minha mão. Então eu passo para ele, silenciosamente.

Há uma sacola de ferramentas no chão da cozinha, ao lado de um pedaço de parede um pouco mais claro que provavelmente estava danificado pela água, até que alguém a consertou.

Oliver abre a bolsa, tirando um martelo. Ele coloca meu anel na bancada da cozinha. Então, como fez com o meu telefone, ele o quebra uma e outra vez com o martelo.

O metal se curva, as garras se soltando ao redor dos diamantes e as pedras se espalhando. Ainda assim, ele continua batendo, até que a aliança esteja torcida e destruída, e a pedra principal rolar para longe.

Dói mais do que eu esperava, ver aquele anel destruído.

Mas o que realmente me perturba é como o martelo está tirando grandes pedaços da bancada do bloco de açougueiro. Oliver não dá a mínima para os danos que ele está causando. Saber o que ele sente por esta casa não pode ser uma coisa boa.

Enquanto ele balança o martelo, sua fúria é terrível. Seus olhos estão brilhando, seu rosto está vermelho. Ele está suando, manchas escuras aparecendo no peito, nas costas e nas axilas de sua camiseta. Ele bate no anel cerca de cem vezes.

Finalmente, ele para. Ele está parado ali ofegante, olhando para mim. Ainda segurando o martelo.

Ele dá um passo em minha direção e eu dou um passo para trás, meu coração disparado.

Eu realmente acho que ele está perdendo o controle.

Quando eu conheci Oliver antes, ele parecia ser um cara legal. Às vezes um pouco superficial. Às vezes um pouco pegajoso. Mas principalmente normal, com apenas pequenas variações em estranheza.

Agora, é o oposto – ele parece estar pendurado no precipício da loucura, apenas pendurado por um fio. Mas não tenho certeza do que é esse fio – é esta casa? É seu afeto por mim? Ou é apenas a aparência de calma – frágil e facilmente destruída?

Ele dá mais um passo, então parece se lembrar de que está segurando o martelo. Ele o coloca no balcão, puxando o telefone do bolso.

— Vamos ouvir um pouco de música, — diz ele.

Ele percorre sua lista de reprodução, selecionando uma música e colocando o telefone no balcão para tocar.

O som metálico de “Make You Feel My Love” enche a pequena sala.

Quando a chuva está soprando em seu rosto

E o mundo inteiro está no seu caso

Eu poderia te oferecer um abraço caloroso

Para fazer você sentir meu amor

Oliver avança para mim. Não há realmente como recusar. Ele pega meu gesso com a mão esquerda, colocando a outra mão em volta da minha cintura. Então ele nos balança para frente e para trás, um pouco fora do ritmo.

Posso sentir o calor irradiando de seu corpo. Sua mão está suada, enrolada na minha. Há um ligeiro travo metálico em seu suor. Não sei se sempre foi assim, ou se isso é novo.

Em nítido contraste com nossa posição aparentemente romântica, todos os músculos do meu corpo estão tensos, todos os nervos gritam que estou em perigo, que preciso fugir desse homem.

Não há nada de romântico nisso. Estou lutando para entender como namorei Oliver. Acho que nunca prestei tanta atenção nele. Eu estava procurando diversão; ele estava apenas acompanhando o passeio. Agora que estou realmente olhando em seus olhos, não gosto do que vejo: necessidade. Ressentimento. E um pouco de loucura.

— Nunca dançamos juntos, — Oliver diz mal-humorado. — Você sempre queria ir com seus amigos.

— Oliver, sinto muito por...

Ele me interrompe. — Você costumava me chamar de 'Ollie'. Eu gosto disso muito mais do que Oliver.

Eu engulo desconfortavelmente.

— Todo mundo te chama assim, — eu digo.

— Mas parecia tão bonito quando você falava...

Ele está me puxando para mais perto de seu corpo. Tento manter o espaço entre nós, mas é como nadar contra a maré. Ele é muito mais forte do que eu.

Ele me puxa contra seu peito, então tenho que esticar meu pescoço para olhar para ele.

— Diga, — ele ordena. — Me chame de Ollie.

— OK ... Ollie... — Eu digo.

— Perfeito, — ele suspira.

Ele abaixa a cabeça para me beijar.

Seus lábios parecem grossos e elásticos contra os meus. Eles estão muito molhados, e aquela nota metálica está em sua saliva também.

Eu não consigo fazer isso. Eu não posso beijá-lo.

Eu o empurro para longe de mim, limpando minha boca na parte de trás do meu braço atavicamente.

Oliver cruza os braços sobre o peito largo, franzindo a testa.

— Por que você sempre tem que ser tão difícil? — Ele diz. — Eu sei que você está infeliz com os Griffins. Eu tirei você disso. Em vez disso, trouxe você

aqui, ao lugar mais bonito do estado. Olhe para aquela vista!

Ele aponta para fora da janela para a areia clara iluminada pela lua e a água escura além.

— Você não vai me beijar, mas você o beija, não é? — Ele diz, os olhos estreitos. — Você provavelmente transou com ele também. Não foi? NÃO FOI?

Sei que isso só vai deixá-lo mais irritado, mas não adianta mentir sobre isso.

— Nós somos casados, — eu o lembro.

— Mas você não o ama, — Oliver diz, os olhos brilhando. — Diga que você não o ama.

Eu deveria apenas concordar com isso. O martelo ainda está no balcão, a apenas alguns metros de distância. Oliver poderia pegá-lo novamente a qualquer momento. Ele poderia colocá-lo no meu crânio com a mesma fúria que aplicou ao anel.

Eu deveria dizer o que ele quiser. Fazer o que ele quiser. Eu nunca disse a Callum que o amava. Não deveria ser difícil dizer que não.

Eu abro minha boca. Mas não sai nada.

— Não, — Oliver diz, balançando a cabeça lentamente. — Não. Isso não é verdade. Você não o ama. Você só se casou com ele porque precisava. Você não se preocupa com ele, na verdade.

Eu pressiono meus lábios com força.

Estou pensando em Callum me empurrando contra os assentos de couro e colocando seu rosto entre minhas coxas na parte de trás do carro. Estou pensando em como ele passou os braços em volta de mim e pulou naquele cano

sem hesitar quando os homens de The Butcher apontaram as armas para nós. Estou pensando em como ele disse que deveríamos trabalhar juntos todos os dias. E como ele pegou minha mão no jantar ontem à noite.

— Na realidade ... — Digo devagar. — Eu o amo. Eu o amo.

— NÃO, VOCÊ NÃO AMA! — Oliver ruge.

Ele me dá um tapa no rosto, jogando-me no chão. É como ser atingida por uma pata de urso. Há tanta força por trás disso que todo o meu corpo fica mole, e eu mal me seguro antes de atingir o chão.

Sinto o gosto de ferro na boca. Meus ouvidos estão zumbindo.

Eu cuspi um pouco de sangue no chão.

— Apenas me leve para casa, — eu murmuro. — Você não vai conseguir o que deseja.

— Você não vai para casa, — diz ele categoricamente. — Vocês são todos iguais. Você, meu pai, a porra do Callum Griffin... vocês pensam que podem simplesmente dar algo a alguém e deixá-lo ter, usar e acreditar que é seu para sempre. Então vocês o arrancam das mãos deles de novo, só porque tem vontade. Bem, isso não vai acontecer.

Oliver volta para sua bolsa de ferramentas e puxa uma corda enrolada.

Não acho que seja uma bolsa de ferramentas, não mesmo. Porque, por que diabos ele teria uma corda?

Acho que Oliver está planejando muito mais do que um reparo em casa há um bom tempo.

Tento correr, mas mal consigo ficar em pé. É fácil para Oliver me amarrar como uma galinha e enfiar um pano na minha boca.

Ele se agacha na minha frente, seu rosto a centímetros do meu.

— Aqui está o que você precisa entender, Aida, — ele diz, sua voz baixa e sussurrante. — Eu não posso fazer você ser minha. Mas posso impedir você de pertencer a qualquer outra pessoa.

Murmuro algo em torno da mordaça.

— O quê? — Oliver diz.

Eu digo de novo, não mais alto do que antes.

Oliver se inclina ainda mais perto.

Eu empurro minha cabeça para trás e bato minha testa em seu nariz, o mais forte que posso.

— Oww, PORRA! — Oliver uiva, colocando a mão sobre o nariz enquanto o sangue escorre por seus dedos. — Porra, Aida, sua VADIA!

Oliver me bate novamente. Desta vez, quando eu tombo, afundo direto no chão em uma escuridão densa e silenciosa.

28

Callum

Não tenho o endereço exato da cabana dos Castles, mas sei que fica fora de Chesterton e conheço sua posição aproximada em relação ao lago. Então, estou pensando que serei capaz de identificá-la, com base na cor e na localização geral.

Infelizmente, há uma porra de uma tonelada de casinhas de praia azuis ao longo deste trecho do lago. Além disso, está escurecendo e não há muitos postes de luz ao longo deste trajeto. Mal posso dizer quais casas são azuis e quais são cinza ou verdes.

Estou procurando o Maserati de Oliver, mas não posso contar com isso, já que ele pode estar dirigindo outra coisa.

Posso, pelo menos ignorar, os lugares iluminados com barulho, risos e foliões – onde quer que Aida esteja, a casa estará quieta e relativamente isolada, tenho certeza disso.

Abro a janela para tentar dar uma olhada melhor em algumas das cabanas que estão afastadas da estrada, meio escondidas entre as árvores.

Algumas das entradas são tão tênues que mal consigo vê-las. Na verdade, quase passo por uma, sem conseguir ver as pegadas fracas na grama. Até sentir o cheiro de fumaça.

É tão suave que mal sei que cheiro captei. Então eu sinto a reação automática – os cabelos da minha nuca se arrepiam e meu coração começa a disparar. É um cheiro primitivo e assustador. Um aviso de perigo.

Eu pisei no freio, girando o volante para a esquerda. Sigo o caminho longo e sinuoso em direção a um grupo duplo de árvores. Entre essas árvores está uma pequena casa de praia azul que eu vi uma vez antes em uma fotografia surrada.

Com certeza, o Maserati prata de Oliver está estacionado ao lado da casa. O porta-malas está aberto.

Eu sabia disso, porra.

Eu paro meu carro, esperando que Oliver já não tenha ouvido o motor ou me visto dirigindo na estrada. Saio do lado do motorista e me agacho atrás do carro, tentando espiar a casa.

Envio uma mensagem rápida para os irmãos de Aida. Estou a uma hora de Chicago. Eles não chegarão aqui tão cedo.

Posso sentir o cheiro de fumaça com certeza agora. Na verdade, por cima do som do vento nas árvores, acho que ouço o crepitar da madeira queimando. Todas as luzes estão apagadas, mas um brilho laranja alarmante emana da parte de trás da casa.

Foda-se, mal posso esperar. Se Aida está aí, tenho que tirá-la agora.

Eu corro em direção à casa, tentando ficar abaixado. Eu tenho minha Beretta comigo e eu a saco. Tenho medo de realmente usá-la no escuro, sem saber onde Aida está. Mesmo uma bala perdida através de uma parede poderia acidentalmente atingi-la.

Dou a volta pelos fundos da casa, tentando espiar pelas janelas. Eu não consigo ver nada. Então, tento a porta dos fundos, encontrando-a destrancada. No momento em que a abro, uma nuvem de fumaça espessa e preta sai rolando, e eu tenho que abaixar ainda mais, sufocando minha tosse na dobra do meu braço.

A infusão de ar fresco revigora o fogo. Eu o ouço sugando o oxigênio, expandindo em calor e tamanho. A cozinha está em chamas, os armários, bancadas, piso e teto em chamas.

Ao tentar contornar o fogo, tropeço em algo no chão. É relativamente macio. Por um segundo, espero que seja Aida, mas então percebo que é apenas um colchão velho.

Quero chamá-la, mas não posso arriscar alertar Oliver, onde quer que ele esteja. Tento procurar no andar principal o melhor que posso na fumaça e na escuridão. Não posso chegar perto da cozinha ou do corredor além.

Ela tem que estar lá em cima. Ela tem que estar, porque, caso contrário, todo este lugar vai queimar antes de eu encontrá-la, e eu não consigo pensar nisso.

Então, puxo minha camisa parcialmente sobre o rosto e subo as escadas correndo, pensando apenas em Aida.

Eu baixei minha guarda. Não estou segurando minha arma.

Assim que chego ao topo da escada, Oliver me ataca de lado, com toda a velocidade e técnica do atleta que já foi. Ele bate em mim com tanta força que atingimos a parede oposta, batendo na parede de gesso. Minha arma sai girando pelo corredor, batendo no batente da porta e desaparecendo em um dos quartos.

Oliver está me batendo com os dois punhos, lançando nocautes selvagens e golpes no corpo. Por azar, um de seus golpes acerta diretamente em minha apendicectomia amadora, abrindo os pontos e me fazendo rugir de dor.

Ele é um centímetro mais baixo do que eu, mas provavelmente quinze quilos mais pesado. Além disso, ele já esteve em muitas brigas de garotos da fraternidade.

Ele não é um lutador treinado, no entanto. Após o choque inicial e o ataque selvagem, eu levanto minhas mãos e bloqueio vários de seus socos, antes de atingi-lo no estômago e na mandíbula.

Os golpes mal parecem perturbá-lo. Seu rosto está quase irreconhecível – seu cabelo está uma bagunça emaranhada, ele tem um brilho maníaco nos olhos e sangue seco escorreu de seu nariz ao redor de sua boca e queixo, como um cavanhaque macabro.

— Onde ela está, seu psicopata de merda? — Eu grito com os punhos erguidos.

Oliver passa as costas da mão pelo rosto enquanto sangue fresco escorre de seu nariz.

— Ela pertenceu a mim primeiro, e ela pertencerá a mim por último, — ele rosna.

— Ela nunca foi sua! — Eu grito.

Oliver mergulha em mim novamente, agarrando meus joelhos. Ele é tão imprudente e inflamado que me joga escada abaixo. Nós caímos de ponta a ponta, o lado da minha cabeça batendo contra um dos degraus de madeira descoberta.

Oliver fica com o pior, no entanto. Ele estava na parte mais baixa quando caímos no patamar. Isso o deixa desmaiado – ou, pelo que parece.

A fumaça no ar está mais densa do que nunca e estou respirando com dificuldade por causa da luta. Eu me dobro com um acesso de tosse, tossindo com tanta força que sinto uma dor aguda nas costelas, como se tivesse acabado de tirar uma do lugar. Ou Oliver quebrou quando ele jogou seu corpo gigante em mim.

Eu me arrasto escada acima, gritando: — AIDA! Aida, onde você está?

Os gritos arranham minha garganta cheia de fumaça. Eu tusso mais forte do que nunca, lágrimas escorrendo dos meus olhos.

Oliver agarra meu tornozelo e puxa, puxando meus pés debaixo de mim. Eu caio direto no degrau de cima, meu queixo batendo contra a borda de madeira. Eu chuto forte com meu pé, arrancando-o das mãos de Castle e batendo o solado do meu sapato diretamente em seu olho. Oliver cai para trás, de volta ao patamar.

Estou subindo as escadas novamente. A parte superior da casa está se enchendo de fumaça e posso sentir o calor subindo da cozinha. O fogo deve estar em todo o primeiro andar agora. Eu nem sei se vamos conseguir descer as escadas. Supondo que Aida esteja mesmo aqui.

Ela tem que estar aqui. Porque se ela estiver em qualquer outro lugar da casa, ela já está morta.

Corro pelo corredor, abrindo todas as portas e olhando em cada cômodo quando passo. Banheiro. Closet. Quarto vazio. Então, finalmente, no final do corredor, encontro a suíte master. Está desprovida de móveis como todos os cômodos, a casa foi esvaziada para venda. Mas há uma figura deitada no meio do chão, as mãos amarradas na frente dela, os pés amarrados com uma corda, a cabeça apoiada em um travesseiro. Bom. Estou feliz que ele tenha se certificado de que ela estava confortável antes de tentar queimá-la viva.

Corro até Aida, levantando sua cabeça e virando seu rosto para ter certeza de que ela está bem.

Eu pressiono meus dedos contra a lateral de sua garganta. Posso sentir seu pulso, pelo menos. Quando eu inclino seu rosto, seus cílios vibram contra sua bochecha.

— Aida! — Eu choro, acariciando sua bochecha com meu polegar. — Estou aqui!

Seus olhos se abrem, nublados e confusos, mas definitivamente vivos.

— Cal? — Ela resmunga.

Não há tempo para desamarrá-la. Eu a pego e a jogo por cima do meu ombro. Quando me viro em direção à entrada, vejo uma forma enorme bloqueando nosso caminho.

Gentilmente, coloquei Aida de volta nas tábuas do chão. Posso sentir o calor irradiando para cima e posso ouvir o fogo ficando cada vez mais alto. Devemos estar bem em cima da cozinha. O papel de parede está começando a escurecer e enrolar. O fogo está nas paredes também.

— É o suficiente, Oliver, — eu digo a ele, levantando minhas mãos. — Temos que sair daqui antes que a casa toda desmorone.

Oliver balança a cabeça de maneira estranha, contraindo-se, como se houvesse uma mosca zumbindo ao redor de sua orelha. Ele está curvado, mancando um pouco em uma perna. Ainda assim, seus olhos estão fixos em mim e seus punhos estão fechados ao lado do corpo.

— Nenhum de nós vai sair, — diz ele.

Ele me ataca uma última vez. Seu ombro atinge meu peito como uma bigorna. Estamos lutando e agarrando um ao outro. Estou dando socos em seu rosto, orelha, rins, qualquer parte dele que eu possa alcançar.

Com o canto do olho, vejo Aida batendo as mãos contra o parapeito da janela. Não, não suas mãos – seu gesso. Ela está tentando quebrar o gesso da mão direita. Grunhindo de dor, ela esmaga o gesso mais uma vez, quebrando-o. Agora ela pode soltar a mão da corda e começa a se atrapalhar com as amarras

em volta dos tornozelos, os dedos quebrados desajeitados e os nós muito apertados.

Eu a perco de vista enquanto Oliver e eu rolamos novamente, cada um de nós lutando com todas as nossas forças. Nós dois somos homens grandes – posso sentir o chão gemendo perigosamente abaixo de nós. Está ficando mais quente a cada minuto, o ar tão negro e denso que mal consigo ver Aida.

Ela pula de pé e eu grito: — Pegue a arma, Aida! Está em um dos quartos...

Ela não será capaz de encontrar, no entanto. Eu não conseguia ver isso antes, e está dez vezes mais esfumaçado agora.

Sério, eu só quero ela fora daqui. Porque o fogo está crescendo sob nós, e tenho a sensação de que estou prestes a mergulhar no inferno.

Eu coloco minhas mãos em volta da garganta de Castle e eu o seguro, apertando o mais forte que posso. Seus olhos estão saltando. Ele está agarrando meus braços, golpeando meu rosto e corpo, cada vez mais fraco e mais fraco. Eu aumento meu aperto, mesmo quando sinto o chão começando a se mover e gemer embaixo de nós.

Todo o canto da sala cede. O chão se torna uma plataforma titulada, um escorregador que vai da porta até o poço de fogo que se abre abaixo de nós. Estamos deslizando para baixo, Oliver Castle e eu em cima dele, deslizando e caindo na fogueira que um dia foi uma cozinha.

Solto Castle e tento recuar, mas é tarde demais. Estou deslizando mais rápido do que consigo subir. Não há como me salvar. Até que algo agarra minha manga. Vejo Aida agarrada ao batente da porta com uma das mãos e ao meu pulso com a outra. Seus dentes estão à mostra com o esforço, seu rosto uma marca de dor enquanto ela tenta se segurar na moldura com a mão quebrada.

Eu não agarro seu braço, porque posso ver como ela está fraca. Não a estou arrastando comigo.

— Eu te amo, Aida, — eu digo.

— Não se atreva, porra! — Ela grita de volta para mim. — Você agarra meu braço ou eu pulo atrás de você!

Com qualquer outra pessoa, seria uma ameaça inútil.

Aida é a única pessoa que conheço que é teimosa o suficiente para realmente fazer isso.

Então eu agarro seu braço e me puxo para cima, assim que as vigas cedem e toda a sala desaba. Oliver uiva enquanto cai nas chamas. Aida e eu nos atiramos pela porta, descendo o corredor de mãos dadas. Não há como descer as escadas de novo, isso é óbvio. Em vez disso, corremos para o lado oposto da casa, encontrando um quarto de criança com adesivos de veleiro ainda colados nas paredes. Antigo quarto de Oliver.

Eu puxo o peitoril da janela e saio, deixando sair uma nova coluna de fumaça escura. Eu me penduro na moldura da janela e depois caio. Então levantei minhas mãos para pegar Aida.

Ela pula em meus braços, ainda usando apenas um sapato.

Enquanto corremos para longe de casa, posso ouvir o uivo distante das sirenes.

Estou puxando Aida para o Jeep. Aida arranca a mão do meu aperto, gritando: — Espere!

Ela corre na direção oposta, passando pelo inferno da casa, na areia em direção à água.

Ela faz uma pausa, abaixando-se para pegar algo – sua bolsa.

Então ela corre de volta para mim, seus dentes brancos brilhando contra seu rosto imundo enquanto ela sorri para mim.

— Peguei! — Ela diz triunfantemente.

— Posso comprar uma bolsa nova para você, — digo a ela.

— Eu sei, — ela diz.

Estou prestes a ligar o motor, mas há algo que também não posso esperar mais um segundo para fazer.

Pego Aida e a beijo, sentindo o gosto de sangue e fumaça em seus lábios.

Eu a beijo como se nunca a deixasse ir.

Porque eu não vou. Nunca.

29

Aida

Callum e eu viramos para a estrada principal à direita quando o caminhão de bombeiros vem rugindo pela estrada, em direção à casa de praia dos Castle – ou o que sobrou dela, de qualquer maneira.

Posso ver os rostos dos bombeiros quando nosso carro passa por seu caminhão – eles estão olhando para nós, sobrancelhas erguidas, mas incapazes de nos impedir de fugir da cena.

— Que viagem de merda! — Eu grito, meu coração ainda galopando como um cavalo de corrida. — Você sabia que Ollie era tão louco? Eu pensei que ele era apenas um louco normal, tipo 'Eu não quero que toque na minha comida', ou 'falando sozinho no chuveiro' louco, não como um *O Iluminado* completo.

Callum está dirigindo rápido demais, as mãos travadas no volante. Improvavelmente, ele está sorrindo quase tanto quanto eu. Será que meu marido tenso está começando a gostar de nossas aventuras?

— Não acredito que encontrei você, — diz ele.

— Sim, puta merda! Você achou meu sapato?

— Sim, encontrei! E eu me lembrei.

Ele olha para mim, seus olhos azuis brilham contra sua pele esfumaçada. Não sei como achei que seus olhos eram frios. Eles são lindos *pra* caralho. Os olhos mais deslumbrantes que já vi.

Ainda mais impressionante é o fato de que ele me entendeu, de que se

lembrou de nossa conversa. Quase significa mais para mim do que o fato de que ele veio para me resgatar.

— Na verdade, eu o tenho aqui em algum lugar, — Cal diz, virando-se para procurar no banco de trás.

— Olhos na estrada! — Eu digo a ele. Encontro o tênis um minuto depois, colocando-o de volta no pé. É comicamente mais limpo que o outro agora, então eles não parecem mais um conjunto correspondente.

— Pronto, — eu digo. — Totalmente vestida de novo.

Os olhos de Cal pousam na minha mão esquerda nua.

— Não inteiramente, — ele diz.

— Oh, porra, — eu digo com raiva. — Eu esqueci disso.

— Está na casa? — Cal pergunta.

— Sim. Mas Oliver destruiu.

— Eu não acho que teria sobrevivido, de qualquer maneira, — diz Cal. Ele aperta minha coxa com a mão. — Não se preocupe com isso. Eu queria te dar outro de qualquer maneira. Você sabe que eu não escolhi esse.

— Eu sei, — eu sorrio. — Estou começando a conhecer o gosto de Imogen muito bem.

Cal entra na rodovia, seguindo para o norte em direção à cidade novamente.

— É melhor você ligar para seus irmãos, — ele diz. — Eles pensaram que Zajac roubou você.

— Eu poderia estar melhor se ele fizesse, — eu digo, franzindo meu nariz.

— Honestamente, eu acho que seus discursos de vilão eram melhores. Ele é um verdadeiro fodão, sabe? Considerando que Oliver era tão chorão, fazendo me sentir culpada... tipo Jesus, cara, entre no Tinder, supere isso.

Callum me encara por um segundo, então ele começa a rir tanto que seus ombros tremem.

— Aida, você é maluca, — diz ele.

Eu encolho os ombros. — Apenas uma crítica útil.

Eu ligo para o telefone de Dante, mas é Nero quem atende.

— Aida? — Ele diz.

— Sim, sou eu.

— Obrigado, porra, inferno. Achei que teria que dirigir até lá em um segundo.

— Por quê? Onde você está?

— No Hospital. Dante foi baleado. Ele está bem, entretanto! — Ele se apressa em adicionar. — Zajac o acertou na lateral – ele não acertou nada crucial.

— Aquele nojento de merda! — Eu fervo. — Ele vai pagar por isso.

— Ele já fez isso, — Nero diz suavemente. — Ele está morto. Dante tem uma mira melhor do que The Butcher.

— Morto? Você tem certeza?

Cal olha para mim, seguindo meu lado da conversa, mas igualmente incrédulo.

— Certeza absoluta, — diz Nero com firmeza. — A menos que ele tenha uma cabeça sobressalente em algum lugar, ele está acabado.

— Bem, merda, — eu digo, recostando-me no meu assento. Esta foi realmente uma noite agitada.

Eu olho para Callum, cujo rosto parece pálido sob a fuligem. Ele tem um corte feio na sobrancelha direita e estremece um pouco cada vez que respira fundo.

Pensando bem, também não estou exatamente em ótima forma. Minha mão está latejando no ritmo das batidas do meu coração, e meu anelar e dedo mindinho incharam novamente. Provavelmente vou precisar de outro gesso.

— Em que hospital vocês estão? — Eu pergunto a Nero. — Podemos precisar nos juntar a vocês.

♥ ♥ ♥

DEMORA algumas horas para Callum e eu nos limparmos e remendarmos no St. Joseph's. Dante estará lá por alguns dias, pelo menos – eles tiveram que colocar três litros de sangue de volta nele. Jack e Nero estão lhe fazendo companhia. Estou chocada ao ver seus rostos machucados e agredidos.

— O que diabos aconteceu com vocês? — Eu pergunto a eles.

— Enquanto Dante estava tendo um tiroteio no apartamento da amante, Jack e eu NÃO estávamos encontrando The Butcher e levando nossos traseiros chutados por seu tenente.

— Não *apenas* o tenente, — Jack diz. Ele está com um olho roxo tão forte

que nem consegue ver do lado esquerdo. — Havia pelo menos quatro deles.

— Jack aqui é um lutador sério, — Nero diz, em um tom impressionado. — Ele deu a eles o velho *ground and pound*[34], não é, Jackie?

— Acho que ele não é tão ruim quando está do nosso lado, — digo.

Jack me dá um meio sorriso – apenas metade porque o outro lado de seu rosto está muito inchado para se mover.

— Isso foi um elogio? — Ele diz.

— Não deixe isso subir à sua cabeça, — digo a ele.

— Vocês dois também não estão parecendo tão quentes, — Nero me informa.

— Bem, é aí que você está errado, — eu rio. — Se estivéssemos mais quentes, teríamos sido briquetes de carvão.

Fergus Griffin vem nos buscar, embora estejamos com o jipe estacionado do lado de fora.

— Duas visitas ao hospital em uma semana, — diz ele, dando a Cal e a mim um olhar severo através de seus óculos de aro de tartaruga. — Espero que isso não esteja se tornando um hobby para vocês dois.

— Não, — Cal diz, envolvendo seu braço em volta dos meus ombros no banco de trás do Beamer. — Eu não acho que vamos fazer nada muito louco na próxima semana. Exceto, talvez, procurar um apartamento.

— Oh? — Fergus faz uma pausa, antes de colocar o carro em marcha à ré. Ele olha para nós pelo espelho retrovisor. — Vocês querem ter seu próprio lugar?

Callum olha para mim.

— Sim, — ele diz. — Acho que está na hora.

Meu coração está pesado e quente no meu peito. Adoro a ideia de encontrar um lugar com Cal – não na minha casa ou na dele, mas em uma que escolhemos juntos.

— Isso é bom, — Fergus diz, balançando a cabeça. — Fico feliz em ouvir isso, filho.

Curiosamente, quando paramos na frente da mansão Griffin, pela primeira vez, realmente me sinto em casa. Eu recebo aquela onda de conforto. Eu sei que é um lugar seguro para colocar minha cabeça. E caramba, estou exausta de repente.

Eu tropeço um pouco, saindo do carro. Fiquei rígida e dolorida de tanto sentar. Mesmo sabendo que ele está tão exausto e provavelmente mais ferido do que eu, Cal me pega nos braços e me carrega para dentro de casa, como um noivo carregando a noiva pela soleira.

— Você não deveria guardar isso para o nosso novo apartamento? — Eu o provoco.

— Vou levar você para todo lugar assim, — diz Cal. — Por um lado, eu gosto. E por outro lado, vai impedir que qualquer outra pessoa pegue você.

— Você também foi pego, uma daquelas vezes, — eu o lembro.

Ele me carrega escada acima.

— Você vai quebrar suas costelas de novo! — Eu digo a ele.

— Oh, elas ainda estão quebradas agora, — ele me garante. — Eles não fizeram muito a respeito no hospital. Nem mesmo me enfaixaram. Apenas me deram um par de Tylenol.

— Isso ajudou?

— Nem um pouco, porra, — ele diz, bufando e gemendo quando finalmente alcançamos o topo da escada.

Então ele me coloca no chão. Fico na ponta dos pés para beijá-lo suavemente nos lábios.

— Obrigada, — eu digo.

— Ainda não terminei de cuidar de você, — diz ele. — Você ainda precisa se limpar.

— Oh, nãooooo, — eu gemo, lembrando que estou totalmente suja. — Apenas me deixe ir para a cama. Vou dormir no chão.

— Vá escovar os dentes, — ele diz. — Ou você vai se odiar pela manhã.

Resmungando, vou até o banheiro para escovar e passar fio dental. Quando termino, Cal tem o chuveiro ligado e toalhas novas e fofas esperando por nós.

Ele ensaboa todo o meu corpo, lavando-me até que a espuma escorra pelo ralo, passando de preto para cinza ao mesmo tempo. Seus dedos amassam em meu pescoço e ombros rígidos. Junto com a água quente, ele trabalha todas as partes tensas e com nó, até que eu me sinta como um macarrão de espaguete molhado em vez de um pretzel dobrado.

Quando estamos completamente limpos, não estou mais cansada. Na verdade, partes de mim estão muito despertas.

— Minha vez, — digo, esfregando Cal com sua toalha. Eu corro ao longo da curva de suas costas largas, para baixo sobre sua bunda perfeita, as protuberâncias de seus tendões e panturrilhas.

Ele está coberto de hematomas, arranhões, vergões, bem como os cortes

mais profundos do The Butcher. No entanto, nunca vi um corpo mais perfeito. Este homem é perfeito – perfeito para mim. Eu amo a forma dele, seu cheiro, a sensação de seus braços, envolvendo-me.

Eu o viro e começo a secar a parte da frente dele, começando pelos pés e subindo. Quando passo pelas coxas, chego àquele pau grosso e inchado, quente e limpo do banho. Eu o pego em minha mão, sentindo-o se expandir dentro do meu aperto. A pele é fenomenalmente macia. Eu acaricio meus dedos em seu comprimento. Seu pau se estica em direção à minha mão, quase como se tivesse vontade própria. Eu aperto a haste logo abaixo da cabeça, fazendo Cal gemer.

Ele me puxa para perto.

— Eu deveria cuidar de você, — ele rosna.

— Você pode. Em um minuto, — eu digo.

Eu coloco seu pau em minha boca, chupando suavemente a cabeça. Seu pau se enche ao máximo, com tanta força que a pele fica esticada. Eu corro minha língua para cima e para baixo em seu comprimento, em movimentos longos e suaves e, em seguida, em movimentos leves de provocação. Então pego o máximo que posso na boca novamente e tento forçar a cabeça para trás, para dentro da garganta.

É muito difícil lidar com um pau deste tamanho. Estou desenvolvendo um novo respeito pelas estrelas pornôs. Como diabos elas colocam a coisa toda ali, até a base? Eu teria que ser um maldito engolidor de espadas.

Eu chego mais ou menos na metade do membro antes de engasgar e ter que voltar para cima.

Callum não parece se importar. Acho que ele me deixou praticar com ele a noite toda. Eu já aprendi algumas coisas – eu sei que ele adora quando eu puxo e

acaricio suavemente suas bolas enquanto deslizo meus lábios para cima e para baixo em seu eixo. Isso o faz gemer tão profundamente que é quase um estrondo em seu peito.

Eu realmente poderia fazer isso a noite toda. Não há nada mais íntimo e confiável do que ter a parte mais vulnerável de si mesmo na boca da outra pessoa. Eu nunca quis fazer alguém se sentir bem mais do que agora, neste momento. Callum salvou minha vida esta noite. Eu teria morrido queimada, talvez sem nem mesmo acordar. O mínimo que posso fazer é dar a ele o melhor orgasmo que ele já conheceu.

Cal me encontrou, assim como ele prometeu. Não foi meu pai ou meus irmãos. Foi meu marido. Este homem que eu nem queria. E agora não consigo me imaginar sem ele.

Eu deveria adorar seu corpo a noite toda. Beijar cada arranhão e hematoma.

Mas, como sempre, Cal tem seus próprios planos. Ele me puxa para baixo na cama para que estejamos deitados lado a lado, da cabeça aos pés. Então ele coloca a cabeça entre minhas coxas e começa a comer minha boceta como se estivesse morrendo de fome e isso fosse a única coisa que o mantém vivo.

Eu volto a trabalhar em seu pau ao mesmo tempo. No mínimo, é ainda mais difícil atendê-lo desse ângulo de cabeça para baixo, mas não importa. Estou dando prazer a ele, e ele está me dando prazer, estou passando minha língua sobre sua pele suave e macia, sentindo o mesmo calor e umidade em mim. É íntimo e conectado. E, acima de tudo, parece que somos iguais. Que ambos estamos aprendendo a dar, e ambos aprendendo a receber.

Não achei que Cal fosse me encontrar. Eu não acho que alguém iria. Parecia impossível.

Mas, no futuro, se eu voltar a ter problemas, saberei que meu marido virá me buscar.

Deus, ele é tão bom nisso. Já posso sentir as pulsações de prazer passando por mim, ficando mais fortes a cada minuto.

Eu não quero gozar assim. Eu quero senti-lo dentro de mim.

Então eu me viro e subo em cima dele, montando seus quadris, abaixando-me em seu pau. Ele desliza para dentro de mim facilmente, umedecido com minha própria saliva, assim como estou com a dele.

Eu olho para baixo em seu rosto bonito e severo. A intensidade daqueles olhos azuis costumava me assustar. Agora desejo a sensação deles fixos em meu rosto. A forma como ele ilumina meus neurônios, fazendo-me sentir ansiosa, selvagem e ousada. Eu sinto que faria qualquer coisa para manter sua atenção, para despertar aquele olhar de fome em seus olhos.

Ele coloca as mãos nos meus quadris, segurando-me com aqueles dedos longos e fortes. Estou ficando corada e quero montá-lo mais forte e mais rápido. Ele me força a desacelerar, para manter o mesmo ritmo constante.

Meu clímax está construindo novamente, minha boceta apertando em torno de seu pau. Meu corpo está exigindo aumentar a pressão, empurrar até o limite. Callum está empurrando seus quadris para cima, me fodendo profundamente. Estou com as palmas das mãos abertas sobre seu peito, meus braços rígidos pelo esforço de montá-lo.

Cal muda suas mãos dos meus quadris para meus seios. Ele os amassa em suas mãos. Agora posso acelerar um pouco, rolando meus quadris para deslizar minha boceta para cima e para baixo em seu pau.

Suas mãos acompanham o meu movimento. Ele está apertando meus seios,

deslizando os dedos por todo o caminho até meus mamilos com cada aperto. Eu começo a gozar, jogando minha cabeça para trás e esfregando meu clitóris com força contra seu corpo.

Callum belisca meus mamilos, um aperto longo e prolongado que envia uma sacudida de prazer ricocheteando para cima e para baixo do seio à virilha. Ele intensifica o orgasmo à medida que o recupera continuamente.

É tão forte que não consigo nem ficar em cima dele. Minha boceta está latejando, pulsando com as consequências desse clímax.

Mas ainda não terminei. Eu quero terminar o que comecei antes.

Eu saio de Callum e me ajoelho entre suas pernas. Eu coloquei seu pau de volta na minha boca, sentindo meu gosto em sua pele. É um gosto quente, almiscarado, levemente doce, que combina bem com o cheiro de sua pele, e o leve salgado do líquido claro que vaza da cabeça de seu pênis.

Eu quero mais.

Eu começo a chupá-lo, ainda com mais entusiasmo do que antes. Meus lábios estão inchados e sensíveis do meu clímax. Eu sinto cada pequena saliência e veia de seu pênis contra minha língua. Eu posso sentir seu pulso e como seu pau fica tenso e lateja conforme ele se aproxima cada vez mais do limite.

Agarrando a base de seu pênis, eu chupo forte na cabeça, derrubando-o.

— Oh, Jesus, Aida! — Ele grita, enquanto explode em minha boca.

Seu esperma é espesso, escorregadio e quente. Eu amo o gosto dele, misturado com a minha própria umidade. Nós fomos feitos um para o outro, ele e eu. Salgado e doce.

Depois de drenar até a última gota dele, ele me envolve em seus braços

novamente, nossas pernas entrelaçadas sob os lençóis. Acho que posso até sentir nossos corações batendo em conjunto.

30

Callum

No dia seguinte, levo Aida para procurar uma casa por toda a Gold Coast e também por Old Town, caso ela prefira ficar em seu antigo bairro. Olhamos para casas geminadas, coberturas, prédios, apartamentos sofisticados em prédios elegantes e lofts convertidos da moda. Qualquer coisa e tudo que eu acho que ela possa gostar.

No final, escolhemos algo no meio: uma velha igreja que foi convertida em apartamentos. Nosso apartamento fica no último andar, por isso inclui uma rosácea inteira dentro de um arco pontiagudo, compondo quase toda a parede da sala.

Aida adorou tanto que fizemos um depósito na hora.

Depois disso, consertamos a outra coisa que faltava em nosso casamento: levo Aida para escolher um anel adequado. Um que ela mesma queira, de acordo com seus gostos e preferências. Estou esperando que ela vá com uma aliança simples, mas ela me surpreende ao escolher uma pequena pedra central com lapidação esmeralda e baguetes filigranas. Tem linhas claras e uma pitada do velho mundo. Combina perfeitamente com ela.

Quando coloco em seu dedo, repito os votos que falei tão descuidadamente na primeira vez.

Agora saboreio cada palavra, falando com o coração.

— Eu, Callum, aceito você, Aida, para ser minha esposa. Prometo ser fiel a você nos bons e nos maus momentos. Na saúde e na doença. Vou te amar e te

honrar todos os dias da minha vida. Eu te prometo isso, Aida. Sempre estarei lá por você. Eu nunca vou te decepcionar.

— Eu sei disso, — ela diz, olhando para mim. — Eu sei exatamente o que você faria por mim.

Para comemorar o início de nossa nova vida juntos, eu a levo para almoçar no Blackbird.

Quando nos sentamos, Aida coloca sua bolsa na mesa entre nós, sorrindo alegremente.

— Na verdade, também tenho algo para você, — diz ela.

— O que é? — Eu pergunto a ela, sem ter o menor palpite em minha mente. Não sei se alguma vez ganhei um presente que me entusiasmasse. Estou acostumado a colocar um sorriso falso para presentes de abotoaduras ou colônia.

— Eu quase sou uma idiota dando a você, — Aida diz, passando-me uma pequena caixa plana. — Uma vez que já é seu.

Eu levanto a caixa, que é surpreendentemente pesada. Quando abro a tampa, vejo um relógio de bolso de ouro. É exatamente igual ao relógio do meu avô, mas sei que não pode ser. Ela deve ter mandado fazer uma réplica de alguma forma.

— Como você fez isso? — Eu pergunto a ela, com espanto. — Parece exatamente igual. Mesmo um pouco desgastado...

— Provavelmente mais gasto do que antes, — diz Aida, culpada. — Esteve no fundo do lago há semanas.

— O quê? — Eu digo em descrença. — Este não é o mesmo relógio.

— Com certeza é, — Aida diz triunfante.

— Como?

— Você já viu Cameron Bell?

— Não. Quem é?

— Ele faz esses vídeos no YouTube sobre como encontrar um tesouro afundado. Ele é um mergulhador. Enfim, eu vi esse vídeo onde ele encontrou um brinco de senhora que ela jogou no rio. E eu pensei, se ele pode fazer isso...

— Então você ligou para ele?

— Isso mesmo, — Aida diz triunfante. — Quer dizer, eu paguei a ele, obviamente. E ele pode usá-lo em seu canal. Levou três dias inteiros e dois detectores de metal diferentes, mas ele encontrou!

Viro o relógio nas mãos, incapaz de acreditar, mesmo enquanto o estou segurando.

Eu olho para o rosto esperançoso e culpado de Aida.

Só Aida acreditaria que conseguiria recuperar o relógio. Nunca considerei se isso seria possível. Você pode muito bem drenar todo o maldito lago antes de fazer com que ela desista.

Eu amo essa mulher. O dia em que ela incendiou minha casa foi o dia mais sortudo da minha vida. Verdadeiramente é a sorte dos irlandeses: perversa, inexplicável e absolutamente fantástica.

— Você me perdoa por perdê-lo em primeiro lugar? — Ela me pergunta, deslizando sua mãozinha fina na minha.

— Eu não deveria dizer o quanto você poderia se safar, Aida, — eu digo, balançando a cabeça. — Mas você já sabe que eu perdoaria qualquer coisa que você fizesse.

— Qualquer coisa? — Ela diz, sorrindo maliciosamente.

— Sim, — eu digo. — Mas, por favor, não teste essa teoria.

Aida se inclina sobre a mesa para me beijar. Ela se afasta um pouco para que seu nariz toque o meu.

— Eu te amo, — ela diz. — Eu já te disse isso?

— Não, — eu sorrio. — Me diga de novo.

Fim



Notas

[←1]
Uvas de videira silvestre nativa dos EUA. Traduzindo ao pé da letra, seria 'uva raposa'.

[←2]

O Chevrolet 1957 é um carro que foi apresentado pela Chevrolet em setembro de 1956 para o ano modelo 1957. Ele estava disponível em três modelos de série: o sofisticado Bel Air, o mid-range Two-Ten e o One-Fifty. Uma perua de duas portas, a Nomad, foi produzida como um modelo Bel Air.



[←3]

Festa de amadurecimento que comemora o aniversário de 16 anos de um adolescente. Similar à festa popular de 15 anos.

[←4]
Cidade Velha.

[←5]
Expressão de surpresa.

[←6]

Reality em que pessoas recebem conselhos de agentes imobiliários para encontrar a casa perfeita.

[←7]

Mark Rothko nascido Markus Yakovlevich Rothkowitz foi um pintor norte-americano de origem letã e judaica. Imigrou com sua família de Dvinsk para os Estados Unidos em 1913, quando ele tinha dez anos. Ele é classificado como um expressionista abstrato, embora ele tenha rejeitado esse rótulo

[←8]

Ukulele é um instrumento musical havaiano inspirado por instrumentos portugueses. Ukulele é o nome que os havaianos deram ao instrumento que foi popularizado com esse nome mundialmente.

[←9]

Refere ao poder dos vereadores de iniciar ou bloquear ações do conselho ou governo municipal.

[←10]

Horseshoe Hammond Casino.

[←11]

Escolas que recebem fundos do governo, mas trabalham de forma independente.

[←12]
Fraternidade, em polonês.

[←13]

O Açougueiro.

[←14]
Estádio de baseball.

[←15]
Personagem membro da Família Addams

[←16]

Ligamento cruzado anterior, tecido na altura do joelho.

[←17]

Famoso jogador de basquete da NBA.

[←18]

Pessoa no qual a fortuna foi ganha ao invés de ser herdada.

[←19]

George Sampson, um dançarino britânico que ficou careca aos 23 anos.

[←20]

Wladziu Valentino Liberace foi um pianista americano, cantor e ator. Conhecido pelos trajes espalhafatosos e chamativos.

[←21]
é um filme britânico de fantasia de aventura de 1966, dirigido por Don Chaffey

[←22]

Card de baseball raro, vale em torno de U$ 125,000.

[←23]

Card de baseball comum, vale em torno de U$ 150.

[←24]

Você está falando sério? Que chatice

[←25]

Eu vejo. Sim, estarei aí em breve

[←26]
Chicago Transit Authority.

[←27]

Mordomo.

[←28]

Jogo em que um jogador deve acertar a palma da mão estendida do outro jogador antes que seja retirada.

[←29]

Raça de cachorro conhecida por ser a mais rápida do mundo.

[←30]
Doutor de Ossos.

[←31]

A Dança da Morte.

[←32]

Oliver era jogador de futebol americano, as medidas neste esporte são em jardas. 40 jardas, seria o equivalente a 36,5 metros.

[←33]

Esporte que combina elementos de badminton, tênis de mesa e tênis.

[←34]

Técnica de MMA, em que um dos competidores se senta sobre o outro para desferir golpes.